JOSÉ LUCAS BAPTISTA DUARTE

ANTOLOGIA – I

DEPOIMENTOS HISTÓRICO – ETNOGRÁFICOS

SOBRE

MANTEIGAS E SAMEIRO

2.ª Edição

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS

Biblioteca Municipal de Manteigas
L 908(469.311) ANT
027
027
Antologia I : textos escolhidos e seleccionados sobre Manteigas e Sameiro

ANTOLOGIA I

TEXTOS ESCOLHIDOS E SELECCIONADOS

SOBRE

MANTEIGAS

E

SAMEIRO

Contributo para uma MONOGRAFIA

HISTÓRIA — TRADIÇÃO — ETNOGRAFIA

Coordenação, Textos Livres e Anotações
de
JOSÉ LUCAS BAPTISTA DUARTE

1985

BIBLIOTECA MUNICIPAL · MANTEIGAS ·

DEDICATÓRIAS

1 — A todos os meus Conterrâneos, num supremo desejo de lhes levar ao conhecimento um pouco da história da sua TERRA, que os baptizou com o honroso cognome de MANTEIGUENSES.

2 — À arte literária e à saudosa Memória de meu Primo e Amigo ANTÓNIO DE JESUS CARVALHO (Bica), com quem, há cerca de 30 anos, partilhei a ideia de fazer vir à luz da publicação um livro nos moldes do presente.

3 — Finalmente, à criadora capacidade literária de uns, felizmente ainda vivos, e à saudosa Memória de muitos outros que a Morte impiedosamente já subtraiu ao nosso convívio, de cujo contributo me servi, transcrevendo, com a devida cortesia, trabalhos seus que, em grande parte, constituem o esquema deste livro. Para todos eles faço remeter a maior parcela do valor que, porventura, a esta Obra venha a ser atribuído.

Com a estima e veneração do
Coordenador

PRÓLOGO

Se é justo e legítimo considerar válida e meritória qualquer criação literária, sempre na medida do mérito do seu objectivo, não deixará de ser igualmente lícito considerar também credora de apreço a arte de coligir e coordenar escritos e depoimentos dispersos, na medida em que, devidamente respigados e seleccionados, se pretenda congregar num todo conhecimentos que estariam, fatalmente, condenados a continuar disseminados e apostados ao risco de serem esquecidos para sempre. Tal risco iria, certamente, comprometer o seu conhecimento conjunto por parte dos estudiosos — no caso presente, os amantes da literatura tradicional das Regiões em que se dividem os Povos.

À minha palavra de carola regionalista, aqui prometo ir tentar contrariar tão sério risco.

Sem arrogos de "Juiz em causa própria", admito, assim e desde já, certa parcela de mérito no presente trabalho (que me seja indulgenciada a imodéstia), mérito esse que, em grande parte e na devida proporção, faço remeter para aqueles em cujas searas literárias me documentei ou, de qualquer forma, amistosamente me prestaram o seu válido contributo.

Para tanto, os muitos depoimentos aqui arquivados que constituem, em grande parte, a estrutura da presente ANTOLOGIA, vão devidamente identificados quer quanto à fonte de origem, quer aos seus subscritores, de quem recebemos o testemunho válido e honroso da sua amistosa anuência, para que fosse possível ao Coordenador dos Textos deixar consignado num livro só o que consideramos ser uma homenagem a todos os Manteiguenses e, ao mesmo tempo, um testemunho válido e duradouro legado, com grande simpatia e apaixonado bairrismo, aos nosos vindouros.

Tal mérito poderá, ainda e sobretudo, vir a aquilatar-se melhor pela maior ou menor receptividade por parte da massa de leitores.

Esta será, em última análise, o "juiz do supremo".

Dado, porém, que contra a minha espectativa, a Obra não produza o eco desejado, derivado da parcela de mérito que ouso atribuir-lhe, refugiar-me-ei na modesta mas cómoda condição de simples coordenador de depoimentos que julguei válidos, resignando-me com as decisões da maioria do sinédrio da crítica, não sem atestar que não ficarei de todo inconsolável com o veredicto, na medida em que me restará a convicção de que, tentando dar a conhecer a minha Terra, tive em vista mais a satisfação de um desejo pessoal em ordem a um prazer imaterial de carácter subjectivo, meta já atingida, do que tentar colher louros ou publicidade, que dispenso, sobretudo quando me ponho a aprofundar o conceito da filosofia popular daquele velho rifão:

"NINGUÉM ESPERE SER PROFETA NA SUA TERRA"

No entanto, como sempre gostei da aventura, arrisco subscrever a presente "ANTOLOGIA", propondo-a à apreciação de quem queira dar-se o trabalho de a ler, e de boa mente me sujeito à crítica, tanto de apreciadores locais que, mais ou menos, se interessam por alguns aspectos do passado da sua Terra, como à de outros que, aqui não estando vinculados, são, todavia, apreciadores dos reais valores da história, toponímia, folclore, tradições e costumes dos diversos Núcleos Regionais do País.

É, concretamente, objectivo deste trabalho pôr em foco MANTEIGAS e, não obstante as minhas dúvidas, talvez possam ser conseguidos os objectivos que presidiram às rectas intenções de quem, despretensiosamente, subscreve este intróito.

Se conseguir que uma boa aceitação venha a ser o corolário do meu desejo de bem servir, certamente que darei por bem empregado o meu tempo e o esforço dispendido no coligir e ordenar, da forma que me pareceu mais adequada, os excertos que pude arrancar à poeira dos meus arquivos e aos conhecimentos que pude adquirir, recorrendo à tradição e ao concurso de quantos, directa ou indirectamente, se prestaram a dar alguma luz sobre o passado, de forma

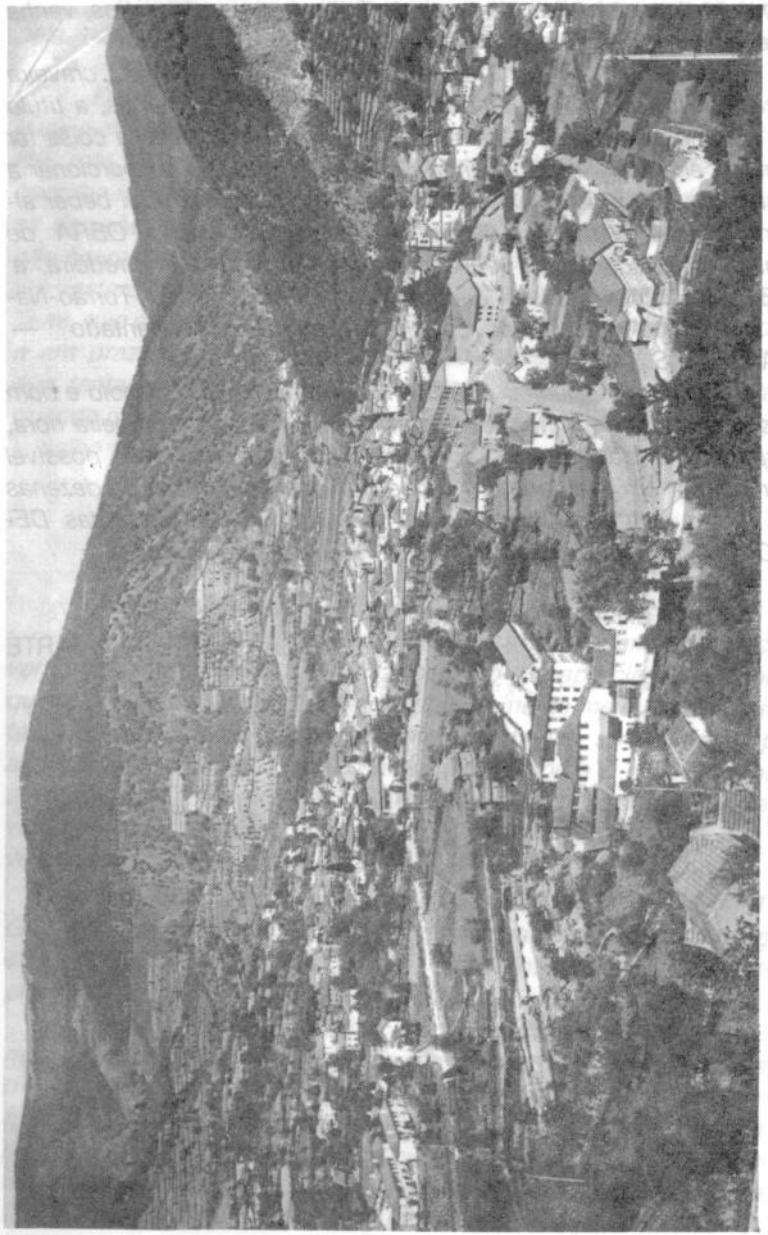
a que pudesse produzir-se um trabalho que, a par de outros, venha a reflectir algum interesse no futuro.

Se, porém, a minha espectativa não lograr atingir a craveira do êxito razoavelmente desejado, que me reste, ao menos, a título de recompensa moral, o prémio de consolação de alguma coisa ter tentado em prol da propaganda da minha Terra, e o proporcionar a alguém que um dia, próximo ou longínquo, possa vir aqui beber alguns conhecimentos, com vista à elaboração de uma OBRA de maior envergadura que venha consagrar, de forma imorredoira, a HISTÓRIA tão completa quanto possível deste meu Torrão-Natal, autêntico "Jardim da Estrela à beira-Zêzere Plantado" — MANTEIGAS.

É legítimo salientar aqui, com o devido relevo, o apoio e bom acolhimento que a actual Câmara Municipal, desde a primeira hora, dispensou à ideia que lhe apresentei, para que me fosse possível transformar em realidade um sonho que acalentei desde há dezenas de anos a esta parte, tal como vai consignado na segunda das DEDICATÓRIAS que antecedem este PRÓLOGO.

MANTEIGAS / Agosto de 1984

JOSÉ LUCAS BAPTISTA DUARTE



Manteigas — Vista geral

INTRODUÇÃO

MANTEIGAS

Vila com duas freguesias — SANTA MARIA e SÃO PEDRO — com cerca de 5.000 habitantes, sede de concelho, de que faz parte a povoação de SAMEIRO, que dista 6 quilómetros, Distrito e Comarca da Guarda, da qual dista 42 quilómetros, fica situada em pleno coração da SERRA DA ESTRELA, servindo-lhe de berço extenso, pitoresco e maravilhoso vale de origem glaciar, um dos mais belos da Europa e, porventura, do Mundo, o famoso VALE DO RIO ZÊZERE, cujas águas lhe beijam os pés, e em cuja margem esquerda se situa.

O concelho tem uma área aproximada de 11.000 hectares, e são seus limítrofes os concelhos da GUARDA, COVILHÃ, SEIA e GOUVEIA.

Povoado de origem remota, já existia no tempo do domínio do Império Romano, como se tem verificado pela existência de vários vestígios arqueológicos e lápides que vieram a ser incorporadas nos templos e noutras construções, sem o menor respeito por tão importantes documentos gravados no granito da Região.

No ano de 1188, D. Sancho I deu-lhe foral, e D. Manuel I concedeu-lhe foral novo, dado em Lisboa a 4 de Março de 1514.

As freguesias de Santa Maria e São Pedro eram do padroado real e Comendas da Ordem de Cristo.

O concelho foi extinto em 26 de Junho de 1896 e anexado ao da Guarda, vindo a ser restaurado em 13 de Janeiro de 1898.

Por Portaria de 16-1-1933 foram designados o brasão e bandeira da Câmara Municipal de Manteigas:

Campo azul com um monte de três cômoros de ouro, realçados de negro e cortados por três faixas de azul e prata. Em chefe, uma estrela de cinco raios de prata, acompanhada de duas rodas de ouro, de engenho de água, afrontadas a três quartos. Coroa mural de quatro torres de prata. Bandeira amarela e negra. Cordões e borlas de ouro e negro. Listel branco com letras pretas. Lança e haste de ouro.

Nos arredores da Vila encontram-se implantados importantes aglomerados populacionais: São Domingos, Senhora dos Verdes, Caldas, Lapa, Santo António, São Gabriel, Granja / Vinhas Mortas e Vidual.

A sua privilegiada situação geográfica torna esta Vila, sem favor, o centro nevrálgico do Turismo da Serra da Estrela, sendo ponto de partida de excursões para os mais afamados e pitorescos sítios da Serra e dos arredores: Posto Aquícola da Fonte Santa (Viveiro de trutas), Poço do Inferno, Parque de S. Sebastião, Castanheira (Vale do Mondego), S. Lourenço, Penhas Douradas com os famosos Miradouros da Fraga da Cruz e do Fragão do Corvo, a um desnível de 700 metros da Vila, Barragem do Vale de Rossim (nascente do Rio Alva), Mondeguinho (nascente do Rio Mondego), Covão da Ametade (nascente do Rio Zêzere), Argenteira ou Nave de Santo António, Chafariz d' El-Rei, Curral do Martins, Nave da Mestra (com a Barca Herminius), Candeeira, Covão do Boi, Cântaros Gordo, Magro e Raso, Lagoas (diversas) e, no mais alto da Serra, o Cume, a uma altitude de 1991 metros. Ali se encontra implantada a célebre "Torre do Cume" que, com os seus 9 metros de altura, perfaz a altitude de 2.000 metros — o ponto mais alto de Portugal. A actual Torre foi reedificada em 1949, datando a anterior de 1802, da Regência do Príncipe Regente D. João, que "MANDOU FAZER ESTA PYRAMEDE PARA O LEVANTAMENTO DA CARTA GERAL DO REINO DE BAIXO", conforme inscrição antiga em bloco de granito, que se encontra incrustado na nova Torre.

Primeira página do Foral dado por D. Manuel I

No dia 4 de Agosto de 1940, para se comemorar o duplo centenário — da Fundação e da Independência de Portugal — , foi benzida e colocada no topo da Torre uma cruz de ferro. Presidiu a esta cerimónia religiosa o então Bispo Auxiliar da Guarda, D. João de Oliveira Matos, acompanhado do Bispo de Beja, D. José do Patrocínio Dias, de alguns sacerdotes e larga participação das freguesias vizinhas, fazendo a pé o trajecto a partir da Nave de Santo António, escalando o Espinhaço do Cão, pela vereda sobranceira à vertente que dá para as Córtes e Unhais da Serra, até ao Cume.

A 3 quilómetros da Vila encontra-se uma importante Estância Termal — Caldas de Manteigas — com águas sulfurosas, indicadas no tratamento de várias doenças como o reumatismo, dermatoses e das vias respiratórias, abrangendo dois grupos de nascentes cuja captação inicial data de 1914, tendo sido posteriormente melhorada e aumentada: uma das nascentes na margem esquerda do Zêzere, constituida por três veias abertas no granito, sendo a mais importante a chamada "Fonte Quente", com aquecimento superior a 40 graus, e outra na margem direita do Rio, a chamada "Fonte Santa", com termalidade de cerca de 20 graus.

A Estância encontra-se dotada de um magnifíco hotel conhecido por "Hotel das Caldas".

Por sua vez, a Vila encontra-se também dotada com boas Pensões, Cafés e Restaurantes, que asseguram um serviço eficiente não só aos naturais, como ainda aos milhares de turistas que anualmente aqui afluem.

No alto da Serra, na estrada que liga Manteigas a Gouveia, encontram viajantes e turistas também boas unidades hoteleiras, entre as quais a "Pousada de São Lourenço" e a "Caverna do Viriato".

A Região das "Penhas Douradas", a 17 quilómetros da Vila, tendo com ela um desnível de 700 metros, foi, em tempos, Estância escolhida para curas, em altitude, de doenças pulmonares, e é, ainda hoje, lugar privilegiado e predilecto dos que pretendem gozar férias na quietude tranquilizante da Montanha. Ali podem ver-se, ainda, disseminadas por entre fragas e penedos, algumas construções em granito da Região, em bom estado de conservação umas, outras em ruínas, atestando que ali foi, em tempos, uma Estância bastante povoada, e lá está ainda a casa que, nos tempos áureos da Primeira República, atraiu para ali Grandes da Política dos primórdios deste século — o "Chalet" do Dr. Afonso Costa.

O local das "Penhas" foi muito falado em certa altura dos últimos tempos da Monarquia, quando, por ocasião de um eclipse do Sol, aqui estiveram a Rainha D. Amélia, mulher de D. Carlos, e seu Filho o Príncipe D. Luís Filipe.

Além das duas Igrejas Paroquiais — Santa Maria e São Pedro — e de 15 Capelas (incluindo a de N. Senhora de Lurdes, a reconstruir no sítio das Caldas, em substituição da que ali existiu e foi demolida por força do Plano de Urbanização daquela zona), a Vila possui Igreja da Misericórdia, que tem adstritos um Hospital e um Lar de Idosos.

As estruturas que à data deste livro (1984) apoiam a População, podem classificar-se em Sociais, Associativas com carácter humanitário, Culturais, Artístico — Recreativas, de Ensino, Económicas e de carácter público:

— Posto Médico (Serviços Médico-Sociais)
— Infantário
— Centro Paroquial de Assistência
— Casa de Cristo-Rei e Beiral
— Corpo de Bombeiros Voluntários
— Club Autonomia
— Casa do Povo
— Sindicato dos Operários da Indústria de Lanifícios
— Duas Bandas de Música centenárias (Boa União e Popular Manteiguense)
— Rancho Folclórico "Serranos da Estrela"
— Grupo de Teatro Amador de Manteigas
— Centro Cívico de Manteigas
— Associação Desportiva de Manteigas
— Biblioteca Municipal
— Escola Primária
— Escola Preparatória
— Escola Secundária
— Indústria de Madeiras (Serração e Carpintaria)
— Indústria caseira do afamado "Queijo da Serra"
— Indústria de Lanifícios — Fios, Tecidos e Malhas —

actividade que, desde longa data, vem constituindo o principal garante da subsistência de grande parte da População do Concelho.

— Uma agricultura com certa dimensão mas muito parce-

lada, pouco significativa no aspecto de exploração económica, mas artesanalmente desenvolvida e bem aproveitada.

— Para além de tudo isto, e como garante da eficiência dos serviços dela dependentes, uma Administração Municipal que procura ser sempre eficaz de modo a assegurar o bem-estar dos Munícipes.

— Repartições públicas adequadas à natureza e dimensão do Concelho.

— Outros Sectores de utilidade pública como: Comércio, Transportes, Instituições de Crédito — Banco e Caixa Geral de Depósitos.

— Administração Florestal com Jurisdição sobre uma vasta área da Região.

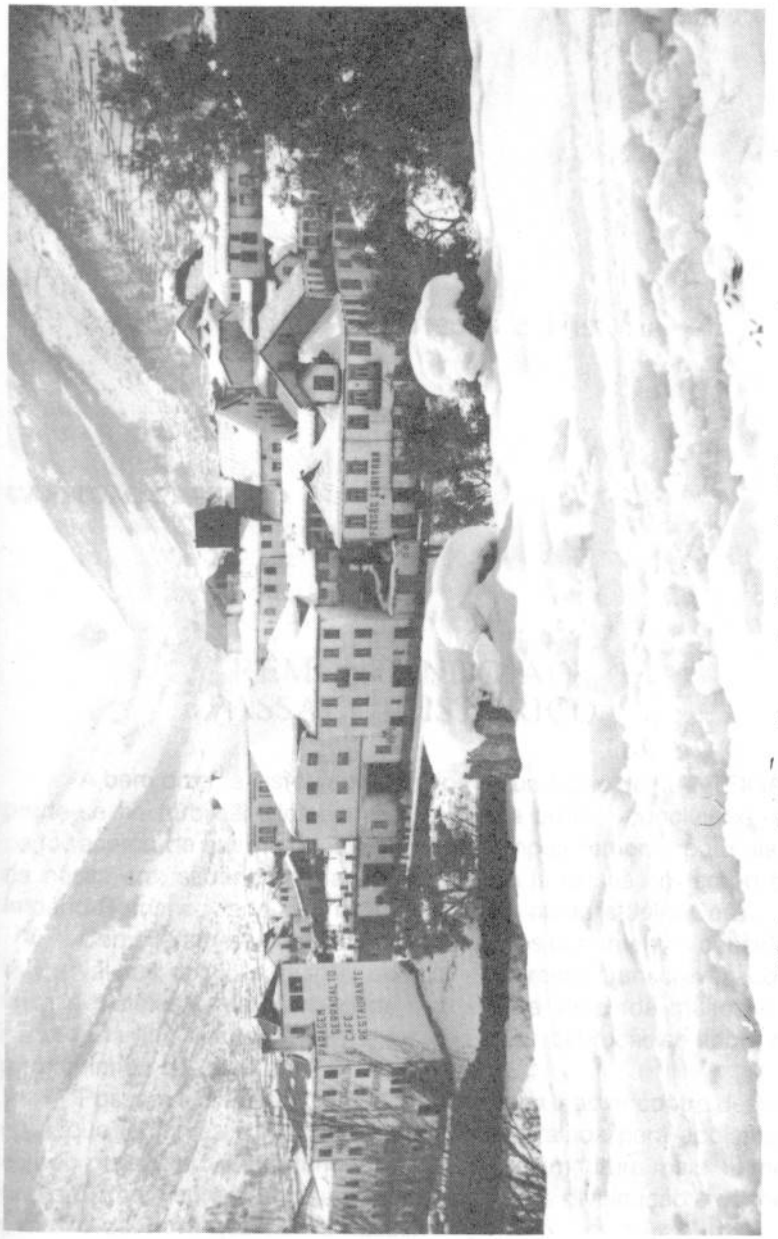
— Posto Meteorológico das Penhas Douradas, que funciona desde 1882.

— Estação sismográfica.

— Rancho Folclórico "Os Malmequeres de Sameiro".

— Centro Recreativo e Cultural de Santa Maria.

Os contactos da Vila com o exterior são assegurados por carreiras diárias de autocarros que a ligam directamente à Estação de Caminho de Ferro de Belmonte, distante 30 quilómetros e, indirectamente, às cidades mais próximas — Guarda e Covilhã.



Vista parcial da vila e do Vale do Zêzere nevados

I PARTE

MANTEIGAS Origens e História

CAPÍTULO PRIMEIRO

REMONTANDO AO PASSADO HISTÓRICO

A bem dizer, a história do princípio e fundação de MANTEIGAS perde-se no turbilhão dos séculos, e nunca poderá concluir-se, ao certo, àcerca da sua etnogenia, e a que tempos remonta para além da nossa era, sabendo-se, apenas, que ela já existia no tempo do Império Romano, dado que mais adiante se alude a Júlio César.

Compilaram-se para este trabalho vários documentos considerados válidos e que se julgou do maior interesse transcrever, com vista à satisfação da curiosidade e gosto de saber de muitos e à sede de tantos outros a quem nunca foi dado debruçar-se sobre os pergaminhos da sua Terra.

Possam tais testemunhos contribuir para ir ao encontro dessas mais que legítimas e louváveis aspirações, e ainda para apoiar um estudo mais vasto e aprofundado que outros, em futuro mais ou menos próximo, venham a levar a cabo em prol da divulgação e conhecimento da Terra que os viu nascer.

INTRÓITO

A partir de Trabalhos editados de Investigação Histórica sobre Manteigas, fruto da pertinácia de um estudioso investigador manteiguense, extraímos a suma de alguns dos seus estudos com que se inicia a presente ANTOLOGIA:

"Dum ponto de vista histórico, Manteigas nasceu,oficialmente, com muitas probabilidades, em 1188, mas o seu certificado de nascimento, o foral concedido por D. Sancho I, desapareceu. No entanto, uma referência do foral novo de D. Manuel I, de 4 de Março de 1514, não deixa margem a qualquer dúvida quanto à promulgação de tal diploma.

Quanto à data da promulgação do primeiro foral de Manteigas, há referências ao ano de 1188, mas todas elas bastante tardias.

Em documentos anteriores ao foral de D. Manuel não se encontra mencionado o dito ano. Não se regista também qualquer menção em documentos ou obras dos dois séculos seguintes. Cite-se, a título de exemplo, a "Corografia Portuguesa", do Padre António Carvalho Costa, editada de 1702 a 1709, onde, na parte referente a Manteigas, se limita a dizer "que lhe deu foral El-Rei D. Sancho, o Primeiro de Portugal".

A primeira indicação do ano de 1188 que conheço é de Augusto Barjona de Freitas, na obra intitulada "A Região de Manteigas", editada em 1918.

Tudo o que se diga sobre a provável existência, em tempo dos Romanos, de uma povoação de certa importância na área onde hoje se localiza Manteigas, tem apenas um carácter conjectural e merece sérias reservas.

A toponímia alguns dados nos oferece sobre uma possível ocupação, pelo homem, no tempo dos Romanos, de pontos situados nos limites deste concelho, como no caso de "Campo Romão", que pode ter sido, então, um lugar fortificado.

Referindo-se, talvez, a uma ocupação ainda mais antiga, encontra-se próximo de S. Gabriel um lugar designado por "Vargem do Crasto". Além da palavra "Crasto", indicativa de recinto fortificado, erigido provavelmente antes da chegada dos Romanos a esta Região, deparam-se-nos naquele local, pedras dispostas de tal modo, que

bem podem ter pertencido a uma construção do tipo referido. Contudo, só uma cuidadosa investigação arqueológica do local, levada a cabo por especialistas, poderá confirmar ou infirmar o que não passa de simples impressão de um leigo na matéria.

Outro vestígio seria a lápide em tempos existente na antiga Igreja de Santa Maria. Nessa lápide haveria uma inscrição latina, ilegível por lhe faltarem muitas letras. Augusto Barjona de Freitas, no trabalho atrás mencionado, refere-se a este documento epigráfico do modo seguinte:

"Diz a tradição que esta lápide foi mandada fazer por Júlio César para comemorar a sua estada ali (Manteigas) com os seus soldados, cinquenta anos antes de Cristo.

Há quem diga que esta lápide não estava na soleira da porta, como pretende Pinho Leal, mas sim quase no cimo dela. No ano de 1800 a tal Igreja foi demolida e reedificada, a tal lápide foi partida e lançada nos alicerces da actual igreja".

Se tal lápide existiu, perdeu-se uma boa oportunidade de reavê-la quando a igreja foi outra vez demolida e reedificada em 1935.

Na "Corografia Portuguesa" do Padre António Carvalho da Costa, publicada entre 1706 e 1712, procura-se explicar a origem do topónimo Manteigas do seguinte modo:

"Era antigamente lugar muito abundante de vacas,aonde se fazião boas manteigas, de que tomou nome".

Reconhece-se, sem qualquer dificuldade, que a Vila de Manteigas se apresenta com uma óptima localização em relação ao seu enquadramento natural. Bem exposta a nascente e sul, protegida dos ventos dominantes, próxima do fundo do vale, mas suficientemente dele afastada para não sofrer os efeitos da humidade e ter as comunicações facilitadas, situação no cruzamento dos eixos viários longitudinal e transversal do vale e, factor importantíssimo, abundância de água para usos domésticos e outros, dada a existência de numerosas fontes na área da Vila. Não admira, pois, que os primitivos povoadores tivessem escolhido o local.

Até há pouco tempo, antes do actual surto de construção, que alterou profundamente o tipo do "habitat" da nossa terra, a impressão recebida quando da encosta fronteira se olhava a Vila, era a de se tratar de um núcleo concentrado e contínuo. Contudo, a

lembrança de alterações recentes na estrutura da Vila, alguma documentação que me foi dado consultar e certos dados toponímicos, convenceram-me ter sido Manteigas formada inicialmente por núcleos separados que, com o tempo, se foram ligando.

No respeitante ao primeiro aspecto focado, limito-me a chamar a atenção para a abertura das estradas que atravessam a Vila em sentido transversal. A mais antiga, constituindo hoje a Rua Dr. Sobral, foi construída em fins do século passado. A mais moderna, no início da sua construção conhecida por Estrada Nova (que foi chamada Rua Dr. Oliveira Salazar e hoje se chama 1.º de Maio) foi construída em fins da década de vinte e princípios da década de trinta. A abertura destas vias de penetração veio engrossar o núcleo central da Vila e tornar menos saliente a impressão de ter sido esta implantada numa linha sinuosa seguindo o declive do Eirô ao Fundo da Vila.

No Tombo de 1560 cita-se um chão de S. Pedro, localizado na área do Chafariz, oficialmente Largo da Batalha. Isto significa que, sendo chão terreno de cultura, não haveria nele casas. Os topónimos hoje urbanos de Quintã, Quintal do Ferrão e ainda Rossio, próximos uns dos outros, provam a existência de terrenos anteriormente não ocupados com casas. Particularmente significativa é a designação de Entre-Hortas para a rua que, atravessando o ribeiro, levava a S. Pedro. Os terrenos abrangidos por este locativo constituiram como que um hiato entre o Fundo da Vila e o núcleo superior ou núcleos superiores de povoamento.

No agregado populacional que é Manteigas, as "quelhas", em número de 45, pelo menos, assumem particular relevância. Escalonada entre a casa e a rua, a quelha deve ter-se formado a partir da habitação de uma família nuclear, inicialmente estabelecida num determinado local, que foi ampliando as suas instalações à medida qua a família passava a família alargada. A distribuição das quelhas não se efectua uniformemente por toda a Vila. Aparecem-nos três manchas de maior densidade: o Eirô com 13 quelhas, Fundo da Vila com 10, e a zona de S. Pedro, na margem direita da Vila, com 9.

Em 1922, na parte da Vila hoje compreendida entre as duas estradas, e tendo como foco de atracção a Praça, dita Luís de Camões, havia 10 quelhas, portanto de menor densidade se atendermos à superfície abrangida.

Em face do que se diz, fácil se torna aceitar existirem três núcleos, ainda hoje reconhecíveis:

Separado pelo Ribeiro da Vila, encontra-se S. Pedro;

Ligado à parte superior da Vila pela Rua de Santo António, que funciona como uma espécie de cordão umbilical tardio, está o Fundo de Vila. Lembra-se que na citada Rua de Santo António se pode ver a data de 1699 na verga duma porta aproveitada de casa mais antiga;

Finalmente a parte média e superior da Vila, cuja ligação foi, com certeza, atendendo às razões apontadas, muito menos marcada.

A maior densidade de quelhas no Eirô, Fundo de Vila e S. Pedro, pelo carácter menos regular de que se reveste a sua implantação, implica uma maior disponibilidade de terreno, levando-me a concluir, com as necessárias reservas, que se trata das partes mais antigas do povoamento, que outrora se encontravam separadas umas das outras.

Daí o emprego do plural no topónimo MANTEIGAS.

A vila deveria inicialmente ter sido constituída por uma única freguesia. A avaliar por indicações contidas em vários documentos do século XIV, o pagamento da colheita era efectuado na igreja de S. João Baptista. Tal igreja localizava-se onde hoje se situa a igreja da Misericórdia, sendo de salientar que nesta se encontra uma imagem do mesmo santo bastante antiga. O último desses documentos a citar a igreja de S. João é de 1336.

A propósito do edifício da igreja da Misericórdia, diga-se que o mesmo é composto por duas partes de épocas distintas. A fachada principal e a nave são do século XVII ou XVIII, mas a capela-mór e anexas são anteriores, do século XV ou XVI. Chama-se ainda a atenção para o Cristo da Sacristia, talvez do século XIV.

Nas guerras da independência travadas com Castela a partir de 1383, Manteigas tomou o partido do Mestre de Avis. Tal facto pode inferir-se da circunstância de D. João I, em 1385, após as Côrtes de Coimbra, em que foi proclamado rei de Portugal, ter confirmado "todallas graças e merçees e privilegios" concedidos a Manteigas pelos reis seus antecessores.

Em 15 de Abril de 1385 foi concedida, como tença, a colheita de Manteigas a Álvaro Gil Cabral, alcaide-mór da Guarda e Belmonte, partidário incondicional do Mestre de Avis. No entanto, é a Luís Álvares Cabral, avô do descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral, que é feita a entrega, em 5 de Junho de 1386, de 150 libras, para pagamento da colheita desse ano.

A primeira menção à igreja de Santa Maria aparece num recibo de 29 de Junho de 1388, referindo-se nele o "prior de Santa Maria de Manteigas" com tendo entregue 150 libras. Em documento de 26 de Setembro de 1391,indica-se Gonçalo Martins, sineiro, e o "signo que fez de sancta marya da dicta vila".

Tendo em atenção a existência de um documento de 1336, o último conhecido com menção da igreja de S. João, a construção da igreja de Santa Maria e a criação da respectiva freguesia deram-se entre as datas limites de 1336 e 1388.

Em documento de 27 de Julho de 1396 dá-se conta da existência de uma estalagem em Manteigas. Trata-se da notícia de uma demanda intentada por "Diego Martinz", que tinha uma estalagem para todos os que passassem por Manteigas e "lhy auja de dar palha e outras coussas que mester aujam per seus dynheiros". Sucedia que os juízes e os moradores desta vila o "costrangyam que carretasse vynho e pescado". Daí o fundamento da acção movida junto de Gonçalo Eanes, juiz de régio na Covilhã.

A jurisdição da Vila de Manteigas veio a caber ao Infante D. Henrique,aparecendo um seu escudeiro, Álvaro Fernandes, como testemunha, em documento de 1445, havendo, além disso, menção às casas da morada de Monteiro Vasques, tabelião público em Gouveia pelo Infante D. Henrique, num recibo de 1446 passado à vila de Manteigas. Os tabeliães públicos do Infante D. Henrique são ainda mencionados em recibos de 1450 e 1453.

Mostrando a importância que a criação de gado e a transumância tinham alcançado, aparece-nos um alvará de D. Afonso V, de 29 de Dezembro de 1467, mencionado por Albert Silbert, em "LE PORTUGAL MEDITERRANEEN A LA FIN DE L' ANCIEN REGIME", anulando a autorização, anteriormente concedida às gentes de Manteigas, para utilizarem as pastagens de Castelo de Vide.

Em carta de 1472, a Infanta D. Beatriz, viúva do Infante D. Fernando filho de D. Duarte, sobrinho e herdeiro do Infante D. Henrique, opõe-se à intromissão de Fernão Cabral, pai de Pedro Álvares Cabral, na "jurisdição e meirinhos" de Manteigas. As tentativas de intromissão já vinham de trás, pois, em documento mais antigo, talvez de 1443, o mesmo Fernão Cabral mencionava "o meu lugar de Manteigas".

Admite-se que ao ser criada a freguesia de Santa Maria tivesse sido igualmente criada a freguesia de S. Pedro. A distribuição das

zonas habitadas da Vila, a existência na fachada desta igreja de uma escultura de S. Pedro, de fins do século XIV ou princípios do XV, e a invocação dos patronos das igrejas, S. João Baptista ou do Salvador, Santa Maria e S. Pedro, o que implica uma estrutura e uma genealogia prévias, por estarem ligadas às primeiras igrejas da cidade de Roma, levam a tal convicção. No entanto, a primeira menção da dita igreja de S. Pedro data de documento de 1 de Julho de 1499, onde igualmente se cita a Igreja de Santa Maria, a propósito da questão do padroado das mesmas. Pretendia-se que os moradores pagassem certas despesas dessas igrejas, ao que eles se recusavam, pois segundo "carta testemunhável" então apresentada, as ditas igrejas eram já padroado real. Com efeito, o ouvidor da correição "pedira as apresentações das ditas igrejas... para o dito Senhor Rey em elle sendo duque". Siginifica isto que D. Manuel I, ainda duque de Beja, deve ter herdado de sua mãe D. Beatriz, viúva do Infante D. Fernando, os direitos de jurisdição e outros, e que tendo o mesmo D. Manuel I, subido ao trono, Manteigas voltou à posse directa da coroa. É de salientar, também, terem desaparecido, segundo se julga, as referências à família de Pedro Álvares Cabral. Por outro lado, com este documento, fica-se a conhecer como as duas igrejas passaram a ser de padroado real, embora se afirme ainda que "os moradores da dita villa deram os padroados das ditas igrejas ao dito senhor em dias de sua vida".

Desnecessário se torna salientar a importância do foral de D. Manuel I, dado em 4 de Março de 1514. Além do seu interesse como documento comprovativo da autonomia de vila na época, assume grande significado por nele se achar a referência mais antiga e segura ao foral que D. Sancho I concedeu a Manteigas. Com efeito, nele se afirma:

> "Achamos per foral del Rey dom Sancho primeyro que os tributos, foros e direitos Reais na dita villa se deuem e ham de arrecadar da quy em diante da maneyra e forma sẽguinte"...

Por outro lado, fornece-nos inúmeras outras informações de que se destaca a referente à fruição dos maninhos. Assim, temos:

"nom se leuam manos aos moradores da dita villa
das terras somente que laurarem dentro do seu limite
porque quanto lhe foy dado pollos senhorios
passados confirmado per nossa carta.
E asy por este nosso foral para sempre".

Documento demonstrativo da luta travada para a preservação dos direitos dos habitantes de Manteigas, é um despacho de D. Manuel, de 1520.

Pretendia o então corregedor, com alçada na comarca da Beira, que os habitantes de Manteigas passassem a pagar renda pelos maninhos que cultivassem.

Os moradores reclamaram para D. Manuel I, invocando o disposto no foral que confirmava direitos mais antigos. O rei deu-lhes razão, dizendo

"mandamos que ho dito Conselho use dos ditos maninhos
como sempre usou, guardando o dito Capítulo do dito
foral, como se nele contem".

O aumento da população da vila é referido neste documento, nele afirmando os moradores de Manteigas que "pellos privilégios se povoara ha ditta Villa em tal maneira que hora terão bem trezentos moradores", isto é, o correspondente a 1500 a 1800 habitantes.

Em 1524 as igrejas de S. Pedro e de Santa Maria passam a ser padroado real, com carácter definitivo, por concessão feita pelos habitantes da vila de Manteigas a D. João III. Como compensação, este rei concedeu-lhes a veadoria dos panos como em documento de 1524 se refere do modo seguinte:

"Mandamos delle (cargo de veador) fazer carta ao
dito Conselho para ho poderem dar os Juizes e
Officiaes de Camara de tres em tres annos às Pessoas,
que ho bem saberão servir como compre ao bem da terra".

Papel fundamental na assistência deste concelho tem sido desempenhado pela Santa Casa da Misericórdia. A sua fundação é, pelo menos, da primeira metade do século XVII, pois o primeiro livro de registo dessa instituição inicia-se em 1646.

Informações de certo pormenor fornece-nos o Padre António Carvalho da Costa na sua "COROGRAFIA PORTUGUESA", cuja primeira edição teve lugar entre 1706 e 1712. Segundo tal autor, Manteigas tinha então 500 vizinhos, ou seja entre 2500 a 3000 habitantes. As duas igrejas, além de serem de padroado real, eram também da Comenda de Cristo. A Câmara era constituida por dois juízes ordinários, vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da Câmara e um tabelião judicial. Havia então em Manteigas uma companhia de ordenanças.

Das invasões francesas ficou na tradição oral o registo de ter sido detido um destacamento militar no sitio da Figueira Brava. Tratar-se-ia de um grupo que, na retirada dos exércitos de Massena, em 1811, se tivesse aventurado pelo Vale do Zêzere acima, partindo de Valhelhas.

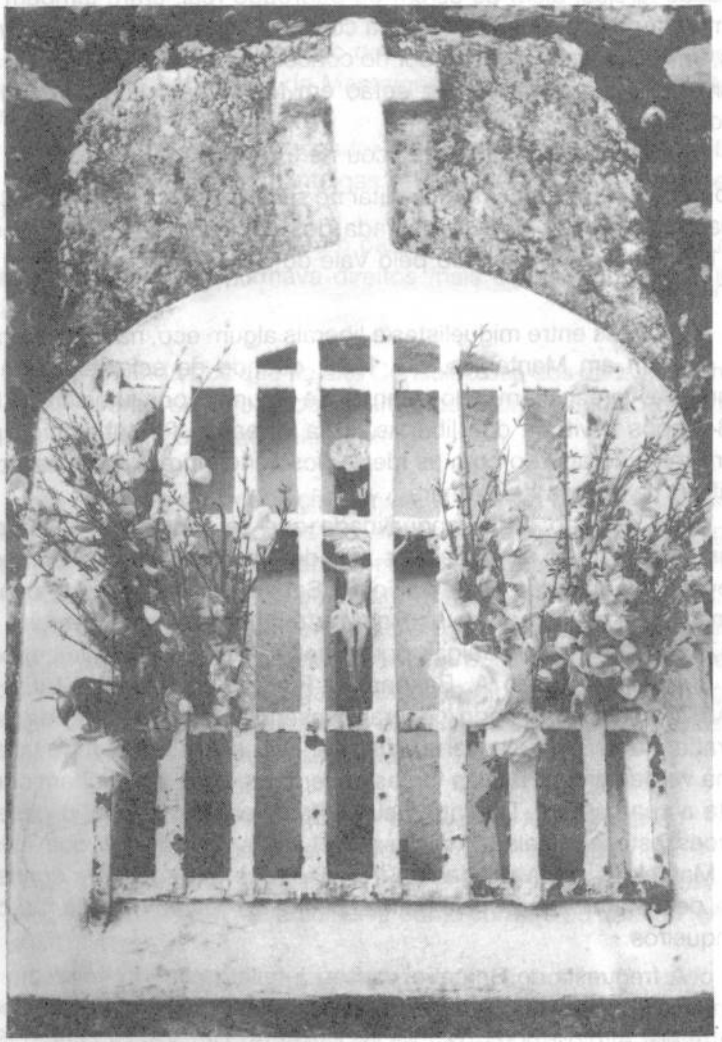
As lutas entre miguelistas e liberais algum eco, não muito grande, tiveram em Manteigas. Em 1828, quando da aclamação de D. Miguel, a vereação mandou cantar Te-Deum e pôr luminárias. Em 1834, após a vitória dos liberais, essa vereação foi substituida por outra mais de acordo com as ideias dos vencedores, como se pode verificar nas actas da Câmara.

Do período de intranqualidade que se seguiu ao termo das lutas entre liberais e miguelistas, um dos factos mais conhecidos é a revolta chamada da Maria da Fonte. Sabe-se que o general Póvoas, comandante de forças revoltosas, se encontrava, em Fevereiro de 1847, cercado em Manteigas por tropas contrárias muito superiores em número. Segundo A. Barjona de Freitas, em "A REGIÃO DE MANTEIGAS", o referido general conseguiu escapar, fazendo uma retirada nocturna pela serra, julgada impossível, pregando assim "uma verdadeira partida às forças governamentais" que tinham como certa a sua captura. Durante a sua estadia em Manteigas, o general Póvoas esteve instalado na casa da Latada. Lembra-se que existe em Manteigas a rua do general Póvoas, que toda a gente conhece pela designação, bem mais antiga, pois é do século XVI, de rua dos Conqueiros.

A freguesia de Sameiro passou a fazer parte do concelho de Manteigas no segundo quartel do século XIX, em 1835, a avaliar pelo que refere Alípio Rocha na "MONOGRAFIA DE VALHELHAS". Sameiro pertenceu ao concelho da Covilhã, e ainda em 1788 nele estava

integrado, conforme se pode verificar no auto de demarcação de 30 de Outubro desse ano.

Os habitantes de Manteigas tiveram, durante vários séculos, direitos de utilização das terras da serra do concelho de Gouveia,



Oratório público

quer para semear quer para apascentarem os gados, e direitos de compáscuo noutras áreas do dito concelho. De tais circunstâncias nasceram rixas e disputas que chegavam ao uso da violência de parte a parte. Com fim de pôr cobro às questões assim surgidas, foi acordado fazer, em 22 de Julho de 1852, uma rectificação de limites entre os concelhos de Gouveia e Manteigas. Por este acordo, entraram no concelho de Manteigas os terrenos na margem direita do Mondego. Refira-se que todo o Chão das Barcas e o Campo Romão pertenciam já a Manteigas. Os limites assim estabelecidos foram ajustados parcialmente na zona das Penhas Douradas (Decreto de 12 de Maio de 1910).

A estrutura fundiária do concelho de Manteigas sofreu profunda transformação com o findar do século. Os maninhos ou baldios, que no século XVI eram cultivados sem pagamento de renda, aparecem no século XVIII arrematados em hasta pública. Tal situação manteve-se durante grande parte do século XIX, e só terminou quando os mesmos foram alienados pela Câmara. Esta alienação não se fez sem resistência. Deve referir-se que essa resistência começou pela própria vereação de 1870, opondo-se às instruções do poder central no sentido de serem vendidos os terrenos comunais, segundo o disposto na lei de desamortização dos baldios de 28 de Agosto de 1869. No entanto, uma parte dessas terras acabou por ser vendida.

Em sessão de 13 de Outubro de 1888, decidiu a Câmara de então ceder para arborização, aos Serviços Florestais, os baldios que ainda possuía. Tal medida encontrou séria resistência por parte dos interessados, os pastores. Essa resistência acabou por ser quebrada, como era de prever.

Acentue-se que esta transformação não se fez sem prejuízos. Para além da redução drástica do número de cabeças de gado que, de 24.000 em 1889, passam para cera de 2.000 presentemente, deu-se a proletarização maciça de toda uma classe, a dos pastores, que de cerca de 200 passaram a cerca de 20.

O concelho de Manteigas foi extinto por decreto de 26 de Junho de 1896.

Foi restaurado por decreto de 13 de Janeiro de 1898, tendo hoje uma área de cerca de 11.000 hectares".

JOSÉ DAVID LUCAS BATISTA

Padrão de Alminhas, esculpido em granito

De outros apreciadores e propagandistas das origens e alguns aspectos históricos de Manteigas e sua Região, recolheram-se mais alguns depoimentos, alguns referindo-se aos Romanos e aos vincados vestígios do seu predomínio:

I — O SENHORIO DA VILA DE MANTEIGAS

II — A TERRA... O POVO... E A HISTÓRIA

III — DOMÍNIO DO POVO — PREDOMÍNIO DE ROMA

I

O SENHORIO DA VILA DE MANTEIGAS

De simples e rudimentares aldeias e até mesmo casais, muitas terras do nosso País passaram à categoria de vilas e concelhos, com seus municípios organizados e mais ou menos perfeitos, sob o impulso e protecção régia e dos seus donatários.

Era costume dos nossos primeiros monarcas premiarem seus vassalos pelos serviços prestados por estes nas guerras e conquistas, com doações dos senhorios de simples aldeias e vilas, para neles exercerem jurisdição e receberem os réditos ou outros foros destas Terras.

Muitos povoados tiveram os seus primeiros foros e privilégios dados por senhorios particulares, por autoridade real, e a maior parte destes concelhos viveram uma vida autónoma durante alguns séculos, regulada pelos simples códigos denominados forais, pelo seu direito consuetudinário, usos e costumes, etc.

A Vila de Manteigas, cuja denominação de aldeia se encontra em muitos documentos dos séculos XII e dos seguintes, não se furtou à regra, pois a origem dos seus foros e privilégios, usos e costumes, são idênticos aos de muitas outras terras circunvizinhas que assentaram raízes em volta das faldas da serra conhecida naquelas recuadas épocas por MONTE HERMEUI, hoje denominada SERRA DA ESTRELA.

Algumas referências encontramos, em diversos documentos,

de que D. Sancho I outorgara foral à vila de Manteigas, mas, infelizmente, nunca conseguimos, em nossas investigações, encontrar tal documento, nem original, nem mesmo por cópia.

Sobre a origem dos donatários da vila de Manteigas também não logramos ir mais além do reinado del-Rei D. Fernando, que dela fez mercê ao seu alferes-mor Aires Gomes da Silva, em remuneração dos muitos serviços que dele havia recebido e esperava ainda receber, por carta dada em 22 de Dezembro do ano de 1371, registada na sua Chancelaria, livro 1.º, página 87, com faculdade de poder nomear tabeliães e pôr outras autoridades, etc.

Mas, naturalmente, em virtude das lutas que se seguiram à morte de D. Fernando, em que se dividiram os naturais em dois grupos, dos quais um era abertamente a favor de Castela, e o outro se levantou pelo mestre de Avis, vê-se que o senhorio da vila de Manteigas passou, no reinado de D. João I, para uma outra pessoa.

Na mesma região ficava o Castelo de Belmonte, de que eram senhores e alcaides-mores os Cabrais.

El-Rei D. João I, querendo fazer graça e mercê a Álvaro Gil Cabral, fez-lhe a doação da vila de Manteigas e outras terras em recompensa dos serviços que dele havia recebido, por uma carta expedida de Coimbra, datada de 15 de Abril do ano de 1385, que se encontra registada no livro 1.º a páginas 136 da sua Chancelaria.

Foi sucessor do senhorio desta vila Luíz Álvares Cabral, filho daquele Álvares Gil Cabral, que por sua morte D. João I lhe fez mercê da mesma vila, confirmando-lhe todos os foros e privilégios que havia, por carta de 27 de Março do ano de 1422, registada com outras dadas aos seus sucessores, em leitura nova, no livro 2.º da Beira, página 81 e seguintes.

Temos, pois, os Cabrais senhores de Belmonte, também possuidores do Senhorio da vila de Manteigas, em cuja família se conservou pelos séculos seguintes.

JOSÉ DA CUNHA SARAIVA
Do "Estrela da Beira" N.º 48 (1-3-1932)

II

A TERRA... O POVO... E A HISTÓRIA

Para bem dizer, Manteigas não tem história; ou se a tem, o tempo a guarda no secreto dos seus arquivos, que até hoje ainda ninguém desvendou.

Pela sua situação geográfica, está ela enquadrada em toda a história repleta do maravilhoso e da lenda que enchem a Serra.

Praticamente e, em última análise, a história de Manteigas é a da Montanha. E os documentos da sua idade primitiva não podemos, pois, buscá-los em mais parte alguma senão no arquivo dos tempos Lusitanos, na era de Viriato.

Em cada Terra, em cada Povo, temos de aceitar ingenuamente, infantilmente, tudo o que há de lenda, para se lhe extrair o pouco que possa haver de história.

E, conquanto Viriato não fosse natural do Covão do Zêzere, não podemos negar que a vida primitiva da nossa gente fosse a mesma da gente do grande chefe lusitano.

Geograficamente, Manteigas está escondida no verdadeiro coração da Estrela e, como tal, o povo a exalta.

«.....
No teu regaço, perto do teu coração
fica a vila de Manteigas...»

E, propriamente falando, vêmo-la enquadrada na parte mais montanhosa entre o Tejo e o Douro, o que, portanto, nós poderemos chamar a Lusitânia.

Viriato era, por isso, o expoente máximo da raça montanhesa.

«O corpo, vigoroso de nascença, era enrijado desde a primeira idade, pela áspera vida de pastor, ao ar livre, sem eira nem beira». (Diodoro).

Sempre em luta constante com o vento, as intempéries, os animais selvagens das serranias e os inimigos furibundos das outras tribos, o povo montanhês competia com qualquer outro em força, destreza e manha.

Em virtude de um certo mimetismo natural, o homem era parecido com a montanha: áspero, intratável e firme.

Sobre os Lusitanos, traça-nos Estrabão o seguinte quadro:

"A região situada entre o Tejo e os Artabros é habitada por 50 tribos.

Apesar da terra ser rica em frutos, gados, ouro e prata, os habitantes, por natural instinto, preferiram o roubo e viviam permanentemente em guerra uns com os outros. Como tinham uma terra inculta, cobiçavam a terra alheia.

Num espaço de tão exíguas dimensões se criou e desenvolveu um povo que vivia, pois, em constantes escaramuças de guerrilhas e pilhagem, adestrando-se assim para a luta gigante que as forças romanas lhe iriam oferecer um dia".

A sua vida resume-se, assim, no que há de mais simples e rude como a montanha.

Os cabelos crescidos agitam-se no ar; prendem-nos unicamente em combate com uma fita que lhes passa pela fronte.

Se a vida lhes surgia na montanha, a Natureza fazia-os rudes, salteadores e guerreiros; se à planície os levava alguma vez, o temperamento adaptava-se um pouco a uma vida mais calma e adormecida como é a vida pastoril.

Os seus costumes são, essencialmente, celtas.

Ciosos das conquistas que fazem e do espólio das suas pilhagens, sacrificam as suas vítimas e examinam-lhes as entranhas, vaticinando e presagiando conforme lhes dita a magia montanhesa.

Aos prisioneiros cortam as mãos, penduram-lhes a direita como um troféu de glória.

Logicamente podemos, pois, concluir que o seu grau de cultura e o nível da sua vida pública era nulo.

A falta de harmonia e unidade entre as 50 tribos reflectia-se, por influência directa, dentro de cada tribo, onde, por vezes, a união não era perfeita. Dominava sempre um grupo familiar (clan), o que podemos considerar como a forma mais primitiva do Estado.

Foi devido a esta desunião e desagregação das forças lusitanas insubmissas, que Roma triunfou na Península, conquanto somente depois de ter experimentado duramente a força de uma série de pequenos grupos guerrilheiros que assaltavam, manhosamente, com emboscadas, as forças romanas.

Foi vencendo, umas vezes pelas armas, outras com o engodo

de promessas de terras e tesouros, cada uma das tribos, que Roma obteve os primeiros triunfos.

Lúcio Múmio, cônsul, Lúculo e Galba foram os chefes romanos que deixaram mais viva memória entre os lusitanos, divididos e insurrectos.

Roma procurou sujeitá-los, alimentando o ódio de tribo para tribo.

Pelo menos Galba, assim conseguiu, com promessas aos insurrectos, desarmá-los, mandando-os, em seguida, massacrar. Foi, de todos os generais do Império, o que fez, por isso, criar nos vencidos o maior desejo de vingança.

Viriato surgiu, assim, como expressão de um povo que tenta vingar-se.

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Do "Ecos de Manteigas" — n.º 64 (22-10-955)

III

Domínio do povo predomínio de Roma

Ultimadas as guerras de conquista, que acabaram com a tomada completa da Península, dando às águias imperiais todo o extremo-ocidente europeu, onde o mundo tinha seu fim, como então se pensava, não se pode dizer que, por esse simples facto, ficasse consumada a vitória de Roma sobre a Lusitânia.

As forças dominam fraquezas; mas as espadas nunca destroem ideias.

E se Roma era uma força e uma espada, a Lusitânia, no seu primitivismo rude, semi-bárbaro e selvagem, era já uma ideia que não confessava fraqueza.

A romanização completa da Península foi um facto. O Deslumbramento da civilização romana alarga-se para a Hispânia.

Os caminhos, as pontes, a ciência, a arte e a indústria foram, sem dúvida, a melhor arma romana para dominar os espíritos rebeldes, deslumbrando-os com fascinadoras promessas. Porém, os lusitanos, apesar de vencidos em armas e sem chefe, mantêm-se impenetráveis, nunca deixando perder em absoluto a sua personalidade.

E Roma, com todo o seu poderio e esplendor, não consegue suprimir a irredutibilidade lusitana no respeitante a crenças, costumes e instituições.

Ainda os povos da Serra se mostram obstinados a qualquer infiltração exterior, ciosos da sua terra, da sua independência e da sua paz.

Ao longo da história registam-se exemplos típicos e extravagantes da resistência destes povos a novidades e infiltrações perturbadoras da sua individualidade.

Haja em vista o apedrejamento feito aos comboios, pela gente da aldeia quando, pela primeia vez, a linha férrea passou pelas terras da Beira.

Lembre-se Manteigas dos motins provocados na nossa terra quando do repovoamento florestal: os sinos tocavam a rebate, e o povo, armado, foi-se à Serra arrancar e queimar as pequeninas árvores, já bem nascidas, irmãs das que hoje constituem uma das grandes fontes de riqueza e economia local e nacional.

O espírito de independência foi sempre, como já dissemos, uma das características principais das gentes da Serra. E essa persistência de caracteres firmes resiste às sucessivas inovações do tempo e da história.

Foi devido a este espírito de independência que os povos das alturas procuravam isolar-se dos invasores, levantando a construção dos seus castros ou crastos.

Abundam eles pelo país além. E conquanto a Serra se considere inabitável durante uma grande parte do ano devido às neves e inclemências do tempo, certamente serviu de abrigo seguro e forte contra as hordas invasoras.

E assim, além dos outros, encontramos pela Serra os de Alfátima mais conhecido, popularmente, por cabeço de Alfátema.

O crasto ou castro de S. Romão, vestígios de antigas fortificações, verificadas ainda em 1892 pela excursão científica da Socieda-

de de Geografia, é, ainda hoje, um nome e um lugar que lembra o passado, com muita lenda, é certo, mas com alguma história.

E, em Manteigas, a Várzea de Castro ou do Crasto, não será um indício do que, com toda a possibilidade, seria um reduto de edificação bélica contra os invasores? Não tenho dúvidas em acreditá-lo.

Braz Garcia de Mascarenhas, ao falar-nos deste pormenor, refere-se à "grande cópia que havia de castelos pelas raízes desta serrania".

"Pelas raízes desta serrania,
que gira perto de dois mil estados,
de altos castelos grande cópia havia,
em perigos de guerras fabricados,
que em partes inda mostram bizarria,
pela maior estando arruinados,
ensinando o destino que os desterra,
que mais muros assola a paz, que a guerra".

Era junto dos crastos, impenetráveis a Roma, que as organizações imperiais, em que predominava o colectivismo agrário, floresciam.

E era sobre as citânias, simbiose de comunidades pastoris e organismos agrícolas, que se desenvolviam depois as "villas", com o seu regime privativo de administração e governo.

Foi, certamentre, servindo-se das citânias e das vilas que Roma conseguiu conquistar os castros.

E assim, a romanização peninsular, conquanto fosse mais lenta e difícil, tornou-se um facto consumado.

O espírito romano foi invadindo, a pouo e pouco, as instituições, as crenças e os costumes.

Só assim podemos explicar e compreender que a Serra, e no nosso caso, Manteigas, caísse nas mãos dos romanos, tendo sido um reduto tão fiel a Viriato, e chegasse a ser "vila" na dominação romana, e merecesse um Wali sob o império do Crescente, e conseguisse, sucessivamente, de D. Sancho e de D. Manuel, direitos forâneos.

Das vilas irradiou um "modus vivendi" que ainda hoje influencia, em parte, as regiões outrora dominadas pelos direitos de Roma.

A organização das vilas e citânias deu uma certa autonomia

à administração local, lançando as terras nos caminhos da prosperidade.

Foram assim os começos dos futuros concelhos.

Não seria assim o começo de Manteigas?

Que César olhou com especial cuidado e atenção a vila de Manteigas, prova-o a tradição de uma lápide comemorativa, deixada aqui, e mais tarde sepultada nos alicerces da Igreja de Santa Maria, segundo a tradição, também edificada sobre as ruínas do templo pagão dedicado a Lucifero.

É tudo quanto se sabe ao verdadeiro.

Para encontrar a referida lápide, fizeram-se escavações na referida igreja, e nada se encontrou.

Verdade seja que ninguém mostrou também por isso grande curiosidade e interesse.

Mas a tradição o diz.

E a tradição é também uma fonte da História. Diremos até que ela é a verdadeira História dos povos.

O Lucifero não era, como muitos pensam, o sinónimo de Lúcifer, Satanaz, mas o deus da Luz, simbolizado na estrela d' alva, a que os povos dos Hermínios prestavam assinalado culto, e donde resultou chamar-se aos Hermínios "Serra da Estrela".

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Do "Ecos de Manteigas" — n.º 67 (4-12-955)

Da autoria de um ADMINISTRADOR FLORESTAL que aqui esteve radicado já há algumas dezenas de anos, e a quem Manteigas e a sua Região Florestal bastante ficaram devendo, pela acção altamente dinamizadora que aqui desenvolveu, se reproduz um extracto do livro "REGIÃO DA SERRA DA ESTRELA":

MIGALHAS DA HISTÓRIA

«Manteigas é de origem muito antiga (...). Da permanência dos romanos nesta região é testemunho incontestável a existência de castros nestes sítios, pelos quais, segundo se diz, têm sido descobertos muitos objectos que atestam a ocupação e a colonização romanas. Outro vestígio romano parece existir no facto de ainda hoje se chamar Campo Romão a um planalto que fica a uma altitude de 1270 metros, a noroeste da vila. O nome de Campo Romão é, certamente, derivado de campo ou acampamento romano. Afirma-se que ali se encontraram moedas e argolas de ouro.

Do domínio romano passou depois esta Terra às mãos dos árabes, não se sabendo também em que ano, nem o nome que estes lhe deram.

Durante o domínio agareno teve esta povoação certa importância, tendo-se instalado nela o seu emir ou alcaide, a que os nossos escritores antigos davam o nome de rei. Um destes reis mouros tinha uma filha — a linda princesa Fátima — da qual, segundo uma poética lenda, derivou o nome de «Cabeço d'Alfátema» para um monte que se encontra junto à estrada de Gouveia a Manteigas.

DA FUNDAÇÃO DE MANTEIGAS

(...) construiram algumas cabanas onde habitaram, chegando a possuir muitas cabras, ovelhas e vacas, que apascentavam nos férteis prados do vale do Zêzere; fabricavam muitos queijos e manteiga, o que fazia dizer aos povos limítrofes: «vamos comprar manteigas» ou «vamos às Manteigas», donde talvez derivasse o nome para esta vila.

Manteigas teve foral concedido por D. Sancho I em 1188, e D. Manuel deu-lhe foral novo em Lisboa, a 4 de março de 1514, de que existe um exemplar com iluminuras no arquivo da Câmara Municipal.

.....

Não é fácil definir a situação topográfica de Manteigas, pois que, estando situada a uma altitude média de 750 metros, está, to-

davia, no fundo de um enorme covão cercado de montanhas de outros 700 metros de altura, tendo apenas uma estreita saída a leste, no sítio por onde se escoa o Zêzere.

As alcantiladas montanhas que cercam esta vila, revestidas de arvoredo até uma certa altura, apresentam à vista, daí para cima, a côr parda dos xistos ou o negro dos granitos que delas emergem. Para suavizar a tristeza dos dias de inverno, a neve, revestindo as paredes deste enorme covão, vem, com a sua alvura, matizar o negrume do seu fundo. Todavia, goza esta vila d'um panorama, até certo ponto, pitoresco por ser muito diferente do das outras terras do país, devido ao muito apertado do seu horizonte, que é limitado por alcantilados penhascos que lhe dão uma feição peculiar.

O Vale do Zêzere, desde a nascente até à povoação, é simplesmente lindo, e a estrada entre Manteigas e Gouveia, na parte que, em zig-zags, ascende até ao "Alto da Serra", é de um encanto de vistas notável pela variedade de paisagens que se descobrem à medida que se vai subindo a montanha".

Eng.º AUGUSTO SANCHES BARJONA DE FREITAS

CAPÍTULO SEGUNDO

A IMPRENSA LOCAL DESDE HÁ CERCA DE 60 ANOS

Seria lacuna imperdoável, num trabalho como este, deixar de assinalar as qualidades literárias de gerações daqui naturais e de estranhos que aqui se inspiraram, e que, através de boa prosa, rítmica poesia ou inflamados discursos, nos falam da Terra e da Região, dos seus Heróis, do prestígio das suas figuras históricas nos campos da Religião, da cultura e da política, das virtudes ancestrais das suas gentes, das suas tradições e costumes, do mistério das suas lendas, e iniciativas desportivas e folclóricas.

Para que tal lacuna não atraiçoe a virtude que presidiu a esta compilação de trechos, que se deseja tão criteriosa quanto possível, fui às prateleiras onde religiosamente guardava os meus papéis velhos, sacudi-lhes o pó e a traça de muitas dezenas de anos, e eis que vejo surgir verdadeiras relíquias de prosa e poesia de um passado mais o menos remoto, um passado que nos honra na medida em que atesta o labor de muitos Manteiguenses que, a diversos títulos, muito contribuíram para dignificar a arte literária e, através dela, para divulgação de muitos factos da história da nossa Terra que, desta forma, se perpetuam para conhecimento, admiração e estímulo das gerações futuras.

Foram instrumentos importantes dessa obra meritória de transmissão de ideias dois jornais de características essencialmente locais e regionais, orgãos esses que se sucederam no tempo e no espaço de pouco mais de cinquenta anos, e que muito contribuiram para

propagar bastantes dos anseios, dos valores, das iniciativas e realizações de uma pequena Terra isolada e encravada nas entranhas da Serra-Mãe das Serras de Portugal — a incomparável SERRA DA ESTRELA.

Esses jornais foram o "Estrela da Beira" (Março de 1925) e o "Ecos de Manteigas" (Março de 1953). Ambos nos legaram interessantes conhecimentos de algumas facetas históricas desta Vila, mediante o que se afirmaram como verdadeiros arautos da Terra que tão bem serviram.

Deles e de outras fontes nos vamos servir para dar testemunho de valores que algo souberam levantar as letras no passado.

O «ESTRELA DA BEIRA»

Com data de 1 de Março de 1925, fez a sua aparição, em Manteigas, o primeiro jornal sob o sugestivo título "ESTRELA DA BEIRA".

A título de curiosidade e informação, vão-se transcrever alguns excertos de vários números deste interessante bimensal "Órgão defensor dos interesses regionalistas", que teve como primeiro Redactor e Administrador "Abílio Antunes Lopes", e Editor "António da Costa Monsanto".

"SURGINDO... E esta luta que hoje empreendemos, sublime aspiração de todos aqueles que amam o seu torrão, visa um fim: o progresso da nossa terra, o levantamento moral da nossa gente.

Compreendemos quão árdua é esta tarefa, mormente no meio da apatia geral em que vivemos, onde as boas iniciativas raro encontram eco, quando não, um espírito hostil que as asfixia.

Não desconhecemos também as dificuldades em que vamos viver, mas resta-nos a esperança de que a parte sã dos Manteiguenses compreenderá o nosso esforço e estará a nosso lado nesta cruzada em prol do bem.

.....

Crentes de que algum trabalho vamos produzir em benefício da Terra que nos foi berço, teremos sempre por divisa "Trabalho, Honra e Dever. "A REDACÇÃO".

ALBINO DA CRUZ FILIPE, escreve: "Manteigas é uma vila importante debaixo de muitos pontos de vista, e principalmente pela sua indústria e pelo pitoresco da sua situação, engastada em pleno coração da mais alta e grandiosa Serra de Portugal, e reclinada no contraforte noroeste de um covão, possivelmente sem igual em imponência no mundo. Assim o afirmaram autorizados viajantes no momento em que, pela primeira vez, do alto do Observatório mergulharam a sua vista surpreendida nessa abertura natural, marcada no fundo do enorme desnivelamento pelos telhados da casaria em semelhança de um grande eirado, e animada na sua maior profundidade pelas águas do Zêzere que, como fita de prata, se desenrola desde as Caldas até à Figueira Brava, onde desaparece por ignorada e estranha saída".

*

Em artigo sob o título "MANTEIGAS", escreve RAMOS DE PAIVA: "Muito escondida, no mais profundo vale da "Serra da Estrela", espreguiçando-se ao longo do seu caudaloso amigo e protector, o Zêzere, vê nascer o sol mais tarde do que as suas vizinhas e mais cedo fugir-lhe, porque os formidáveis contrafortes que a circundam, de 600, 700 e 800 metros de altura, quase a prumo, lhe limitam o horizonte. Por isso a Natureza a dotou duma vida excepcional, e os seus habitantes são ainda o núcleo mais característico da raça lusitana.

É uma das mais antigas povoações de Portugal, tendo herdado o nome, que conserva, da sua grande indústria, hoje quase extinta, o fabrico de manteiga e queijos amanteigados, por largos anos considerados os melhores do País.

Já no tempo dos romanos teve certa importância, e na dominação agarena foi governada por um emir, pai de Fátima, que deu origem a uma das mais delicadas lendas em que é tão fértil a nossa misteriosa Serra.

Comparo esta alcandorada vilazinha, pela doçura da sua paisagem, pela beleza das suas pedrarias, pela exuberância da sua vegetação, pela filigrana das margens do seu rio, pela pujança das suas matas, pela sua posição topográfica, a essa outra povoaçãozita, encravada nos altos Pyrineus — A risonha "Canterete".

"LUZ ELÉCTRICA: — Satisfazendo uma velha aspiração bem legítima dos habitantes desta vila, a Câmara Municipal deste concelho acaba de abrir o concurso para o fornecimento de energia eléctrica para iluminação pública e particular desta vila e também para força motriz e outros usos industriais".

Do n.º 1 — (1-3-1925)

***

"Este número é inteiramente consagrado às Festas de Homenagem aos Combatentes da Grande Guerra (1914-1918) bem como a um Manteiguense que mereceu ser consagrado como Herói — o Comandante Vasco Pereira de Matos Preto. Neste mesmo dia tiveram lugar estas festas que tiveram o seguinte programa: à 1 hora da tarde, missa rezada na Misericórdia sufragando os mortos em campanha. Em seguida, um cortejo cívico onde se fizeram representar todas as agremiações do concelho, soldados combatentes da Grande Guerra, crianças das Escolas, Guarda Nacional Republicana, etc. Dirigindo-se à rua que tomou o nome do «Comandante Matos Preto», deu volta à vila, indo dispersar-se na Praça Luís de Camões, tendo antes o senhor Manuel Máximo proferido uma brilhante alocução. Em seguida, foi oferecido nos Paços do Concelho um copo d' água aos soldados combatentes da África e Flandres. Às 8 horas da noite, teve lugar uma sessão solene no teatro Almeida Garret, onde usaram da palavra Zeferino de Almeida Fraga, Fausto Ferreira de Abreu, Tenente José Biscaia Rabaça, Manuel Lucas Saraiva e, finalmente, Padre Joaquim Dias Parente.

A propósito do acto heróico que consagrou o Comandante Matos Preto, disse no seu discurso o tenente José Biscaia Rabaça: "Em 9 de Junho de 1915, quando o seu nome já se enchera de brilho valoroso, vão brilhar mais ainda os galões dos seus braços com a promoção ao posto de 1.º Tenente.

Comandante da canhoneira "Chaimite", navega pelos mares de África, sempre no leal dever de marinheiro que jurara solenemente pugnar pelo maior engrandecimento da sua Pátria. Circunstâncias de carácter internacional, levam os alemães a violar a nossa neutralidade em terras de África...

Naulila e Rovuma são dois autênticos campos de batalha nesse inesquecível teatro da Grande Guerra. Matos Preto comanda a "Chaimite" que se encontra ao largo, no Rovuma. Mas observa o ardor da peleja, constata a inferioridade numérica da nossa gente de guerra, e lembra-se que as baleeiras da sua canhoneira, devidamente abastecidas e guarnecidas em munições e pessoal, se encontram em perigo junto à margem portuguesa do Rovuma. O perigo é iminente. Ordenar cometimentos de salvação aos seus marinheiros, é sepultá-los num oceano de sacrifício inglório. E cheio de abnegação, vai marchar, sozinho, para dar ao mundo um dos mais lindos exemplos de amor.

Arriba as balieiras, mas os seus marinheiros estão mortos. Desfaz-se das munições. Era já noite. Procurando a protecção da treva, salta para a terra, e, louco de entusiasmo, forte e valoroso, vai batalhar ainda. A superioridade numérica dos alemães esmaga os esgotados esforços lusitanos, e misteriosamente o último punhado de bravos portugueses vê arrefecer o cano ardente das suas espingardas nas agruras do negro e frio cativeiro.

Matos Preto fica prisioneiro, ele que valorosamente houvera atirado a sua vida para o campo infernal onde apenas pairava a morte.

Serenado o combate, o alto comando inimigo oferece-lhe a liberdade mediante a declaração, por escrito, de que não voltaria a combater os alemães em qualquer campo de batalha. Matos Preto repele a proposta ignóbil. Mil vezes preferível a morte, mil vezes preferível a eternidade do cativeiro, do que uma liberdade ignóbil, ignobilmente conquistada. E lá fica no campo de concentração desde essa data histórica de 27 de Maio de 1916 até 29 de Novembro de 1917.

Os alemães admiram-lhe o seu valor, mas martirizam-no, esquecendo-se mesmo da sua condição de oficial da armada.

E naquele sacrifício santo, sofrendo a delícia da mordaz saudade da Pátria, daquele "delicioso pungir de acerbo espinho", como lhe chamou Garret, privado de mantimentos e de conforto, o valente marinheiro contrai a temível doença (tuberculose) que ingloriamente o vai roubar à vida em 19 de Junho de 1922, precisamente na altura em que a vida era mais preciosa ainda, porque a reclamavam, além da Pátria, as ternuras da sua esposa e os encantos do seu primeiro filho.

O seu feito heróico não ficou esquecido.

A Pátria sabe recompensar o valor dos seus filhos e, desta forma, em decreto de 31 de Maio de 1919, o Comandante da Chaimite, Vasco Pereira de Matos Preto, então já capitão-tenente desde 25 de Abril de 1918, era condecorado com a CRUZ DE GUERRA pela incomparável abnegação com que forçosamente se quis sacrificar, correndo em salvamento dos seus marinheiros, além de pretender libertar ou inutilizar as embarcações abandonadas com o material que contivessem, no Rio Rovuma, em 27 de Maio de 1916".

Ainda a propósito deste ilustre Manteiguense e herói da Grande Guerra, escreveria para o "Estrela da Beira" o Grande da política desses tempos, que foi António José de Almeida: «Matos Preto deixou um nome. Celebrá-lo, não chega a ser uma virtude, porque é uma obrigação. E de entre os pendões que as gentes vindouras hão-de desfraldar, na jornada eterna que nunca cansa, o nome do famoso batalhador do Rovuma será dos mais fortes e dos mais belos".

*

"SOLDADOS DO CONCELHO DE MANTEIGAS MORTOS NA GRANDE GUERRA (1914-1918) EM FRANÇA: Amândio Pereira Lucas, António Gonçalves Leitão. Em África: Luís Felício, Manuel de Jesus Neto, José Catarino e Manoel Craveiro Simão Basto.

COMBATENTES EM FRANÇA: — Serafim Direito Saraiva, Samuel Lopes Espinho, José Pereira Serra, Manuel Ramos Botelho, Manuel Batista Paiva, José Registo André, Adelino Paiva, Joaquim Paiva Barriga, Joaquim dos Santos Carragosela, João Braz Ramos (prisioneiro dos alemães), Zeferino Lopes da Rosa, José da Costa Monsanto, Alfredo Figueiredo, Manuel Batista Leitão, Manuel Dias Craveiro, Luiz Rasteiro, João Vinagre, António Lopes, Joaquim Cabral, João da Costa Monsanto, António André, José Saraiva de Matos, Manuel Vinagre, Eduardo Saraiva Guedelha, Manuel Saraiva, João Batista Paiva, António Lucas Coelho, Manuel de Jesus Cleto, Manuel Gomes, Manuel dos Santos Gaspar, Luiz Ramos da Cruz e António Sabugueiro".

"COMBATENTES EM ÁFRICA: — Artur Martins Serra, Manuel Domingos, Manuel de Jesus Ramos Leitão, Joaquim Cardoso, David Prazeres Ribeiro, António da Cruz Morais, José da Cruz Morais, João Antunes Lopes e Joaquim Roque Abrantes".

do n.º 4 — (12-4-1925)

"A NOSSA TERRA — Vejo-te lá ao longe, no fundo do vale imenso, talhado entre a Serra, onde negreja o teu casario baixo, resistindo às intempéries como soldado no posto de combate.

Estendida pela encosta que te serve de abrigo, vives uma vida moldada nas tuas hospitaleiras tradições, entregue a ti mesma numa lassidão descuidada, a quem não faz minga o progresso alheio.

São tristes as tuas casas, mais parecidas com tugúrios antigos e em decadência onde se abriga uma mole imensa de gente e se não faz sentir a acção do homem, talvez para não perderem a característica de desleixo que aparentam.

Não há estética e a higiene é precária naquele amontoado em que cohabitam gente e animais, quase em promiscuidade, e, todavia, a saúde não falta àquela gente que parece não conhecer doenças.

Uma que outra casa mais cuidada destaca-se, branquejante, no meio daquela pulverização de negrume, que dão à vila um aspecto menos triste. Nestas casas solheirentas e alegres respira-se um ar mais são e a higiene é mais completa.

As ruas, de calcetaria imperfeita, são estreitas e irregulares.

Nas extremidades da vila sobressaem, muito branquinhas, as Igrejas com as torres ao alto, implorando piedade a Deus. Ali acorrem os fiéis penitenciando-se dos seus erros, numa unção mística só igualada no Minho, onde as Igrejas se enchem a todos os actos do culto. Dos locais em que estão erguidas, visíveis até lá acima ao alto da Serra, parece que estão abençoando as fertilíssimas várzeas do exuberante vale, cheio de luz, de verdura e de encanto, desde os lameiros fundeiros até aos vinhedos e terrenos de cultivo que, em socalcos pela encosta acima, dão a ideia de grandes escadarias a perderem-se nas ridentes matas que se prolongam pela serra acima, até junto dos fraguedos monstros e dos terrenos áridos e estéreis.

Espalhadas pelas encostas, vêem-se lindas ermidas e casas esbranquiçadas servidas por tiras de estrada que partem da vila e se somem ao longe, vendo-se ainda algumas casas arruinadas ao fundo da garganta da Serra, que servem de abrigo aos enfermos que procuram nas águas das Caldas panaceia para os seus males. Milagrosas águas, que errastes a nascente...

Ribeiros de água cristalina fendem a montanha e, cantando a sua melodia triste, vão juntar-se no rio marchetado lá no fundo e que, zig-zagueando, dobra a montanha e segue o seu fadário de abeberar as terras, mover os moínhos e accionar as fábricas que,

espalhadas ao seu redor, produzem há muitos anos artigos regionais de consumo em todo o país.

O progresso ainda não entrou nestas fábricas cujos produtos conservam sempre as mesmas características, facto que origina prolongadas crises, devidas, em parte, à pertinácia dos homens que se não amoldam a variar de fabrico. Nem isso é de estranhar, porque se outrora este lindo e formoso vale foi o «poço da ciência», é hoje um posto de indolência... onde o progresso não faz mossa.

Quando por toda a parte se procura, num arranco hercúleo, desenvolver todas as riquezas locais e aperfeiçoar aquilo que o mereça, aqui, num "deixa correr" que pasma, tudo se aguarda da Providência e nada se faz digno de nota.

Tanta riqueza inexplorada que podia transformar-se em caudais de ouro, se a miopia cerebral não fosse tão manifesta numa sociedade que nada faz em benefício da sua terra — mundo ignorado dos que a saboreiam..."

LINO LOPES.

Do n.º 16 — (18-10-1925)

*

"EXCURSÃO À SERRA — Lembro-me como se fosse hoje — e já lá vão anos.

No dealbar da madrugada estival clareavam no horizonte os arrebóis precursores de um formoso dia, quando na praça fronteira surgiram os companheiros para a excursão à Serra. Esperava-os há muito, contando os minutos que passavam, ansiando por partir.

Chegou o almocreve e aprestamo-nos para marchar. Almocreve à frente e nós atrás, munidos de varapau nodoso servindo de bengala e muleta, chapéu de palha ordinária na cabeça, botas grossas calçadas e fato velho vestido, partimos para o alto em demanda do desconhecido.

Deixávamos as últimas casas da vila quando rompia a manhã alvacenta e límpida, e se sumiam as estrelas no livôr do céu, a anunciar um dia claro e solheirento.

Na quietude desta manhã estival entrecortada apenas pelo melancólico marulhar das águas ribeirinhas e pelo tilintar da guisalhada pendente da viseira do animal que, trupe que trupe, seguia na sua

marcha cadenciada, lá íamos calçada acima aberta em zigue-zagues por entre as vastíssimas matas que cobrem a encosta e formam uma coleira em volta da grande bacia engrinaldada.

Passaritos receosos esvoaçam fugindo de nós que, àquela hora matinal, os importunamos sem lhes fazer mal.

À medida que íamos subindo, espicaçava-nos a curiosidade louçã e juvenil, e movia-nos o desejo ardente de desvendar o mistério que para nós representava a Serra, ali a dois passos, segredando-nos delícias e gemendo queixumes de majestade traída e abandonada.

Abeirámo-nos do Sanatório onde outro amigo nos esperava — quarto do grupo — para nos acompanhar, ele que conhecia a Serra e os seus mistérios.

O Sol aparecia, estremunhado e espreguiçante, a dardejar os seus raios, fulvos como cristais de ouro, nos píncaros dos montes, incidindo-os depois nas vidraças dos prédios isolados — faróis vários esparrinhando outros raios luminosos...

Uma brisa agradável, penetrante, corria pura, limpando os pulmões, e nós, estrada fora, subindo sempre, antevendo num gozo espiritual as maravilhas da Serra, passámos o Sanatório e entrámos no caminho da terra solta que leva lá acima pelo dorso além.

Mato rasteiro e capim sedoso é a única vegetação que, de mistura com penedos multiformes, pulverizam a lombada altaneira.

À direita, destacantes, levantam-se as Penhas Douradas, onde o sol batendo de chapa, dá aos fraguedos um tom fulvo. À esquerda, mais em baixo, ameaça castigo a Fraga da Cruz, virada para a vila, de olho vesgo e sobressenho carregado. Aqui e ali, córregos fundos escoam água cristalina e pura, e, nos sítios abrigados, resteva de centeio aguarda, submissa, enxada implacável.

Ao longe, emerge da terra o Cântaro Magro, sempre crescendo à medida que avançamos. Caminhando sempre e seguidos do Sol, chagámos cedo aos Barros Vermelhos — ponto bivaque de todas as caravanas.

Cozinhado o almoço em lareira improvisada, saboreámos o repasto em mesa aleijada de granito escuro, regado de água leve e saborosa que no estômago caía como delícia maravilhosa. Terminado o repasto, fomos de longada até à Lagoa Comprida, que admiramos pela sua extensão e largura, de águas paradas e fundo negro. Mais em cima, entalada nos rochedos, agita-se em ondas cansadas a Lagoa Escura, encantadora, de água espelhenta batida pelo Sol.

Torneando os montes e andando sempre, encontramo-nos no cimo de uma formidável rima de penedos, postos a esmo, sem conta nem linha, tendo nos baixos da escarpa uma Lagoa funda, a sopear o Cântaro Magro que se ergue em frente — morro monstro coberto de tatuagem pedregosa. Mais para lá, impando de orgulho e altaneiro, o extraordinário Cântaro Gordo avassala todos os olhares com a sua grandeza e imponência.

Descia a tarde e o Sol fugia; e nós, forçados a retirar, deixámos aqueles sítios com a alma presa de emoção. Saltando penedos e pisando mato, voltamos ao bivaque onde nos esperava o almocreve para a merenda.

Regressámos. Chegámos ao Sanatório já Sol posto. Lá no fundo, o rio corria molemente e junto, a vila, carga mínima em estiva grande, confundia-se no manto de trevas que o crepúsculo estendia. Só a nossa alma resplandecia.

É que a mocidade é sôfrega de emoções. Incita e desvaira, forcejando sempre por embrenhar-se no desconhecido, para que no seu espírito nasça a luz que o ilumina pela vida além, e guarde, como preciosas relíquias em escrínio de ouro, indeléveis saudades do passado, que no futuro são vida".

LINO LOPES

Do N.º 20 (20-12-1925)

*

"CINEMATÓGRAFO: — No Cine-Estrela desta Vila, recentemente inaugurado, têm-se realizado, com certa regularidade, algumas sessões, exibindo-se filmes que têm agradado, alguns até com bastante êxito, como a "Vida de Cristo", exibido em Novembro último em três sessões sucessivas, e o «Garoto de Charlot», exibida na penúltima 6.ª feira".

*

"MONOGRAFIA HISTÓRICA: — Toda a obra, para se tornar sólida e perdurável, deve ser revestida, no começo, de cuidados imprescindíveis. O princípio é o alicerce. Queremos construir a obra de engrandecimento da nossa Terra?

Vamos a isso. O alicerce, neste casso, é a história, base moral imperecível. Indaguemos primeiro, sintetizemos depois.

Mas o nosso concelho não tem história, dirão os cépticos, os tais velhos de que venho de me referir.

Tem sim, senhor, afirmarei eu.

Todo o passado tem história — mais gloriosa, menos gloriosa, mas tem história. As suas lendas, onde por vezes há vislumbres de realidade, os seus grandes homens, que os teve Manteigas, a sua organização municipal, cuja origem poucos conhecem, e bem assim a respectiva marcha evolutiva, enfim, tudo o que possa dizer respeito à vida do nosso concelho.

Depois, suavize-se a narrativa com a descrição das suas belezas naturais, as suas flores, os seus vales profundos, o declive abrupto das suas encostas, as grandes altitudes e grandeza magestática dos seus horizontes, a neve (rosa privilegiada dos nossos invernos), enfim, historie-se o passado e ilumine-se com a própria luz do Sol que o aqueceu e que hoje nos aquece e ilumina a nós.

Resumindo: escreva-se a monografia histórica do nosso concelho.

À ideia do corpo anda intimamente ligada a ideia da alma.

Uma frase, para ser bela, deve ter forma e deve ter ideia. Pois bem: essa monografia histórica será a alma do novo corpo, será a ideia da nova frase que desejamos escrever, formar.

A tradição é a alma do futuro.

E um corpo sem alma, será matéria simplesmente".

J. B.

Do N.º 21 (3-1-1926)

*

"ILUMINAÇÃO: — "Fiat lux"!... Vem sendo, desde há muito, o grito uníssono de todos os verdadeiros amigos de Manteigas. No entanto, até hoje, nem um simples candeeiro de petróleo, apesar de nos encontrarmos no proclamado século das luzes. Mas parece que já existe quem veja «às claras» uma lógica solução para o problema — a electricidade.

Oxalá que o presidente da comissão executiva da Câmara Municipal — sr. Zeferino Fraga — consiga levar a bom êxito, com o seu

grande prestígio pessoal (visto que a organização da actual Câmara não foi inspirada em princípios de alta finalidade político-regionalista) aqueles bons desejos que, desde longe, nos vem manifestando. Não lhe falta inteligência nem honestidade para que todos os munícipes deixem de ver nele todas as qualidades indispensáveis para tratar um tão magno assunto.

Qual a melhor solução?

A adjudicação dos serviços de luz a uma empresa particular ou a municipalização de tais serviços? Não conheço a vida financeira do nosso Município. Possuindo boas reservas e havendo em Manteigas quem, no futuro, queira trabalhar desinteressadamente eu seria pela municipalização dos serviços; não se verificando,todavia, aquelas condições imprescendíveis, então, recorria a um concurso público e consequente adjudicação a particulares, mediante direitos e garantias devidamente acautelados por um bem elaborado caderno de encargos. Esta solução parece-me até a única que consegue ter viabilidade.

Mas, seja como for, resolvam o problema e deixem-se de platonismos e de questiúnculas intrigantes.

O que se torna urgente é podermos dizer bem alto o complemento da frase com que hoje iniciamos estas breves considerações: "et lux facta est"!...

J.B.

Do N.º 23 (7-2-1926)

NOTA — A inauguração da luz eléctrica verificou-se no decorrer do ano de 1928.

*

"RESSURGINDO: — Após alguns anos de silêncio, volta a aparecer o já conhecido "Estrela da Beira" para formar na vanguarda com os elementos que se empenham pelo engrandecimento deste Município e do belo recanto do nosso Portugal que é a Serra da Estrela.

Infelizmente, de há longos anos que tem sido esta Serra —

por que tanto se interessaram homens de envergadura, como o saudoso professor Sousa Martins, o Conselheiro Emídio Navarro e outros — votada ao mais criminoso dos abandonos, bem traduzido no considerável atraso em que vivemos e na pavorosa crise que nos ameaça, se não nos unirmos — um por todos e todos por um, como é dos bons preceitos da sociologia.

Torna-se, por isto, necessário congregar e unir todos os elementos, filhos e amigos desta terra, para se fazer alguma coisa.

Dada a grande disseminação destes elementos, de há muito que se fazia sentir a falta dum porta-voz que, como laço de união, estabelecesse pronta e eficazmente o contacto com todos e lhes levasse, com as notícias daqui, as manifestações do anseio comum por um futuro melhor.

Este porta-voz e laço de união só podem ser realizados com eficiência por um jornal. Nesta ordem de ideias, volta a surgir o "Estrela da Beira", contando com o apoio e simpatia de todos, a quem, desde já, envia as mais afectuosass saudações.

Não vem o "Estrela da Beira" para dividir, para fomentar discórdias ou entretecer rivalidades. Vem, sim, para criar um ideal colectivo, comum, para fazer regionalismo herminista.

Do passado, só recordará o atraso para o remediarmos, e os motivos de estímulo para progredirmos. Do presente, apenas se procurarão apagar as lamentáveis dissenções que, por vezes, nos têm dividido. E do futuro, tudo se fará para criar um ideal comum, superior a essas dissenções, que possa congregar o esforço de todos à sua volta.

Definidas, assim, as linhas gerais que nortearão o novo quinzenário, apelamos para o bom acolhimento desta iniciativa que só tem em mira contribuir para o progresso desta região".

A REDACÇÃO

Do N.º 25 (1-3-1931)

O "Ecos de Manteigas"

Com data de 22 de Março de 1953, fez a sua aparição, nesta Vila, o segundo jornal aqui publicado, que tomou o título "ECOS DE MANTEIGAS".

A título de curiosidade e informação, vão transcrever-se alguns excertos de vários números deste "Quinzenário Regionalista", propriedade de Francisco Esteves Gaspar de Carvalho, e que teve como Director, durante a maior parte da sua existência, o Dr. José Esteves Gaspar de Carvalho.

RAZÃO DE SER: —"... E assim, como consequência, certamente, das formidáveis hecatombes que abalaram o Universo durante os últimos anos, nos encontramos nesta atmosfera de confusão e nesta complicada encruzilhada de pensamentos que caracteriza o século XX, no qual cada sensibilidade, combatendo o sentido homógeneo dos ritmos normais e os preconceitos do conservantismo, procura, num impulso de síntese, um mundo novo, uma atitude nova, uma ideia nova na ciência, na arte, na literatura, em todas as modalidades da vida.

Talvez mais ou menos influenciados pelas características da época, e em resultado de várias desssas conversações em que tantas vezes se procura conjugar o idealismo com o materialismo, nos ocorreu a lembrança de editarmos em Manteigas um modesto periódico, no qual fosse possível traduzir, ventilar e discutir as ideias susceptíveis de contribuirem para o progresso e engrandecimento da nossa região. Não mais nos abandonou essa ideia, e antes pelo contrário, ela continuou sempre a germinar e a tomar vulto, a ponto de hoje se transformar numa realidade.

.....

Ele será o porta-voz dos intereses da nossa Região, será o auspicioso mensageiro para todos aqueles que, directa ou indirectamente, se encontram relacionados com este encantador recanto do nosso Portugal, será, enfim, o eco — e não só o eco mas também o espelho cristalino e perseverante — do valor e das belezas naturais deste aglomerado de montanhas que, num complexo de altíssimos cumes, de deslumbrantes encostas, de verdejantes vales, de frondosas florestas, de tradicionais rios, de imponentes cascatas, de silenciosas lagoas, de caprichosos penedos, de lendárias silhuetas e de inumeráveis encantos, constituem expressiva moldura natural à laboriosa e progressiva vila de MANTEIGAS".

Do N.º 1 (22-3-1953)

A seguir, e de outros números deste quinzenário, se transcrevem locais que exaltam Manteigas como lugar privilegiado a emergir, no seu conjunto mais eloquente e significativo, do contraforte virado a sul, deste mais que belo, imenso e incomparável vale do Zêzere:

Manteigas

"Esbelta vila em pleno coração do Hermínio.

Como te vejo encantadora de sonho, beleza e poesia!...

Não me canso de admirar teu lindo casario alvinitente e de telhados rubros, reverberando ao sol acariciador ou coberto por espesso manto de neve.

Como é surpreendente o panorama de qualquer ponto que se observe!

Matas frondosas, fartas e exuberantes, povoando as encostas até ao mais do fundo vale, indo mirar-se nas espelhantes águas do Zêzere, tão útil como belo, povoado de soberbas trutas, muito gratas ao paladar.

Nas suas encostas, além de belas e ricas florestas, crescem e desenvolvem-se extensos vinhedos que nos dão um néctar puro e leve, lembrando-nos o verde minhoto, saboroso e tonificante. A par destes, vêem-se grandes soutos povoados de castanheiros de todas as idades, que constituem imensa fonte de receita.

Mais ao fundo, as pacíficas oliveiras, produtoras de azeite da Serra, tão elogiado pelo nosso grande Eça.

Aos pés, na margem do rio, extensos e fartos lameiros de erva tão fofa e macia, onde (plagiando o grande prosador) apetecia cair e rolar.

Deves render a Deus preito e menagem por te dotar de águas puras, ares finos e leves, lugares amenos e deliciosos.

O "POÇO DO INFERNO", com sua cascata despenhando-se do alto e correndo com fragor por entre uma vegetação soberba e luxuriante; com as suas sombras e poesia bucólica que nos convidam ao repouso e à meditação, fazendo-nos esquecer as misérias que vão por este torturado mundo.

AS "PENHAS DOURADAS", com as suas vistas encantadoras, suas águas puras, sua bela e frondosa mata e suas vivendas,

lugar aprazível de veraneio, onde muita gente procura sossego e repouso.

As "CALDAS", com suas águas termais de remota fama e seu lugar privilegiado.

OS "CÂNTAROS", com sua incomensurável mole granítica que nos maravilha e assombra com a sua desmesurada altura e magestade.

As poéticas "LAGOAS DOS CÂNTAROS E DA PAIXÃO; a "FONTE PAULO LUÍZ MARTINS", de fecundo manancial, que dizem nascer nos Pirineus. Todos estes sítios e muitos outros dignos de visita, são motivo para sentirmos orgulho e vaidade por vivermos em tão formoso rincão.

Os seus encantos naturais fazem desta terra o mais belo e variado local turístico da Serra da Estrela.

Possui a vila bons hotéis e pensões onde o visitante é tratado com lhaneza e afabilidade, regalando-se com manjares e cozinha regionais.

A par de tudo isto, para dar nota do seu grande progresso industrial, vemos junto ao Zêzere as suas laboriosas e modernizadas fábricas de lanifícios, a maior fonte de receita dos seus hospitaleiros filhos.

São também dignas de visita duas lindas e douradinhas igrejas — de Santa Maria e de S. Pedro — e ainda algumas capelinhas bucolicamente espalhadas entre tufos de vegetação, pelas encostas da Serra.

Filho adoptivo de Manteigas, sinto-me feliz por viver e labutar em tão acolhedor como famoso rincão.

Nele também o turista se sentirá desanuviado de corpo e alma e, após a primeira visita, virá mais vezes, virá sempre, porque creio não se enfastiará. Cada vez achará mais beleza e magnitude em toda esta hospitaleira região".

A. M.

Do "Ecos de Manteigas" N.º 7 (14-6-1953)

Noiva da Serra

"Foi já um ror de anos, já lá vão cinco, que estive uns escassos dias em Manteigas, a convite dum leitor. Precisamente em Julho

de 1956, que a caminho, como habitualmente, de Paris, deixei as malas na Guarda, e numa velha camioneta me botei à descoberta da linda vila da Beira.

Recordo-a ainda com saudade! E neste momento minha mulher, vendo-me traçar esta dúzia de linhas, afirma-me esperançosa: "Havemos de voltar!"

Sim, possivelmente, voltaremos um dia...

Não, não esqueci. Tenho bem gravada na memória, nos olhos, toda a grandeza viril da Serra da Estrela, vista cá de baixo, de Manteigas. Aquele pontinho lá no alto, quase a roçar o céu, da Pousada de S. Lourenço...

À noite, olhos fixos nele, dizíamos baixinho, quase num murmúrio: "Foi ali que passámos os mais belos dias da nossa vida — a nossa lua de mel".

Então parecia-nos, tínhamos a sensação que aquela luzinha cintilava mais forte, mais que qualquer outra estrela do firmamento!

Manteigas, tão branca, tão linda, é a mais fascinante, a mais garbosa, a mais pura de todas as filhas dos Montes Hermínios! Encanta, prende o primeiro que a conhece. É uma moçoila de olhos profundos, que seduz... leva ao altar, ao casamento!

E não sou eu que o digo! A cada passo a relembrávamos, sempre que deparava com o meu querido amigo, hoje vivendo no Algarve, Patrick Wyler, ex-secretário da embaixada dos E. U. A. em Paris. Pat, como lhe chamávamos na intimidade, ia de quando em quando a Manteigas passar temporadas por causa da sua bronquite, tinha por esta vila tão portuguesa um sincero carinho, uma firme amizade. Recordo mesmo ter-lhe dito, ao descrever certo opíparo almoço em que o famoso queijo fez honras da casa, às bordas da Fonte Fria: "A Serra, vista de Manteigas, é uma poesia que se vê, palpita, nos convida a meditar, a encontrar-mo-nos finalmente a nós mesmos!"

E é verdade! Manteigas lembra uma "vernissage"! E sugere-o, porque é todo um conjunto de telas esplenderosas, diferentes, com manchas fortes que vão do branco ao verde, do castanho ao azul do céu. Aqui é uma aguarela pastoril a respirar poesia — para, logo a seguir, ser um quadro impressionista, uma mancha viril, forte, trabalhada a espátula, quase dantesca, como é o caso do Poço do Inferno, a 1.075 metros de altitude — à qual só falta em primeiro plano a figura épica de Viriato. As perspectivas de Manteigas são

feitas de harmoniosos contrastes, que vão desde a musicalidade das suas fontes, parecendo rezar, até às águas agitadas, prenhes, de vida, que é o seu viveiro de trutas!

Manteigas não é imponente — lembra uma linda rapariga a cheirar a flores do campo! Tudo nela é simples e transparente".

CARLOS DE RIOBOM

Do "Ecos de Manteigas" N.º 203 (8-4-1962)

QUEM DISSE QUE MANTEIGAS NÃO TEM HISTÓRIA?

"Pela altura a que subiu, chamaram-lhe da Estrela, e bem merece o ceptro de rainha porque, imponente e altaneira, se ergue no coração de Portugal, acima de todas as outras serras.

O seu dorso granítico e xistoso estende-se de Nordeste a Sudeste, arquejando como o peito de um gigante cansado da subida: dobra-se aqui, acolá alteia-se e logo se agacha mais além, para depois se elevar a 1991 metros, dividida numa miríade de chapadas e lapões onde a música do silêncio embala o sono de temíveis rochedos.

No Verão, quando o sol doura os píncaros e os campistas se espalham a semear vida; no Inverno do vento áspero, da neve e das trovoadas; na Primavera vaidosa com requintes de dama esbelta; no Outono desfigurado e triste, a matizar as encostas; da vastidão agreste da Nave de Santo António à quietude das Penhas Douradas; da imponência dos Cântaros onde as águas rumorejam ao romantismo do Poço do Inferno; com os desportos de Inverno e as escaladas emocionantes em milagres de equilíbrio; com a pesca à truta e a caça; com o encanto e frescura de um simples passeio — sempre, de qualquer ângulo e por tudo, a Estrela é de primeira grandeza no turismo nacional.

Dos altos cumes e dos planaltos áridos, desce-se à doce serenidade dos vales onde a vista se queda em terno esquecimento. O Zêzere lá vai alegre e buliçoso, e no fundo, ocultando-se na ramaria escura dos pinhais e dos castanheiros, está Manteigas, a Princesa Encantada das alturas, que o rio namora.

O instinto de defesa levou Viriato a estabelecer ali o seu quartel-general. A vitória dos romanos, porém, deu-lhes a posse destas terras e logo as aproveitaram para a criação de gado. Primeiramente o homem instalou-se ao lado dos riachos e dirigiu-lhes as águas para os pastos. Depois, sempre desbravando a encosta, subiu pelos socalcos onde a agricultura prosperava, e levou o lar a mil metros. Aqui atraíam-no os mistérios da serra e foi-os desvendando um a um, enquanto desalojava os animais bravios e garantia aos rebanhos a frescura de novas pastagens.

O valor crescente da povoação advinha-se pelo foral de D. Sancho, em 1188, e renovado em Lisboa por D. Manuel, a 4 de Março de 1514. A vila pertencia, então, ao padroado real e era comenda da Ordem de Cristo.

Por voltas do ano 1710, beneficiou da política mercantilista do Conde da Ericeira, e nascia, sem grande fulgor, a primeira fábrica de lanifícios. Mas o isolamento, dificultando as comunicações, não ajudava o esforço dos braços e, assim, em 26 de Junho de 1896, o concelho era anexado ao da Guarda. Apenas ano e meio passado, a 13 de Janeiro de 1898, voltou à autonomia e surgiu a Manteigas de agora, dinâmica, impulsiva e vigorosa.

Seria longo rememorar o somatório de esforços que o novo ciclo de administração exigiu. Hora difícil, dúvidas e embaraços. Afeito às dificuldades, o Manteiguense ingénuo, simples e destemido, encarou o futuro com optimismo. Não era possível caminhar depressa, mas mantiveram-se as crenças e a fé redobrou para nascer, do sacrifício de todos, a vila que se espreguiça lá no fundo, entre as ameias debruadas da grossa muralha.

Esta Manteigas amanhece nervosa com o apito das sirenas que chamam à fábrica. Vem para a rua em fervilhante actividade, agita-se e distrai-se no trabalho. Habituou-se a isto e, haja sol ou caia chuva, as filas dos operários não param, ainda que o suor se misture com a lama dos caminhos".

JOSÉ LOPES FERRÃO

Do "Ecos de Manteigas" N.º 189 (20-8-1961)

Serra da Estrela — Poço do Inferno

Quartel dos Bombeiros Voluntários de Manteigas

O "Notícias de Manteigas"

Conquanto propositadamente dele não me tenha socorrido, tal como o fiz com os dois primeiros, não pode deixar de se assinalar aqui (por uma questão de relato histórico) o aparecimento de um terceiro jornal em Manteigas — "NOTÍCIAS DE MANTEIGAS" (Novembro de 1977).

A não inclusão, neste trabalho, de quaisquer excertos deste periódico, fica a dever-se apenas à circunstância do seu relativamente recente aparecimento, ainda, e de se pretender, desta forma, dar azo a que outros, num futuro mais ou menos distante, dele se possam servir, tal como aqui se fez em relação aos dois periódicos anteriores, procedendo então a nova escolha de dados históricos, que poderá ser mais vasta e rica do que aquela a que agora se poderia proceder.

Desta forma e indirectamente, cremos estar a contribuir para o futuro historiar de Manteigas, dando azo a que outros possam vir a prosseguir o caminho iniciado com a presente Antologia, vindo a congregar em novo volume novos dados históricos, tradicionais e etnográficos que, através do futuro, possam vir a ser considerados dignos de arquivo em vista à continuidade da divulgação histórica de MANTEIGAS.

CAPÍTULO TERCEIRO

Rebuscando os Arquivos

"REBUSCANDO OS ARQUIVOS" pretende ser um capítulo deste livro cujos documentos e excertos transcritos possam ser tidos como velhas raízes de árvore centenária a penetrar no solo de um passado mais ou menos remoto — algum, mesmo muito remoto — debaixo de cuja fronda majestática poderemos abrigar-nos das intempéries da História.

Alguns trechos não serão, propriamente, documentos históricos transcritos, mas terão sido escritos tendo por objectivo focar dados e conhecimentos que são pertença do nosso passado histórico.

Aqui ficam alguns testemunhos.

Um Documento Histórico

Foral dado ao Conçelho de Manteigas por El Rey D. Manoel o Primeiro

Dom Manoel etc. Avemos dauer primeiramente pollos moradores da dita villa em cada humanno çimquo mill e quatrocentos Reaes de colheita que se montam nas cento cimquoemta livras em que o gemtar foy apreçado quamdo por el Rey Dom Dinis foram mudados

nas ditas cento e cimquoemta livras os L (60) maravedis douro per que na primeira pouaiçam a dita colheita foy posta per a quall paga poderam lamçar fimta quamdo as rremdas do comçelho a issonam abramgerem per a quall fimta namsera escussa nehuã pessoa por privillegio nem jssemçam que tenha posto que clerigo seja a quall paga se fara per dia de Sam Joham baptista.

Dízimas das semtemças

E a dízima da eixcuçam das semtemças he dereito rreall e leuarsea pollo senhorio dos outros dereitos E nom se leuara a dita dizima polla dada das semtemças somente polla eixecuçam dellas e de tamta parte se leuara a dita dízima de quamta se fezer a eixecuçam posto que a semtemça de moor conthia seja a quall dizima da mesma eixecuçam se nom leuara seja de leuou a dizima em outra parte polla dada della.

Maninhos

E nam se leuam maninhos aos moradores da dita villa das terras somente que laurarem demtro do seu lymyte porque quamto lhe foy assy dado por privillegio pollos senhorios passados confirmado per nossa casta E assy per este nosso forall pera sempre.

Tabaliães

Pagaram mais cada hum dos dous tabaliães que ha na dita villa de pemsam em cada humano trezemtos Reaes ao senhorio dos outros dereitos.

Vemto

E o gado do vemto nam se leuaram no dito lugar porque amda com os outros lugares e la na serra se faz ajumtamento per sam Joham segundo amtigo costume e se vay fazer a repartiçam em Covilhaã porem a quallquer tempo que se com donos do gado perdido ho acharem no dito lugar lhe sera logo entregue sem mais outra dillaçam.

Montados

O Montado do gado de fora que vem pastar nos limites do montado da serra que he apartado per sy nosso pagaram o dito montado a nossos officiaes como sempre pagaram E se poderem comçertar E se quiserem passar no outro termo e limyte da dita villa pagaram aos officiaes della segumdo se concertarem guardandose amtre o dito comçelho e os vizinhos e os costumes emtigos de hermymdades e vizinhanças segumdo sempre costumaram.

Pena Darma

Da pena darma se leuaram duzentos reaes e a arma perdida a quall nom levara o senhorio dos outros dereitos por que nom tem a jurisdiçam e sera do comçelho quamdo a demandar ao tempo contheudo em nossa hordenaçam e doutra maneira nam com estas declarações etc. E o mais deste capítollo.

E a portagem. E a pena do forall he tal como na Lousaã dada na nossa muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa aos quatro dias do mes de Março era do nacimento do nosso senhor Jhesus Christo de mill e quynhentos e quatorze annos.

E subscripto pello fornam de pina. Em dez folhas com esta.

Carta de El-Rei D. Manuel o Primeiro

Dom Manoel, pela graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, dáquém e dálém mar em África e Senhor da Guiné e da conquista da navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia.

A todos os Juizes e Justiças de nossos Reinos a que esta carta for mostrada, saúde.

Sabei que os moradores do Concelho da Vila de Manteigas mandaram dizer por sua informação que alguns deles puseram algumas árvores como mandara a nossa ordenação, outros as não puseram por saberem que a terra é de tal e tal qualidade e tão fria, que não haviam de prender, como de facto não prenderam aquelas que foram postas, pelo qual o recebedor da chancelaria da correição da

Beira lhes queria agora levar as penas contidas na nossa dita ordenação, dizendo que encorreriam nelas por assim não pôrem as ditas árvores e as darem presas como a nossa dita ordenação mandava, e por quanto a dita terra não era tão fria e de tal qualidade, que de nenhuma maneira se podiam criar as ditas árvores nela, pelo qual eles não podiam fazer que se criassem e cumprirem a nossa ordenação.

Pedindo-nos eles suplicantes por mercê que por serem homens pobres, vista a causa legítima, lhes quisemos relevar e quitar a dita pena de dinheiro da ordenação em que assim incorreram.

Temos por bem e nos apraz de relevarmos como de facto relevamos aos suplicantes livremente de todas as penas em que incorreram por não pôrem as árvores de fruto, nos quatro anos, como pelo bacharel João Vasques quando estava com alçada na comarca da Beira e mandamos que pelas ditas penas penhorados lhe sejam tomados seus penhores e livremente como é dito.

Contanto que eles suplicantes tornem a pôr as ditas árvores de fruto, para o que lhes damos despacho e prazo de dois anos, o qual prazo começará do tempo e façam de pôr das árvores primeira seguinte. E não as pondo durante dito tempo, que por esse mesmo facto incorram nas ditas penas assim como nas passadas como nas de agora sob as quais lhes mandamos cumpram nosso mandado.

E porém mandamos a vós nossas justiças que se os ditos suplicantes são já penhorados pelas penas passadas em que incorreram por assim não pôrem as árvores de fruto, lhes façais logo livremente tomar os ditos seus penhores como foi dito e eles terão cuidado de pôr as ditas árvores e a cumprir nosso mandado nos termos contidos nesta nossa carta sob as ditas penas como em cima foi declarado e por sua guarda e nossa lembrança lhe mandamos dar esta nossa carta assinada do nosso selo pendente a qual mandamos que se cumpra e guarde em todo como nela é contido e ela nos foi dada na nossa cidade de Lisboa o derradeiro dia do mês de Agosto.

El-Rei mandou pelos doutores Fernão Roiz Adaam de Coimbra, e Gonçalo Dazevedo ambos do seu concelho e desembargo e seus desembargadores do paço. Francisco Dias a fez no ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos anos.

Pagou seis reais e dasynar (40 R). O doutor Fernandes... O doutor Gonçalo Dazevedo.

Um Histórico Documento Camarário

Sessão do dia 13 de Outubro de 1888

Presidência do Senhor António Craveiro Rabaça Sénior.

Presentes: João Abrantes Martins da Cunha, Alfredo Baptista Leitão e Manoel Duarte Cleto, Senhores Vereadores. Também esteve presente o Senhor Administrador do Concelho — António Correa de Noronha e Menezes. Às dez horas da manhã o Senhor Presidente deu por aberta a sessão.

Aqui compareceu o Ex.mo Pedro Roberto da Cunha e Silva, Inspector dos Serviços Florestais do Reino, em nome do Governo de Sua Magestade a pedir à Câmara a cedência para o Estado, para efeitos de arborização, de todos os terrenos baldios do limite deste concelho e compreendidos na Serra da Estrela, e depois de Sua Ex.ª manifestar as grandes vantagens que dali, de futuro, se podem usufruir, a Câmara, atendendo às precárias condições deste Concelho, acordou na referida cedência da parte daqueles terrenos com as seguintes condições:

1.º — De à Câmara poder conceder, para edificações sanitárias, sem prejuízo da arborização, para o que será ouvida a Direcção-Geral da Agricultura, os terrenos necessários para as referidas edificações.

2.º — Que tais concessões caducarão se, durante o prazo de três anos contados dos respectivos contratos de cedência, os interessados não correrem com as obras de construção, ficando todavia salvos os terrenos que em tal sentido a Câmara já resolveu alienar.

3.º — De à Câmara ser conservado o direito de exploração e pesquisa das águas medicinais que ali há e porventura apareçam.

4.º — Que a Câmara submeta à fiscalização da Direcção Florestal as actuais matas municipais, sendo o seu produto direito do Município, como até aqui.

5.º — Que o Governo de Sua Magestade se comprometa a conservar as actuais regalias que o Povo deste Concelho tem naqueles limites, embora fique sujeito à fiscalização dos Empregados e Regulamentos florestais. O que tudo assim combinado foi aceite pelas duas partes em atenção à pequena área do terreno que possui este Concelho, em relação com a sua população e grande número de

cabeças de gado lanígero e caprino, tendo este por único recurso os pastos da dita Serra que são os limites que o mesmo Concelho tem.

E não havendo mais nada a tratar, o Senhor Presidente levantou a sessão, ficando encarregado de publicar e remeter os resumos desta aos fins legais e de levar à execução as deliberações tomadas.

O que para constar se lavrou a presente acta que todos vão assinar comigo Joaquim da Cruz Filipe, secretário da Câmara, que o subscrevi.

Seguem-se 7 assinaturas.

Um Polémico Documento Camarário

Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Manteigas de 17 de Maio de 1909

"Presidência do Senhor Vereador mais velho, José Duarte Craveiro, que assumiu a presidência na falta e impedimento do Senhor Presidente e Vice-Presidente.

Presentes Amândio Martins Botelho, Joaquim Lucas Saraiva e José Lucas Coelho Maranhas, Senhores Vereadores.

Também esteve presente, como Administrador do Concelho, o Senhor Vice-Presidente da Câmara — Germano Baptista Leitão.

À uma hora da tarde o Senhor Vereador que assumiu a presidência deu por aberta a sessão.

O Senhor Vereador Saraiva que em 19 de Abril último ficou incumbido de saber de pessoas idosas o que a tradição diz sobre as delimitações paroquiais das duas freguesias deste concelho — Santa Maria e São Pedro — disse que, ouvindo algumas daquelas pessoas, para satisfazer ao que foi incumbido e ao requerimento pela Junta de Paróquia da freguesia de São Pedro, delas depreendeu o seguinte:

Que as delimitações paroquiais desta vila são do Alto do Poio Negro, Ribeiro do Poio da Morte, Ribeiro das Fôrneas seguindo à fábrica de Manuel Pereira de Matos, por baixo do mesmo, ao Caminho da Latada, ponte velha do mesmo nome, no Ribeiro da Vila, Rua dos Conqueiros, antiga, hoje General Póvoas, ao Chafariz, casa em

que se acha instalado o Clube, casa de José Lucas Tacanho, à Praça, escadinhas, rua Direita do chafariz ao Largo da Batalha, ao reduto atrás da Misericórdia e casa de João Pereira de Matos Preto, ao Bêco da Quintã, quintais a sair ao Valazedo ou Largo da Restauração, Caminho do Caír da Água até ao Ribeiro dos Siqueiros, Caminho adiante, ao dos Caneiros, à Ponte dos Frades, caminho de Leandres adiante até ao Souto do Concelho, sendo o lado Norte da freguesia de Santa Maria, e o lado Sul de São Pedro.

Foram estas as informações que adquiriu sobre o assunto, havendo apenas divergências na parte desta linha quando chega ao Ribeiro dos Siqueiros, que alguns dizem segue Ribeiro respectivo abaixo, ao Zêzere até à Ponte dos Frades, e que o Souto do Concelho é metade de cada uma das freguesias. E de tudo a Câmara ficou ciente e mandou dar cópia à Junta requerente».

NOTA — Esta acta não foi assinada por nenhum dos membros da Câmara, e deu origem a algumas questões sérias por divergências de opinião. Daí o ter classificado este documento de "polémico". Não obstante tais controvérsias, na Acta da sessão seguinte, com data de 24 de Maio do mesmo ano de 1909, está exarado e pode ler-se o seguinte:

"Lida, foi aprovada sem reclamações a minuta da acta da sessão anterior".

Manteigas — Poeiras do Passado

No tomo II da sua "Corografia Portuguesa" editada em 1708, diz-nos a respeito da vila de Manteigas o eminente corógrafo Padre António Carvalho da Costa:

"A vila de Manteigas é do mesmo Bispado da Guarda e fica seis léguas desta cidade para o poente e três da Covilhã para norte é da Coroa e lhe deu foral El-Rei D. Sancho o primeiro de Portugal; era antigamente lugar muito abundante de vacas, aonde se faziam boas manteigas de que tomou o nome; é banhada do rio Zêzere pela parte do sul e recolhe muito pão, vinho, frutas, castanha, linho, peixe, muita caça e gados.

Tem quinhentos visinhos com duas paróquias; Santa Maria,

vigararia do padroado Real e comenda de Cristo com duzentos e quarenta visinhos; e S. Pedro, vigararia do mesmo padroado e comenda de Cristo com duzentos e sessenta. Tem mais casa da Misericórdia com dois capelães e estas ermidas: S. Gabriel junto ao Zêzere; S. Lourenço, para o Nascente, no alto da serra; S. Sebastião, em um monte junto à serra, para o Poente; S. Domingos, junto às vinhas; Santo António além do rio Zêzere, para sul; Santo André, Santo Estevão, junto à vila; S. Marcos, nos caminhos de Sicó; e Santo Amaro, junto à igreja de S. Pedro".

Não menciona o Padre António de Carvalho a ermida da Nossa Senhora dos Verdes, pelo que se infere ser a sua fundação posterior a 1708. É lugar de realce, muito aprazível e com um enorme carvalho que, apesar de ser planta de folha caduca, permanentemente nos mostra folha verde em abundância por lho permitir a sua gigantesca fronda. Cremos ter sido esta carvalha que deu o nome à ermida e ao lugar onde se encontra.

Não podia a lenda deixar de lhe atribuir determinada característica. Assim, reza aquela, que todo aquele que se atrevesse a cortar-lhe qualquer dos seus ramos, ficaria sem as mãos, partindo-se-lhe a ferramenta que usasse. E deve ter sido esta reza lendária que permitiu o seu excepcional desenvolvimento. E ainda bem porque, na verdade, é hoje um exemplar digno de ser admirado.

"Há nesta vila três pontes, a saber: A Ponte Longa, a dos Frades e a dos Amieiros, e tem um grande trato de panos e baetas" — assim continua o Padre António de Carvalho.

Como se vê, a indústria dos lanifícios já naquela data constituía um grande elemento de vida económica.

"Assistem ao seu governo civil dois juízes ordinários, vereadores, um procurador do concelho, um escrivão da Câmara, um tabelião do judicial e notas, e tem uma companhia de ordenanças".

Como se verifica, Manteigas em 1708 era vila, cabeça de concelho ou que como tal, funcionava na organização administrativa de então.

"Da comenda de S. Pedro, que renderá cento e trinta mil reis, é comendador Francisco Banha de Siqueira.

É comendador de Santa Maria de Manteigas, Sancho de Melo da Silva, cuja varonia é a seguinte: Diogo da Azambuja foi um dos maiores homens do seu tempo, mui estimado por seu valor e virtudes, de El-Rei D. João o Segundo, como diz Garcia Resende na sua crónica deste rei, Capítulo 86, folhas 58, quando o subiu no estrado para ver as festas do casamento de sua filha Dona Cecília de Azambuja, mulher de Francisco Miranda, que o dito rei fez em toda a solenidade.

Foi seu filho natural António de Azambuja, que casou com D. Maria de Melo, filha de Vasco Martins de Melo, alcaide-mór de Castelo de Vide, e de Dona Isabel de Castro, da qual teve, entre outros filhos, Vasco Martins de Melo, que casou com Dona Antónia de Castelo Branco, filha de Simão de Barros de Castelo Branco e de Brites de Abreu, da qual foi filho único; António de Azambuja e Melo casou com Dona Maria Henriques, filha de Henriques Miranda e de Dona Constança da Silva, da qual teve o Vasco Martins de Melo de Azambuja, casou com Dona Ana Moniz, filha de Inofre de Lemos e de Dona Luiza Moniz, sua mulher, da qual foi filho único Henrique de Melo Azambuja, que foi comendador de Santa Maria de Manteigas, e casou com Dona Maria de Sousa, filha e Herdeira de Tovar da Silva, comendador da dita comenda que serviu nas armas da costa e na Índia com boa opinião, e de sua mulher Dona Brites de Sousa, da qual teve a Vasco Martins de Melo e Azambuja e António de Melo, que morrreram moços; a Dona Brites de Sousa, que ficou viúva de Francisco Pereira da Cunha, Secretário de Guerra, sem geração, e a Sancho de Melo da Silva, que hoje é senhor da casa de seus pais, e casou com Dona Maria Teresa de Vilhena, filha de D. António de Meneses, alcaide-mór de Sintra, e Dona Antónia Maria de Vilhena, de quem tem a Dona Antónia".

Até aos nossos dias chegaria algum descendente de qualquer daqueles comendadores? Não temos conhecimento de que haja em Manteigas família alguma com o apelido de Banha de Siqueira. Com o apelido de Melo, há com concerteza, mas não podemos afirmar que ela descenda do comendador Sancho de Melo. Todavia, é interessante frizar que os Melos dos nossos dias tiveram e têm a sua casa mãe na actual freguesia de Santa Maria. Sem dúvida que Manteigas era já, naquela era, vila de grande importância no país, pois só assim se compreende que as comendas fossem entregues a fidalgos de tão ilustre linhagem como a de Sancho de Melo.

Não deveria ser a de Banha de Siqueira menos fidalga, pois não é de admitir que a comenda de S. Pedro, já então maior do que a de Santa Maria, tal qual acontece hoje com as respectivas fregue-

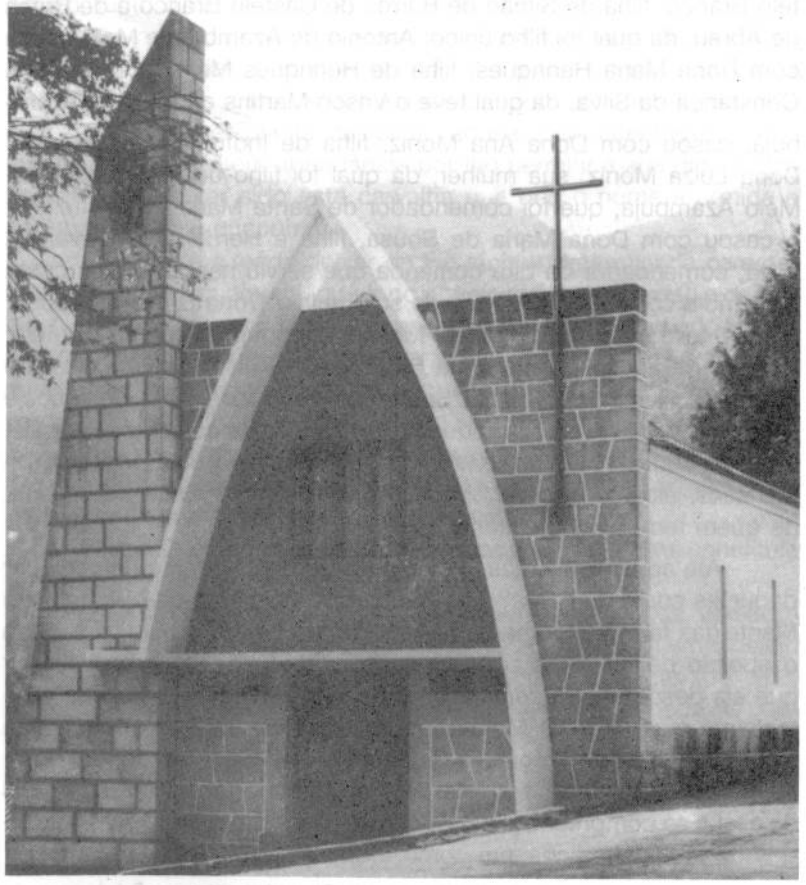
sias, fosse entregue a fidalgo de linhagem menos ilustre.

Todavia estranhamos que o Padre António da Costa nos não descreva a varonia de Francisco Banha de Siqueira, tal como fez com a de Sancho de Melo da Silva".

Braga, Dezembro de 1955

GUILHERME LOPES

Do "Ecos de Manteigas" N.º 70 (22-1-1956)



Capela de Nossa Senhora dos Verdes

Nova construção que substituiu a velha e primeira Capela

CAPÍTULO QUARTO

Monumentos

Neste capítulo se evocam padrões materiais enegrecidos pelos séculos, e que, orgulhosos no seu perfil, como árvores que "morrem" de pé, nos inspiram a veneração de velhos e respeitáveis personagens da história arquitectónica desta Terra.

Outros padrões houve que já não passam de fantasmas do passado, e que, bem proximamente, ainda, nos impressionavam e incutiam secular respeito, e aos quais o camartelo das exigências dos novíssimos tempos não perdoou a vetustez das suas linhas arquitectónicas, sóbrias, embora, mas de fisionomia nobre, não se compadecendo com o misticismo das suas misteriosas sombras e das suas estruturas argamassadas, ainda, com a argamassa feita do saibro da Região. (Alude-se aqui aos solarengos e seculares edifícios ainda recentemente demolidos na Quinta de S. Fernando).

*

Testemunhos da Fé dos nossos Maiores, de um passado tão remoto que não é possível divisar-se, nem sequer presumir-se, no que respeita à origem das duas Igrejas Paroquias — SANTA MARIA, que se tem como Matriz desta vila, e onde é invocada a Mãe de Deus sob o especial atributo de Nossa Senhora da Assunção, e SÃO PEDRO, que tem como orago o Apóstolo da Fé e primeiro Papa da Cristandade.

Ambos os Templos são dignos da admiração de quem os visita, e honram particularmente as Comunidades Cristãs das respec-

Nossa Senhora da Boa Estrela ou dos Pastores
Monumento esculpido na rocha, no Covão do Boi — Serra da Estrela — a 1850 metros de altitude

tivas freguesias, tanto as que nos precederam com as que, há algumas dezenas de anos atrás, apenas, os reconstruíram desde os seus alicerces, dando-lhes a feição estrutural e arquitectónica que presentemente ostentam e lhes concedem foros de Templos dos mais valiosos de uma vasta Região.

Qualquer deles pode ser considerado um Monumento digno das Tradições Religiosas e seculares de uma Terra de Crentes como é Manteigas, e por tal motivo se arquivam neste Capítulo os dois Testemunhos que se seguem e foram estraídos dos números 120 e 122 do "Estrela da Beira", de 10/2 e 17/3/1935, respectivamente:

A Igreja de Santa Maria de Manteigas

" A Igreja de Santa Maria é não só a mais antiga da vila de Manteigas, mas também a que gozava de certas preferências e privilégios, sendo por esse motivo a visitada em primeiro lugar tanto pelos prelados como pelos visitantes eclesiásticos.

Era desta Igreja que saíam todas as procissões reais organizadas na vila, com excepção da procissão de Corpus Christi, que saía de Santa Maria ou de S. Pedro, alternadamente.

O vigário de Santa Maria tinha precedência com a sua Cruz em todas as funções religiosas da vila de Manteigas, e na sua igreja se conservava o Sacrário durante todo o ano.

O orago da freguesia de Santa Maria era a Senhora da Assunção.

Nos meados do século XVIII possuía esta igreja cinco altares: o maior, do Santíssimo Sacramento, e os laterais, das Almas e da Senhora da Conceição e duas capelas particulares cujos títulos eram S. Miguel e Senhora da Apresentação.

A igreja de Santa Maria possui as seguintes capelas anexas: Calvário, S. Marcos, S. Lourenço, S. Gabriel e Santo Estevam.

As suas irmandades eram as do Santíssimo Sacramento e do Calvário, possuindo esta última, na data a que acima nos referimos, duzentos e trinta irmãos, e a seu cargo se encontravam a função dos Passos e a festa de Santa Cruz.

Igreja Matriz de Santa Maria

Na igreja da Misericórdia, que parece ter sido capela de Santa Maria, possuía o pároco desta freguesia as filiais do Espírito Santo e S. João e ainda o privilégio de todas as funções, com excepção de Santa Isabel e suas vésperas, que pertenciam ao pároco de São Pedro.

Dos Santos de mais devoção que possuíam capela própria, destacava-se S. Lourenço que, na sua capela, recebia normalmente rija festa patrocinada pelos seus devotos, cujo número se não limitava aos habitantes da freguesia de Santa Maria, mas também aos de S. Pedro, Sameiro e arredores.

Os vigários da vila de Manteigas eram de apresentação real, e os seus honorários pagos pelos comendadores das freguesias.

A título de curiosidade indicaremos quais as rendas que recebiam em 1758: Quarenta e dois mil reis, oito almudes de vinho, oito alqueires de trigo e trinta arrateis de cêra.

O vigário de Santa Maria auferia mais seis mil reis anuais para a renda de casa, visto não possuir residência própria como o de S. Pedro, e ainda "trinta alqueires de trigo, que Sua Magestade foi servido mandar-lhe dar por requerimentos justos que este fez".

JOSÉ BISCAYA RABAÇA

A Igreja de S. Pedro de Manteigas

"A edificação primitiva da igreja de Manteigas que tem por orago S. Pedro, perde-se na noite escura do passado. Dos documentos por nós consultados até agora, apenas se depreende, sem precisão de datas, que a sua construção é posterior à igreja de Santa Maria.

Pode afirmar-se, no entanto, que remonta de tempos muito antigos, embora sofresse no decorrer dos séculos várias reparações, algumas delas profundas no sentido de a melhorar, a última das quais foi devida a manteiguenses do nosso tempo e ao antigo pároco da freguesia, o Revd.º Padre José Augusto do Frade (1910).

Desta igreja saía, em anos alternados, nos meados do século XVIII, a procissão real do Corpus Christi, assim como era o seu pároco quem tinha o privilégio das funções religiosas de Santa Isabel e suas Vésperas, na Igreja da Misericórdia.

Igreja de S. Pedro

O seu pároco era de apresentação real, e as rendas inerentes a este cargo pagas pelo comendador da freguesia de S. Pedro, e constituídas por quarenta e dois mil reis, oito almudes de vinho, oito alqueires de trigo e trinta arráteis de cêra.

O pároco usufruía mais o direito de residência, fornecida pelo comendador, que para esse fim destinava uma casa apropriada que, no ano de 1755, por motivo do grande terramoto dessa data, ficou muito danificada, caindo algumas das suas paredes e ameaçando ruir as restantes "por o comendador não ter cuydado nellas, tendo obrigação disso, por comer os dízimos dos frutos da terra que pertencem à mesma Comenda de Sam Pedro, de qui el Rey he donatário". Desta forma se expressava o Revd.º Padre Manuel Barbas de Morais, três anos depois do terramoto.

A igreja de S. Pedro possuía cinco altares, a saber: o maior, do Santíssimo Sacramento, e os laterais, do Senhor Jesus, Senhora da Graça, Almas e Santo António.

Esta igreja era enriquecida pelo valor de sete capelas anexas: Santo Amaro, S. Domingos, S. Sebastião, Santo André, Santo António d' Além do Rio, Santo António da Argenteira e Senhora dos Verdes.

Sobre algumas delas permitimo-nos fazer resumidas considerações:

A capela da Senhora dos Verdes é a mais recente edificação e foi mandada erigir pelos moradores de Manteigas no ano de 1756.

Digamos um pouco da sua história:

Uma terrível praga de lagartas invadira os campos dizimando os frutos, sobretudo a castanha, que constituía uma das maiores riquezas da região.

Os lavradores viviam desesperados e, duma maneira geral, todo o povo, porque havia nessa época "hu soyto que terá meya légua de largura e comprimento, onde vai apanhar castanhas quem as quer, sem ter coyma nem pensão alguma". Não havia maneira de suster o terrível flagelo que ameaçava levar a miséria a muitos lares.

O desânimo, perante a ineficácia dos meios de combate experimentados, leva os habitantes a evocar a graça divina, e é no ambiente de misticismo criado que todos pedem a protecção milagrosa da Senhora dos Verdes, padroeira de tais calamidades. E a promessa sai expontânea de todos os corações.

Se a epidemia da lagarta que infesta os campos e devora os

frutos da terra desaparecer, Nossa Senhora dos Verdes terá uma linda ermida e a sua imagem há-de ser obra de artista de cidade.

O flagelo desapareceu, as árvores voltaram a produzir saborosos frutos, e a promessa cumpriu-se, porque um ano depois, em 1756, a capelinha da Senhora dos Verdes, tendo em seu altar uma linda imagem, encontrava-se edificada em prazenteiro local, simbolizando uma eterna acção de graças dirigida ao céu pelo espírito cristão dos habitantes de Manteigas.

E a fama do poder milagroso de Nossa Senhora dos Verdes expandiu-se a ponto de as folhas da Carvalha que a cobre serem requisitadas de terras longínquas, até Espanha, como mensageiras de dons que Nossa Senhora espalha sobre os campos.

Uma outra capela que merece algumas considerações em especial — Santo António da Argenteira — simplesmente conserva uns restos dos seus alicerces estando o Santo na Igreja Paroquial.

Encontrava-se edificada em plena Serra da Estrela, na extensa nave que ainda hoje mantém o nome do Santo Padroeiro.

Santo António da Argenteira era o patrono dos pastores, e em sua honra se celebrava anualmente, no dia 24 de Julho, a mais popular e concorrida das festas regionais.

O cervum, o privilegiado alimento dos gados da serra na época estival, que costuma cobrir aquela extensa Nave, servia de tapete à imensidade de forasteiros naquele dia festivo.

A festa de Santo António, sendo popular para toda a gente, era, sobretudo a festa dos pastores da serra, que não regateavam ofertas quando o ano correra feliz, quando nem peste nem lobos faziam diminuir o número das cabeças dos seus rebanhos.

Os mordomos eram caprichosos e, por isso, os eleitos agora esforçavam-se estoicamente para que a festa do seu ano fosse mais rija e afamada do que a celebrada no ano anterior. E assim conseguiram fazer afluir a tão altas e mal caminhadas paragens forasteiros de terras distantes, atraídos não só pelo poder milagroso do Santo, mas ainda pela fama das ruidosas folias dos romeiros.

Depois da festa religiosa, a cargo do pároco de S. Pedro, com sermão obrigatório pregado por um frade de Santo Agostinho, de Covilhã, procedia-se à eleição dos mordomos para o ano seguinte.

A festa terminava sempre por um jogo desportivo — o jogo da barra — a que podiam concorrrer não só os pastores de Manteigas mas também os de outras terras que ali acorriam para aquisição do

título de valentia que, depois, conservavam por toda a vida. O vencedor recebia como prémio, oferta dos mordomos, um bolo feito com massa correspondente a meia dúzia de pães".

JOSÉ BISCAYA RABAÇA

Notas Subsequentes

Narra a tradição local que os Pastores da Região subiam a Serra com os seus rebanhos, até à capela de Santo António da Argenteira, no dia 13 de Junho, dia consagrado ao Santo, e passeavam as ovelhas, dispondo-as em fila, às voltas em torno da capela.

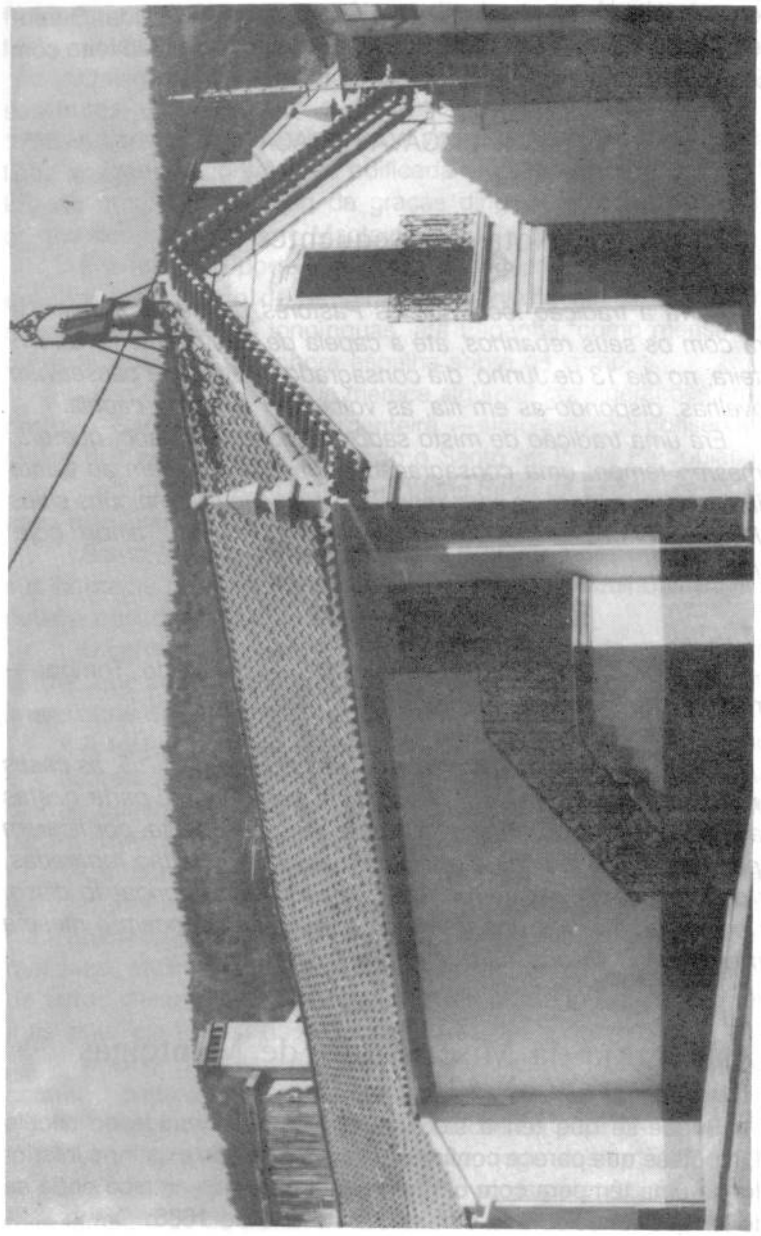
Era uma tradição de misto sabor religioso e profano, que era, ao mesmo tempo, uma consagração e uma homenagem ao Santo Padroeiro dos Pastores e seus rebanhos, tradição que, nalguns sítios da Região, onde existe Capela de Santo António, ainda hoje se mantém.

Do "DICCIONÁRIO GEOGRÁFICO" — Torre do Tombo — Tom.22, extraí-se a seguinte informação:

"Padeceram ruína, com o terramoto do ano de 1755, as casas da residência, da Igreja de S. Pedro; por cujo motivo, parte destas se acha em terra, e a outra parte ameaça ruína evidente, por ficarem as paredes muito abertas e abaladas e ainda não estão reparadas, por o Comendador não ter o cuidado nelas, tendo obrigação disso, por comer os dízimos dos frutos da terra que pertencem à mesma Comenda de S. Pedro, de que El-Rei é donatário".

A Igreja da Misericórdia de Manteigas

Supõe-se que tenha sido construída em meados do século XVII, hipótese que parece confirmar-se pelo facto de existir no interior da Igreja uma têmpera com um texto em português arcaico onde se pode ler que foi celebrada uma missa no ano de 1688:



Igreja da Misericórdia

"CAPELA DA MISSA QUOTIDIANA PARA SEMPRE, INSTITUIDA NESTA CASA PELO REVERENDO ALBERTO LEITÃO, NATURAL DA VILA DE MANTEIGAS..... 1688 ANOS....."

Embora não se tenham encontrado documentos que mencionam a Igreja da Misericórdia, foi possível encontrar uma referência bastante significativa àcerca da possibilidade de esta ter sido construída entre 1685 e 1688. Esta nota foi encontrda na "História da Igreja em Portugal", de Fortunato de Almeida, e refere-se ao seguinte:

"D. Frei Luís de Sousa, que era bispo de Lamego, transferido em 1684 para o bispado da Guarda, e confirmado a 9 de Abril de 1685, tomou posse a 6 de Junho do mesmo ano, por seu procurador, o Dr. Clemente da Fonseca, Chantre da Sé. Entrou na cidade no dia 15 de Agosto. Fez repetidas visitas à diocese e, durante elas, fez valiosos donativos às Igrejas e aos pobres..."

Se bem que não se possa confirmar o valor deste acontecimento para a construção da igreja, é de notar a importância de mencionar esta relação de épocas, uma vez que a Igreja, hoje da Misericórdia, que também é uma das mais antigas de Manteigas, pode ter chegado a ser sede da paróquia, hipótese a que não estará alheia a sua localização na zona antiga da vila, zona esta que é o centro de onde irradiou o crescimento e desenvolvimento da vila.

No ano de 1983 procedeu-se a importantes obras de ampliação e recuperação das instalações desta Igreja, bem como ao restauro das antiquíssimas talhas dos altares e púlpito, algumas de apreciável estilo barroco.

A Casa das Obras

Quem sobe ou desce a Rua Teles de Vasconcelos, vulgarmente conhecida por Rua das Obras, depara, a certa altura, com uma robusta construção de tipo solarengo, encimada por brazão a conferir título de Nobreza.

Por cativante gentileza dos seus actuais proprietários — a Família Ribeiro de Portugal — pude arquivar neste trabalho alguns dados com grande interesse, que puderam contribuir para que o imóvel

viesse a ser classificado, a partir de 27 de Fevereiro de 1978, como "Imóvel de Interesse Público (I. I. P.)".

"Construída em Manteigas na segunda metade do século XVIII, pelo Capitão-Mór e mais tarde Desembargador João Teodoro Saraiva Fragoso de Vasconcelos Cardoso, a Casa das Obras impõe-se pelas suas dimensões e qualidade.

O nome de Casa das Obras está decerto relacionado com a duração e a expectativa da sua construção, que deve ter durado, pelo menos, de 1770 ao primeiro quartel do século XIX. Fundamental para esta conclusão o registo que se encontra lançado num livro de impostos do ano de 1763 existente no Arquivo Municipal de Manteigas, onde se lê: "casa de Fernando José Saraiva sua em que vive val 4.000 reis paga 360 reis". Na margem esquerda deste termo lê-se "de seus herdeiros" e, na margem direita, "foi demolida". Este Fernando José Saraiva, que foi Capitão-Mór de Manteigas, onde morreu a 16 de Julho de 1770, data a partir da qual poderão ter começado as "obras", como se infere da nota anterior, era pai do Desembargador João Teodoro Saraiva, que mandou reconstruir a casa.

A construção da casa pouco terá alterado o traçado urbanístico antigo, mantendo-se o jardim e horta a norte da Rua das Obras.

Alguns edifícios do século XVI a Norte e Poente testemunham a estrutura urbana mais antiga, nomeadamente a casa que se situa a Sul da Casa das Obras, separada desta pelo "Caneiro", com duas portas de granito bem esculpido e uma janela com parapeito trabalhado da mesma época. É o melhor exemplar do século XVI existente na Vila.

A Casa das Obras, como acontece com outras da mesma época, desenvolve-se na horizontal em dois pisos, revelando uma preocupação especial quanto à fachada nobre que fica a nascente.

Nesta fachada, que se estende por 23 metros, o conjunto mais em destaque é o portão de entrada de cantaria bem trabalhada, seguido de um balcão gradeado de ferro, continuado por uma janela de acabamento mais rico e rematado pela Pedra de Armas rompendo a linha do telhado, dando lugar a um frontão recortado. De cada lado deste conjunto abrem-se três vãos de janelas de peito em cada piso. Estas janelas, que são da mesma dimensão nos dois andares, só diferem por serem um pouco mais trabalhadas as cantarias do andar nobre.

Na fachada Norte, o tratamento das cantarias dos vãos é idêntico ao do rés-do-chão da fachada nascente; refira-se, também, a interessante chaminé da cozinha.

No exterior, e ainda em cantaria de granito, sobressaem os cunhais, a cornija e o soco.

A Poente, reconhecem-se elementos mais antigos, nomeadamente duas portas com cantarias chanfradas do século XVI, que terão feito parte de outro núcleo mais tarde integrado na Casa das Obras.

A Sul, corre o "Caneiro" de pouca largura, para onde abrem pequenas janelas.

O interior da casa é sóbrio, com boas divisões, destacando-se o conjunto da entrada e átrio do rés-do-chão ligados por um grande arco abatido, a escadaria em dois lances, o átrio do primeiro andar e ainda a sala principal que fica sobre a entrada. Este conjunto é de muita qualidade e o seu equilíbrio denuncia a intervenção de arquitecto ou construtor experimentado.

O estado de conservação da casa é bastante razoável.

No interior existem ainda algumas peças de mobiliário de qualidade, nomeadamente sete quadros a óleo dos séculos XVIII e XIX retratando algumas das mais eminentes figuras da Família".

Circunstâncias e ocorrências diversas que pertencem à história genealógica de famílias que ainda contam aqui descendentes, criaram não apenas afinidades mas laços familiares entre os solares da "Casa das Obras" e da "Quinta de Siqueiros" que tomou mais tarde o nome de "Quinta de S. Fernando". Há alguns anos atrás ainda eram Senhoras e proprietárias dos dois solares conjuntos as respeitáveis "Senhoras da Quinta". Por via de heranças sucessivas e por morte de seu sobrinho António Madeira Ribeiro de Portugal, os bens solarengos da Família Ribeiro de Portugal da Silveira, vieram a caber à família Patrício Proença Madeira Ribeiro de Portugal, de que mais adiante referiremos algumas notas genealógicas.

Presentemente, só a "Casa das Obras" é pertença desta família, tendo sido alienada a "Quinta de S. Fernando".

Entretanto, e não vão passadas ainda duas dezenas de anos, foram demolidas todas as construções antigas que ali havia, parte das quais ameaçava ruína, mas foi pena que não se tivessem preservado o edifício nobre e a contígua "Capela de S. Fernando".

Capelas

Estão ainda na memória de algumas gerações vivas à data da publicação desta Antologia as seguintes Capelas que, impiedosamente e por força de sucessivos planos urbanísticos, foram sendo demolidas:

São Marcos (Santa Maria)
Santo Amaro (São Pedro)
N. Senhora dos Verdes (Primitiva e primeira)
N. Senhora de Lurdes (Caldas de Manteigas)
— (A recontruir)
N. Senhora da Saúde — (Transferida)
Santo António da Argenteira (Nave de Santo António)
São Fernando (Quinta de S. Fernando)

Existem presentemente as seguintes Capelas:

Na freguesia de Santa Maria:

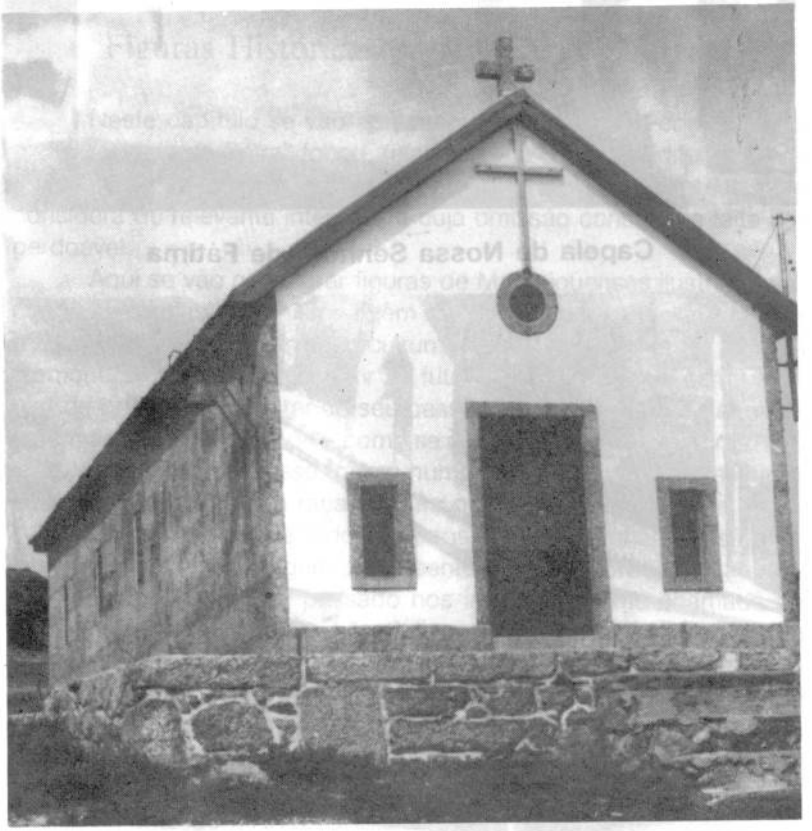
Senhor do Calvário
São Lourenço
São Gabriel
Santa Luzia
N. Senhora da Estrela
N. Senhora de Fátima
N. Senhora do Carmo (Castanheira)
N. Senhora da Saúde (Quinta da Boavista)

Na freguesia de São Pedro:

N. Senhora dos Verdes (Reconstruída)
Santo António
São Sebastião
São Domingos
Santo André

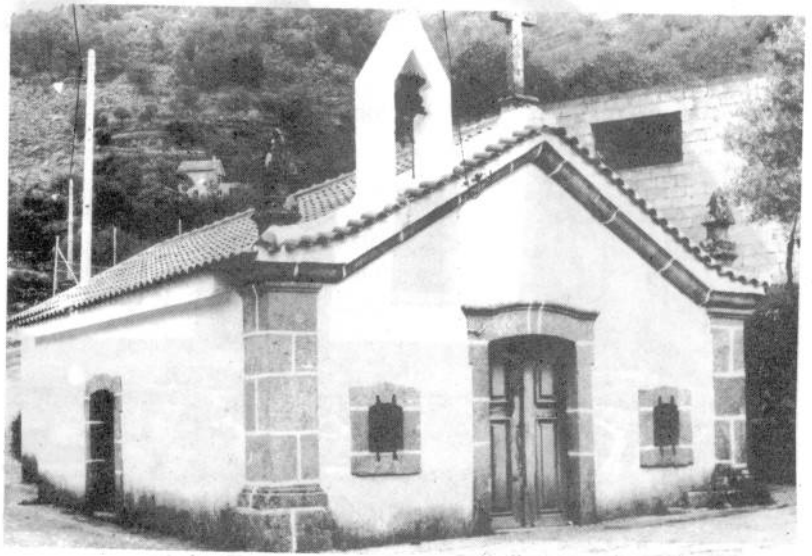
Outros Monumentos

— N. Senhora dos Pastores (esculpida em rocha granítica no alto da Serra Covão do Boi
— Vários Oratórios e Painéis (Alminhas)
— Torre do Cume, com 9 metros, a perfazer 2.000 metros de altitude, no topo da Serra da Estrela, a assinalar o ponto mais alto de Portugal.



Capela de Nossa Senhora da Estrela
(Penhas Douradas)

Capela de Nossa Senhora de Fátima



Capela de Santo António

CAPÍTULO QUINTO

Figuras Históricas da Vila de Manteigas

Neste capítulo se vão apresentar alguns nomes consagrados que o "Estrela da Beira" focou, relativamente a épocas diferentes da história de Manteigas, secção esta que, num trabalho como este, se considera de relevante interesse e cuja omissão constituiria falta imperdoável.

Aqui se vão consagrar figuras de Manteiguenses ilustres a vários títulos, cuja vida e história vêm do fundo dos séculos, constituindo um importante património cultural que há que preservar, e cuja memória se pretende transmitir às futuras gerações, que sempre se hão-de orgulhar de contar no seu passado remoto figuras que mereceram as honras da História, como se de figuras lendárias se tratasse, mas que, bem longe disso, foram humanos como nós, com as virtudes e os defeitos desta raça serrana que nos orgulhamos de ser.

Que a menção de todos quantos aqui forem chamados à memória seja uma homenagem do presente que os recorda, com a emoção histórica que o seu passado nos imprime, e uma chamada de presença para os que nos hão-de suceder, para que não se perca o fio dos que, por qualquer forma, contribuiram para perpetuar a História deste torrão da Serra que alguém, um dia, cognominou de "Poço da Ciência", e que aos que aqui são mencionados a História se encarregue de acrescentar outros mais que, de qualquer forma, tenham contribuído ou venham a contribuir para o progresso e engrandecimento de MANTEIGAS.

Extraídos do referido "Estrela da Beira" e, na maior parte, da autoria de JOSÉ BISCAYA RABAÇA, seguem-se algumas Biogra-

fias de manteiguenses célebres a vários títulos e níveis que, ao longo de tempos mais ou menos remotos, muito contribuíram para o prestígio e honroso nome da sua e nossa Terra:

FREI ANTÓNIO DA ESPECTAÇÃO

"... Se no século XVI os Grandes Homens de Portugal se registam por dezenas, muitos têm sido os nomes para atestarem, em todos os tempos, às gerações do porvir, o grau da sua civilização.

O século XVII, por exemplo, foi para a literatura portuguesa um século vulgar, inferior, cheio de defeitos, pobre de imaginação, subordinado quase totalmente aos errados triunfos duma escola literária. No entanto, viveram nesse mesmo século alguns dos nossos maiores estilistas, como António Vieira e Manuel Bernardes. E muitos outros, muitos que, como clássicos, encerram defeitos, mas que conseguiram passar à posteridade por outras razões que definem galhardamente o valor intrínseco das suas distintas personalidades. De entre estes, orgulhosamente registamos agora o nome aureolado de virtude do ilustre filho desta terra, Frei António da Espectação.

António Paes, mais tarde Fr. António da Espectação, nasceu em Manteigas no dia 13 de Junho de 1651. Filho de pais fidalgos, D. Ana da Rosa e Tomé Paes, soube aliar à nobreza do seu sangue uma nobreza maior — a nobreza da sua alma.

Repudiando os pergaminhos de família — que a vaidade não é atributo de santos — tornou mais fidalgo ainda o seu nome, cobrindo-o de pergaminhos de virtude. Aos quinze anos incompletos — mocidade em botão — deu entrada no Convento dos Remédios, em Lisboa, e a 1 de Julho de 1668 professava o hábito da «austera e douta reforma dos Carmelos». Em breves anos completou o estudo das ciências escolásticas, e não tardou a impôr-se no seio da sua comunidade, não só com os seus raros exemplos de virtude, como pelos rasgos da sua inteligência, interpretando, com notável elevação, os profundos mistérios da Sagrada Escritura".

O seu triunfo — ascensão contínua — leva-o em breves anos aos altos cargos de professor, visitador ultramarino, prior do Deserto do Bussaco, conciliário e definidor e ainda mestre da sua «douta e austera» Ordem. Não perdeu, porém, o tempo que lhe sobrava das suas ocupações profissionais.

Amante das "boas letras", encontrava-se familiarizado com to-

das as modalidades da literatura clássica, e ali, decerto, colheu o gosto e a inspiração para as muitas obras que nos foram legadas pelo seu espírito, iluminado por uma erudita cultura.

As suas obras — e são muitas — têm um carácter essencialmente ascético, produto de aturadas horas de recolhimento e meditação.

Dizem que o seu estilo não é recomendável. Defeitos do século.

Não possuirá aquele fino requinte literário dos maiores da sua época — Vieira e Bernardes — mas em toda a sua vasta obra predominam lampejos de imaginação, existindo nela muitos trechos que abrigam, como vestes delicadas, invulgares pensamentos e muitos conceitos tão cheios de elevação literária e de virtude, que poderão ser reproduzidos ainda hoje, sem desprimor, mas bem ao contrário, valorizando sempre o plano que nivela o valor literário do século XVII. Além dos muitos trabalhos por onde se encontra dispersa a luz da sua inteligência, citarei, por merecerem uma especial referência, a "Crónica Divina" e "História Sagrada", inteligente interpretação de muitos mistérios da Sagrada Escritura; "Josefina", panegírica e ascética; "Estrela d'Alva", um primoroso estudo da vida de Santa Teresa de Jesus (Tereza... stella matutina quae clarior est coeteris) cheio de beleza moral e de virtuosos conceitos.

Não cabe aqui um estudo completo da vasta obra do nosso ilustre patrício.

Abreviarei, por isso, as minhas considerações, mas, antes de concluir, quero afirmar que um suave perfume de virtude se evola de todas as suas palavras, e que um belo exemplo de sacrifício se observa em toda a sua vida de desterro e de solidão a que voluntariamente se lançou, fugindo das vaidades do mundo para melhor atingir os anseios sonhados pela sua devoção.

Isolou-se dos seus semelhantes, da própria família, talvez em obediência à convicção sentida e revelada em uma das suas máximas, de que "é impossível unirem-se as vontades de todos os homens".

Frei António Faleceu em 17 de Novembro de 1724, contando 73 anos de idade".

DO "E. B." — N.º 9 (5-7-1925)

"Com a morte de Carlos VI, imperador dos alemães, sucedida em 1740, desencadeou-se por toda a Europa, pelos anos que se seguiram, uma guerra de dissenções e discórdias, em virtude de sua filha D. Maria Tereza ser sua legítima herdeira e sucessora, como determinava o Tratado de 1732.

Querendo Luiz XV, rei de França, abater a casa de Austria, sua antiga rival, conseguiu formar a liga ofensiva em que entraram os reis de Hespanha, das duas Cicílias, da Prússia e da Sardenha.

Na ocasião em que se dava a conjuração contra o rei de Portugal, em 1758, e cruamente punida pelo Ministro Marquez de Pombal, encontrava-se bastante acesa a luta entre as nações aliadas, luta que ficou conhecida na história pela "Guerra dos sete anos", e que havia de imortalizar o nome de Frederico II, cujas heróicas façanhas, mais tarde, o cognominaram de Frederico o Grande.

Desastres imprevistos fizeram de certo modo fracassar a acção dos franceses e hespanhóis.

Á declaração de guerra feita pela Grã-Bretanha em Janeiro de 1760, correspondeu Carlos III, rei de Hespanha, com a sua. Talvez instigado pelo governo francês, o de Hespanha apresentava a D. Luiz da Cunha Manuel, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, uma pré-memória datada de 16 Março do mesmo ano, por intermédio do seu embaixador na corte de Lisboa, D. José Torrero, para estabelecerem mútuas obrigações, além de medidas indispensáveis para poderem conter o orgulho insuportável e a insolência da nação britânica, para assim fazer encolher as garras que ia deitando por toda a parte do mundo — constituindo-se em senhora despótica dos mares.

D. Luiz da Cunha, respondendo à urgente instância do governo hespanhol a 20 do dito mês, encarecia as alianças que Portugal tinha com a coroa da Grã-Bretanha sem nunca serem interrompidas; e alegando, nobremente, que não tendo a nação portuguesa recebido da sua aliada qualquer agravo criminoso, que se manteria a aliança defensiva com a Inglaterra; e que el-rei D. José não queria ver entrar os seus vassalos em mais calamidades do que aquelas que já tinham assolado a nacionalidade, tais como o terramoto de 1755 e a conjuração de 1758.

Insistindo a Hespanha no mesmo assunto, e mantendo a coroa

portuguesa, pela boca do seu ministro D. Luiz da Cunha Manuel, os mesmos pontos, foi comunicado pelo embaixador daquela nacionalidade e pelo ministro da França que, "sem mais ofício", as tropas hespanholas, reunidas na fronteira, entrariam em Portugal.

Tomada tal resolução, logo o tenente-general e comandante em chefe do exército hespanhol, D. Nicolau de Carvajal J. Alencastre Vivero Noronha Sande de Saude Padilha e Montezmo, à frente de 40 mil homens, entrou em Portugal pela província de Trás-os-Montes.

As dificuldades e embaraços que surgiram ao governo de Lisboa, motivados pela decisão do governo de Hespanha, foram de certa gravidade, visto a desorganização do exército e o desmantelamento das praças e fortalezas em ruínas, e ainda a grande falta de armamento e apetrechos.

Nesta crise bastante melindrosa, o governo português não desanimou.

Confiado na justiça da causa e na fidelidade e valor dos naturais, e implorando, certamente, a protecção divina, com a assistência da Grã-Bretanha, sua aliada, com todo o arrojo se lançou à empresa.

Como acima tocamos, não só se fazia sentir a falta de tropas e apetrechos, como também era evidente a dificuldade de encontrar em Portugal um homem com envergadura moral que reunisse todas as qualidades e que se impusesse à investidura do alto comando do exército português e das tropas da Grã-Bretanha. Mas, para o Primeiro Ministro de D. José I, o então Conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo, que havia de ficar na história com o nome de Marquês de Pombal, todas as dificuldades se resolviam perante a sua força de vontade e suprema autoridade. E, nesta emergência, mandou falar e contratar para comando em chefe do exército português, com a patente de marechal-general, ao príncipe reinante de Schaumbourg Lippe, e trazer consigo outros oficiais que, como este, haviam sido educados na escola de Frederico o Grande.

Quando em Maio chegavam a Lisboa as tropas que a Grã-Bretanha enviava em socorro de Portugal, estava já feita a nomeação dos generais para as diferentes províncias: sendo o Marquês de Louriçal, para o Algarve; D. João de Lencastre, para o Minho; José Félix da Cunha, para a Beira, e o conde de Unhão, para o Alentejo; e para general das armas da corte e província da Extremadura, o Marquês de Tancos.

À invasão da província de Trás-os-Montes pelas tropas hespa-

nholas na primavera de 1762, opuseram as portuguesas bastante resistência, obrigando aquelas a desviarem o seu objectivo para outro ponto; e, desistindo do primeiro intento, dirigiram-se à província da Beira.

Posto o cêrco à Praça de Almeida, depois de alguma resistência, era abandonada ao inimigo pela guarnição, devido à pouca energia do seu governador que não cumpriu as instruções do marechal conde de Lippe, que lhe ordenara sustentasse a praça até que fosse socorrido pelas tropas que já iam a caminho.

As ordens ponderadas que o conde de Lippe expedia para o exército do seu comando, determinadas com a visão dos perigos e necessidades de momento, revelavam o prático e valente cabo de guerra.

A escolha de pessoas para o desempenho dos cargos do comando e de governadores de praças, era feito de entre aquelas que mais confiança merecessem e de reconhecida competência.

A designação do capitão-mor da vila de Manteigas, o doutor Fernando José Saraiva, feita pelo marechal general conde de Lippe para o «governo e comandante» das guarnições que, com soldo e pão, foram postas na Serra da Estrela, por esta ocasião, conforme consta da informação dada por seu filho, o doutor João Teodoro Saraiva Fragoso de Vasconcelos Cardoso, para justificação da nobreza, para obter carta de brazão que lhe foi passada em 7 de Outubro de 1773, obedecem, certamente, a uma grande confiança que aquele marechal tinha no aludido capitão-mór.

Para não alongar demais este arrasoado, diremos que o resultado desta campanha foi deveras honroso para Portugal e para o exército e todos os seus chefes, uma glória, quando não uma vitória, em virtude da paz pedida em fins do ano de 1762 pelas tropas e governos inimigos, considerada como uma capitulação.

Como a nossa intenção era fazer realçar uma figura de bastante relevo e merecimento que se encontrava no olvido sepultada, e que havia desempenhado nesta conjuntura um papel deveras honroso, e de que os filhos da terra que lhe foi berço se podem orgulhar, não queremos terminar sem darmos mais algumas notícias da família do nosso valente soldado e filho ilustre de Manteigas.

Da família do doutor Fernando José Saraiva, temos elementos em nosso poder para a sua história, dos quais sabemos que era filho de João Saraiva, que foi familiar do Santo Ofício e capitão-mór da

vila de Manteigas, e de sua mulher, D. Maria Josefa Cardoso de Gouveia, e sobrinho do padre-mestre D. Frei Manuel de Santo Tomaz, ermita calçado de Santo Agostinho, graduado em Teologia e que havia sido provincial da sua Ordem, académico da Real Academia da História Portuguesa, governador da pretazia de Moçambique e bispo eleito duma diocese ultramarina.

O doutor Fernando José Saraiva, que havia casado com D. Ana Maria Soares de Oliveira e Vasconcelos, de que houve três filhos, e dos quais logo havemos de falar, era neto paterno do capitão-mór de Manteigas Fernando Saraiva, natural da vila da Santa Marinha, e de sua mulher D. Helena Massana, que haviam casado em 1668 (?).

Este Fernando Saraiva nasceu nesta última vila aí por 1644, e era filho de Domingos Saraiva, cavaleiro da Ordem de Cristo e 1.º senhor de Pisaria, e de sua mulher D. Brites Alves de Paiva, senhora do vínculo e Capela de Santa Catarina, instituído pelo beficiado Francisco de Paiva, na mesma vila de Santa Marinha, e sobrinha do reverendo Fernando Alves de Paiva, prior que foi na vila de Melo.

De Domingos Saraiva, (dos Saraivas de Trancoso, Senhores da Póvoa de El-rei), e de sua mulher D. Brites, descendem os actuais Saraivas de Santa Marinha, Passos, etc.

Na casa do casal, em Santa Marinha, que foi o primeiro solar dos Saraivas, instituiu o reverendo licenciado João Saraiva, neto de Domingos Saraiva, nos fins do primeiro quartel do século XVIII, a capela de S. Francisco cuja administração se encontra ainda na família.

Do Dr. Fernando José Saraiva e de sua mulher D. Ana Maria Soares de Oliveira e Vasconcelos, foram filhos, entre outros, o já acima referido Dr. João Teodoro Saraiva Fragoso de Vasconcelos Cardoso e o Dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, lente da Universidade de Coimbra e comandante do Batalhão Académico com o posto de coronel, quando das invasões francesas, no fim da primeira década do século passado".

Lisboa, Dezembro de 1925

JOSÉ M. DA CUNHA SARAIVA

Do E.B. N.º 23 (7-2-1926

Dr. MANUEL DUARTE LEITÃO

"O Dr. Manuel Duarte Leitão nasceu em Manteigas no dia 11 de Abril de 1787. Filho de pais modestos, conseguiu atingir, pelo seu esforço, os mais altos cargos de representação nacional. Depois de uma adolescência tormentosa, em que as suas energias se consumiam no árduo labor da vida agrícola, resolve mudar de situação acompanhando a Coimbra um filho da família Saraiva, que na Lusa-Atenas ia acolher-se à benéfica protecção do templo de Minerva desta cidade universitária. Mais devido aos dotes do seu primoroso espírito do que à benevolência e protecção dispensadas a conterrâneos pelo então 1.º lente de Cânones, Dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, obtém o grau de bacharel em leis, ficando assim melhor apetrechado para proclamar os seus sentimentos de amor à nossa Pátria, insuflando coragem às águias lusitanas que haviam de afugentar para longe os pendões napoleónicos que andavam pairando nesta terra portuguesa tão regada por sangue ardente de liberdade desde os tempos distantes de D. Afonso Henriques.

Com a proclamação da Vitória, surgiu um novo período de reconstrução nacional, e é agora que o novo doutor abraça, devotadamente, a carreira de magistratura.

Em 1811, pouco tempo depois da sua formatura em leis, é nomeado Juiz de fora de Mogadouro, e depois de dispensar a sua actividade intelectual em outros cargos oficiais de relativa importância, vê o seu esforço premiado com a sua nomeação para o lugar de Juiz da Relação de Gôa, em 1818.

As ideias liberais espalhadas na Europa pelo movimento de 1789, tiveram neste manteiguense ilustre um apóstolo devotado.

Quando eclodiu em Portugal o movimento revolucionário de 1820, o seu espírito liberal levou-o a aderir prontamente e, lá na longínqua Índia, governada ao tempo pelo vice-rei Conde do Rio Cardo, ascérrimo partidário do absolutismo, aceita o encargo de fazer parte do Conselho Governamental, até à chegada, em 1821, do novo vice-rei D. Manuel da Câmara.

Três anos depois é nomeado desembargador da casa da Suplicação, continuando, no entanto, a prestar os seus serviços na Relação de Gôa.

De regresso à Metrópole, o seu nome consegue triunfar de tal maneira, que em Abril de 1835 é nomeado ministro da justiça. Em

22 de Março de 1838 regressa ao exercício daquela pasta ministerial, sendo substituido por Cunha Araújo em 16 de Abril de 1839, cargo a que mais tarde ascende, pela terceira vez, em 28 de Abril de 1847.

A legislação liberal deve muito a este português ilustre, e o Concelho de Manteigas ficou-lhe devendo a existência quando a reforma liberal extinguiu, por medida económica, muitos dos concelhos existentes naquela data.

O Dr. Manuel Duarte Leitão faleceu em Lisboa em 12 de Outubro de 1856".

Do E.B. N.º 28 (19-4-1931)

NOTA: — À rua que, partindo do Rossio ou Largo da Liberdade, vai desembocar no Valazedo ou Largo da Restauração, foi dado o nome do Dr. Manuel Duarte Leitão.

Dr. FRANCISCO LEITÃO

"Era filho de João Pires e de sua mulher Maria Leitôa; neto paterno de João Pires e de Brites Gomes, e materno de André Gomes e Maria Leitôa.

Como os seus ascendentes, foi uma pessoa nobre da vila de Manteigas, sua terra natal. Formou-se na Faculadade de Cânones da Universidade de Coimbra e era doutor de Direito Civil.

Desempenhou vários e importantes cargos, entre eles o de promotor apostólico por conta de sua Santidade; abade perpétuo da igreja Colegiada de São Tiago de Piães de Riba Doma, bispado de Lamego; cónego doutoral da Colegiada de Santarém; prior de São João de Alfange e chanceler, com vezes de vigário geral, em todo o seu arcediago. Foi também comissário do Santo Ofício por provisão de 18 de Setembro de 1676.

Como escritor, o seu nome foi considerado, encontrando-se dispersas as sua produções literárias. Entre elas podemos citar as "Alegações que fez para informação de sua justiça na causa em que o acusou o Dr. Francisco Vaz de Gouveia".

Encerramos as nossas considerações transcrevendo uma poe-

sia que dedicou ao seu patrício Frei Manuel dos Anjos, quando este Manteiguense ilustre publicou o seu livro de "História Universal".

"Do licenciado Francisco Leitão ao autor, em metáphora da Serra da Estrela, pátria de ambos":

SONETO RETRÓGRADO

"Ó Tu, que mutuado das Estrelas
Gosas folar ilustre, excelso Monte,
De novo acumula o teu Orizonte
Luzes, que hum novo sol te veste dellas;
Se tanto por teus valles te desvellas,
Produzindo os que o mundo he bem que conte
Flores e sua fama se transmonte,
Sem que inveja jamais possa escondellas,
Entre as nevadas, que coroas, penhas,
De puro canto desta História grave,
Que a empenhos de Luz rayos despente,
Quando (ó leytor) com ela te entretenhas,
Nota a Rhetorica e estilo suave,
Com que o mundo todo escrever pretende,
Donde claro se entende,
Que reduzir o todo a breve agrado,
Milagre he de hum discurso sublimado".

Do «E. B.» n.º 47 (14 -2-1932)

CAPITÃO — MÓR, FERNANDO SARAIVA

"Nasceu em Santa Marinha, talvez no ano de 1640, e foram seus pais Domingos Saraiva e Brites Álvares de Paiva.

A família Saraiva, oriunda da província de Biscaya, na Hespanha, veio para Portugal em virtude de uma ilustre dama desta família ter acompanhado ao nosso país a rainha D. Leonor, mulher de D. Duarte.

Esta ilustre família hespanhola estabeleceu-se em Trancoso, e daqui passou a outras terras do país, entre elas Santa Marinha, na pessoa de Domingos Saraiva, no segundo quartel do século XVII.

Fernando Saraiva casou em Manteigas no dia 17 de Outubro de 1668 com Helena Massano, filha do capitão-mór Manuel Massano e de sua mulher Maria Rodrigues.

Por morte de seu sogro, foi nomeado capitão-mór de Manteigas. Foi o Senhor da Quinta de Siqueiros.

Teve três filhos que muito contribuíram para ilustrar o nome da terra em que nasceram: Dr. Fr. Manuel de Santo Tomaz, João Saraiva e o Dr. Lourenço Saraiva".

Do "E. B. N.º 53 (8-5-1932)

Dr. MANUEL LEITÃO TELES

"Natural desta Vila de Manteigas, revelou-se, muito novo ainda, pela sua conduta e pela sua vasta cultura científica, uma das figuras de maior destaque da sua terra natal.

Durante alguns anos, exerceu as funções de prior de Seixo de Ervidal, bispado de Coimbra.

Foi Frei conventual de Aviz e bacharel formado pela Universidade de Coimbra onde desempenhou o alto cargo de Reitor do Real Colégio dos Militares.

Existiu nesta época um outro filho de Manteigas, também de nome MANUEL LEITÃO TELES, que foi familiar do Santo Ofício em Sameiro, por provisão de 3 de Novembro de 1705.

Era filho de Manuel Izento de Matos e de Ana Leitoa; neto paterno de Manuel Izento de Matos e de Ana Fernandes, e neto materno de Custódio Vaz Teles e de Maria Leitoa.

Casou em Sameice, onde fixou residência, com Maria Cabral de Abreu.

Este familiar do Santo Ofício era sobrinho do Dr. José Leitão Teles, lente da Universidade de Coimbra".

Do E.B. N.º 54 (22-5-1932)

Dr. Fr. MANUEL DE SANTO TOMAZ

"Nasceu em Manteigas e foram seus pais o capitão-mór Fernando Saraiva e sua mulher Helena Massano.

O Padre-Mestre, Doutor Fr. Manuel de Santo Tomaz era graduado em teologia e religioso eremita calçado de Santo Agostinho.

Foi provincial da sua Religião, governador eclesiástico de Moçambique, Bispo eleito duma diocese ultramarina e académico da Real Academia de História Portuguesa.

Dotado de grandes virtudes e possuidor duma vasta erudição, o Dr. Fr. Manuel de Santo Tomaz tornou-se um dos homens mais notáveis de Portugal tendo marcado um lugar de relêvo no desempenho do cargo de lente do Colégio da Graça, na Universidade de Coimbra, onde era justamente considerado um dos mais sábios enciclopédicos do seu tempo".

Do E.B. N.º 54 (22-5-1932)

NOTA: — Dado que o capitão-mór Fernando Saraiva foi Senhor da Quinta de Siqueiros (mais tarde Quinta de S. Fernando), e dadas as ligações existentes, ao tempo, entre as famílias da dita Quinta e a Casa das Obras, ambas detentoras de título de Nobreza, não admira que vamos hoje encontrar, nesta última, uma tela de 0,72 x 0,90 com a seguinte legenda:

FREI MANOEL DE SANTO TOMAZ SARAIVA / RELIGIOSO CALSADO DE SANTO AGOSTINHO / GRADUADO EM THEOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, LENTE DA MESMA FACULDADE NO SEU COLÉGIO REITOR, E LENTE DE HUMA CONDUTA NA UNIVERSIDADE TAM UNIVERSAL EM SCIÊNCIAS / E POR ANTONOMÁSIA ERA CHAMADO O "SALOMÃO DA GRAÇA" / E FOI ELEITO BISPO PARA ULTRAMAR /"

Assim passou à posteridade que Fr. Manuel foi o primeiro Bispo de Manteigas, facto que se encontrava encoberto pela poeira de cerca de três séculos passados sobre o casamento de seus pais, e foi agora revelado publicamente pelo segundo Bispo desta vila, D. ALBINO MAMEDE CLETO, no decorrer de uma homenagem que lhe foi prestada na Câmara Municipal de Manteigas, no dia 30 de Janeiro

de 1983, dia em que, como Bispo, visitou, pela primeira vez, a sua Terra natal, o que foi origem de regozijo por parte dos seus conterrâneos, que o acolheram com calorosa recepção.

Oito dias antes (22-1-1983) tinha recebido a Ordenação Episcopal na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, como Bispo de Elvira (Espanha) e Auxiliar do Cardeal Patriarca na Diocese de Lisboa.

CAPITÃO-MÓR — JOÃO SARAIVA

"Era filho de Fernando Saraiva e de Helena Massano, sendo natural de Manteigas. Sucedeu a seu pai no cargo de capitão-mór desta importante vila.

Pretendendo ser admitido como familiar do Santo Ofício, o Conselho-Geral mandou fazer as inquirições de limpeza de sangue em 14 de Novembro de 1704.

As diligências para este fim tiveram o seu início de Manteigas e Santa Marinha (Seia), respectivamente em 23 e 26 de Novembro do ano de 1705, tendo sido aprovado para "familiar" em Mesa do Conselho-Geral de Lisboa a 1 de Abril de 1707. A respectiva carta familiar tem a data de 29 do mesmo mês e ano.

Casou com Maria Josefa Cardoso de Gouveia, natural e moradora em Várzea de Cima, filha do capitão Francisco Rodrigues Cardoso e de sua mulher Bernarda da Fonseca.

Deste casamento nasceu um filho — Fernando José Saraiva".

Do "E. B. N.º 54 (22-5-1932)

Fr. MANUEL DOS ANJOS

"Foi baptizado em Manteigas, aonde nasceu, no dia 11 de Fevereiro de 1595.

Professou na Congregação da Terceira Ordem de S. Franciso, e durante o seu curso revelou-se uma inteligência privilegiada.

Desempenhou muitos e importantes cargos, tais como: Procura-

dor e Secretário Geral da Província, Ministro do Convento da Esperança, junto de Belmonte, e Prelado da sua Religião.

Tornou-se um dos mais célebres oradores sagrados do seu tempo e um dos mais cultos espíritos da sua Ordem.

Escreveu três livros que merecem benévola crítica do Arcebispo de Cenáculo: "Usa bastante linguagem, mas já tem novidade, e os períodos compostura estudada", escreve o referido Arcebispo:

"TRIUNFO DA SANTÍSSIMA VIRGEM, MARIA SANTÍSSIMA, NOSSA SENHORA, CONCEBIDA SEM PECADO".

O autor da História Seráfica lamenta que este livro não tenha sido incluído no Catálogo da Academia, e classifica o facto de "notável descuido".

"HISTÓRIA UNIVERSAL — EM QUE SE ESCREVEM OS IMPÉRIOS, MONARCHIAS, REINOS E PROVÍNCIAS DO MUNDO COM MUITAS COISAS NOTÁVEIS QUE HÁ NELE".

Este livro foi muito apreciado na sua época e parece ter sido o primeiro compêndio de História Universal escrito em língua portuguesa. Publicaram-se 4 edições.

Nas "Memórias Históricas", escreve o Arcebispo de Cenáculo: "Vê-se ela hoje com indiferença, porque depois de século e meio em que se tem escrito naquela imensa matéria, com muita variedade e com a extensão que conhecem os douctos, seria cousa rara se ainda aquela História fizesse novidade. Em seus dias não eram vulgares semelhantes colecções de notícias históricas que abrangessem o terreno que Deus entregou aos cosmopolitas".

"POLÍTICA PREDICÁVEL E DOUTRINA MORAL DO BOM GOVERNO DO MUNDO".

Esta obra foi publicada depois da sua morte pela Ordem Terceira de S. Francisco. O Arcebispo de Cenáculo aprecia este livro nos seguintes termos:

"Que o seu erudito auctor aproveitou mais do que em Aristóteles para compôr no meio do século XVII. Nela mostra singular bon-

dade, rectas intenções e muita erudição ordenada segundo as ideias da filosofia que, em seu tempo, dominavam".

Fr. Manuel dos Anjos, homem sábio e virtuoso, conforme afirmam os seus biográficos, entre eles Fr. Vicente Salgado, faleceu no Colégio de Coimbra no dia 19 de Novembro de 1653".

Do "E. B." N.º 60 (14-8-1932)

PADRE MANUEL DE ABRANTES

"Foi, pelo seu muito saber, e pela sua irrepreensível conduta de presbítero, um dos ilustres filhos da Vila de Manteigas.

Muito novo ainda, conseguiu ascender ao lugar de cónego da Colegiada de Santa Maria de Alcasua, em Santarém, onde prestou relevantes serviços à causa da Igreja.

Era professo do hábito de S. Pedro e justamente considerado um dos mais cultos espíritos daquela Ordem.

Em Lisboa, exerceu durante muitos anos o mister de leccionador, sendo grande a sua fama como professor de latim, poética e português.

Foi mestre devotado daquele que mais tarde conseguiu ascender ao lugar de Inquisidor Geral do Reino, o Eminentíssimo Cardeal da Cunha.

Exerceu o elevado cargo de Capelão-mór, e os seus merecimentos eram de tal forma notórios, que foi escolhido para mestre de El-Rei D. João V.

Escreveu em latim o seguinte livro:

"Epigramata sacra per singulus ann dies, juxta ordinem breviarii romani incipientia a novitate Domini nostri Jesus Christi, cui opusculum consecratur. Acesserunt epigramata ad Sanctos Lusitanos ad Passionem Domini, et una pia etiam elegia, etc. Cunebat Emmanuel d' Abrantes, sacerdos Lusitanus".

O Padre Manuel de Abrantes faleceu, santamente, na Colegiada de Santarém, no dia 10 de Janeiro de 1717".

Do "E. B." N.º 61 (28-8-1932)

Dr. JOÃO TEODORO

"O Dr. João Teodoro Fragoso de Vasconcelos Cardoso nasceu em Manteigas no dia 5 de Janeiro de 1748. Foram seus progenitores o Dr. Fernando José Saraiva e sua mulher Ana Maria Soares de Oliveira e Vasconcelos.

Aos 17 anos de idade já se encontrava matriculado na Universidade de Coimbra, pelo que, muito novo ainda, lhe foi conferido o grau de bacharel, tendo-se habilitado, pouco depois, para os lugares das letras.

Na sua carreira de magistrado exerceu cargos diversos, entre os quais o de Juiz de fora em Certã, Tomar (1792), provedor da comarca de Coimbra (1797).

O Dr. João Teodoro ascendeu ao alto posto de desembargador do Porto em 15 de Maio de 1800.

Na sua terra natal, sucedeu a seu pai no comando da capitania-mór desta vila.

Na Torre de Tombo — Chancelaria do reino — existem várias provisões que lhe dizem respeito, entre as quais referiremos:

Provisão da extinção do encargo que tinha em certos bens da comarca da Guarda, impostos por Luiz Rodrigues (20 de Outubro de 1798, Livro 58.º, fls. 363 v.).

D. José I concedeu-lhe carta de brazões de armas e fidalguia em 7 de Outubro de 1773, que era assim constituida: "Um escudo esquartelado. No primeiro quartel, as armas dos Sarayvas que são cortadas em faxa, a primeira veyrada de preto e azul, a segunda de agoa dos mesmos esmaltes; orla vermelha na qual se mostram as quatro pontas de hua Cruz de ouro, que fica por baixo do escudo, e rematão em flores de lis. No segundo quartel dos Cardosos, em campo vermelho um cardo verde perfilado de ouro entre dois Leões do mesmo metal. No terceiro, a dos Fragosos em campo azul, três Soes de ouro em toquete. No quarto, a dos Soares em campo vermelho, hua torre de preto. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paguife dos metais e cores das armas. Tibre o dos Sarayvas que he hua cabeça de peixe, serra de sua cor com a serra de prata e por diferença hua brica de prata com um T de preto». (1).

O Dr. João Teodoro casou com Gertrudes de Portugal da Silveira.

Deste casamento nasceu Ana Portugal da Silveira de quem falaremos.

Aquela Senhora, depois do falecimento do desembargador Dr. João Teodoro, casou em segundas núpcias com o fidalgo da casa real Belchior Curvo Semedo Torres de Sequeira, no dia 29 de Agosto de 1809".

Do E.B. N.º 63 (25-9-1932)

(1) — É este o brazão de armas e fidalguia da «Casa das Obras», de Manteigas.

Dr. FERNANDO SARAIVA

"Era filho do Dr. Fernando José Saraiva e de sua mulher Ana Maria Soares de Oliveira Vasconcelos, e pode afirmar-se afoitamente que, tanto pela sua inteligência, como pelo seu amor à Pátria, foi um verdadeiro representante das virtudes que em vida deram honra ao seu ilustre progenitor.

Como seu irmão Dr. João Teodoro, o primogénito, foi desembargador, sendo notória a sua fama como jurisconsulto.

Ainda estudante de preparatórios, e mais tarde como universitário, revelou-se de tal forma pelo fulgor da sua inteligência e pelo amor ao trabalho, que pouco depois da conclusão do seu curso era nomeado professor do Colégio de S. Pedro, anexo à Universidade de Coimbra, donde transitou, mais tarde, para o alto cargo de primeiro lente de cânones daquela Universidade.

O Dr. Fernando Saraiva foi o instituidor da capela de S. Fernando, na Quinta de Siqueiros, para o que conseguiu a necessária anuência de seu irmão mais velho, senhor do vínculo deste nome.

Quando se realizou o "Corpo Militar Académico" para dar combate às tropas napoleónicas, invasoras de Portugal, foi nomeado segundo comandante deste Batalhão de "élite" e promovido ao posto de Tenente-Coronel. Porém, em breve atingiu o posto de Coronel e comandante do referido Corpo Militar, fazendo toda a campanha do ano de 1809.

O seu comando foi notável, o que levou o coronel inglês Nicolau Trant a classificar de "digno Chefe" o comandante Fernando Saraiva, ao fazer referência, no seu relatório, aos serviços prestados pelo Corpo Académico na defesa do Vouga.

Em 14 de Julho de 1811 já este ilustre Manteiguense havia falecido, como afirma o referido oficial inglês em carta dirigida ao Vice-Reitor da Universidade.

No arquivo da Universidade de Coimbra encontram-se e podem ser consultadas as "Memórias do Corpo Militar Académico que deixou por sua própria letra o desembergador Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, primeiro lente da Faculdade de Cânones na Universidade de Coimbra, e Comandante do dito Corpo na ausência do seu chefe o Vice-Reitor, dr. Manuel Pais de Aragão Trigôso".

Estas "Memórias" foram um precioso auxiliar para que o Senhor Fernando Barreiros pudesse escrever o interessante livro "Notícia Histórica do Corpo Militar Académico de Coimbra", destinado ao Concurso Literário do 1.º Centenário da Guerra Peninsular.

Manteigas foi o ninho desta verdadeira Águia da Serra que, como Professor e como Militar, soube tão galhardamente honrar o nome da sua terra natal.

O Dr. Fernando Saraiva foi professor e comandante de outros Manteiguenses ilustres que deixaram o seu nome dignificado nas páginas da nossa história pátria".

Do E.B. N.º 72 (29-1-1933)

CAPITÃO-MÓR PORFÍRIO SARAIVA

"Porfírio António Vaz Leitão Saraiva representa um dos ramos dos Saraivas de Santa Marinha que vieram estabelecer-se em Manteigas na segunda metade do século XVII.

Era filho de Diamantino António Vaz Leitão Saraiva e casou com Francisca Henriqueta Ribeiro Saraiva.

Desde muito novo sentiu um especial atractivo pelas questões políticas locais que eram um reflexo das lutas travadas entre duas

grandes correntes de opinião nacional simbolizadas nos seus chefes supremos — D. Pedro e D. Miguel.

Porfírio Saraiva era Absolutista e teve que defrontar-se com manteiguenses muito ilustres que à causa da liberdade vinham sacrificando a tranquilidade dos seus lares e até mesmo as suas próprias fortunas, como sucedeu a António Ribeiro Barbas Saraiva, e a outros seus amigos políticos que por muito tempo sofreram em Inglaterra as agruras do exílio.

Era dotado de grande combatividade e assim a sua acção política não se limitava a uma acção tribunícia. Quando se tornava preciso o seu esforço, Porfírio Saraiva aparecia sempre. Fez parte do Batalhão de Voluntários da Covilhã, e de tal forma o seu nome gozava prestígio nas estâncias oficiais, que foi promovido ao posto de capitão para aquela unidade militar por decreto de 23 de Junho de 1829.

Durante as guerras civis assistiu a diferentes acções, principalmente no cerco do Porto, e os seus serviços foram de tal forma relevantes nos combates de 17 de Dezembro de 1832, que foi graduado em major por Decreto de 25 de Janeiro de 1833.

A sua favorecida posição política durante o reinado de D. Miguel e o prestígio inerente ao seu nome são as causas que levaram à sua eleição para o alto cargo de capitão-mór da vila de Manteigas em 1829, conforme consta dos registos do arquivo municipal, e que obteve a necessária confirmação por carta régia de 21 de Julho de 1830.

A vitória do Liberalismo colocou-o depois em plano de menor categoria, mas conservou-se fiel às ideias políticas de que seu filho, António Augusto Vaz Leitão Saraiva, foi devotado apóstolo".

Do E.B. N.º 74 (1-3-1933)

DR. MANUEL COELHO DE ALMEIDA

"Foram seus pais o capitão-mór da vila de Manteigas, António Rodrigues Seco e Maria Coelho de Almeida, filha do fidalgo da Casa Real, Manuel de Almeida Coelho Metelo, capitão-mór de Celorico da

Beira, e de Maria Ferreira Barbuda. Nasceu em Manteigas, e depois de cursar preparatórios matriculou-se na Universidade de Coimbra, bacharelando-se em leis.

Leu no desembargo do Paço em 9 de Junho de 1711.

Como magistrado, desempenhou vários cargos:

Foi ouvidor de Linhares; Juiz de fora da cidade da Guarda (15 de Agosto de 1716); provedor da comarca da cidade de Miranda (31 de Maio de 1730); teve provisão de comissão para conhecimento de causa em 21 de Outubro de 1739, provedor da comarca de Santarém (13 de Outubro de 1747). Também desempenhou o cargo de corregedor de Leiria, e depois de tantos e distintos serviços, ascendeu ao alto posto de desembargador do Porto.

O Doutor Manuel Coelho de Almeida casou com Ana dos Reis Leitão, natural de Manteigas, filha do sargento-mór Domingos Leitão e de sua mulher Maria Craveiro Pessoa de Sampaio.

Deste casamento nasceu, em Manteigas, Clara Teresa Coelho Leitão de Almeida, que mais tarde casou com Francisco Cardoso de Melo e Távora, e foi mãe de Cristóvão de Melo Cabral Cardoso de Sampaio, cavaleiro da Ordem de Cristo".

Do E.B. N.º 106 (17-6-1934)

Dr. LUÍS RIBEIRO DE SOUZA SARAIVA

"Manteigas, que nos princípios do século XVIII fora denominada o «pôço da ciência», tantos eram os homens ilustres que, saídos da classe eclesiástica, atingiram os mais altos cargos de representação nacional, aparece, nos princípios do século XIX, orgulhosa da pleiade de jurisconsultos de que foi berço.

Bastavam os nomes do desembergador João Teodoro, do lente Fernando Saraiva, do ministro Manuel Duarte Leitão, do Dr. luís Ribeiro de Sousa Saraiva, para que neste alvorecer do século pudesse usar, com justiça, o honroso nome do século passado.

Luiz Ribeiro de Souza Saraiva afirmou-se, jovem ainda, pelo fulgor da sua inteligência, pela integridade dum primoroso carácter,

por um amor acrisolado aos ideais da liberdade e ainda por um sao e duro patriotismo.

Nasceu em Manteigas, e foram seus pais o Dr. Manuel Ribeiro de Castelo Branco e sua mulher Maria Gertrudes Amália Borges Cabral de Souza Saraiva, dois nomes ilustres, enobrecidos não só pelos seus atributos pessoais, mas ainda pelas virtudes e heroísmos dos seus antepassados, aonde sobressaem nomes de militares ilustres que à causa da independência da Pátria dedicaram os melhores esforços.

Luiz Ribeiro Saraiva iniciou, muito jovem ainda, os seus estudos escolásticos, e encontrava-se em Coimbra frequentando na Universidade o 4.º ano de Cânones quando o exército francês invadiu Portugal. Organizou-se, por esse motivo, o "Corpo Militar Académico" que tão galhardamente se houve em diversos combates, sobretudo na defesa do Vouga, e o estudante laureado, o fidalgo de linhagem, despreza o conforto que a sua fortuna pessoal lhe podia proporcionar, e vai alistar-se voluntariamente nas fileiras do Corpo Académico, aceitando com alegria o modesto posto de 1.º cabo que lhe designaram. E depois de uma luta intensiva, quando o exército português expulsava do território nacional o invasor francês, Luiz Ribeiro Saraiva, cumprindo o dever que a voz da sua consciência e do seu sangue lhe impuseram, regressa ao lar universitário aonde conclui a sua formatura em leis.

Seguidamente fixa residência em Manteigas, revelando-se um dos mais devotados apóstolos dos ideais de liberdade que então começavam a flamejar os espíritos portugueses.

O Dr. Luiz Ribeiro Saraiva encontrava-se babilitado para os lugares de letras por carta de 6 de Setembro de 1811.

Foi familiar do santo Ofício por provisão de 15 de Agosto de 1811, e leu no Desembargo do Paço".

Do E.B. N.º 121 (3-3-1935)

JOAQUIM PEREIRA DE MATTOS (1)

— Notas biográficas e genealógicas —

Nasceu em Manteigas, a 27 de Fevereiro de 1853, e foram

seus pais José Pereira de Mattos, (2) nascido em Manteigas a 7 de Outubro de 1820, e D. Josefa Leitão, recebidos a 9 de Agosto de 1845, e foram senhores da casa da Capela, nas Caldas de Manteigas. Neto paterno de Manuel Miguel de Mattos (3) (filho de Miguel de Mattos e Paiva e de sua mulher Antónia Lopes da Costa) e de sua mulher Maria Pereira, casados a 4 de Dezembro de 1813, esta, filha de Manuel Lopes Arraeano Monteiro e de sua mulher Brígida Pereira; e neto materno de José Botelho Serra e de sua segunda mulher Clemência Leitão, recebidos a 19 de Julho de 1827, o primeiro, filho de Manuel Botelho Serra e de sua mulher Maria Jorge, e a segunda, filha de José António da Silva Roque, (4) cirurgião e Juiz Ordinário em Manteigas, e de sua mulher Theodósia Maria Leitão de Carvalho, esta, filha de João Luís de Carvalho (8) e de sua mulher Maria Leitão Saraiva, e neta materna de António Saraiva Leitão, (6) nascido em Santa Maria de Manteigas, a 5 de Dezembro de 1693, e de Maria Gomes, ele, filho de Francisco Saraiva, natural de Santa Marinha (irmão, entre outros, de Fernando Saraiva, Capitão-mór de Manteigas, casado com Helena Massano (como atrás foi referido), e de sua mulher Maria Leitão, (7). Francisco Saraiva foi filho de Domingos Saraiva, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Senhor da Pisaria, em Santa Marinha, e de sua mulher Brites Álvares de Paiva, de Santa Marinha; neto, por varonia, de João Saraiva, de Trancoso, e de sua mulher Isabel do Couto Pessoa, e bisneto de Afonso Saraiva Lucena e de sua mulher Helena da Cunha.

Notas Biográficas:

(1) — Presidente da Câmara Municipal de Manteigas.
(2) — Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Manteigas.
(3) — Procurador da Câmara Municipal de Manteigas em 1830 e condecorado com a Medalha da Real Efígie de D. Miguel I.
(4) — Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Manteigas.
(5) — Juiz Ordinário e Vereador em Manteigas.
(6) — Juiz Ordinário e Vereador em Manteigas.
(7) — Maria Leitão, casada com Francisco Saraiva, era filha de João de Matos Paes e Maria Leitão, casados em Novembro de 1646, sendo ele irmão inteiro de Tomé Paes, baptizado em São Pedro de Manteigas em 29 de Dezembro de 1622, pai do Frei António da Espectação, tal como consta da biografia deste, que foi, pois, colateral remoto de Joaquim Pereira de Mattos.

Joaquim Pereira de Mattos casou a 29 de Julho de 1878, em São Pedro de Manteigas, com D. Maria do Carmo da Cunha Lemos, Senhora da casa da Praça, em Manteigas, e na sua Casa-Solar, em São Gabriel, foram hóspedes, em 10 de Agosto de 1906, os Príncipes Reais Dom Luís Filipe e Dom Manuel, este, que mais tarde viria a ser o último Rei de Portugal.

Foi D. Maria do Carmo da Cunha Lemos irmã de José Augusto da Cunha Almeida e Lemos, que foi senhor de grande património, das quintas das Caldas, das Regadas e da Enxertada, em Manteigas, além das que possuía noutras terras como Vale de Amoreira, Valhelhas, Belmonte, Guarda e Coimbra. Era filho, único varão, de João Barnardo da Cunha Martins, nascido a 14 de Setembro de 1837, baptizado em Santa Maria de Manteigas pelo Pároco da freguesia Reverendo José Ramos de Carvalho, a 8 de Outubro do mesmo ano, apadrinhado por seu tio paterno, Bacharel em Direito, João Bernardo da Cunha, e por sua irmã D. Maria do Carmo da Cunha Martins; neto, por varonia, de José António da Cunha, baptizado em 17 de Dezembro de 1801, em São Julião, de Gouveia, e de sua mulher D. Maria do Carmo Martins Serra, casados em Santa Maria de Manteigas, a 20 de Julho de 1822, ele natural, de Gouveia, e ela de Manteigas.

José António da Cunha desenvolveu nas suas terras, junto ao Zêzere, em Manteigas, uma importante indústria de tecelagem, e este terá sido (ou foi mesmo) o princípio da indústria de que, mais tarde, seria um continuador Joaquim Pereira de Mattos, cujos descendentes, em grande número, viriam a constituir-se, em tempos mais recentes, na importante firma que foi Mattos Cunha, Limitada — São Gabriel.

Joaquim Pereira de Mattos faleceu a 28 de Março de 1909.

NOTA — Serviu de fonte de informação de grande parte destes dados a Obra «MOUZINHO DE ALBUQUERQUE», de FERNANDO DE CASTRO PEREIRA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE E CUNHA, da Sociedade de Geografia de Lisboa.

JOAQUIM PEREIRA DE MATTOS

O Grande Industrial

"Desde muito novo sentiu uma verdadeira vocação pela vida industrial de lanifícios, abraçada também por seu pai, que fora em Manteigas um dos precursores desta indústria, montando, com outros, no ano de 1856, a Fábrica do Engenho do Rio.

Apesar de ficar orfão muito novo, não tardou a revelar-se prematuramente um autêntico espírito de organizador, como prova o incremento metódico e progressivo com que impulsionou os serviços da casa que dirigia.

No ano de 1881 ocupava já o primeiro lugar no meio industrial manteiguense, proporcionando trabalho a 60 operários, com a produção média anual de 21.500 metros de vários tecidos de lã.

Espírito moderno e empreendedor, não se atemorizava com os aterradores orçamentos que costumam fazer ruir os planos duma grande organização industrial e, assim, no ano de 1890 a sua fábrica encontrava-se completamente remodelada, com maquinismos apropriados em todas as secções inerentes à indústria de lanifícios.

A fábrica de S. Gabriel tornou-se, pois, uma das fábricas de Portugal bem organizadas — senão a melhor — ocupando diariamente aos seus serviços uma média de 100 operários, isto é, a quinta parte do pessoal utilizado pela indústria manteiguense. O seu lavadouro mecânico e serviço de acabamento ainda hoje são dos mais perfeitos entre os similares existentes no país.

Joaquim Pereira de Mattos era o verdadeiro tipo de industrial inteligente e empreendedor. Idealizara a organização duma fábrica moderna e dignificadora, e como estava persuadido de que nada se poderia alcançar de perfeito sem que os elementos directivos fossem verdadeiras capacidades técnicas, mandou instruir alguns dos seus filhos no estrangeiro, nas diversas especialidades abrangidas pela complexa indústria de tecidos.

Nos seus processos administrativos e de organização adivinhavam-se as ideias embrionárias de Taylor e Fayol.

Pode afirmar-se afoitadamente que Joaquim Pereira de Mattos foi um precursor, no nosso país, da organização científica do trabalho, e a sua fábrica seria uma das mais belas organizações industriais de Portugal se a morte o não rouba aos 55 anos de idade.

Manteigas perdeu muito com o falecimento deste inteligente espírito industrial, que teria melhorado consideravelmente as suas condições de vida e de trabalho se a sua acção criadora e renovadora pudesse ter ido um pouco além do armistício.

Joaquim Pereira de Mattos faleceu em São Gabriel, no dia 28 de Março de 1909.

Nesse mesmo dia faleceu o mais lúcido espírito de organizador industrial nascido na vila de Manteigas".

Do E.B. N.º 108 — (29-7-1934)

NOTA DO COORDENADOR

Digno é de salientar aqui um facto que liga Joaquim Pereira de Mattos à história do concelho de Manteigas.

Já atrás ficou devidamente assinalado que o Concelho foi extinto em 26 de Junho de 1896, ficando anexado ao da Guarda durante cerca de ano e meio, pois viria a ser restaurado a 13 de Janeiro de 1898.

Em tal restauração, a tão curto prazo, diz-se que desempenhou papel fortemente preponderante Joaquim Pereira de Mattos, porquanto, propunha-se o Grande Industrial adquirir e transferir para Manteigas uma importante unidade industrial de lanifícios radicada em Portalegre.

Devem ter-se movido fortes influências no sentido de tal transferência ser impedida, mas Joaquim de Mattos impôs como condição, para desistir do seu intento, que o concelho de Manteigas voltasse a ser restaurado, o que veio a verificar-se na data acima referida.

Aqui se assinala a efeméride de grande significado para o concelho, para a qual decerto não deixou de ter forte influência a dinâmica do ilustre Manteiguense que assim ficou inscrito nos anais da história deste concelho — JOAQUIM PEREIRA DE MATTOS.

D. ANA PORTUGAL SARAIVA FRAGOSO DE VASCONCELOS

"... Como domésticas e administradoras, merecem menção honrosa as mulheres de nossos avós. Muitas vezes eram dotadas

dum tão clarividente tacto administrativo, que mais por suas virtudes pessoais do que por bens de fortuna material, conseguiram ver seus filhos doutorados, marcando na vida social invejadas posições.

Como protótipo de esposa exemplar, cito D. Ana Portugal Saraiva Fragoso de Vasconcelos, nascida em 6 de Maio de 1808. Esta ilustre Senhora, filha do desembargador Dr. João Teodoro e sobrinha do lente da Universidade Dr. Fernando, casou muito nova ainda com seu primo Dr. António Ribeiro Barbas Saraiva, um dos voluntários, quando estudante, do Corpo Militar Académico de Coimbra, na luta contra as napoleónicas hostes invasoras, e, mais tarde, fervoroso apóstolo dos flamejantes ideais de liberdade, como a quase totalidade dos manteiguenses ilustres de então.

Manteigas, o mais alto reduto defensor da liberdade, era mal visto pelos mandantes do absolutismo e, assim, numa pardacenta manhã, daquelas que parecem agoirar negros destinos, surge na quinta de Siqueiros um garboso oficial do Exército comandando tropas suficientes para aprisionar a Vila inteira. Levava por missão prender o Dr. Ribeiro Saraiva e outros seus patrícios e correligionários considerados perigosos, pela sua influência social, para os bons destinos do governo miguelista.

Depois de cercada a residência e de tomadas as medidas concernentes ao bom êxito da acção a executar, mandou que a sua ordenança batesse fortemente na férrea aldraba daquele solar fidalgo. O som metálico produziu o efeito dum clarim de alvorada naquela vetusta residência. Todos despertaram — amos e criados — e não tardou a aperceberem-se da situação melindrosa em que se encontravam. O Dr. Saraiva propunha-se vir ao encontro do comandante da força; porém, não lho consentiu o conselho prudente de sua ilustre esposa. Procuraria antes garantir-lhe a fuga que não era cobardia em tão estranha situação.

Um creado de confiança, conhecedor de caminhos e atalhos, guiaria seu amo a ponto de salvação aonde pudesse tomar, sem perigo, o rumo de Inglaterra. E ela, esposa amantíssima, tornar-se-ia a administradora incansável da sua casa, para que o exílio de seu marido fosse quanto possível suavizado, e dedicaria, outros-sim, todos os seus desvelados cuidados à criação e cultura de seus filhos.

Com a brevidade com que um general toma medidas na emergência dum combate, todos os planos relativos à vida futura daquele lar eram concebidos em instantes.

Depois de tudo preparado, é D. Ana Portugal que vem receber o jovem oficial no salão nobre do seu lar, e logo que posta ao facto de tão ingrata missão, fala de tal forma ao comandante, como esposa e como mãe, que este, de olhos marejados em lágrimas, mostrou ter no seu peito, não aquele seixo imposto pelo dever profissional, mas um coração de oiro reflorido de sentimentos.

Retirando-se mudo e cortezmente, ordenou aos seus subordinados que os postos de sentinela fossem reduzidos, reforçando estas a vigilância sob o pretexto de dar descanso aos soldados, que vinham de longada, do regimento distante. E horas depois, no momento destinado para as buscas domiciliárias, o Dr. Ribeiro Saraiva não foi encontrado, porque saíra afoitamente pelas traseiras desguarnecidas de sua casa, sob os olhares protectores de sua devotada esposa que soubera, diplomaticamente, livrar o seu marido das garras insaciáveis dos seus inimigos políticos."

Do E.B. N.º 49 (13-3-1932)

Outras Figuras Históricas

Outros homens insignes foram oriundos de Manteigas, tais como:

— Reverendo Fr. Lourenço Botelho, Monge de S. Bernardo, Dom Abade Geral de Alcobaça, esmolér-mór de El-Rei o Senhor D. João, o Quarto, donatário dos coutos desta Vila e Capitão-mór dela, e Padroeiro das Igrejas dos mesmos coutos;

— Diogo da Cunha Castelo Branco, Doutor graduado nos sagrados cânones pela Universdidade de Coimbra;

— Reverendo Fr. João da Penitência, da Terceira Ordem de S. Francisco, de grandes letras e virtudes e Provincial na sua Religião;

— Dr. Fr. José Leitão Teles, lente de Véspera na faculdade dos Sagrados Cânones, na Universidade de Coimbra, conventual de S. Bento de Aviz, Reitor no Seu Colégio dos Militares, Cónego na Sé da Guarda, na qual foi Vigário Geral e Provisor;

— Fr. João da Exaltação, da Terceira Ordem de São Francisco,

grande pregador e verdadeiro filho da Ordem da Penitência, que por esta e outras virtudes afirmaram os religiosos da mesma Ordem estar incorrupto no Convento de S. Francisco de Caria, Bispado de Lamego;

— Fr. Jacinto de São Paulo, da Terceira Ordem de S. Francisco, grande pregador e Capelão das Armadas d'El-Rei o Senhor D. Pedro, o segundo;

— D. Dionízio da Assunção, religioso do Carmo descalço, no deserto do Buçaco, onde passou a maior parte da sua vida, e onde foi por vezes prior e porteiro, tendo sido também confessor do Bispo de Coimbra, o Senhor D. João de Melo, que também o elegeu para seu companheiro na sepultura;

— Fr. António Manteigas, religioso da Ordem dos Capuchos, visitador que foi da Província de Cabo Verde, confessor do Bispo da Guarda, o ilustríssimo Senhor João de Mendonça, e muito estimado do Ex.mo Senhor Bernardo António de Melo Osório, Bispo do mesmo bispado;

— Fr. Manuel de S. Tiago, religioso de Santo Agostinho, grande pregador cheio de virtudes e de humildades, e por tal estimado do Senhor Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles e seu confessor. Também foi lente de Teologia no Colégio de Coimbra e jubilado e examinador pro-sinodal em Braga.

(NOTA: — Ao nosso conhecimento chegou, em data recente, que se trata de um Colateral remoto da família Cunha Mattos, de S. Gabriel).

Estes são alguns dos nomes colhidos da Obra "HISTÓRIA DOS LANIFÍCIOS" (1750-1834), de LUIZ FERNANDO DE CARVALHO DIAS, transcrevendo o Dicionário Geográfico, cujo original se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo — Tom. 22.

ALGUMAS PERSONAGENS HISTÓRICAS LIGADAS ÀS TRADIÇÕES DA "CASA DAS OBRAS" E DO SOLAR DA "QUINTA DE S. FERNANDO

RIBEIRO PORTUGAL SARAIVA, de Manteigas

"Família descendente, por legítima varonia, de Manuel Massano e de sua mulher Maria Rodrigues, naturais de Manteigas, onde eram moradores no século XVII. Deles foi neto Manuel da Cruz Massano, Familiar do Santo Ofício (carta de 27-2-1697) e pelo seu casamento com Valéria Ribeiro Castelo Branco, filha do Capitão-Mór de Manteigas, Luís Ribeiro Barbas, familiar do Santo Ofício (carta de 27-2-1700) e de sua segunda mulher, Maria Vaz, (neta paterna de Francisco Ribeiro Barbas e de Germana de Távora, natural da cidade de S. Cristóvão — Capitania de Cergipe, no Brasil, bisneta de Francisco Ribeiro Barbas e de Maria da Cunha, naturais de Manteigas, ela filha de Tristão da Cunha, tido como fidalgo de cota de Armas, e de sua mulher Maria Fernandes), vieram a esta casa os vínculos dos Cunhas Castelo Branco, de Manteigas.

De Manuel Massano e sua mulher Valéria Ribeiro foi neto o Dr. Manuel Ribeiro Castelo Branco, casado com D. Maria Gertrudes Amália Borges Cabral de Sousa Saraiva Castelo Branco, da vila de Santa Marinha (Seia), a quem sucedeu o filho primogénito Dr. António Ribeiro Barbas de Sousa Saraiva Castelo Branco, casado com D. Ana de Portugal Saraiva, filha herdeira do Desembargador e Capitão-Mór de Manteigas, onde foi senhor da casa das Obras e de vários morgados e capelas; João Teodoro Fragoso de Vasconcelos Cardoso (fidalgo de cota de armas, esquarteladas de Saraiva, Cardoso, Fragoso e Soares, a 7-10-1773 e de sua mulher D. Gertrudes Perpétua de Portugal da Silveira (filha de D. António Inácio da Silveira, da Casa dos Condes de Sarzedas e da dos Condes de Avintes, e de sua mulher D. Guilhermina Joana Leocádia Walis de Varona), neta paterna do capitão-Mór de Manteigas, Dr. Fernando José Saraiva e de sua mulher D. Ana Maria Soares de Oliveira e Vasconcelos, bisneta, por varonia, do capitão-Mór de Manteigas, João Saraiva (irmão de Fr. Manuel de S. Tomaz, religioso calçado de Santo Agostinho, Governador eclesiástico de Moçambique, Bispo eleito para o Ultramar, etc.) e de sua mulher Maria Josefa Cardoso de Gouvea, da Várzea de

Meruge, terceira neta, pela mesma via, de Fernando Saraiva, Capitão-Mór de Manteigas (vila para onde veio com seu irmão Francisco Saraiva, no final do século XVII, ambos naturais de Santa Marinha e filhos de Domingos Saraiva e de sua mulher Brites Alves de Paiva) e de sua mulher, Helena Massano, natural de Manteigas.

Do Dr. António Ribeiro Barbas e de sua mulher, D. Ana de Portugal, é terceiro neto e actual representante desta família Luís Eduardo Patrício Proença Madeira Ribeiro de Portugal"

Das Notas Genealógicas da Família Ribeiro de Portugal.

DOIS CLÍNICOS MANTEIGUENSES EM HOLOCAUSTO À SUA TERRA

Envolvidos nas tragédias epidémicas que, nos fins do século XIX e princípios do século XX, sacudiram fortemente as gentes de Manteigas, ceifando vidas em número tal, que casas houve que ficaram desertas, invocam-se aqui os nomes de dois Clínicos naturais desta Vila, que, em horas trágicas, dedicaram à população o melhor do seu trabalho e da sua abnegação, a ponto de lhe sacrificarem as próprias vidas, irremediavelmente contagiados pelas fatídicas malinas com que se viram a braços:

— Dr. JOSÉ CORREIA TANGANHO (década de 80 dos anos 1800) (1) — Morreu vitimado pela epidemia do tifo exantemático, que atingiu Manteigas no ano de 1882.

De tal forma se tornou popular e querido do Povo, pois era dos que cobrava aos ricos para dar aos pobres, que a sua morte foi sentidamente chorada por todos. Ainda se conta (pela via da tradição) que, no dia do seu funeral, os gritos da População eram tantos, que se ouviram em plena Serra de Baixo (Bejames).

Era um estudioso e pôde ser considerado, a par de outros, um dos mártires da medicina no seu tempo. Esta seria uma autorizada opinião que, mais tarde, seria manifestada pelo Prémio Nobel de Medicina, Prof. Egas Moniz, no Jubileu assinalado pela sua última lição como Professor.

A confirmar tal opinião, assinale-se o facto de ele próprio se ter feito de cobaia, ingerindo certo medicamento horas antes de morrer, profetizando para a família: "Se eu, com este medicamento, conseguir viver até às "tantas" horas, então salvo-me eu e salva-se a População". Infelizmente, não chegou à hora por ele indicada, morrendo com a idade de 30 anos incompletos.

Diz-se ainda que teria ingerido o medicamento em dose exagerada.

— DR. ANTÓNIO AUGUSTO PEREIRA DE MATOS (primeira década dos anos 1900) — Relativamente novo, também, sem contudo se poder concretizar a idade, sucumbiu igualmente vitimado por outra epidemia — a pneumónica.

Consta que um tal «Areias», prostrado na cama pela malina, se lhe lançou ao pescoço quando era observado, e com tamanha força e ânsia o fez, gritando: «Senhor Doutor, salve-me!», que este não pôde livrar-se do perigoso contacto e foi, naturalmente, ao sentir a picadela do piolho transmissor, que soou o momento fatídico em que foi contagiado.

Vítimas da sua humanitária missão, ambos foram dignos e merecedores da gratidão dos seus conterrâneos, a qual foi simbolizada na homenagem que, por posturas da Câmara Municipal de Manteigas, lhes foi prestada postumamente, dando os seus nomes a duas artérias da Vila: uma que vai desembocar na Praça Luís de Camões, outra no Largo da Igreja de São Pedro.

.....

(1) — De uma nota extraída do verso da Carta do Curso, passada pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, habilitando-o para poder exercer a CIRURGIA E MEDICINA, em seguimento à aprovação no Acto Grande, em 23 de Julho de 1878, pudemos arquivar as seguintes notas biográficas:

"JOSÉ CORREIA TANGANHO — Nasceu em 30/9/1852. Faleceu em 29/4/1882, vítima do tifo, exercendo o partido do Concelho de Manteigas 3 anos e 1/2, vencendo o ordenado de 400 reis anuais, deixando grande simpatia nos seus clientes.

Foi sepultado no cemitério velho, detrás do Calvário, na Freguesia de Santa Maria. — Manteigas, 10 de Outubro de 1884.".

Dr. FRANCISCO DE VASCONCELOS DA CRUZ SOBRAL

Não sendo, embora, manteiguense por origem, justamente mereceu ser considerado nosso concidadão honorário, eleito que o foi pela grandeza de alma e devotada abnegação à causa da Humanidade.

Por isso, não fica a desmerecer a sua menção no Capítulo "FIGURAS HISTÓRICAS DA VILA DE MANTEIGAS" o nome do Médico e brioso Militar que, nobremente e com coragem, tão bem soube conciliar a sua dupla função, pondo a de Médico ao serviço das gentes de Manteigas numa hora difícil em que desabava sobre elas uma das maiores calamidades da sua História.

Revejamos a História do depoimento colhido no N.º 220, de 27/1/ 1963, do "ECOS DE MANTEIGAS":

A OITENTA ANOS DE DISTÂNCIA — TRAGÉDIA NA SERRA

"Estamos, agora, em 1882.

Uma pobre mulher de Manteigas, chamada Maria Emília, casada com o operário Bento António, recebe a inesperada notícia de lhe ter adoecido, em Gouveia, um filho, o qual reclama a presença da mãe para o tratar. Cuidavam dele, por caridade, algumas vizinhas.

A partir deste facto banal, principiou a desenrolar-se na serra tragédia de grande vulto. E é precisamente na evolução do drama que sobressaiu a grandeza moral do insigne médico da Guarda.

Ainda a madrugada vinha longe, e a desventurada mãe metia os pés ao caminho, desafiando a ferocidade dos lobos. Ao alcançar o casebre do filho, na outra vertente da serra, foi topá-lo estendido em lôbrega enxerga de palha, amodorrado pelas ardências da febre, emagrecido pela fome e pela doença, alucinado pelo delírio e pela infecção.

Cobriu-o de beijos, indiferente ao perigo do contágio.

Ignoramos a marcha da enfermidade e o destino do rapaz.

Sabemos apenas ter a mulher de Bento António regressado, poucos dias depois, a Manteigas, estonteada pela febre. Decorridas poucas semanas, foram adoecendo, sucessivamente, as pessoas que a tratavam.

E assim começou a desenvolver-se o tifo exantemático em Manteigas.

Eram péssimas as condições higiénicas na vila. No dizer de Francisco Sobral, constituiam a povoação "8 casas e 600 pocilgas". Viam-se "animais imundos vagueando livremente durante o dia, e passando juntamente a noite em família com o homem, no mesmo compartimento. Nas próprias habitações dos ricos, em muitas, a pocilga é dentro de casa".

Os dois médicos municipais, José Tanganho e Esteves d' Oliveira, veem-se em apuros para acudir a todos os enfermos, e acabam por ser contagiados. O Administrador do concelho despende prodigiosa actividade nesta valorosa cruzada contra a enfermidade e a miséria, mas a foice da morte colhe-o em plena azáfama.

O enorme consumo de remédios esvaziou, em poucos dias, os escaparates das boticas. Adoecem, por fim, os farmacêuticos, deixando de haver medicamentos por carência de matéria-prima e falta de manipuladores. Fecham as padarias por não haver padeiros nem farinhas. Durante alguns dias, a vila ficou isolada do resto do País, entregue ao seu próprio destino.

O governador do disrito, Dr. Sousa Cavalheiro, tenta remediar o mal, e começa por procurar clínico que se afoite a enfrentar o andaço. Envia convites a todos os facultativos do distrito, mas recebeu apenas escusas em respostas. O posto é perigoso e a filantropia tem limites. Por fim, já desesperado, o governador civil decide contratar médicos por todo o preço. Foi, todavia, tão inútil apelar para as consciências, como tentar seduzir os corações pela ambição.

Em meados de Dezembro, quando Sousa Cavalheiro estava prestes a desesperar de poder valer à população de Manteigas, surge-lhe no gabinete Cruz Sobral a oferecer-se para cuidar dos tifosos. Havia, contudo, pequena dificuldade burocrática a resolver. Carecia de autorização superior para poder ausentar-se da Guarda. A fim de facilitar a resolução do problema, todavia, avisa o governador civil de que tratará simultaneamente os enfermos de Manteigas e os da enfermaria do Regimento.

Ao escutar-lhe o alvitre, o governador civil olhou-o com pasmo. Mas Sobral cortou-lhe todas as dúvidas, pedindo-lhe duas mudas de cavalos: dois ginetes na Guarda, um para ele, outro para o impedido; os outros dois seriam postos em aldeia situada a meio do caminho entre a cidade e a vila.

Havia também que discutir, no entender de Sousa Cavalheiro, os honorários a receber por trabalho tão meritório quanto violento. Francisco Sobral corta a questão com estas palavras:

— Tanto sirvo a Pátria na Guarda, como em Manteigas. Basta-me o soldo da tropa.

Aos olhos assombrados do governador civil, afigura principesca de Sobral assumiu as proporções dos gigantes. Aquela abnegação parecia-lhe tocar as raias da loucura!

O inverno ia no auge. A procela ululava diariamente em todos os recantos da cidade, espalhando no ambiente a dissonância das elegias da Natureza.

Era véspera de Natal. E foi na madrugada dessa noite tempestuosa que Francisco Sobral se aventurou a partir para Manteigas, acompanhado pelo impedido e por dois mastins da serra, para o livrarem dos lobos.

Alguns egitanienses, ao ouvirem, no aconchego fofo dos leitos, o estrépito dos cavalos do clínico ferindo o lajedo da rua, assomavam, assombrados, à janela, para verem quem ousava afrontar, com tanta temeridade, as inclemências da borrasca. E viam o vulto do médico em fantástica aparição, envolto no capote militar, cavalgando a toda a brida a caminho de Manteigas. Seguia-o de perto o impedido e ladeavam-no os dois molossos.

Ao meio do percurso mudam de cavalos e continuam a correria apocalíptica. Urgia fazer serviço na vila e regressar à Guarda da parte da tarde, a fim de cuidar da clientela da cidade e dos enfermos do Regimento.

"Mas que prodígios — clamou Sousa Martins na inauguração do monumento fúnebre do herói — para operar tão singular desdobramento da sua pessoa. O caminho era longo e, em parte, péssimo. Áspera a estação, aspérrimo o clima. O trabalho profissional, insano. As labutações do espírito, opressoras".

Quando Sobral surgiu em Manteigas, assumiu aos olhos do povo a grandeza dos enviados de Deus!

Ali pôde o médico observar as supremas amarguras do coração humano nos transes de aflição colectiva.

Quis distribuir pão pelos famintos, remédios pelos enfermos e roupas pelos pobres. E não encontrou pão, nem remédios, nem roupas! Transparecia em todos os olhares o pavor da morte! O cemitério transformara-se em sorvedouro de tifosos!

Começou o clínico por instituir "sopas económicas" com autorização do governo de Lisboa.

Conselhos desassisados e ordens incoerentes que lhe davam da capital, faziam-no rir e desobedecer!

Foi obrigado a improvisar enfermarias.

Encontrava em todas as ruas da vila a mesma desolação e tristeza: "visões trágicas do sofrimento humano", na sua expressão mais tocante!

Seja ele próprio a contar-nos algo do que viu:

"Em uma repugnante enxerga, quase preta pela sujidade, jaziam marido, mulher e três filhinhos, ressequidos pela sede, consumidos pela febre e... não tinham água, nem luz, nem fogo, nem um caldo. Não tinham nada. Estavam cobertos com uns nojentos farrapos que deixavam ver, em diferentes pontos, as carnes não menos imundas do que todo o resto. E havia três dias que não viam pessoa nenhuma".

E mais baixo comenta:

"Sinto-me bem quando penso que desde esse dia a fome fugiu daquela habitação, cujo aspecto me impressionou de uma forma extraordinária. Bendigo o feliz acaso que ali me levou, e ainda mais o ter na minha bolsa o bastante para poder remediar os infelizes até ao dia em que se principiou a distribuir sopa económica".

E termina com estas palavras de celestial regozijo:

"Curaram-se todos".

Levantaram-se, de norte a sul do país, aplausos e simpatia ao herói. Fizeram-se peditórios para ajudar Sobral na cruzada sacrosanta. Entregue a importância de determinada subscrição ao jornalista Eduardo Coelho, director do Diário de Notícias, a fim de a enviar ao grande médico, o prestigioso homem público fez acompanhar a respectiva quantia de extensa carta, da qual respigamos a seguinte frase:

"V. Ex.ª, que tão heróico papel tem representado nessa campanha sangrenta contra o inimigo omnipotente e insidioso, do qual vem saindo triunfante, e que melhor que ninguém conhece os martírios dessas povoações angustiadas, para quem tem sido a consubstanciação de um anjo consolador e salvador, não pode deixar de prestar mais este serviço a elas e a esta empresa que, com orgulho, por mim lho agradece".

Na sessão realizada na Sociedade de Ciências Médicas de

Lisboa, em 12 de Maio de 1883, Silva Amado e Sousa Martins apresentaram a seguinte proposta:

"Os abaixo assinados têm a honra de promover que se lance na acta um voto de louvor ao médico FRANCISCO DE VASCONCELOS DA CRUZ SOBRAL, pela coragem, abnegação e zelo com que tem socorrido os doentes atacados pela epidemia de Manteigas".

NOTA: — Para perpetuar a sua Memória, a Câmara Municipal deliberou, mais tarde, dar a uma das principais artérias da Vila o nome de "Rua Dr. Sobral".

CAPÍTULO SEXTO

ALGUMAS NOTAS SOBRE "ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, RECREATIVAS E DESPORTIVAS" DE MANTEIGAS

CÍRCULO CATHOLICO IMACULADA CONCEIÇÃO E S. JOSÉ DOS OPERÁRIOS DE MANTEIGAS

Datam de 3 de Abril de 1905 os Estatutos desta Associação e foram seus subscritores e sócios fundadores:

Thomaz Cabral Soares d' Albergaria
Padre José Rabaça de Carvalho
José Ramos dos Santos Roque
Alfredo Baptista Leitão
António de Jesus
João Thiago Neves
João Ignácio da Costa
João Lopes de Carvalho
Lúcio Thiago Neves
Diamantino Direito
João Abrantes da Cunha
Theóphilo d' Almeida Aguiar
Joaquim Rabaça de Carvalho
José d' Albuquerque
Joaquim da Cruz Filipe Botelho

José da Cruz Moura
Germano Baptista Leitão
José Maria Lucas Saraiva
António Ramos dos Santos
João Pereira de Mattos Preto
Luiz Leitão Cravino
António Pedro Craveiro Leitão
Gaspar Lopes Monteiro
João da Silva Veiga

Os primeiros dois artigos dos estatutos desta Associação definiam, claramente, os seus objectivos:

"Art. 1.º — O CÍRCULO CATHOLICO IMACULADA CONCEIÇÃO E S. JOSÉ, com sede em Manteigas, é constituído por indivíduos de todas as categorias sociais, é essencialmente congénere das associações democrático-christãs aconselhadas pelo venerando e saudoso Sumo Pontífice Leão XIII

Art. 2.º — Os seus fins principais são:
Promover o aperfeiçoamento intelectual, moral e religioso de todos os associados e trabalhar especialmente pelo bem-estar da classe operária."

O pedido da aprovação eclesiástica, datado de 4 de Dezembro de 1905 e assinado pelo Vice-Presidente, Padre José Rabaça de Carvalho, obteve o seguinte despacho:

"Louvando o zelo dos beneméritos fundadores d'uma Instituição tão útil aos bons operários da laboriosa Vila de Manteigas, aprovamos, no que competir à nossa jurisdição, os Estatutos do CÍRCULO CATHOLICO DOS OPERÁRIOS DE MANTEIGAS. Guarda, 20 de Dezembro de 1905".

MANOEL, Arcebispo-Bispo da Guarda"

A 16 de Novembro de 1905 era concedido Alvará e aprovados os Estatutos por JOÃO ABEL DA SILVA FONSECA, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do Distrito da Guarda.

Desta Associação resta apenas a memória e o edifício para ela expressamente construído, onde agora está instalada a "Casa do Povo".

Clube Autonomia de Manteigas

Dentre as Associações Recreativas existentes nesta Vila, destaca-se o CLUBE AUTONOMIA por ser a mais antiga, datando de 24 de Dezembro de 1898 os respectivos ESTATUTOS subscritos pelos seguintes Sócios Fundadores:

Joaquim Pereira de Mattos
António Augusto Pereira de Mattos
Leandro Abrantes da Cunha
António Ramos dos Santos Roque
Heitor Barbas Saraiva de Mattos
António Augusto Leitão Serra
Germano Baptista Leitão
Joaquim Lucas Saraiva
Valentim Adelino Mendes Cabral
António Augusto Prata Massano
Alfredo Baptista Leitão
Joaquim Pereira Monteiro
Joaquim Roque de Carvalho
Thomaz Ramos dos Santos
Luiz Leitão Cravino
José Duarte Craveiro
Manoel Pereira de Matos
Joaquim Rabaça
António d'Oliveira
Carlos Baptista Leitão
José Pereira de Mattos
Luiz Ribeiro de Portugal
Thomaz Cabral Soares de Albergaria.

ALVARÁ

"JOSÉ OSÓRIO DA GAMA E CASTRO, *Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Juiz da Primeira Instância e Governador Civil do Distrito da Guarda.*

Atendendo ao que me representaram os sócios do CLUB AUTONOMIA, de Manteigas, com sede na mesma vila, pedindo a aprovação dos estatutos por que pretende reger-se o referido Clube;

Usando da faculdade que me confere o artigo 252, n.º 8, do Código Administrativo, e conformando-me com o parecer da Comissão Distrital, aprovo os mencionados estatutos pela forma por que se acham organisados.

Contéem os ditos estatutos 39 artigos escritos em nove meias folhas de papel selado, numeradas e rubricadas pelo Official deste Governo Civil, servindo de Secretário Geral, no impedimento do próprio, Doutor José Pereira Monteiro.

Pagou 61$987 réis de direitos de mercê, adicionaes e sello, mais 17$696 réis de emolumentos e adicionaes, devidos à Secretaria d'Estado dos Negócios do Reino e mais 1$000 réis de receita creada por lei de 4 de Julho de 1889.

Dado e selado no Governo Civil da Guarda, aos 28 de Março de 1899".

José Osório da Gama e Castro"

Sporting Club Estrela

"SPORTING CLUB ESTRELA — Um núcleo de rapazes desta Vila, na mais louvável das intenções, animado da melhor das vontades, pelo que não lhes regatearemos louvores, conceberam e levaram a efeito a fundação dum Club desportivo com o título que encima esta notícia.

A sua fundação teve lugar no dia 24 do mês passado, e à mesma assistiu uma larga representação das forças vivas desta vila, não poupando encómios e prometendo o seu apoio moral à obra que se ia realizar, falando os senhores Eng.º Tito de Souza Lopes, que presidiu ao acto, Tenente José Biscaia Rabaça e António Esteves Gaspar de Carvalho, que disseram das vantagens sem conto do desporto e aconselharam a forma racional e logicamente coerente da sua prática.

No final, foi içada na frontaria da sua séde a bandeira do Clube, subindo ao ar uma girândola de foguetes".

Do E.B. N.º 9 (5-7-1925)

O Desporto em Manteigas

Um pouco de história

"Não foram certamente os homens da orla marítima, habituados a lutar com o mar, a empunhar os remos que o doninam, nem os campinos, hábeis cavaleiros da lezíria, nem tampouco os dolentes habitantes do Alentejo, que inventaram o cajado para defesa da sua pessoa, e dos seus bens.

O uso da vara — pau como defesa, com a sua técnica de golpes e paradas, tornado desporto genuinamente português — devia ter nascido, por necessiddade, nas montanhas das Beiras e Trás-os-Montes.

O cajado servia e serve como ajuda para a subida da Serra, galgamento de precipícios, arma certeira a suster o rebanho, que tresmalha, arrimo ao corpo a sustentar noites de vigília em redor do rebanho, e a pôr a distância cão inimigo ou lobo traiçoeiro.

Mais tarde, servia para, volteado por calejadas mãos, fazer a divisão de freguesias e «brincar» de maneira sangrenta nas feiras e mercados das vizinhanças, ou nos votos a progressistas e regeneradores das eleições municipais. e assim, depois da vitória do partido, iria noite em fora cantar debaixo de certa janela, mas sempre escondido nas dobras da capa, aquela canção que ao mesmo se refere:

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado;
Trago uma nódoa no peito,
De me encostar ao cajado.

Nódoa que não havia a certeza de ser do encosto do cajado, ou proveniente de alguma richa entre os pastores dos concelhos vizinhos, ao discutirem as linhas que dividiam os respectivos termos e baldios.

A assistência que hoje vai ao futebol, no magnífico campo de jogos Engenheiro Barjona de Freitas, propriedade da Casa do Povo de Manteigas, ignora decerto que, em pleno alto da Serra, existiu, no tempo dos nossos bisavós, um campo de jogos, onde era praticado atletismo puro.

Os adeptos do Grupo Desportivo da Casa do Povo ou dos Amieiros Verdes desconhecem que já há séculos, na Nave da Argenteira (hoje Nave de Santo António) no sítio do tiro da barra, os valentões desses recuados tempos mediam forças e disputavam prémios com os representantes das povoações vizinhas. Em pleno Junho se abria o torneio após a Festa religiosa realizada na Capela de Santo António da Argenteira.

Nesses tempos era desconhecido o esférico de barracha que se chama bola, e que saltita em magníficos estádios fazendo o delírio das multidões.

Nossos bisavós jogavam o pau, saltavam em altura e em comprimento, sustentavam lutas de tracção e corpo a corpo, desafiavam-se em pedradas a determinado alvo, corriam a pé, mas tinham, porém, uim desporto que os apaixonava — O jogo da barra. Era este, a bem dizer, o desporto-rei desses tempos de antanho.

Neste desporto, sempre se evidenciaram os «Manteigueiros» como adversários de respeito. Cabe aqui contar o feito de um tal José dos Calções, atleta manteiguense de extraordinária força, convidado pelo Prior da Sé da Guarda, de quem era afilhado, a ir fazer perante os Egitanienses demonstrações do seu valor. Ali chegado, e na presença de todos, pediu aos jogadores daquela cidade para fazerem o «ponto».

Depois da jogada, reparou que a barra ou malha, já enorme pedragulho, era pequena para as suas avantajadas forças e, num desabafo, disse:

— Na minha terra costumo atirar com pedras iguais às minhas ovelhas... dão-me licença?...

Deslocar enorme soleira de um próximo balcão, fazer o «ponto» e atingir distância tal que jamais os da Guarda superaram, foi para ele obra de momentos. Até nós chegou a tradição de que os «Guardenses» não levaram a bem as proezas do representante de Manteigas, e só a influência do Reverendo Prior da Sé permitiu que ele voltasse são e salvo a esta vila.

—///—

Em tempos, tiveram os rapazes de Manteigas modesto campo de futebol em São Sebastião, detrás da capela, e onde pleitava o saudoso Sporting Clube Estrela.

Nesses saudosos tempos, sofrer derrotas de 21 a 0 não esmorecia os brios dos nossos representantes.

Foi ainda o Sporting Clube Estrela que mais tarde nos fez delirar horas de entusiasmo desportivo, metendo ombros a organizações de tal importância, que muito contribuiram para tornar Manteigas conhecida, e até se reflectiram no desporto da Nação.

Uma das maiores foi, sem dúvida, a realização do I Circuito Ciclista das Beiras, onde correram os melhores ases do pedal desse tempo, dentre eles os célebres Alfredo Trindade, Aguiar da Cunha, César Luiz e outros.

Concorreram a esta prova o Sporting Clube de Portugal, Sporting Lisboa e Benfica e os Belenenses. Foi nesta prova, e representando o Clube local, que se revelou José Albuquerque (o Faísca) que mais tarde viria a ser o vencedor de duas voltas a Portugal.

Já no seu campo de Basquet, no sítio da Senhora dos Verdes, ainda o Sporting se atreveu a empresas arrojadas, quer fazendo deslocar a esta vila o Ginásio Clube Português, de Lisboa, para a disputa de um torneio regional, quer inscrevendo-se no Campeonato de Portugal da modalidade, competindo com o Conimbricense, quer ainda realizando a disputa de uma taça a que concorreram grupos da Guarda, Sampaio, Gouveia, etc.

Manteve este popular Club secções de Futebol, Basquet, em que obteve excelentes resultados, Tiro, Volei-Ball, Atletismo e Ping Pong.

Não lhe mereceu menos cuidado a formação do espírito, e foi organizador de belos festivais, verbenas e teatros.

Foi ainda o fundador do "Grupo Folclórico de Manteigas" e do "Jaz Estrela".

Teve Manteigas ainda outros dois campos de jogos, um situado em Santo António, propriedade da Juventude Católica, e outro em S. Gabriel, propriedade da Firma Matos Cunha, Limitada, para recreio dos seus operários, que agora tentam novamente reorganizar o seu grupo desportivo".

ANTÓNIO DE JESUS DE CARVALHO (Bica)
— sobe o peseudónimo "VIRIATO DO ZÊZERE"

Do "Ecos de Manteigas" N. 55 (12-6-1955)

BANDA BOA UNIÃO

(Música Velha)

À BANDA BOA UNIÃO

Dedicamos este despretensioso trabalho no dia do seu primeiro CENTENÁRIO

Manteigas, 8/7/1965

ANTÓNIO DE CARVALHO LUCAS

JOAQUIM LUCAS BAPTISTA

FUNDAÇÃO DA "PHILARMÓNICA VELHA DE MANTEIGAS"

Não é possível, decorridos cem anos sobre a criação oficial da primeira filarmónica de Manteigas, porque não só minguam os documentos escritos como até é extremamente pobre a tradição oral, não é possível saber quais terão sido os antecedentes, os motivos que levaram à criação de uma associação musical na nossa terra. Na altura, no resto do país, não era esse um movimento ainda generalizado e, mesmo que o fosse, o isolamento natural de Manteigas não era propício a contactos entre gentes que pudessem, de um momento para o outro, criar, entre serranos, um agrupamento vocal e instrumental em termos. A ideia alguém a trouxe de longe e a lançou por aqui na expectativa de um longo e frutuoso amadurecimentro, na esperança de que havia de surgir algum dia o momento próprio para a sua realização. Esse momento surgiu quando, algum tempo depois, passou por Manteigas um agrupamento de palhaços que se fazia acompanhar de alegre e barulhenta charanga. Nessa altura, os lamentos todos se referiam ao facto de não poder Manteigas criar um agrupamento instrumental parecido.

Como quer que fosse, o entusiasmo foi tão grande, tão manifesto que, imediatamente, alguém cuidou de encomendar instrumentos, e não tardou que a vila toda se alvoraçasse com os ensaios e

a actuação da Banda assim improvisada. Para estes factos é impossível, no entanto, marcar, com certeza, uma data. Algumas fontes sublinham como provável o ano de 1864, outros pensam até em anos anteriores. Dessa incerteza, entretanto, não é fácil sair-se nem lógico tirar quaisquer ilações.

Os documentos são bem claros quando se referem à criação oficial e pública da Música em Manteigas. Reza assim a escritura:

"Saibam quantos este instrumento público virem que sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e sessenta e cinco, aos oito dias do mês de Julho, pelas nove horas da noite e casas e moradas de Ana Martins Pereira, aonde, eu, Tabelião, vim a rogo de partes para fazer a presente escritura, ali sendo presentes José Maria Ribeiro Cabral e a sobredita Ana Martins Pereira, viúva, Manuel da Costa Monsanto, António Correia Tanganho, João Lucas Coelho, João Abrantes da Cunha, João António Lopes Espinho, Manuel Duarte Serra, José Abrantes da Cunha, Joaquim Lopes Rebelo, todos desta vila, conhecidos das testemunhas adiante nomeadas e assinadas e estas de mim Tabelião que dou fé, perante as quais por eles outorgantes foi dito que tinham contratado de reger Sociedade Filarmónica com as condiçoes seguintes".

Depois a escritura prossegue fazendo-se eco da organização jurídica que pretendia dar-se à referida Associação, enumerando as quinze condições que ficam a aconstituir as quinze cláusulas do contrato que sujeitavam dessa forma ao conhecimento da lei. Dessas condições, a quarta é bastante sintomática por provar, em definitivo, a existência de um agrupamento musical a 1865.

Diz assim: "O produto das festas será dividido por todos os filarmónicos com igualdade, depois de tirada a quinta parte que entrará em Caixa e para as despesas gerais da Sociedade; como porém existem já alguns móveis e músicas, os que de novo entrarem e não pertenciam à antiga filarmónica não receberão coisa alguma sem que faça meio ano, findo o qual ficarão com direito a esses móveis e receberão tanto como os outros".

Desta forma se fala claramente de uma filarmónica que havia já sido desfeita e havia elementos capazes de actuar ainda em nova associação, músicas e móveis. A que ano se pode ou deve atribuir o aparecimento e a extinção da dita filarmónica? Dez, vinte anos antes? Talvez não. Sem rivais, sem luta, a primeira filarmónica deve ter tido vida efémera, conhecendo a vida e a morte nos cinco anos

que precederam a fundação da Filarmónica "Boa União" em 8 de Julho de 1865, na casa que em S. Pedro era habitada por Ana Martins Pereira, viúva.

A escritura a que se tem feito referência pouco mais apresenta que seja digno de nota. Celebrada entre indivíduos pertencentes às duas freguesias da Vila, muito embora em chão de São Pedro, a escritura demonstra que a nova sociedade pretendia ser uma instituição válida para toda a Vila. Além dissso, por se referir com pormenor ao processo de divisão dos fundos que ainda hoje está em voga em quase todas as suas congéneres pelo resto do país, a escritura evidencia uma fonte comum de inspiração, fonte que não é possível aprofundar mais por não se ter feito ainda um estudo exaustivo do assunto em Portugal.

Nesta escritura, a sociedade não se apresenta, entretanto, com um nome específico, o contrato é celebrado por dois anos.

Em 2 de Outubro do mesmo ano, talvez porque na primeira escritura não tivessem sido esclarecidos certos pontos, talvez por a regência passar para a mão de Manuel da Costa Monsanto, é celebrado novo contrato que, fundamentalmente, apresenta as seguintes inovações: criam-se sócios pensionistas e estabelecem-se normas que hão-de presidir aos serviços litúrgicos das duas freguesias da Vila; nomeia-se uma Direcção da qual fazem parte dois padres (os Reverendos Joaquim Gomes Pinheiro e Francisco Martins Lucas) e os leigos (sócios pensionistas como os dois vigários) Manuel Francisco Serra, José Esteves Lucas e Joaquim Roque Botelho.

Em 1869, aos dois dias do mês de Janeiro e nas "Casas da Sociedade Filarmónica", fez-se nova escritura sob pressão do «Reverendo José Gomes Neves e outros desta Vila e julgado de Manteigas». A nova escritura tinha por fim descer a mais pormenores quanto à organização da Sociedade, e é o primeiro documento a apresentar especificamente o nome do mestre — no caso o Padre José Gomes Neves, então pároco da freguesia de São Pedro.

Do exame cuidadoso das três escrituras surgem, como necessários alguns reparos.

A escritura celebrada em 8 e Julho de 1865 pretendia ser válida por dois anos, mas a necessidade, logo verificada de esclarecimentos às condições do contrato, mostrou a oportunidade de uma revisão que veio de facto a efectuar-se aos dois dias do mês de Outubro do mesmo ano.

Essa escritura que, como a primeira, foi feita em casa de Ana Martins Pereira, era válida por três anos e foi substituída, nos alvores do ano de 1869, aos dois dias do mês de Janeiro, sobe pressão do Padre José Gomes Neves e de outros, por nova escritura, válida também por três anos.

Se bem que a última escritura fosse encabeçada por nomes diferentes, na quase totalidade, dos que patrocinaram a celebração dos dois primeiros contratos, não é de admitir que tal facto se deva à cisão havida entre os filarmónicos e sócios pensionistas da Sociedade, porquanto o documento em referência nada mais fez do que pormenorizar a organização do agrupamento musical, e não apresenta quiasquer sinais de azedume para com as disposições dos contratos e testemunhas da escritura. Além disso, na extrema variedade dos autorgantes e testemunhas da escritura de 1869, é notória ainda a mistura de elementos de Santa Maria e São Pedro. A partir de 1869 e até 1883 é difícil, no entanto, acompanhar devidamente o caminho da filarmónica e, sobretudo, marcar ao certo a data que viu nascer em Manteigas um novo agrupamento musical.

Em 1880, com data de 9 de Abril, Valério de Paiva Boléo compõe, na cidade da Covilhã, um "Hino dedicado à Sociedade Philarmónica Velha de Manteigas". Na análise do original desse hino se baseiam, aliás, todos os que determinam para antes de 1880 o nascimento da "Filarmónica Popular de Manteiguenses".

Os documentos escritos minguam, mas no entanto há um facto que a tradição oral refere, capaz de trazer luz ao problema.

Debatiam-se na altura pelo poder os partidos regenerador e progressista — os primeiros fundados sob a orientação do Marquês de Saldanha, em 1851, e o segundo saído do célebre Pacto da Granja,por fusão dos partidos "histórico" e "reformista", em Setembro de 1786.

Uns e outros tinham em Manteigas os seus apaniguados: os "regeneradores", de tendências direitistas, eram chefiados pelo Senhor da Quinta de S. Fernando, D. António Ribeiro de Portugal, e os "progressistas", de tendência esquerda, tinham como chefe um industrial de grandes haveres e prestígio, Manuel Cunha.

Diz a tradição que as eleições eram renhidas, e os dois chefes se empenhavam o melhor que sabiam em chamar para a sua causa o maior número possível de adeptos. Nessas alturas organizavam-se

grandes banquetes públicos e chegavam a distribuir-se terras a troco de um voto.

Quando, em determinada altura, o partido "progressista" ganhou as eleições, Manuel Cunha propôs à direcção da Filarmónica a conveniência de a mesma se associar à festa das esquerdas, ao que prontamente anuiu a direcção encabeçada por D. António Ribeiro de Portugal, com a condição de a Música receber uma libra em ouro por cada hora de exibição. A proposta foi aceite e, passadas duas horas e pagas as libras do contrato, Manuel da Cunha dispensou os serviços da Filarmónica e comunicou, publicamente, a sua intenção de patrocinar ele próprio a fundação de uma nova associação musical em Manteigas. Imediatamente aderiram à sua ideia alguns musicos presentes, os quais, separando-se da velha associação, fundaram a que depois viria a camar-se "Filarmónica Popular Manteiguense".

A dar certa esta informação de tradição oral, não se torna difícil marcar, em definitivo, o ano da vitória eleitoral dos "progressistas" e, concomintantemente, marcar a data da cisão e fundação da nova filarmónica.

Em 2 de Junho de 1879, Anselmo Braacamp, a convite especial e directo do Rei, organiza o primeiro governo progressista, dissolve o Parlamento e, a 19 de Outubro do mesmo ano, realiza eleições gerais, conseguindo eleger 93 deputados contra 23 da oposição.

Porque a referência oral da tradição fala em "eleições ganhas", é fácil marcar para Outubro de 1879 a fundação do novo agrupamento musical. Só dessa forma, alás, se pode dar crédito ao motivo político que parece ter originado, a cisão entre os membros da velha filarmónica. E o motivo político, isto é, a vitória dos "progressistas" em eleições, verificou-se só em 1879 e graças ao alto tacto político de Anselmo Braancamp e da pleiade de ministros de que se rodeou e dentre os quais é justo salientar os nomes de José Luciano de Castro e do Marquês de Sabugosa.

Fundada antes de 1880 e coincindindo com a estrondosa vitória eleitoral do partido "progressista", a "Filarmónica Popular Manteiguemse" só podia ter visto a luz do dia no ano de 1879. Em Junho ou, provavelmente, em Outubro de 1879.

Importa referir, para já, que nem mesmo após a fundação da Música os dois agrupamentos passaram a circunscrever-se, cada um, à sua freguesia.

O ideal político que havia provocado o cisma, alimentou, ele

próprio, durante muitos anos, as rivalidades, e elementos de uma e outra freguesia faziam parte de uma e de outra banda, de acordo com tendências e conveniências políticas. As rivalidades, no aspecto social, quando muito, e para aqueles que pouco ou nada percebiam de política, faziam-se sentir mais no mister de cada um do que na freguesia em que nasciam ou moravam. Naturalmente, os operários, por conveniência de trabalho, agrupavam-se em volta de Manuel Cunha e eram progressistas, e os trabalhadores do campo e pastores, por tendência natural, uniam-se em redor do senhor das terras e dos pastos — D. António Ribeiro de Portugal —, e eram regeneradores.

As lutas políticas, nessas alturas, revestiam-se até de características que as tornavam faladas pelo ardor que uns e outros punham na celebração das suas vitórias eleitorais. Assim, quando as direitas ganhavam, os progressistas sumiam-se nas partes mais escuras das suas casas, havia foguetes, e a "Música Velha" animava os folguedos no largo da Casa das Obras e na Quinta de S. Fernando. Quando as esquerdas adregavam de vencer, os regeneradores escondiam-se, e os folguedos circunscreviam-se ao Velho Rossio (largo da Liberdade) e Praça Luís de Camões. Só bastante mais tarde, já nos alvores do século XX, é que, efectivamente as bandas começaram a referir-se cada uma à sua freguesia. As causas devem buscar-se no esmorecimento dos partidos (que se multiplicaram sem conto e perderam coesão) e nas animosidades que a revisão dos limites das freguesias provocaram. A opinião pública apaixonou-se de tal forma, que os leigos se embrenharam em quezílias de vária ordem com os padres, e as bandas, naturalmente, acabaram por render-se ao estado de espírito da vila e tomaram a seu cargo, até, a honra das freguesias que passaram a defender com o mesmo espírito partidário dos fins do século XIX.

Dentre os elementos que, em 1879, se devem ter passado para o novo agrupamento musical, cita-se, pelo especial relevo que imprimiu à vida política de Manteigas João Abrantes Martins da Cunha, filho de Ana Martins Pereira. Dentre os que permaneceram fiéis à "Música Velha", devem citar-se: D. António Ribeiro de Portugal, D. Manuel Ribeiro de Portugal, Manuel Lucas Baptista, João Lucas Coelho, Gregório Cerveira, Eduardo Quaresma e Manuel Francisco Serra.

Depois do cisma, o acto jurídico mais relevante da "Filarmónica Velha de Manteigas" deu-se em 1833, data do alvará que aprovou os estatutos. No verso da 2.ª folha desse documento refere-se que

os primeiros estatutos da Banda foram feitos em 1874. A inscrição que reza assim: 1.ºs Estatutos foram feitos em 29 de Novembro de 1874", não traz qualquer assinatura e não é explícita ao ponto de indicar se a data se refere à aprovação ou composição dos referidos Estatutos.

De 1883 aos nossos dias a vida da "Filarmónica Boa União" foi um caminhar perene e gigantesco na procura de um ideal: e esse ideal foi procurado sempre na consideração da arte, no culto da amizade e no insatisfeito desejo de vencer. Só dessa forma, aliás, foi possível escapar-se à morte lenta a que o destino condena as Instituições do género. Nem tudo foram rosas, mas sentiram-se as dores profundas dos espinhos cravando-se na carne; nem tudo o que se fez perdura, mas o saldo final é um alegre saldo de vitória.

Os actos jurídicos posteriores a 1883 que importa salientar resumem-se a dois: a construção da actual casa de ensaios, na Rua das Obras, e a declaração de propriedade do coreto do Senhor do Calvário, respectivamente em 25 de Novembro de 1950 e 14 de Julho de 1956.

A construção da casa dos ensaios tornou-se possível graças à generosidade da Exm.ª Senhora D. Maria de Portugal da Silveira que doou os terrenos necessários, e ao entusiasmo e dedicação de toda a freguesia de Santa Maria que, com ofertas de materiais e trabalho, mostrou a força actuante do seu bairrismo. O ensaio foi inaugurado em 1951, aos 29 dias do mês de Julho.

Em 1956 e por mor de certos ditos e desejos mal encobertos, houve necessidade de afirmar publicamente a "posse" do coreto do Largo do Senhor do Calvário. Em Manteigas ninguém ousaria pôr em dúvida a legitimidade da posse do coreto na pessoa da Banda Boa União. No entanto, gente estranha à nossa Terra, numa infeliz demonstração de pouco apreço para com as nossas obras e o nosso entusiasmo, tentou derrubar essa convicção, pretendendo a todo o custo promover a transferência do coreto. Essa tentativa provocou reacções, a mais serena das quais saiu da boca do Vigário de Santa Maria, Reverendo Padre Joaquim Dias Parente, e pôs ponto final na questão. Em declaração pública o Pároco afirmava:

DECLARAÇÃO

"Eu abaixo assinado, Padre Joaquim Dias Parente, natural de Alpedrinha, concelho do Fundão, filho de Eduardo dos Santos Hipólito

e Maria da Piedade, e residente na freguesia de Santa Maria do concelho de Manteigas, declaro por esta forma e para todos os efeitos legais, em nome pessoal, como Pároco da Freguesia de Santa Maria supra dita e, ainda, como Presidente da Comissão Fabriqueira da respectiva Igreja, que o coreto que se encontra no Largo do Senhor do Calvário, nesta Vila de Manteigas, é propriedade, única e exclusiva, da Banda "Boa União", associação recreativa com séde nesta Vila de Manteigas. E por ser verdade e para os devidos efeitos, fiz escrever a presente declaração perante as testemunhas JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS, viúvo, funcionário público aposentado, e ANTÓNIO PRATA, casado, funcionário público, ambos residentes nesta Vila, a qual assino com as ditas testemunhas".

Manteigas, 14 de Julho de 1956

P. Joaquim Dias Parente
José Augusto dos Santos
António Prata

NOMES E FACTOS INESQUECÍVEIS

A história da "Música Velha", os gloriosos 100 anos que nos separam da sua fundação, não se compreendem, não têm verdaeiro sabor se não forem recordados de parceria com uma série de episódios que ficaram célebres

Episódios que se relacionam com o cisma de 1879, episódios que se referem a lutas de freguesias ou despiques entre as duas Músicas, um e outro faco relacionado com figuras amigas ou mais ligadas à "Música Velha".

O primeiro mestre da música em Manteigas, José Maria Ribeiro Cabral, era natura de Mesquitela, fora aluno de teologia e, em 1863, com 26 anos, ligou-se à família de António Martins Ramos, industrial, por casamento.

A primeira e segunda escritura foram celebradas em Chão de São Pedro, numa casa que é hoje pertença da Senhora D. Elisa Mota, sita na Rua de São João de Deus, antiga Rua da Encruzilhada. Essa

casa era propriedade de Ana Pereira Martins, viúva de João Abrantes da Cunha. Seus filhos João, Fortunato e António haveriam mais tarde de desempenhar lugar preponderante na organização do partido progressista em Manteigas e, em 1879 haviam de ser cabecilhas do cisma com Manuel da Cunha e Caetano Espinho.

Manuel da Cunha, chefe progressista que, em 1879, provocou o cisma, era sogro Joaquim Pereita de Matos, e marcou uma era de protecção em relação à "Música Nova", só desmentida, mais tarde, com a dedicação que, em relação à "Música Velha", sempre revelou a Senhora D. Maria do Carmo da Cunha Mattos.

Nos alvores deste século, em Julho de 1909, houve em Gouveia uma concentração de Bandas, oito ou todo, pertencentes às seguintes localidades: Manteigas, Seia, Vila Nova de Tazem, Moimenta da Serra, Arcozelo, Rio Torto, Linhares e Gouveia. De todas, a que mais alto se colocou na execução do Hino da Carta foi a "Filarmónica Boa União", de Manteigas. Ainda há pouco tempo, em Rio Torto, em animada conversa com um velho filarmónico que tomara parte na concentração, ficou efectivamente evidenciado o alto prestígio de que então gozava a "Música Velha". Durante essa concentração os músicos de Manteigas, além de revelarem o aprumo artístico da sua execução, apresentaram-se em Gouveia com dois fardamentos diferentes.

Depois dessa jornada monárquica em Gouveia, outras jornadas gloriosas teve a "Música Velha": A ida a Santiago do Escoural, no Alto Alentejo, em 1932; as Festas do Senhor do Calvário em Gouveia e as Festas do Senhor do Calvário em Santa Maria de Manteigas onde, por duas vezes — 1927 e 1929 — se bateu com a categorizada Banda do Regimento de Infantaria n.º 21 da Covilhã, da qual era Regente o Grande Maestro Lança.

Em 1939, à sombra da "Música Velha" e no coração da freguesia de Santa Maria, à Praça da Louça, funda-se o "Rancho dos Serranos da Estrela" que horas de glória haveria de trazer também à "Música Velha". Dessas horas de glória as maiores foram vividas em 1940, em Viseu, e em 1964, em Coimbra, nas Festas da Rainha Santa.

Se é certo que episódios como os que ficam descritos dão mais cor à vida de uma agremiação, certo é, também, que há figuras, há beneméritos que, só por si, explicam a grandeza de uma obra e se tornam credores de uma eterna gratidão: D. António e D. Manuel Ribeiro de Portugal, os Homens que, para além do interesse político,

para além das glórias passageiras, viram na "Filarmónica Boa União" uma associação artística e de recreio à qual se devotaram e da qual foram generosos mecenas.

Joaquim da Cruz Filipe, Albino da Cruz Filipe, Manuel Francisco Serra Rabaça, António Augusto Prata Massano, José Vicente Baptista Gonçalves, Alberto Eduardo de Sá, José Craveiro Rabaça, José Augusto Rabaça Leitão, Manuel de Oliveira, Silvino Augusto Ribeiro Abranches, Zeferino d' Almeida Fraga, Joaquim Craveiro Rabaça, Francisco Gaspar, António Gaspar, Manuel Gaspar, António Abrantes Pereira e Manuel Clemente Branco são outras tantas figuras prestigiosas que, no último quartel do século XIX, deixaram o seu nome e o seu entusiasmo ligados à "Filarmónica Boa União". Em tão boa hora o fizeram, que os seus nomes não mais se varreram da memória agradecida de uma instituição que eles próprios ajudaram a criar para a História.

AS CASAS DOS ENSAIOS DA "FILARMÓNICA BOA UNIÃO"

A escritura de 1883 fala especialmente em "casas da Sociedade Filarmónica". No entanto, tal designação quererá, obrigatoriamente, significar casa de ensaios? É difícil respopnder sem dar margem a controvérsias, tanto mais quanto, efectivamente, a tradição oral é pobríssima em elementos que a tal assunto se possam ou devam referir.

A "Música Velha" morou na actual Rua Vasco da Gama, numa casa que ainda hoje é pertença da família "Oliveiras", de santa Maria. Desde quando? Até quando? Aqui se entra no campo das hipóteses.

Sabe-se que morou depois paredes meias com a Igreja da Misericórdia, num edifício que era propriedade da santa Casa da Misericórdia, e que foi demolido há anos por necessidade de alargamento da Praça Luís de Camões.

O arrendamento deste edifício foi, durante anos, objecto de um característico leilão anual entre as duas Filarmónicas da Vila. Ao que parece, no entanto, e enquanto a "Música Velha" não se transferiu para a "Casa 1.º de Dezembro", a "Música Nova" nunca conseguiu levar a melhor nesse leilão. Logo após a transferência da "Música

Velha", é por tempo que não é possível demarcar com certeza, o mesmo edifício serviu de ensaio da "Filarmónica Popular Manteiguense".

De 1906 (?) até 1930 a "Filarmónica Boa União" residiu na "Associação 1.º de Dezembro" (actual Casa de Cristo-Rei) sita na velha Rua do Sol, (hoje Dr. Sobral).

O edifício foi construido por interesse conjunto da «Banda Boa União» e da associaçção Recreativa 1.º de Dezembro, e destinava-se a sede das duas agremiações que tinham uma só e mesma Direcção. Nele se realizavam os ensaios da Banda e se promoviam sessões culturais e récitas que ainda hoje se recordam, tão profundamente falaram ao coração do Povo. A sala de espectáculos serviu até várias vezes para receber grandes Companhias de teatro amador vindas de fora.

Entre 1930 e 1951, e graças à generosidade da família Cunha Mattos, a "Música Velha" ensaiava nas dependências térreas do edifício que hoje é pertença e habitação da família Cunha Mattos Isabel.

Desde 1951 a "Banda Boa União" encontra-se instalada em edifício próprio e expressamente construido para a sua Sede e ensaios, e fica situado na Rua Teles de Vasconcelos, também conhecida por Rua das Obras por nela se situar o Solar "Casa das Obras", pertencente à família nobre Ribeiro de Portugal da Silveira que gratuitamente cedeu o terreno para a construção do edifício nas imediações do Solar.

OS MESTRES DA "BANDA BOA UNIÃO"

JOSÉ MARIA RIBEIRO CABRAL (1865): regeu a "Música Velha" durante três meses.

MANUEL DA COSTA MONSANTO (1865-1869): manteiguense de origem e homem de bom gosto.

PADRE JOSÉ GOMES NEVES (Padre Pacha): deve ter regido até 1873, data em que, presumivelmente, foi nomeado pároco de Cabril. Foi pároco de S. Pedro.

JOÃO MATAGOTA, ácerca do qual nada mais se sabe.

FRANCISCO PAIVA BOLÉO (1873-1895); sobrinho do grande compositor Valério de Paiva Boléo, veio para Manteigas com a idade

de 14 anos, exercendo desde essa idade as funções de mestre da "Música Velha". Tinha que subir para um banco, dada a sua pequena estatura, para reger, mas logo se revelou de um saber e gosto admiráveis na difícil arte de usar a batuta.

Porque na altura eram grandes as rivalidades que opunham a "Música Nova" e a "Música Velha", Mestre Boléo, muitas vezes, vestido de pastor, de capa e cajado, ia para junto do ensaio da «Música Nova» apanhar as músicas que, um ou dois dias depois, ensaiava com a sua filarmónica com tanta eficiência, que acabavam por sair primeiro que eles com a marcha.

JOÃO LUCAS COELHO (1895-1900): mais tarde, haveria de transferir-se para a "Música Nova".

HONORATO NUNES FERNANDES (1900-1906).

PORFÍRIO DUARTE SERRA (1906-1935): o maior músico que Manteigas deu algum dia à luz e um mestre insigne. Incompreendido e desprezado, mais tarde, por críticas de família e preconceitos religiosos, transferiu-se para a «Música Nova» onde foi até quase à morte o mestre erudito que não mais pode ser esquecido na consideração dos valores musicais da nossa terra.

ANTÓNIO GOMES SERRA (Granja): foi também um músico de talento, alternando o tempo da sua regência com Porfírio Duarte Serra.

PADRE JOAQUIM DIAS PARENTE: Senhor de uma personalidade inconfundível, profundo conhecedor dos homens e das artes, transformou a "Música Velha" numa verdadeira academia musical. As suas composições eternizaram-se, e as exibições da Banda, sob a sua regência, ficaram inolvidáveis.

Paroquiou a freguesia de Santa Maria durante 47 anos, e a sua paixão pela música ficou patenteada no brilho que imprimiu às celebrações litúrgicas e na dedicação com que dirigia os ensaios da "Banda Boa União".

Ele foi verdadeiramente o grande "maestro" da "Música Velha" a cujos destinos presidiu durante a regência de Porfírio Duarte Serra, António Gomes Serra, Afonso Lopes Cerveira e António Marcos Leitão.

Em 1928, no dia da inauguração da luz eléctrica em Manteigas, a "Música velha" empolgou a multidão ao executar a primor e sob as suas ordens a marcha "Alte Kamaraden".

São de realçar, igualmente, as inúmeras e belíssimas rapsódias

que compôs para o Rancho "Os Serranos da Estrela" e que constituem hoje um verdadeiro tesouro artístico, uma herança abençoada das horas que a "Música Velha" e o "Rancho" conheceram sob a sua batuta inspirada.

ANTÓNIO MARCOS LEITÃO: membro de uma família de artistas e pai de mais dois mestres.

EDUARDO SIMÃO D'ALMEIDA.

MANUEL MARCOS LEITÃO.

JOÃO RIBEIRO MARCOS LEITÃO (este o último Mestre em exercício à data em que se fazem para este livro as transcrições que aqui ficam a testar, para os vindouros, as origens da "Banda Boa União").

FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE

(Música Nova)

Com gratidão, amor e carinho,
oferecemos à nossa "MÚSICA NOVA"
este singelo trabalho, para que
os vindouros saibam o que foi
e o que é a Música em Manteigas,

Padre António Gomes Neves
Manuel Lúcio Ferrão Neves

Manteigas, 7/8/1977

FUNDADORES DA "FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"

Manuel da Cunha
João Abrantes Martins da Cunha
Fortunato Abrantes Martins da Cunha
António Abrantes Martins da Cunha
Caetano Espinho.

PRIMEIROS REGENTES DA MÚSICA DE MANTEIGAS

O primeiro regente da Música em Manteigas, da "Sociedade Filarmónica Velha de Manteigas", foi JOSÉ MARIA RIBEIRO CABRAL, que era natural de Mesquitela e ligou-se à nossa terra por ter casado com uma filha de António Martins Ramos, que era industrial na nossa Vila, e regeu apenas durante 3 meses.

O segundo, MANUEL DA COSTA MONSANTO, regeu a Filarmónica durante quatro anos.

O terceiro era o Pároco da freguesia de São Pedro, PADRE JOSÉ GOMES NEVES (Padre Pacha), que regeu de 1869 a 1873), data em que foi paroquiar para o Cabril.

Quarto, JOÃO MATA GOTA, que era de fora e regeu apenas alguns meses.

Quinto — Ainda em 1873 veio da Covilhã o jovem mestre FRANCISCO DE PAIVA BOLÉO. Foi com este mestre na regência naeste mestre na da "Sociedade Filarmónica Velha de Manteigas" que surgiu a «Filarmónica Popular Manteiguense» no ano de 1877, e foi graças a esse mesmo Regente que a "Filarmónica Velha" não acabou, visto que, com a saída da maioria dos músicos que se transferiram para a "Filarmónica Popular Manteiguense", o velho agrupamento passou por maus bocados, chegando mesmo quase à extinção.

Diz a tradição oral que a "Música Nova" é mais velha que a "Música Velha", visto que, depois do desmembramento, a "Música Nova" saiu primeiro. Poder-se-á dar crédito a esta afirmação? Não se sabe ao certo se assim foi; a realidade é que os dois agrupamentos

musicais da nossa terra têm vida centenária e têm contribuido para que a arte musical seja um caso inédito na Vila de Manteigas, pois não é fácil descobrir terra alguma, com os poucos recursos que a nossa terra tem, possuir duas Bandas Musicais e já centenárias.

É caso para que todos os Manteiguenses se sintam orgulhosos de tal facto.

O APARECIMENTO DA "FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"

Ainda que em repetição do que atrás já foi historiado, embora por outras palavras, transcreve-se o que se segue:

A primeira escritura a constituir a Sociedade Filarmónica, verificou-se em 8 de Julho de 1865, mas a Banda já vinha de alguns anos atrás, visto que a mesma escritura diz bem claro o seguinte:

"Todos os filarmónicos que só agora façam parte desta Sociedade, ficarão com os direitos às músicas e instrumentos existentes, como os restantes músicos, quando decorridos seis meses ao serviço da Banda, após a escritura".

Não é difícil compreender, depois desta leitura, que ninguém sabe, ao certo, há quantos anos já axistia a Música em Manteigas; sabe-se, apenas, que teve a sua origem na visita de uma companhia de palhaços à nossa terra, depois de alguns nossos conterrâneos antepassados terem comprado, aos mesmos palhaços, uma trompete, tarola, e pratos, e daí, sem qualquer arte musical, fazendo apenas uma grande barulheira pelas ruas fora, nasceu o gosto pela música, chegando a formar-se, à custa de cada um comprar o seu próprio instrumento, o primeiro agrupamento musical que, como atrás já foi dito, ninguém sabe a data da sua formação, talvez cinco ou seis anos antes de Julho de 1865?...

O certo é que a música em Manteigas começou a ter a sua história bem marcada com documentos que rezam de 8 de Julho dfe 1865.

Em 1877, em vez de uma Banda, Manteigas passou a ter duas, quando a 29 de Janeiro deste mesmo ano Anselmo Braancamp, líder político do Partido Progressista do nosso País, consegue dissolver o Parlamento e arrasta para o seu Partido "Progressista" grande parte dos militantes dos Partidos evolucionista e regenerador. Este acontecimento político, a nível nacional, deu a todos os progressistas deste país uma grande alegria, incluindo os Manteiguenses, pois o mesmo acontecimento foi nesta vila festejado.

O chefe deste partido no nosso concelho era o sr. Manuel Cunha, homem de fabrico da Casa Matos Cunha que, para festejar o acontecimento, convidou a Música da nossa terra.

Como a Banda existente era chefiada pelo Sr. António Ribeiro, da família nobre da Quinta de São Fernando, e como este era o chefe do Partido Regenerador no noso concelho, pediu a Manuel Cunha uma libra em ouro por cada hora de exibição. O contrato foi firmado nesta base, mas ao fim de duas horas de actuação, o Sr. Manuel Cunha disse: "Já chega; a partir deste momento, uma nova Banda vai nascer em Manteigas".

Tendo descoberto em Unhais da Serra um afinador de teares, que era músico e que ficou conhecido apenas pelo nome de "Pai Pata", foi buscá-lo para mestre de teares em São Gabriel e, com elementos em grande parte que vieram do velho agrupamento, o Sr. Manuel da Cunha ainda nesse mesmo ano organiza a "Música Nova" e, em sete de Agosto, sai para a rua, fazendo um concerto na Praça Luís de Camões, e até aos nossos dias, a "Filarmónica Popular Manteiguense" teve vida contínua e sempre com o mesmo nome que ainda hoje possui.

Nem tudo foram rosas. Se bem que a "Música Nova" tem conhecido horas de glória, também tem passado épocas muito difíceis, e, graças ao temperamento rude dos primeiros obreiros, foi possível vencer as controvérsias que iam surgindo.

Ainda não vai muito longe o tempo em que as Festas eram feitas a pé, e algumas bem distantes, calcorreando caminhos agrestes, sob os rigores da chuva ou do calor escaldante do Verão, sem alojamentos condignos e alimentação deficiente, transportando os instrumentos mais pesados em burros e, os restantes, levando cada músico o seu.

CASAS DOS ENSAIOS DA "FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"

— Primeira — D. Elisa Mota, ainda em conjunto com a Sociedade Filarmónica de Manteigas, na antiga Rua da Encruzilhada, hoje Rua de São João de Deus.

— Segunda — José d' Avó, nas Entre-Hortas. Neste ensaio funcionava um bar próprio da Banda.

— Terceira — Luiz Lila, na Rua Dr. Pereira de Matos

— Quarta — Joaquim Saraiva, na Rua Dr. Pereira de Matos.

— Quinta — Junto à Igreja da Misericórdia e antigo Registo Civil, na Praça Luiz de Camões.

— Sexta — Asilo Rosalina Pereira de Matos, onde se encontra o Centro Paroquial, na Enxertada.

— Sétima — João Neves, na antiga Rua da Fonte de São Pedro, hoje Rua Infante D. Henrique.

— Oitava — Luiz Rasteiro, no Chafariz

— Nona — Jaime Pereira, na Rua de São João de Deus, junto à casa do primeiro ensaio que teve a Sociedade Filarmónica Velha de Manteigas.

— Décima — Alberto Lopes da Rosa no Chafariz.

— Décima Primeira — Casa própria da Filarmónica Popular Manteiguense, na Rua de Santo António.

NOTA DO SELECCIONADOR DESTA ANTOLOGIA:

Consta, por via da tadição, que além destas, a Filarmónica teve ensaio na casa que fica na Rua Dr. José Coreia Tanganho e é conhecida por "Casa dos Granjas".

OS MESTRES DA "FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"

1.º — Pai Pata
2.º — Cavaca
3.º Romão
4.º João Lucas Coelho
5.º Carlos Baptista Leitão
6.º António Leitão Serra (Granja)
7.º Manuel Albuquerque
8.º Francisco Nascimento
9.º Gabiru
10.º Manuel Cleto
11.º António Lucas Saraiva
12.º Adalberto Lucas Saraiva
13.º Porfírio Duarte Serra
14.º Eduardo de Carvalho Martins
15.º José Clemente
16.º Joaquim Quaresma dos Santos
17.º Jaime Baptista de Carvalho
18.º Manuel da Cruz Ramos
19.º Joaquim Serra Saraiva (Ideia)
20.º José Pereira Dias (actual)

ALGUNS EPISÓDIOS DA VIDA DA "FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"

A primeira Banda da nossa terra não estava vinculada a qualquer das duas freguesias; era da Vila e fazia serviço em Santa Maria ou em São Pedro. Mesmo já mais tarde, com as duas Bandas, estas estavam mais ligadas: — Música Velha, à política dos Regeneradores, e a Nova, à política dos Progressistas. Assim, quando as direitas ganhavam as eleições, a Música Velha tocava no Largo da Casa das Obras e na Quinta de São Fernando; quando as eleições eram ganhas pelas esquerdas, a Música Nova festejava o acontecimento no Rossio, hoje Largo da Liberdade, e na Praça Luiz de Camões.

Já muito mais tarde, talvez porque o entusiasmo político co-

meçou a diminuir, é que cada uma das Bandas começou a ficar adestrita à sua freguesia.

Com a entrada da República, cinco de Outubro de 1910, o Hino da Monarquia, mais conhecido por Hino da Carta, foi proibido. No primeiro Domingo de maio de 1911, a Música Nova tinha ido cantar uma missa à freguesia de Sameiro, e tinha de cantar a Novena na Igreja de São Pedro; mas tendo chegado ainda cedo para cantar a Novena, alguns mais rebeldes disseram para os outros: "vamos dar uma volta tocando o Hino da Carta?" Todos foram unânimes, e aí vão eles tocando o Hino da Carta. Quando passavam pela Ponte da Avenida, o Ti Venês, que fazia as compras para o Sr. Afonso Costa, que vinha passar férias nas Penhas Douradas, e que já se dizia todo republicano, ficou indignado ao ouvir o Hino da Monarquia e teve a coragem de dizer: "Viva a República!"...; em tão má hora o disse, que o Ti Caixeiro, indo mesmo a passar ao lado dele,lhe enfiou o contrabaixo pela cabeça, gerando-se grande confusão e pancadaria. O que valeu ao Ti José Venês foi a Ti Carolina do Frade, mulher de sete saias, tê-lo metido debaixo da saia até que, dado como desaparecido, a Música voltou a romper com o Hino da Carta.

Isso também ia dando graves problemas com as autoridades, mas lá se arranjaram uns bons „Padrinhos" e foi o que valeu, pois já se falava que as autoridades iriam encerrar as portas do ensaio, mas desta vez a coisa correu bem e, à custa de alguns pedidos, nada aconteceu.

Com a morte do Sr. Adalberto, em 31 de Janeiro de 1937, a Música Nova passa uma grande crise, que viria a ser debelada com a vinda do Sr. Porfírio para a regência da Filarmónica Popular Manteiguense.

Com a vinda do Sr. Porfírio para a Música Nova, levantou-se, porém, uma grande polémica entre as duas Bandas da nossa terra. A Música Nova recebe um convite da Folgosa da Madalena para as Festas de São João, naquela localidade, o que prontamente aceitou. Quando decorria a festa, chegou uma carta por mão de alguns músicos da Música Velha e mandados pelo Sr. Padre Joaquim Dias Parente, vigário de Santa Maria (valor indiscutível da música a nível nacional), dirigida ao Sr. Padre Matos, então Pároco da Folgosa. A carta destinava-se a esclarecer se o convite tinha sido feito por engano à Música Nova. O referido Pároco entregou a carta aos mordomos da festa, e estes, por sua vez, leram-na em segredo numa palheira a alguns músicos,. entre eles o Sr. Jaime Pereira. Como o Sr. Porfírio tinha vindo da Música Velha, os elementos desta desconfiaram que tivesse havido qualquer manobra secreta, tentando roubar à Música Velha o convite, e até com uma certa lógica, visto que quem costumava ir fazer esta festa era mesmo a Música Velha. A resposta foi esclarecedora, dizendo que sabiam bem que o Sr. Porfírio já estava na regência da Música Nova e, por isso mesmo, é que o convite foi feito a esta Banda.

O Sr. Padre Parente, inconformado com tudo isto, e como o Sr. Porfírio havia já muito que não se confessava, apresentou queixa ao Bispo da Diocese. Este atendeu as pretensões do Sr. Padre Parente, e a Música Nova recebe ordens de suspensão.

Até que um dia o Sr. P. José Baylão Pinheiro, Pároco de S. Pedro, apareceu no ensaio da Música Nova — casa de Luiz Rasteiro, ao chafariz — estabelecendo-se então este diálogo:

Sr. Vigário — Porfírio, se tu quiseres, a suspensão será levantada; está nas tuas mãos.

Sr. Porfírio — Eu quero, Senhor Vigário; se está nas minhas mãos, diga o que tenho a fazer.

Sr. Vigário — O Prelado da Diocese exige que te confesses e comungues para anular a suspensão.

Sr. Porfírio — Senhor Vigário, se é essa a condição imposta, sujeito-me já a ela e confesso-me já mesmo aqui.

Sr. Vigário — Não é assim com essa pressa, homem. Eu achava melhor que os músicos fossem todos à Igreja. Amanhã é sábado; confessavam-se e, no Domingo, recebiam Nosso Senhor e então faziamos uma grande festa.

Assim aconteceu, e a suspensão foi levantada.

MANTEIGAS, A MÚSICA E A NOSSA TERRA

I

Águas cristalinas, encostas verdejantes
Neste cantinho, torrão natal
Que encantas todos os passeantes,
Não envergonhas belezas de Portugal.

II

Até ao cimo da Serra da Estrela
Harmoniosas melodias subirão;
E ainda para mais enriquece-la
Mensagens de amor daqui partirão.

MANUEL LÚCIO FERRÃO NEVES
Extraído do livro comemorativo do 1.º Centenário da "Filarmónica Popular Manteiguense"

Agosto de 1977

ASSOCIAÇÃO CULTURAL "AMIGOS DA SERRA DA ESTRELA"

A. S. E.

Por Escritura de 22 de Fevereiro de 1982 e com Estatutos próprios, fundou-se, com sede em Manteigas mas com ramificação de Norte a Sul do País, uma ASSOCIAÇÃO cuja definição e obejectivos se encontram expressos nos primeiros dois artigos dos respectivos ESTATUTOS:

"Artigo 1.º — A Associação Cultural "AMIGOS DA SERRA DA ESTRELA" é uma instituição cultural de fins não lucrativos e de interesse público sem vínculo político ou religioso, de duração ilimitada, com sede na vila de Manteigas e que será abreviadamente designada A. S. E.

Artigo 2.º — A Associação tem por objectivos:

1. — Promover por iniciativa própria ou em colaboração com todo e qualquer organismo público ou privado que prossiga fins de conservação da Natureza, acções de animação, de modo a que a vida na montanha e o turismo suscitados na Serra da Estrela se tornem fonte de bem-estar material, intelectual e moral para os indivíduos e para a comunidade.

2. — Estimular pela informação e pela formação o interesse e a participação das populações locais na defesa da paisagem, no ordenamento e na preservação dos seus valores naturais, artísticos, culturais e económicos, designadamente no que respeita à defesa da vida no campo e na montanha, do artesanato, folclore património arquitectónico e desenvolvimento do turismo e da agricultura.

3. — Incentivar e desenvolver toda e qualquer actividade de carácter sócio-cultural ou desportivo, nomeadamente desportos de montanha.

4. — Patrocinar toda e qualquer acção que compreenda os presentes estatutos."

GRUPO DE TEATRO AMADOR DE MANTEIGAS

GTAM

Com esta actividade iniciada em Outubro de 1972 e por escritura de 21 de Outubro de 1980, constituiu-se em Mnteigas uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada com a denominação:

GTAM — GRUPO DE TEATRO AMADOR DE MANTEIGAS, S. C. A. R. L.

Tendo por objecto a animação, produção e difusão culturais, o incremento da participação cultural dos cidadãos e ainda o incre-

mento de estudos etnográficos e de salvaguarda, valorização e defesa do património cultural e ecológico da região e, em geral, da promoção de actividades de carácter cultural e educativo que possibilitem a prendizagem colectiva das relaçõesa entre os indivíduos, os grupos sociais e o meio em que vivem.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE MANTEIGAS

A D M

Por escritura de 20 de Setembro de 1977, exarada a fl. 135 do livro 42-B do 1.º Cartório da Secretaria Notarial da Covilhã, foi constituída a ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA (A. D. M.) cujos fins se encontram consignados no Art.º 1.º da referida escritura bem como dos respectivos Estatutos.

Artigo Primeiro

"A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE MANTEIGAS tem por fins a promoção cultural, desportiva e recreativa dos associados e a sua sede é em Manteigas, adopta a denominação referida e durará por tempo indeterminado a partir de hoje".

CENTRO RECREATIVO E CULTURAL DE SANTA MARIA — MANTEIGAS

Por escritura de 20 de Junho de mil novecentos e oitenta, lavrada de folhas sessenta e oito a folhas setenta e cinco verso, do livro de Notas para Escrituras Diversas, número cento e vinte e dois, do Cartório Notarial de Manteigas, a cargo da Notária Licenciada Maria Luisa Ferreira de Nascimento Ferrão, pelos senhores Luis Massano Leitão, Homero Lopes Ambrósio, José Augusto Correia, José Rabaça David, António Garcia Cruto, João Ribeiro Marcos Leitão, todos casados naturais e com residência habitual na freguesia de Santa Maria, deste concelho, João Matos Leitão, casado, natural da já citada freguesia

de Santa Maria e com residência habitual na feguesia de São Pedro, deste concelho, Martiniano Martins Baptista, solteiro, maior, natural e com residência habitual na já referida freguesia de Santa Maria, Alberto Quaresma dos Santos, Joaquim Tavares Batista, Ricardo Massano Pinheiro, Manuel Prata Massano Serra, todos casados, naturais da já referida freguesia de São Pedro e com residência habitual na freguesia, já citada, de Santa Maria, e Joaquim Quaresma dos Santos, também casado, natural e com residência habitual na freguesia de São Pedro, deste concelho, foi constituída uma Associação que se regerá por Estatutos próprios e pelos termos constantes dos artigos seguintes:

CAPÍTULO PRIMEIRO

DENOMINAÇÃO, SEDE E DURAÇÃO

"ARTIGO PRIMEIRO — A Associação adopta a denominação de CENTRO RECREATIVO E CULTURAL DE SANTA MARIA — MANTEIGAS, tem a sua sede na freguesia de Santa Maria — Manteigas e durará por tempo indeterminado.

CAPÍTULO SEGUNDO

OBJECTO

ARTIGO SEGUNDO — A Associação é rigorosamente apartidária, tem por finalidade a promoção cultural e recreativa dos seus associados e apoiar as actividades de assistência do Concelho.

ARTIGO TERCEIRO — As actividades culturais e recreativas destinam-se, principalmente, a promover a defesa, estudo e divulgação do património cultural e artístico da região da Serra da Estrela.

ARTIGO QUARTO — As actividades de assistência são defenidas pela Assembleia Geral e destinam-se prioritariamente, à resolução dos problemas da terceira idade e à protecção da infância do Concelho de Manteigas".

UM POUCO DE HISTÓRIA

Conforme a doutrina expressa no ARTIGO TERCEIRO do Capítulo Segundo dos Estatutos do CENTRO RECREATIVO DE SANTA MARIA — MANTEIGAS, da qual se tratou no Capítulo anterior, e no louvável intuito de cumprir e levar a bom termo os fins definidos no referido ARTIGO, encontra-se já em funcionamento, desde Outubro de 1983, uma Escola de Música que abriu com a frequência de 142 alunos de ambos os sexos.

Presentemente, está em curso, apenas, a parte teórica, até que, em tempo oportuno, venha a funcionar a parte prática, prevista para diversas modalidades de instrumentos, estando o Curso completo previsto para ser levado a efeito no prazo mínimo de três anos.

Estão de parabéns os Mentores e Iniciadores de tão feliz como oportuna iniciativa, que assim quiseram incentivar e aproveitar as boas vontades de uma Terra como nossa, tão devotada à promoção cultural da Música, e pretenderam, ainda, honrar, e muito justamente, a inesquecível Memória de ALGUÉM que, em Manteigas, com justeza e até hoje, pôde ser considerado um dos maiores, senão o expoente máximo da "DIVINA ARTE", dedicando à Música horas inesquecíveis, inspiradas e felizes da sua vida.

Esse ALGUÉM, não sendo, embora, cidadão manteiguense de origem, pôde, justamente, ser considerado seu CIDADÃO HONORÁRIO, não apenas pelo que a todos os que o puderam apreciar deliciou com os seus arrebatamentos musicais, como ainda, e especialmente, pela circunstância de, como Pároco, ter dedicado, durante 47 anos, o melhor da sua actividade à Paróquia de Santa Maria (1910/1957).

A Escola de Música a que acima se faz devida referência, integrada na actividade cultural e artística prevista no ARTIGO SEGUNDO do Capítulo Segundo dos Estatutos do CENTRO RECREATIVO E CULTURAL DE SANTA MARIA-MANTEIGAS, não podia deixar de ter, com aliás tem, por todas as razões apontadas, a denominação de:

ACADEMIA DE MÚSICA PADRE JOAQUIM DIAS PARENTE

Nota: A Escola de Música principiou por funcionar, e funciona ainda à data em que é escrita esta Monografia, numa dependência

da Sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Manteigas. Em futuro mais ou menos próximo, conta-se que venha a funcionar em dependência apropriada, no edifício a construir para o

CENTRO RECREATIVO E CULTURAL DE SANTA MARIA-MANTEIGAS

OUTRAS ASSOCIAÇÕES

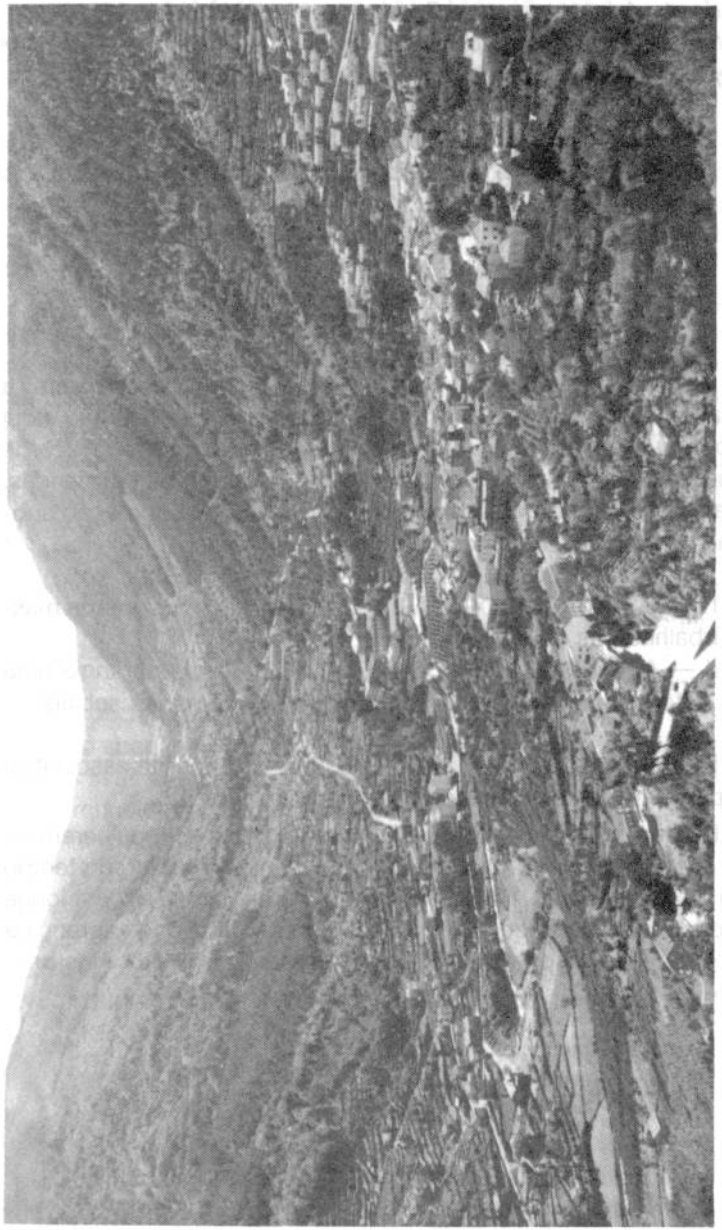
Numa compreensiva e preocupante intenção de completar a informação sobre o assunto de que vem tratando este capítulo, aqui se evoca que a história dos tempos, baseada na tradição, recorda que, pouco mais ou menos em simultâneo com outras já referidas, existiram em Manteigas mais três Associações cuja recordação subsiste na memória de algumas gerações ainda vivas:

I — ASSOCIAÇÃO OPERÁRIA — dinamizada por grande massa de trbalhadores da indústria de lanifícios;

II — ASSOCIAÇÃO 1.º DE DEZEMBRO — que abrangia uma massa heterogénea de associados de diversas camadas sociais;

III — ASSOCIAÇÃO NUN' ÁIVARES — cuja massa associativa era especialmente cartacterizada por gente jovem.

De qualquer das Associações, não foi possível recolherem-se dados exactos quanto à data da sua fundação, bem como do tempo exacto da sua duração. Crê-se, no entanto, que não se andará longe da verdade, afirmando que todas elas vigoraram na época abrangida entre os meados da primeira década deste século e cerca dos princípios dos anos 40.



MANTEIGAS e o seu Vale do Zêzere

«E o Vale era verde!...»

CAPÍTULO SÉTIMO

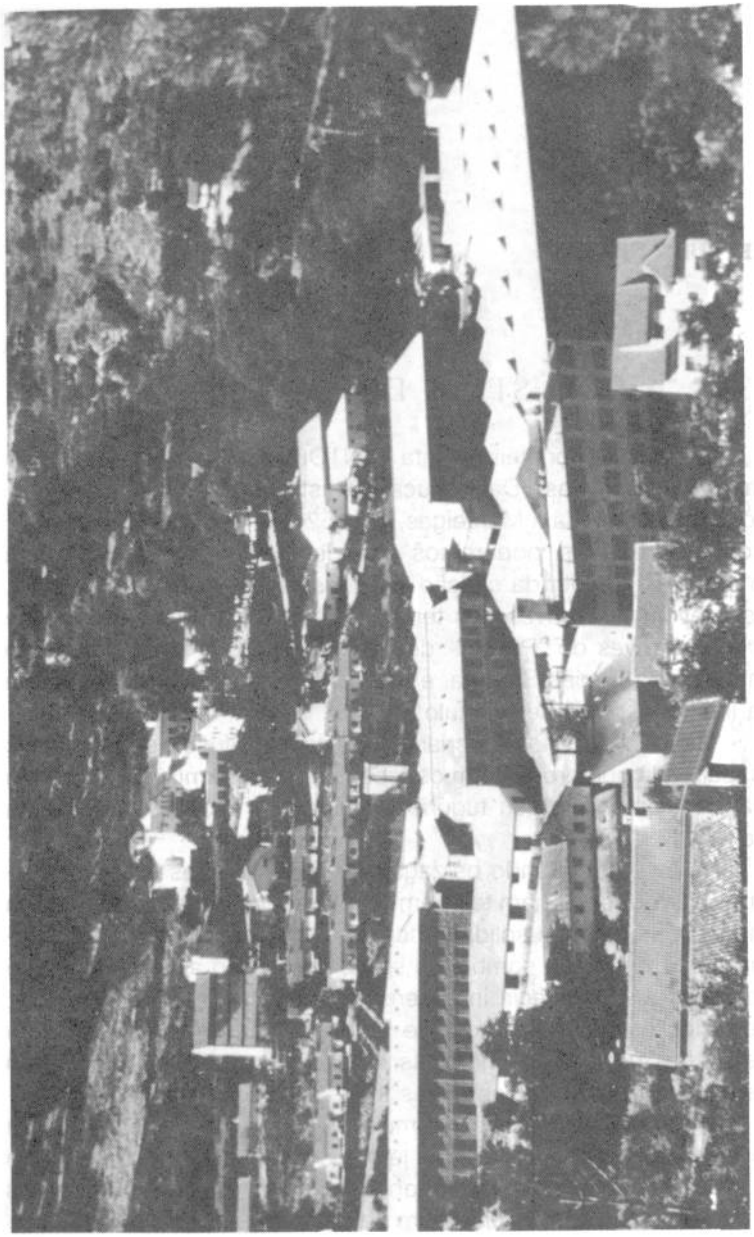
A INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS

Do capítulo primeiro desta "ANTOLOGIA" e do depoimento da autoria do Dr. José David Lucas Batista consta que pelo Rei D. João III foi concedida a Manteigas, em 1524, a "veadoria dos panos". Historicamente, pois, poderemos considerar que tal concessão terá sido a origem remota da criação da indústria de lanifícios nesta vila. Da sua evolução através dos tempos, dá-nos conta um escritor de nomeada através do "Pórtico" de um romance que tem por cenário Manteigas e a Região Serrana, e que serve perfeitamente de matéria para ilustrar o presente capítulo:

"Os primeiros teares criaram-se, em já difusos e incontáveis dias, para a lã que produziram os rebanhos dos Hermínios. O homem trabalhava, então, no seu tugúrio, erguido nas faldas ou a meio da serra.

No Inverno, quando os zagais se retiravam das soledades alpestres, os lobos desciam também e vinham rondar, famintos, a porta fechada do homem. A solidão enchia-se dos seu uivos e a neve refectia a sua temerosa sombra. A serra, porque só a pé ou a cavalo a podiam vencer, parecia incomensurável, muito maior do que era, e de todos os seus recantos, de todos os seus refegos brotavam superstições e lendas — histórias que os pegureiros contavam, ao lume, a encher de terror as noites infindas.

O homem viera para ali há muitos séculos, mas poucos tinham sido e poucos eram ainda os que levantavam o seu abrigo de granito nos sítios mais propícios; e, quando o faziam, achegavam-se uns aos outros, como se se quisessem defender da bruteza circundante.



Vista geral da SOTAVE Sociedade Têxtil dos Amieiros Verdes, SARL

Os génios da montanha e as fúrias do céu possuíam, assim, quase toda a majestosa extensão da serrania, ermáticos domínios onde podiam transitar com passos de fantasmas ou bramir livremente.

No começo do Verão, antes de demandar os altos da serra, ovelhas e carneiros deixavam, em poder dos donos, a sua capa de Inverno. Lavada por braços possantes, fiada depois, a lã subia, um dia, ao tear. E começava a tecelagem. O homem movia, com os pés, a tosca construção de madeira, enquanto as suas mãos iam operando o milagre de transformar a grosseira matéria em forte tecido. Constituía o acto uma indústria doméstica, que cada qual exercia em seu proveito, pois a serra não dava, nessas recuadas eras, mais do que lã e centeio.

Pouco a pouco, porém, foi sendo tradição no reino que os homens da Covilhã e suas redondezas (onde se incluia Manteigas), eram mestres, como nehuns outros, em tecer bifas, almafegas e buréis.

Então, os monarcas e seus acólitos acabaram atentando nesses tecelões dispersos pelas abadas da serra; e com ordenações, pragmáticas, alvarás e regimentos, ora os estimulavam em seu solitário labor, ora os contrangiam sob pesadas sisas. Da Flandres vinham panos concorrentes, que exibiam mais esmerada tessitura; apesar disso, os humildes teares continuavam a mover-se, alimentados pelos rebanhos da Estrela.

Depois, Portugal descobriu longínquas terras e também a rota marítima da Índia; e houve que vestir a muitas gentes exóticas, a troco do que elas,forçadas ou involuntariamente, entregavam aos descobridores. E os teares da serra multiplicavam-se.

Cada tecelão trabalhava, ainda, no seu casebre, de lume aceso no Inverno e porta escancarada no Estio.

Um dia ergueu-se, na Covilhã, a primeira fábrica de tecidos.

Muitos tecelões deixavam a faina individual e iam trabalhar em conjunto. Da Inglaterra e da Irlanda chegavam outros homens para lhes ensinar os últimos progressos da sua arte. A lã da serra já não bastava; ia-se mercá-la ao Alentejo e a outras terras do país. E os teares começavam a vestir os exércitos reais. Cada século apontava novos aperfeiçoamentos à tecelagem e levantava novas fábricas nas margens do rio e das ribeiras que desciam da serra.

Um dia, tudo se revolucionou. Já não se tratava de melhores debuxos, de mais gratas cores, mas de coisa mais profunda — da

produção automática. Lá nas novoentas terras inglesas o padre Carwright inventara o tear mecânico. A água, fazendo girar grandes rodas, começara a produzir o movimento dado, até aí, pelos pés do homem. Mas continuavam a ser precisos os homens junto das novas máquinas.

Os serranos que, nas solidões da Estrela ora pastoreavam as as suas ovelhas, oram teciam a lã que elas forneciam, tornaram-se cada vez mais raros. A maioria entrara nas fábricas. Eles tinham de regrar, agora, a sua vida por um salário fixo, chegasse ou não chegasse para as exigências de cada dia. Isso, porém, carecia de importância; ninguém pensava em aumentar-lhes os ganhos, pois havia de se ter em conta o preço da mão-de-obra para a concorrência dos tecidos nos mercados.

Os homens passavam os dias e as noites dentro das fábricas, só saindo aos domingos, para esquecer o cárcere. Já não viam as ovelhas, nem ouviam o melancólico tanger dos seus chocalhos nos pendores da serra, ao crepúsculo; viam apenas a sua lã, lã que eles desensugavam, que eles lavavam, cardavam, penteavam, fiavam e teciam, lã por toda a parte.

A indústria ia crescendo sempre. E todo o país falava da prosperidade das regiões onde a indústria se implantara.

Mais tarde operou-se nova revolução: As enormes rodas que giravam no rio e nas ribeirasa detiveram-se. O poder da água fora substituido pala electricidade. E fábricas existiam onde já laboravam pais, filhos e netos. Os centos de tecelões que, outrora, viviam nos lugarejos da serra, tinham multiplicado e constituíam, agora, milhares. Ladinas personagens que, de magros dinheiros dispondo, compravam o fio a uns, mandavam-no tecer a outros, e a terceiros vendiam os panos, acabaram desaparecendo também, devoradas pelos industrais poderosos. E só ficavam as grandes fábricas, com seus milhares de operários.

A lã do país já não chegava; tinha-se de procurá-la em terras estrangeiras. Da Austrália, da Nova Zelândia, da África do Sul, passaram a vir grandes carregamentos. Rebanhos distantes alimentavam, através dos mares, as fábricas quase escondidas no rio e nas ribeiras da Estrela.

A indústria sofria, porém, constantes oscilações. Ora fabricava sem descanso, ora, por escassez de matéria-prima ou parco consumo, diminuía os dias de seu trabalho. Então, homens e mulheres,

que à lã haviam entregue a sua vida, defrontavam-se com a miséria mais descarnada ainda do que a normal.

A sujeição ao destino comum criara, todavia, alguns vínculos entre os descendentes dos primeiros tecelões. No século XX, mais do que sons de flauta pastoris descendo do alto da serra para os vales, subiam dos vales para o alto da serra queixumes, protestos, rumores dos homens que, às vezes, se uniam e reivindicavam um pouco mais de pão".

FERREIRA DE CASTRO

"Pórtico" do Romance "A lã e a Neve"

NOTA DO COORDENADOR:

O Dr. José Lopes Ferrrão, no seu depoimento transcrito no Capítulo II desta "ANTOLOGIA", refere que a primeira fábrica de lanifícios em Manteigas terá sido implantada por voltas de 1710.

Para além de ser um meio produtor de lãs, o factor principal que deve ter contribuído para a fixação desta indústria em Manteigas, foi, certamente, o Rio Zêzere que, com o seu desnível e o acidentado das margens, ofereceu óptimas condições ao aproveitamento de boas quedas de água aplicadas às grandes rodas com os seus alcatruzes, que imprimiam movimento à linha principal que, por sua vez, fazia accionar as máquinas. Também a qualidade das águas é excelente para a lavagem dos tecidos.

Conquanto não se disponha de dados históricos concretos sobre a implantação e desenvolvimento desta indústria em Mnteigas, sabe-se que ela já aqui se encontrava implantada no tempo do Marquês do Pombal (reinado de D. José — 1750 — 1777).

Da "HISTÓRIA DOS LANIFÍCIOS (1750 — 1834) Documentos I", de Luiz Fernando de Carvalho Dias (1958), extraiem-se, do capítulo "INQUÉRITOS INDUSTRIAIS POMBALINOS", alguns dados relativos à Indústria de Lanifícios na Zona Centro, destacando-se a menção da região da Serra da Estrela, de que Manteigas industrial faz parte:

"DA PROVÍNCIA DA BEIRA"

«As Villas desta Província aonde há fábricas de pannos são — Covilhã — MANTEIGAS — Bellomonte — O termo da Guarda — E no Teyxoso, também termo Covilhaã de baetas — Alcains termo de Castello Branco; os Montes, que se incluem mt.os lugares também termo de Castello Branco, a Villa de S. Vicente da Beira e a Villa de Massao (sic — Mação), Sabugal e seu termo, Alvaro e Alvares a mayor parte, bureis e alguns pannos, isto he emquanto cá da Serra; da parte dalém fazem pannos as Villas Alvoco — Loriga — Velesim — S. Romão e Seu termo — St.ª Marinha e Seu termo — Mello e no termo de Linhares, Fornos de Algodres.

Da banda de Cá da Serra Se acharão pouco Mais ou menos duzentos teares. cada tear fabrica todas as Semanas dous pannos, e alguns tres; Sendo quatreno, ou duzeno, e já fizerão Mais, porque a falta de dinhyro tem diminuhido a fábrica que estava no Fundão. Mas ainda se conservão pizoens en Alcongosta que fica contíguo; aonde vão os panos da Com,ca de Castello de (sic) Brc.o, a pizuar Sem Serem das Villas e lugares Mencionados a Sima e esta mesma falta de dinheyro, faz com que offeciais de Cardadoresm Tecelloens das Principais fábricas nomeadas Covilhã — MANTEIGAS, e outras Sayão das Suas terras buscar pellas distantes, e ainda as fábricas de Caztela en q' trabalhar, q Se Se lhe remedeasse esta falta com algum Socorro, crescerião as fábricas en dobro.

Aquela d.ª dos Pannos, Covilhaã Fabrica a mayor parte desuchenos; mas tambem fabrica ainda alguns quatorzenos, por falta de Consumo dos primeiros, e o mesmo Sucede nas Villas de MANTEIGAS e Bellomonte. Alcains fabrica duzenos e quatorzenos".

II PARTE

TRADIÇÃO E ETNOGRAFIA

CAPÍTULO OITAVO

A TRADIÇÃO NA ALMA DA NOSSA GENTE

Nesta secção procurar-se-á dar uma panorâmica do que mais sentidamente define a alma de um povo que, na sua simplicidade, sabe rir e chorar, cantar e dançar com mais ou menos arte, e que, como ave a ensinar os filhos, sabe transmitir a seus descendentes o odor das suas virtudes ancestrais, virtudes natas que, religiosamente e na sua máxima pureza, transmite de geração em geração, ao mesmo tempo que lhe adoça o viver o bálsamo que ressuma da policromia do cabeçalho que encima este capítulo.

Se a Lenda alimenta a fantasia e a sensibilidade emotiva de um povo, a Música e o Folclore saciam-lhe o apetite da sensibilidade artística.

E não é por mero acaso que se elege a Música como passatempo predilecto de muitos apaixonados; é que a chamada "Divina Arte" é, na sua expressão mais concisa, a resposta exacta ao que de mais subtil nos pede a sensibilidade auditiva.

Aqui sucederam-se, como se sucedem ainda, gerações de Músicos que fizeram centenárias duas Filarmónicas, não sendo também para esquecer a geração que, vai fazer 43 anos (1939), deu forma e vida ao "Rancho Folclórico da Praça da Louça", que depois tomou o nome de "SERRANOS DA ESTRELA", que ainda hoje honra as suas tradições, bem como não é de esquecer um outro Conjunto de vida mais efémero, o "GRUPO FOLCLÓRICO DE MANTEIGAS", que não deixou de marcar também uma época, e vive ainda na memória de muitos que o aplaudiram.

Mas não se circunscreve às Filarmónicas e aos Ranchos Fol-

clóricos a consagração da Música e do Folclore Manteiguense. Outras formas típicas de expressão nos dão, e algumas nos deram, sobretudo nos tempos passados, a certeza de que existe na alma da nossa gente um gosto extraordinário pela "dança sinfónica das notas musicais". Disso nos dão testemunho os Grupos Corais das Igrejas, as "Janeiras" desfiadas em frias noites de neve nas ruas e espetos nos beirados das casas, o plangente "Amentar das Almas" pela calada da noite velha dos tempos da Quaresma, as saudosas serenatas doutros tempos em noites serenas, tendo por testemunho a Lua Cheia, os alegres cantares do São João e do São Pedro com adufes e tambores, as típicas arruadas de bandos de gente moça e de meia idade a fazer inveja aos velhotes e às velhotas que por lá passaram também nos seus belos tempos, arruadas estas animadas com harmónica e concertina, ferrinhos e castanholas... — tudo isto é Música e Folclore que ressalta do gosto artístico de um Povo para esquecer agruras da vida, tudo é grito da alma de gente que canta, tudo formas de expressão artistica que definem a sensibilidade de um Povo que sabe cantar!...

TRADIÇÕES RELIGIOSAS QUE NOS VINCULAM E TRANSPORTAM AO PASSADO

Manteigas foi e é, a exemplo de outros meios com idênticas características sertanejas, uma Terra de enraizadas tradições religiosas.

Provam-no as inúmeras práticas religiosas que se desenrolam através do Ano Litúrgico da Igreja, atestam-no os muitos monumentos que a Fé de muitas gerações passadas ergueu, desde as duas magníficas Igrejas — Santa Maria e São Pedro — às capelas disseminadas a partir dos arredores da Vila até aos píncaros da Montanha, passando pelos antigos cruzeiros e oratórios cinzelados no granito da região, os quais se encontram espalhados não só pela Vila e arredores, como ainda por alguns pontos da Serra, a atestar a Fé de gerações que nos precederam.

Os lugares conhecidos por "ALMAS", no alto do Vale do Buraco, no caminho da Serra de Baixo, e por "CRUZ DAS JOGADAS"

ou simplesmente "CRUZ", no caminho que leva ao vale do Mondego, são nomes que nos dão testemunho dessa Fé dos antepassados, que baptizaram com tais nomes sítios de grande concorrência nesses tempos em que a Serra produzia moios de alqueires de centeio, as encostas se desfaziam em montes de batatas e os rebanhos de ovelhas se desentranhavam em ferradas de leite.

Tudo, nesses tempos, parecia falar através desses monumentos de granito, diante dos quais o Pastor, respeitosamente, se descobria e ajoelhava, rezando um Padre Nosso, quantas vezes interrompido por uma praga ou pelo assobio de comando do gado tresmalhado!

Tudo isto criou uma tradição religiosa que não pode deixar de nos sensibilizar, na medida em que representa o vibrar dos sentimentos mais profundamente enraizados na alma do nosso Povo.

Seguem-se alguns testemunhos da tradição religiosa em Manteigas:

O SENHOR DO CALVÁRIO NA TRADIÇÃO RELIGIOSA DE MANTEIGAS

"Toda a vila conhece e recorda, porque as viveu ou as ouviu relatar, horas de perigo e de tormenta em que a protecção do SENHOR DO CALVÁRIO tão sensivelmente se fez sentir. E o nosso povo soube agradecer pela voz da Câmara. O SENHOR DO CALVÁRIO é escolhido e aclamado como PADROEIRO DE MANTEIGAS".

Este é o extracto de um Jornal da Terra datado de há poucos anos, mas que serve perfeitamente de intróito a este capítulo.

Não se trata aqui de lenda ou fantasia popular. O facto é histórico e chegou até aos nossos dias por via de tradição transmitida de geração em geração.

Muitos anos vão passados, e tantos, que já nem a tradição os menciona, por, entretanto, lhe ter perdido o conto.

Sabe-se, no entanto, que um dia, tremenda tempestade desabou sobre Manteigas — uma tempestade como ninguém jamais aqui tinha presenciado.

As barrocas da Serra, de mar a mar, desciam precipitadamente

as encostas abruptas, arrastando na sua voragem pedregulhos que, por sua vez, iam de encontro aos muros de protecção dos terrenos limítrofes, tudo arrasando num fúria louca, convergindo para os Ribeiros que atravessam a vila.

E de tal forma cresceu o Ribeiro que ainda hoje atravessa o centro da vila, e de tal maneira transbordou do seu leito, que enfiando-se pelo Cimo da Vila a baixo, arrastava na sua voragem haveres e animais que as águas revoltas desalojavam dos baixos das moradias. Ruíam casas e moinhos que circundavam o Ribeiro, e parece que tudo ia ser arrasado e desaparecer no tremendo rolar das águas através das íngremes ruas da povoação.

Já os sinos das Igrejas tocam a rebate pondo o povo de sobreaviso e convidando-o a fugir de suas casas. Entretanto, debaixo de chuva torrencial, vai-se aglomerando nos sítios menos expostos à cheia inclemente.

Alguém se lembra de levantar o grito de que é preciso e urgente implorar a Protecção Divina, e logo vozes se levantam para que todos se dirijam à Capela do SENHOR DO CALVÁRIO. A vila, em peso, com a sua Câmara à frente, para lá se dirige implorando a clemência do Céu e, pela voz da Autoridade, ali se formula o voto solene de todos os anos a vila e a sua Câmara promoverem uma Festa em honra do SENHOR DO CALVÁRIO que, entretanto, é aclamado PADROEIRO DE MANTEIGAS. E a tempestade amainou, fazendo-se acompanhar de um compreensível alívio das gentes que, por pouco, não viram sosssobrar muitas das suas habitaçõoes.

E o voto solene, feito pela voz da Autoridade, cumpriu-se durante muitos anos, tomando a Câmara a iniciativa da Festa com o apoio e a contribuição da vila.

Com o decorrer dos tempos, não se sabe ao certo do porquê nem desde quando, caiu em desuso o carácter primitivo de a Festa do SENHOR DO CALVÁRIO ser da iniciativa de toda a Vila, e a freguesia de Santa Maria apropriou-se de tal prerrogativa, talvez em parte justificada por a Capela se situar dentro dos seus limites e estar subordinada à jurisdição da respectiva Igreja Paroquial.

Esta Festa, à qual os Fiéis imprimem toda a pompa e devoção que lhe são possíveis, tem sempre lugar no quarto Domingo de Agosto.

.....

No ano de 1964 ocorreu um facto bem digno dos anais da

história dos acontecimentos de carácter religioso em Manteigas.

Tal facto demonstra claramente que o Manteiguense, ao emigrar, leva consigo não apenas a saudade da sua terra natal, mas também as suas convicções religiosas, aquelas que lhe ficaram enraízadas na alma a partir dos seus tempos de criança, com ele cresceram, para com ele partirem, um dia, à aventura, na esperança e em busca de melhor sorte.

E assim é que, Manteiguenses devotos do SENHOR DO CALVÁRIO, arreigados em terras de Angola, sonharam e levaram a cabo uma iniciativa que bem pode classificar-se de arrojada: mandaram ir daqui a uma imagem, cópia fiel da que se venera na Igreja de Santa Maria.

Ocorreu este facto em fins do ano de 1964.

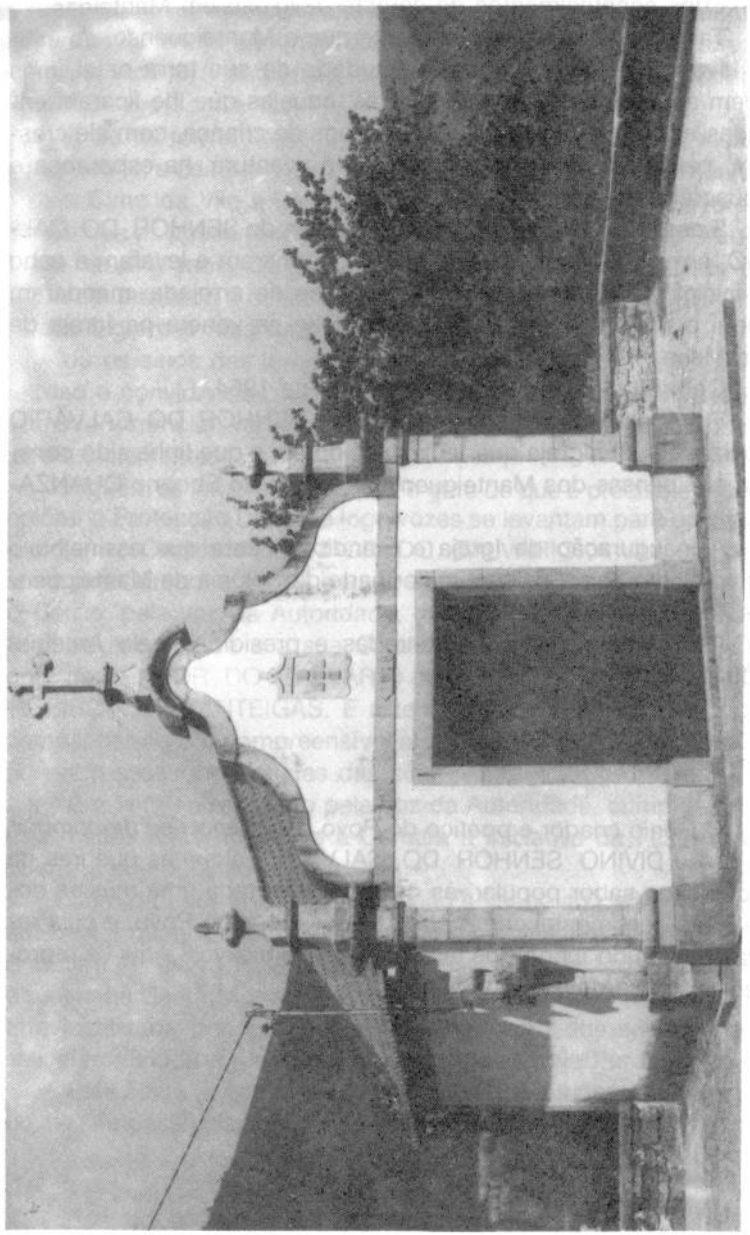
Em Agosto de 1965 foi a Imagem do SENHOR DO CALVÁRIO entronizada numa Igreja que tem o Seu nome, e que tinha sido construída a expensas dos Manteiguenses na área do Ebo, no QUANZA-SUL.

À inauguração da Igreja e grandiosa Festa que assinalou o acontecimento se associou a maior parte da Colónia de Manteiguenses então esidentes em Angola.

As solenidades foram honradas e presididas pelo Arcebispo de Luanda.

O Génio criador e poético do Povo encarregou-se de compôr, para o seu DIVINO SENHOR DO CALVÁRIO, algumas quadras de característico sabor popular, às quais foi adaptada uma música dolente e tão sentimental como a alma desse mesmo Povo, e cuja recordação vem do fundo dos anos de nossos bisavós. Aqui se reproduzem algumas dessas quadras:

Ó Meu Senhor do Calvário,
Ó meu Senhor da agonia,
Tendes a vossa Capela
Detrás de Santa Maria.



Capela do Senhor do Calvário

Detrás de Santa Maria,
Onde vos foram pôr;
No mais alto cabecinho,
Ó meu Divino Senhor.

Detrás de Santa Maria
Está um craveiro na Cruz;
As folhinhas que lhe caem
São o sangue de Jesus.

Ó meu Senhor do Calvário
Ó meu rico diamante,
Quem me dera ir convosco
Por esse céu adiante.

Detrás de Santa Maria
Está um craveiro raixado;
As folhinhas que lhe caem
São o sangue derramado.

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu Senhor da Varanda,
Livrai-nos desta malina
Que na nossa Terra anda.

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu Senhor bom Jesus,
A Virgem Senhora das Dores
Está ao pé da vossa Cruz.

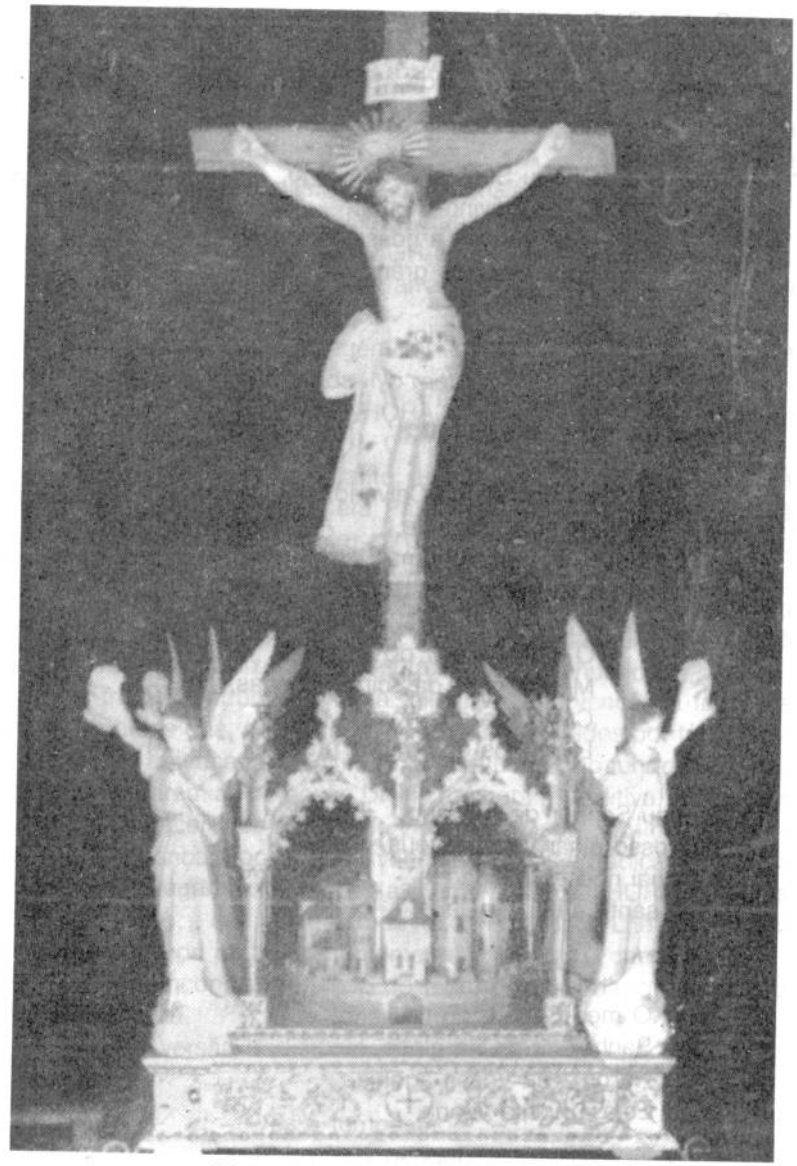
Detrás de Santa Maria
Está um craveiro a abrir:
É o Senhor do Calvário
Qu' está na Cruz p' ra nos remir.

Detrás de Santa Maria
Está a Fonte do Picão;
Está o Senhor do Calvário,
A virgem e São João.

Datam de 1974 novas quadras que substituiram as anteriores, por serem julgadas de carácter mais piedoso e menos popular, mantendo-se, entretanto, a melodia tradicional:

Aqui se reproduzem também essas novas quadras:

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu Jesus bem-amado,
A vossa divina morte
Resgatou o meu pecado.



Divino Senhor do Calvário
Santa Maria — Manteigas
Festa 4.º Domingo de Agosto

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu Senhor bom Jesus,
Vosso amor nos deu a vida
No trono da Vossa Cruz.

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu divino Senhor,
Mais do que a nossa maldade
Pode o vosso grande amor.

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó Senhor da boa morte,
Dai sentido à nossa vida
No rumo do Vosso Norte.

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó Senhor agonizante,
Recebei a nossa alma
No nosso último instante.

Ó meu Senhor do Calvário,
Meu Senhor das cinco chagas,
Curai-nos das nossas penas,
Livrai-nos das tristes pragas.

Ó meu Senhor do Calvário,
no vosso olhar vejo os céus,
Perdoai nossas maldades,
Pelo santo amor de Deus.

Ó meu Senhor do Calvário,
Senhor da divina glória,
Na cruz da Vossa agonia
Está a nossa vitória.

NOSSA SENHORA DA GRAÇA NA TRADIÇÃO RELIGIOSA DE MANTEIGAS

Não é possível saber-se nem a tradição o confirma, a que era remonta a devoção a NOSSA SENHORA DA GRAÇA na freguesia de São Pedro de Manteigas. Sabe-se, apenas, que vem de longa data.

Diz a tradição, envolta em diáfano manto lendário, que a primeira imagem da SENHORA DA GRAÇA foi encontrada num silvado, e que apresentava no rosto uma arranhadela de silva que nenhuma tinta conseguia apagar.

Em dada altura, a imagem foi enviada, não se sabe se para Braga, a fim de ser restaurada. No regresso, levantou-se grande celeuma entre os devotos da SENHORA, ao constatarem que a imagem não era a mesma.

Não esmoreceu, no entanto, a Fé e a devoção à VIRGEM, cuja imagem, ao tempo em que era Pároco da freguesia o Padre José Augusto do Frade, deu origem ao que foi considerado um estranho fenómeno (?):

Certo dia, foi o referido Vigário surpreendido com a informação de que a imagem "transpirava". O Padre foi verificar e limpou o rosto da SENHORA que, diz-se, apresentava estranha humidade.

A tradição atrubui-lhe uma milagrosa intervenção a favor de uns navegantes que, no alto mar, foram surpreendidos por forte tempestade que ameaçava sepultá-los, com o barco, no fundo do Oceano. Ao implorarem a Protecção Divina em hora tão aflitiva, viram com surpresa, aparecer-lhes a figura da Virgem que, sorrindo-lhes, os conduziu em bonança a porto de salvação. Diz mais a tradição que aqui vieram os navegantes descobrir a imagem da SENHORA que lhes havia aparecido, e que, em gesto de reconhecimento, Lhe ofereceram um lampadário de prata, presentemente adaptado a candeeiro eléctrico, que se encontra suspenso do tecto do coro da Igreja de São Pedro desta vila.

Talvez esta versão tradicional seja a causa de o Povo lhe cantar:

Vês a tempestade
Sobre nós pender;
Por Tua piedade
Nos vem defender.

Se nuvem sombria
S' estende no ar
Dissipa-a, Maria
Com teu meigo olhar.

Na longa agonia
Do seu navegar
O nauta confia
Na Estrela do Mar.

As ondas amansa,
Senhora, lhe diz;
Conduz-m' em bonança
A porto feliz.

Depoiementos de pessoas idóneas e cordatas recolhidos no ano de 1982 deram origem a quanto aqui se repõe. Não se sabe, no entanto, quanto em tudo isto possa haver de tradição e de lenda.

A Festa anual tem lugar no dia 8 de Setembro. Os cânticos entoados são bem um grito de Fé na VIRGEM e uma súplica de benção para "A nossa Terra que Tua é."

Virgem Senhora da Graça,
Escuta os gritos da nossa fé.
Abençoa por piedade
A nossa Terra que Tua é.

Ó Rainha dos Anjos,
Acolhe neste dia
Nossos votos e louvores
Cheios de Santa Alegria,

Virgem Senhora da Graça

Ó bondosa Protectora
Dos filhos da nossa Terra,
Nunca desprezes as preces
Daquele que em ti sempre espera.

Virgem Senhora da Graça

Nós queremos, ó Mãe nossa,
Cantar-te cada vez mais,
Amar-te sempre na Terra
E nos Céus onde habitais.

Virgem Senhora da Graça

A teus pés, Virgem Maria,
Se consagra com fervor
Todo este povo de crentes
Que vos jura o seu amor.

Virgem Senhora da Graça.

NOSSA SENHORA DA GRAÇA
Freguesia de São Pedro — Portugal
Festa: 18 de Setembro

Dizei à Senhora
ó vós que a louvais:
Àvé, ó Maria,
Bendita sejais!
Ó Virgem soberana
Que o Mundo alegrais,
Sois cheia de graça
Bendita sejais!

Nos Céus e na Terra,
Onde quer que estais,
Jesus é convosco
Bendita sejais!
Vós sois, ó Mãe nossa,
Quem nos amparais:
Agora para sempre
Bendita sejais.

Àvé, Àvé, Àvé, Maria
Àvé, Àvé, Àvé, Maria

Vós dais pronto auxílio
Aos filhos qie amais
Na hora da morte
Bendita sejais!
Enfim, Mãe, Levai-nos
Ao Céu que gozais.
Digam todos sempre:
bendita sejais!

Àvé, Àvé, Àvé, Maria
Àvé, Àvé, Àvé, Maria

O Cancioneiro Popular de Manteigas compôs para a sua Padroeira SENHORA DA GRAÇA algumas quadras de sabor nitidamente popular, algumas das quais ainda foi possível recolher da tradição e da alma simples e devota do Povo:

Nossa Senhora da Graça,
Onde é a tua morada?
É na Igreja de São Pedro,
Ao cimo da Enxertada.

Nossa Senhora da Graça
É Mãe de quem a não tem;
Por isso vivo contente,
Porque Ela é minha também.

Nossa Senhora da Graça
Tem um colete de linho,
Lavado na Fonte Santa,
Enxuto ao Sol Divino.

Nossa Senhora da Graça
Foi lavar ao monte;
Onde Ela ia lavar,
Logo nasceu uma fonte.

Maria lavava,
José estendia;
Chorava o Menino
C' o frio que tinha.

Nossa Senhora me disse
Do cimo do Seu Altar:
Ó filha, faz por ser boa,
Que sempre te hei-de ajudar.

No dia 21 de Novembro de 1960, a bordo do paquete "Pátria", festivamente embandeirado em arco, chegava ao porto de Lobito, em terras de Angola, uma imagem de NOSSA SENHORA DA GRAÇA, cópia fiel da que se venera na Igreja fa freguesia de São Pedro desta vila.

Um grupo de devotos Manteiguenses radicados em Angola, tendo por principal animador Fortunato Pereira Branco, tinha feito transpôr para aquelas paragens a devoção à VIRGEM invocada sob o título de SENHORA DA GRAÇA. Essa devoção tinha sido concretizada numa Capela erguida no alto de um morro dos arredores de Benguela, na área do Cavaco. Anexa à Capela, iria funcionar uma Escola onde ia ministrar-se ensino primário, catequese, higiene e enfermagem. Este conjunto ficaria sendo conhecido por "CAPELA — ESCOLA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA".

A imagem foi conduzida nesse mesmo dia, acompanhada de extenso cortejo-automóvel, do Lobito para Benguela, onde ficou depositada na igreja de Nossa Senhora do Pópulo, até ao dia 7 de Dezembro.

Na tarde desse dia, em cerimónia presidida pelo Rev. Padre Eduardo Leitão, um Manteiguense também radicado em Angola, foi benzida a Capela. À noite, acompanhada de um cortejo de centenas de automóveis, foi a Imagem conduzida da Igreja do Pópulo até à base do morro, que era um luzeiro formado de centenas de lamparinas, e ali se organizou uma grandiosa Procissão de velas em direcção à Capela onde a SENHORA DA GRAÇA ficou entronizada.

No dia 8 prosseguiram as Festas, que ficaram memoráveis, e ainda hoje, não obstante a colónia de Manteiguenses já não ter ali o significado que tinha em 1960, o dia 8 de Dezembro continua a ser um dia de grande Festa celebrada pelos Naturais da Região de Benguela.

Acedendo ao convite que lhe foi dirigido, de propósito se deslocou a Angola, a fim de se associar às Festas, o então Presidente da Câmara Municipal de Manteigas — Francisco Esteves Gaspar de Carvalho.

NOSSA SENHORA DOS VERDES NA TRADIÇÃO RELIGIOSA DE MANTEIGAS

"Origem da Devoção a Nossa Senhora dos Verdes"

"Se o Povo de Manteigas é trabalhador, devemos também dizer que ele é religioso como poucos. E desta afirmação temos prova que nos deixaram os nossos antepassados, das numerosa Igrejas e Capelas, em número de vinte, que estão dentro e fora da Vila, sendo uma das mais importantes a Capela da Milagrosa Nossa Senhora dos Verdes.

A lenda popular não deixa, com certeza, de ter narrado muitas coisas bonitas.

A tradição, sobretudo religiosa, tem transmitido de pais para filhos e de avós para netos, factos e acontecimentos que a história local tem registado; mas os Alfarrábios ou Livro de Usos da Igreja da freguesia de S. Pedro de Manteigas, com data de 1698, são os melhores elementos que nos vão ajudar para falarmos de Nossa Senhora dos Verdes.

Dizem eles assim na página 15 e seguintes:

"Ad perpetuam rei memoriam. Termo de voto que o Reverendo António de Matos, Vigário desta Igreja de S. Pedro de Manteigas e os seus fregueses fizeram a Deus Nosso Senhor, de irem todos os anos com a Procissão de Ladaínhas visitar a Virgem Nossa Senhora da Cedarça (sita perto da vizinha Castanheira e do Rio Mondego, no termo de Folgozinho) implorando a sua intercessão para que Deus nos livre da praga e bicaharia da lagarta com que Ele muitos anos se serve para nos castigar.

"In nomine Domini". Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1724. Aos treze dias do mês de Junho do dito ano, estando os fegueses e Povo juntos para se fazer a Festa do Glorioso Santo António, aí, pelo Vigário dela, o Reverendo António de Matos, foi dito a seus fregueses se da sua própria e livre vontade queriam fazer voto a Deus Nosso Senhor, de irem perpetuamente todos os anos com a Procissão e Ladaínhas visitar a Igreja de Nossa Senhora da Cedarça, implorando o seu patrocínio para que, por sua piedade, interceda por toda a freguesia, pedindo a Seu Amado Filho, Cristo Senhor Nosso, para que se digne livrá-la de tantos castigos de que

se vê ameaçada pela Divina Justiça, principalmente da praga e bicharia da lagarta, que há muitos anos vem destruindo, com geral perda, os Soitos e mais novidades. O que nisto concordado pelos fregueses, logo por todos em igual foi dito que, com grande vontade, queriam fazer e como de facto faziam voto de ir a Nossa Senhora da Cedarça, pela muita fé que esta freguesia sempre teve com a dita Senhora.

E logo o dito Reverendo Vigário, estando de pé, e em voz alta fez o voto, dizendo que prometia a Deus Nosso Senhor de ir todos os anos,a quinze de Agosto, com uma Procissão de Ladaínhas a Nossa Senhora da Cedarça com os seus fregueses, dizendo os mesmos que faziam a Deus o mesmo voto que ele. Com efeito, todos em geral disseram que assim o prometiam, e com muita alegria, devoção e fé, o dito voto; e promessa faziam e se obrigavam a si e seus vindouros, e ele, Reverendo Vigário, a si e a seus sucessores.

E assim se obrigaram e determinaram com juramento e satisfação ao dito voto que tinham feito; e, se necessário fosse, o tornariam a fazer e revalidar dia de S. Lourenço, aos dez de Agosto; e dado o caso que, por causa de grave impedimento, se não pudesse fazer no tal dia, se fizesse no Domingo subsequente ou no próprio dia de Nossa Senhora, a quinze de Agosto do dito mês, dia da Assunção.

E mais disseram, queriam que fossem todos à dita Procissão,ou ao menos de cada casa uma pessoa de Sacramentos; e que quem sem legítimo impedimento faltara, o Reverendo Vigário dispôs, com os assinados adiante, seja quem fôr, seja condenado em cem reis, tomando para este efeito a conta pelo Rol dos Confessados, e as condenatórias se apliquem a fábrica menor.

E, por esta maneira, deram por feito o dito voto.

E para constar em todo o tempo o que o Reverendo Vigário e seus fregueses tinham feito neste voto para si e seus vindouros, disseram que se fizesse no Livro de Usos desta Igreja um termo que todos queriam assinar, e pedir ao Ordinário o aprovasse; o qual termo, eu, o Doutor Francisco Correia Peixoto, freguês da dita Igreja, de mandado de todos fiz, aos quatorze dias do dito mês de Junho da Era Supra; e eu, Reverendo António de Matos, Vigário desta Igreja, o subscrevi.

O Vigário de São Pedro — António de Matos.
O Doutor Francisco Correia Peixoto".

Seguem-se mais acerca de duzentas assinaturas sem contar umas sessenta com cruzes (†), quase todas ilegíveis, destacando-se de entre elas as dos Sacerdotes que então viviam na freguesia ou Vila, e que eram:

P. Manuel da Costa Leal
P. João Lopes Ramos
P. Francisco Mendes Isento
P. Manuel Martins Gomes
P. Manuel Ramos
P. Bento da Costa

FÉ E ESMORECIMENTO NA DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA'— recorramos mais uma vez à fonte da Tradição para sabermos como o voto de se ir a Nossa Senhora da Cedarça foi cumprido pela gente de Manteigas.

Diz-se que nos primeiros anos o fervor era tal, em ir a Nossa Senhora da Cedarça, que Manteigas se despovoava e ninguém queria ficar em casa, a pontos de ser precisa a intervenção da Autoridade civil para destacar patrulhas de cabos a fim de guardarem os domocílios.

Com o decorrer dos tempos, a Fé foi diminuindo pouco a pouco, e foi preciso lançar mão das multas, conforme o que fôra determinado quando fizera o voto. A primeira geração foi desaparecendo, e com a segunda foi preciso tomar novas resoluções, uma das quais foi pedir à Autoridade Eclesiaàstica para que o voto de ir a Nossa Senhora da Cedarça fosse mudado para uma das capelas da nossa Vila".

DATA DA CONSTRUÇÃO DA CAPELA

Como não existia qualquer Capela dedicada a Nossa Senhora na freguesia de S. Pedro, foi resolvido no Sínodo da cidade da Guarda, realizado nos dias 30 e 31 de Julho e 1 de Agosto de 1747, que se edificasse uma Capela no meio dos campos, dedicada a Nossa Senhora dos Verdes, para ali ser cumprido, sem incómodo de maior, o voto que fôra feito para Nosssa Senhora da Cedarça, no mesmo dia, dedicado à Subida ao Céu de Nossa Senhora, Mãe de Deus e Mãe dos Homens, em 15 de Agosto de cada ano.

Escolhido o local, principiou-se com a obra da Capela, que ficou pronta em 1756, segundo se lia há poucos anos numa memória pintada na mesma Capela, do lado da Epístola, o que está de acordo com o que se lê no Livro dos Usos da Igreja de S. Pedro, a que nos vimos referindo.

Diz ainda mais a Tradição que, no mesmo dia em que foi benzida a primeira pedra da Capela, uma Senhora piedosa levou uma oferta singular, que era um vaso de flores para ser colocado sobre a mesma pedra. Foi visto pelos pedreiros que as flores tinham murchado; porém, um ramo de carvalha estava cada vez mais verde e viçoso, e, pegando dele, enterraram-no no meio do campo a alguns metros de distância da obra; e com grande surpresa e admiração de todos notou-se que o ramo tinha crescido e se desenvolvia a olhos vistos. Conservou-se, e lá temos a Carvalha que causa admiração a todos os que a comtemplam, e o nosso Governo considera, pelo Decreto-Lei N.º 28.468, de 15 de Fevereiro de 1938, de "Interesse Público". É pertença da Comissão da Junta Fabriqueira de S. Pedro de Manteigas, que tomou conta, em 6 de Abril de 1929, de todos os bens móveis e imóveis que estavam a cargo da Junta de Freguesia de S. Pedro, ficando classificada como "Quercus Robur".

BENÇÃO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS VERDES E SUA PRIMEIRA FESTA

A folhas 19 do livro de Usos que temos consultado, lê-se o seguinte:

"No ano de 1757, no mês de Março, aos vinte e oito, tomei posse da Igreja de S. Pedro; e logo a seguir, em 1758, se colocou a senhora dos Verdes na sua Capela; e no mês de Setembro, a 24 do mesmo, sendo Domingo, realizou-se a primeira Festa com grande solenidade; e além dos sermões da parte da manhã e de tarde, que houve nesta Igreja de S. Pedro, onde primeiro se expôs Nossa Senhora dos Verdes, se pregou também um outro sermão junto da capela

da mesma Senhora, para onde fôra levada em Procissão com grande concurso de gente desta Vila e de fora.

Foi esta a primeira Capela erigida em honra de Nossa Senhora dos Verdes na nossa vila e freguesia, pois que as outras, de Nossa Senhora da Saúde, nas Caldas, e de Nossa Senhora de Lurdes, na mesma estância, foram benzidas respectivamente em 11 de Julho de 1789 e 21 de Abril de 1897. Estas datas são transcritas igualmente no mesmo livro de Usos; e o Pároco que presidiu à benção da capela e da imagem de Nossaa Senhora dos Verdes foi o Reverendo Manuel Barbas de Morais que, para sempre constar, assim o declarou com a data de 29 de Setembro de 1758".

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DOS VERDES

O povo de Manteigas principiou com a nova devoção a Nossa Senhora dos Verdes com a erecção da sua Capela em 1756, e com a bênção da milagrosa imagem em 1758; e foi sempre protegido e amparado e livre do flagelo da lagarta e, ao mesmo tempo, cumulado de favores especiais, tanto espirituais como temporais.

Diz-nos a Tradição que nunca deixou de se fazer a festa de Nossa Senhora dos Verdes no dia 15 de Agosto, sendo geralmente precedida de vésperas solenes na dita Capela de Nossa Senhora e no seu largo, debaixo da soberba carvalha.

Diz a Tradição que, quando a fé e a devoção esmoreciam, logo principiava a manifestar-se a praga e bicharia da lagarta; e então, recorria-se a Nossa Senhora, faziam-se festas verdadeiramente religiosas, e que ainda hoje envergonham os católicos mais fervorosos do nosso tempo.

Vamos dar, para amostra, um documento de 1835, oitenta anos depois do começo da devoção a Nossa Senhora dos Verdes, tirado do Livro que temos consultado, páginas 22 e seguintes:

No ano de 1835 — Maio — 20.

PRAGA DA LAGARTA NO ANO DE 1835

Tendo-se nos dois anos antecedentes espalhado a lagarta, e no presente ano de 1835 tendo-se alastrado já na redondeza da Vila

essa mesma bicharia, especialmente sobre os arvoredos e vinhedos, os habitantes desta Vila recorrem a Nossa Senhora dos Verdes para obterem Misericórdias do Senhor, e recorreram ao Governador deste Bispado com o requerimento seguinte:

REQUERIMENTO

Excelentíssimo Senhor:

Dizem os habitantes desta Vila de Manteigas, deste Bispado da Guarda, que o nosso país costuma ser impestado de uma praga a que chamam a lagarta, que em vários anos destrói soutos e demais arvoredos e novidades, reduzindo tudo à maior estirilidade, o que moveu os nossos antepassados, modelos de fé e devoção, a recorrer à Virgem Nossa Senhora, e, no ano de 1756, lhe edificaram na freguesia de S. Pedro uma majestosa Capela que, segundo se vê de uma memória pintada na dita Capela, junto ao lado da Epístola, perto do Altar, foi principiada pelo então Vigário desta freguesia, António de Matos, cuja efígie ali está pintada com a referida data de 1756.

Mais consta que o meu antecessor ali colocou a milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Verdes em 1758, frisando nós estas datas a pedido de alguns devotos, para que se não perca a lembrança deste acontecimento, que já vai desaparecendo na inscrição da mesma Capela com o correr do tempo; e tudo isto pelo manifesto socorro e amparo que na mesma Senhora dos Verdes encontraram. E como no presente ano a lagarta não só destrói frutíferas e mesmo as vinhas, parecendo querer tudo destruir, eis a razão porque eles, estimulados por seus antepassados, recorrem à piedade de Vossa Excelência para que os Párocos, demais clero e povo desta Vila possam celebrar em honra e louvor da Senhora dos Verdes uma festa cujo programa será desta maneira:

De manhã, Missa cantada em S. Pedro, estando o Senhor exposto na tribuna e um sermão à estação da Missa;

De tarde, o Senhor exposto em Santa maria e um outro sermão.

E para que lhes conceda licença para poderem excomungar e exorcisar as lagartas, o que expessamenete lhes é proíbido fazer sem licença, na Constituição deste Bispado (Livro 5.º — Capítulo 2.º — Folhas 3 — Artigo 485).

E, ao mesmo tempo, para que possam fazer com a Imagem da mesma Senhora dos Verdes a procissão pelos arrabaldes e soutos

desta Vila, o que igualmente lhes é proíbido fazer sem licença (artigo 215); enfim, assim expõem e pedem a Vossa Excelência se digne conceder-lhe as ditas licenças e esperam mercê.

DESPACHO AO REQUERIMENTO

Sem fundamentar a verdade do que se alega, não pode nem deve conceder-se a graça requerida. O Reverendo Pároco dos suplicantes exponha e diga os justos motivos que tem a sua pretensão para, à vista deles, se lhes deferir.

Paço Episcopal da Guarda, 22 de Maio de 1835 — Anunciada.

Sendo-me apresentada informação da maneira seguinte:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor:

Em cumprimento do Despacho retro, temos a informar Vossa Excelência que os suplicantes dizem: é desgraçadamente mais do que verdade; e que a praga da lagarta, se a Virgem Nossa Senhora dos Verdes não acode nos nossos campos e matas, sobretudo soutos, tudo destrói, e que no pedido dos suplicantes nada há, senão a louvar.

É quanto podemos informar.

Manteigas, 22 de Maio de 1835.

O Vigário de S. Pedro — Manuel de Almeida.

D E S P A C H O

Concedido como requerem. Paço Episcopal da Guarda, 23 de Maio de 1835 — Anunciada.

Em virtude do que, no Domingo, 25 de Maio do dito ano, foi-se buscar a milagrosa Nossa Senhora dos Verdes para esta Igreja de S. Pedro, e no dia 28 do mesmo, em Quinta-feira da Ascensão, se fez a Festa na forma do requerimento.

A procissão teve o seguinte percurso: Saiu-se da Igreja, direito a Santo André; foi-se depois a Santo António, seguindo daqui ao Zurrão abaixo; continuou-se pelas Carreiras de Leandres e daqui até à Granja, subindo depois ao caminho das Vinhas e entrou-se na capela da Quinta de S. Fernando, donde se seguiu até S. Marcos, Nosso Senhor do Calvário e em a Igreja de santa Maria. Chegados aqui, expôs-se Nosso Senhor e houve sermão. De tarde, continuou a Procissão passando pela Rua dos Conqueiros e pela Misericórdia, e recolheu finalmente na Igreja de S. Pedro. O que, para constar, declarei.

Era supra.

A lagarta desapareceu dentro em pucos dias.

O Vigário — Manuel d' Almeida.

ENTUSIASMO E ACÇÃO DE GRAÇAS

Seguindo o que se diz no célebre Alfarrábio dos Usos da freguesia de S. Pedro, no qual se começou a escrever no ano de 1698, vejamos o que se fez no ano seguinte ao Milagre de 1835, em que toda a lagarta desapareceu depois da célebre procissão.

Tendo a referida Nossa Senhora dos Verdes seguido o itinerário pelos campos e ruas e visitando todas as Igrejas e Capelas, conforme se diz, retro, folhas 22; e tendo Ela ouvido as nossas súplicas, no ano de 1836 se determinou, à tarde mesmo, que à custa da mesma Senhora, pois tinha rendimento para isso, se lhe fizesse uma Festa em forma, em acção de graças, pois o milagre era tão evidente, a ponto de que não apareceu neste ano uma só lagarta; e que mesmo os castanheiros que no ano passado tinham sido comidos, estavam tão carregados, que havia pontas de ramos nas quais se contavam pegados, ouriços juntos uns aos outros até doze e treze. Pelo que, no dia treze do mês de Agosto deste ano teve princípio a Festa da maneira seguinte: Vésperas cantadas, Senhor exposto, Novena e Sermão pregado pelo Reverendo José Máximo Ferreira, natural desta Vila.

Veio Música da Guarda, que tocou e cantou neste tríduo. No dia quatorze, sendo Domingo, principiou a festa da manhã com o Senhor exposto, Missa, tocando e cantando a mesma Música da Guarda. Pregou o Reverendo Manuel Grilo. De tarde, antes da procissão, pregou o mesmo presbítero, e a procissão foi nesse dia só à roda da vila, com as imagens seguintes; com os andores adornados: 1.º O Senhor Jesus Arvorado; 2.º Nossa Senhora dos Verdes; 3.º São Domingos; 4.º São Sebastião, e por fim o Santíssimo Sacramento debaixo do Pálio.

No dia seguinte foi o terceiro dia da festa da Senhora. Fui eu quem marcou este dia para esta festa, mesmo antes de ser pároco nesta vila; e houve nesse dia a festa da maneira seguinte: Senhor

exposto, a seguir Missa Cantada por Música. Pregou demanhã o Reverendo José Ferreira, desta vila; e de tarde, pregou antes da procissão o Reverendo José Ferreira, desta vila, havendo solene Te-Deum por Música, seguindo-se a procissão com as Imagens à roda da Igreja, e sempre muito fogo em todos os dias, em sinal de muita alegria.

Esqueci-rne de dizer, mas a tempo o declaro, que na noite do dia teze,primeiro dia de festa, houve magnífica procissão em roda da vila, com o Senhor Jesus, sendo esta procissão de penitência, e trajando todos de tristeza, como era próprio de tal cerimónia e cumprindo assim os votos feitos, e isto juro.

O vigário — MANUEL d' ALMEIDA

NOTA INTERESSANTE: Sua Excelência Reverendíssima, o senhor Governador do Bispado da Guarda, D. João d' Anunciada, mandou uma carta ao Vigário de S. Pedro com a oferta de uma sineta para a Capela de Nossa Senhora da Saúde, das Caldas, declarando que a dita sineta dada por ele, era pertença da Igreja de S. Pedro, e que tocaria nas Caldas nos meses dos banhos,voltando todos os anos para a torre de S. Pedro. Assim o delarou o Excelentíssimo Senhor Governador do Bispado, e assim aceitou a oferta o proprietário da Capela, Excelentíssimo Senhor Francisco Marques da Cruz Proença e Matos.

Seria interessante transcrever na íntegra este documento, que está no dito alfarrábio; porém, apenas diremos que a dita sineta foi tocada a vez primeira na festa de Nossa Senhora dos Verdes, e foi também levada na procissão juntamente com a milagrosa Imagem de Nossa Senhora dos Verdes, até à capela que diante da porta tem uma frondosa carvalha.

MAIS UM ACTO DE DEVOÇÃO E GRATIDÃO

AS LADAÍNHAS EM QUINTA — FEIRA DA ASCENSÃO

Ao lado do fundador da Capela de Nossa Senhora dos Verdes, fica também muito bem o nome do Reverendo Manuel d' Almeida

que tanto se empenhou pela devoção para com Nossa Senhora e que nos deixou tantos documentos que mostram quanto o Povo de Manteigas era devoto de Nossa Senhora dos Verdes.

"Tendo-se cada vez mais aumentado a devoção para com Nossa Senhora dos Verdes, como vos deixo dito a folhas 22, em razão do seu visto milagre com que a mesma Senhora tem visivelmente protegido esta vila, resolvi-me no ano passado de 1836 ir com uma procissão de Ladaínhas à capela da Nossa Boa Mãe. Anunciei esta resolução, de continuar este ano, e sendo muito o concurso do Povo, e conformando-se com o pensar de muitas pessoas devotas e zelosas do serviço de Deus, hoje, 5 de Maio de 1837, na Capela da mesma Senhora dos Verdes, eu e todo o Povo que estava presente, em nosso nome e dos nossos vindouros, fizemos voto público e solene de irmos todos os anos, em Quinta-feira da Ascensão, à Capela da mesma Nossa Senhora dos Verdes, com uma procissão, cantando a Ladaínha de Todos os Santos.

Quizemos em nosso nome e dos nossos vindouros que este voto, feito muito de nosssas vontades, seja perpétuo e nunca interrompido, nem mudado ou anulado de maneira alguma, enquanto durar a Capela.

E porque nós confiamos na Divina Providência e Sua Misricórdia, esperamos de que, enquanto vivos formos, havemos de cumprir a nossa promessa, pois assim o exigem a nossa gratidão, Fé e Religião.

Entregamos os nossos votos às consciências de nossos vindouros, esperando que eles cumpram esta promessa tal qual nós a fizemos, em memória do manifesto milagre de Nossa Senhora dos Verdes e da nossa gratidão.

Manteigas, 6 de Maio de 1837

O Vigário — MANUEL d' ALMEIDA"

VOLTA DE NOVO A PRAGA DA LAGARTA

Agora já não é só Manteigas que é castigada com o flagelo da bicharia e sobretudo da lagarta, mas são também os concelhos limítrofes, como se lê ainda numa circular do Excelentíssimo Senhor Bispo da Guarda, que diz assim:

"CIRCULAR DO DIA 7 DE JUNHO DE 1879, CUJO TEOR É O SEGUINTE:

O Doutor Francisco Manuel Martins Manso, Chantre da Sé Catedral desta cidade da Guarda e Vigário Capitular do Bispado pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Cabido da Sede Vacante. Aos Reverendos Párocos e aos Fiéis desta Diocese, saúde e paz em Jesus Cristo Nosso Divio Redentor.

Constando-me que os campos de várias freguesias deste concelho e doutros limítrofes estão infestados por grande quantidade de lagarta que devora as sementeiras de milho, feijão e batata, assim como as folhas das árvores, das vinhas e mais plantas;

Considerando que, para debelar este flagelo, convém recorrer não só aos meios naturais que a ciência e a experiência aconselham, mas também à oração e à penitência, que são os meios sobrenaturais de obter de Deus, como Autor, Dador de todos os Bens e Remédio eficaz às calamidades públicas;

— Determino que em todas as freguesias do Bispado os Reverendos Párocos façam com o Povo um tríduo de preces públicas, para alcançar de Deus a cessação deste flagelo. E onde se puderem fazer procissões de penitência para o mesmo fim, desde já autorizo esses actos.

Os Reverendos Párocos farão correr a presente de uns aos outros na forma do estilo, ficando registado no livro competente pelo qual a lerão ao Povo, convidando-os por esssa ocasião a concorrer àqueles actos religiosos.

Dada na Guarda sob o meu sinal e sêlo capitular aos 7 de Julho de 1879. E eu, Jacinto Ferreira da Cunha Leal, a subscrevi.

FRANCISCO MANUEL MARTINS MANSO

Está conforme. Manteigas, 14 de Julho de 1879
O Vigário — JOSÉ CASIMIRO DE MOURA LEMOS".

Dizem testemunhas oculares ainda vivas, e a Tradição está ainda muito impressionada com tal acontecimento, que apenas a leitura deste documento da Autridade Eclisiástica foi lido na Igreja. ali mesmo, o Povo em alta voz gritou que Nossa Senhora dos Verdes é quem nos devia valer, e foram imediatamente buscá-la em procissão para a Igreja de São Pedro, onde ficou tês dias; e no Domingo

seguinte foi feita a procissão seguindo o itinerário do costume, indo desta vez de Leandres aos Chapassais de Cima, souto do Concelho e Chapassais de Baixo, e daqui aos Barreiros, Vinhas, Santa Maria e São Pedro.

Foi nesta procissão que foi vista cair das árvores a lagarta à passagem da milagrosa Nossa Senhora dos Verdes.. E a bicharia era em tanta abundância, que os caminhos debaixo dos castanheiros estavam cobertos, como que tapetados pelos vis insectos com que Deus nos castigava.

Quem estas linhas escreve, muitas vezes ouviu contar aos seus três tios Padres Reverendos Tomás de Aquino Gomes Pinheiro, que foi pároco de Santa Maria desta vila durante 50 anos, vindo a falecer com 81 anos em 28 de Julho de 1891; Joaquim Gomes Pinheiro, que morreu como Capelão da Misericórdia, com 83 anos de idade, em 22 de Março de 1900; António Gomes Pinheiro, que morreu como Vigário de São Pedro, com 79 anos de idade, no dia 7 de Março de 1907.

A outro filho desta terra, também testemunha ocular, o Exm.º e Rev.º Doutor Manuel Barbas Freire, ouvi confirmar este acontecimento milagroso, debaixo da carvalha que está em frente à capela de Nosssa Senhora dos Verdes.

Ao grande amigo de Nossa Senhora dos Verdes, há pouco falecido, Senhor José Esteves de Carvalho Júnior, também testemunha ocular, ouvi declarar muitas vezes que mesmo que ele não quisesse ter crença religiosa, ele a isso era obrigado, só por aquilo que viu em 1879, quando as lagartas, à passagem da procissão fugiam dos campos para o caminho onde Nossa Senhora dos Verdes passava, como Rainha.

O DEMÓNIO ENRAIVECIDO CONTRA MANTEIGAS

Duas grandes calamidades pesam sobre o Povo de Manteigas nos anos de 1882 e 1883, que são, com diz o precioso Alfarrábio, o tifo endémico e a lagarta. Sobre a primeira calamidade escreveu assim o Reverendo Vigário José Casimiro de Moura Lemos:

"Como em Novembro de 1882 grassasse nesta vila, e principalmente na freguesia de S. Pedro, um grande contágio de malina

ou tifo, que já fez muitas vítimas, toda a freguesia comigo prometemos, no domingo, dia 19 do dito mês, à Estação da missa conventual, fazermos mais uma festa solene a Nossa Senhora dos Verdes, para Ela implorar o mesmo Santíssimo Coração de Jesus, para nos acudir e levantar as febres desta vila. Nesta festa deveria ser benzida a imagem do Sagrado Coração de Jesus, que tinha custado cento e dezassete mil reis, fora o transporte.

A segunda calamidade era mais uma vez a lagarta, sobre a qual se lê ainda o seguinte:

"Circular do Excelentíssimo Senhor Vigário Capitular do Bispado, em que atendendo aos graves prejuízos nos campos, manda fazer um tríduo de preces, as quais podem ser feitas em procissão de Ladaínhas, para que Deus afaste de nós os insectos, vermes e outros animais nocivos que costumam infestar os campos. E outro assim exorta os fiéis a purificarem as suas consciências pela Penitência, Comunhão, esmolas, jejuns e outras boas obras".

Para acudir a estes dois flagelos, termina o Reverendo Vigário José Casimiro de Moura Lemos:

"Cumprimos o nosso voto com uma festa soleníssima e procissão muito concorrida através dos campos, seguindo o itinerário de empre até ao Souto do Concelho. Antes da procissão houve missa cantada e exposição do Santíssimo Sacramento, e prègou brilhantemente o Reverendo Missionário Jesuíta TOMÁS VIDAL.

Felizmente a epedemia levantou, mas ainda faz muitas vítimas. e a lagarta desapareceu, graças à protecção de Nossa Senhora dos Verdes que por nós pediu ao seu Divino e Amado Filho.

Para perpetuar a memória destas graças que Deus nos fez com Nossa Senhora, nomeou-se uma mordomia para todos os anos, em 15 de Agosto, fazer a Festa a Nossa Senhora dos Verdes, conforme o voto primitivo que já muitas vezes fora renovado e que nós confirmávamos com muita devoção, amor e gratidão.

O Vigário — JOSÉ CASIMIRO DE MOURA LEMOS"

REVOLUÇÃO SANTA

Com o decorrer dos tempos, com a mudança das instituições governamantais e com novas gerações, inclinadas ao prazer e com negação à prática religiosa, a devoção a Nossa Senhora dos Verdes foi diminuindo pouco e pouco, pelo que se fez sentir o castigo merecido. A praga da lagarta começou a devastar os campos em anos consecutivos, o Povo sentia o jugo da Providência que pesava sobre as suas cabeças; mas só em 1928 é que se resolveu a pedir a sério a intervenção divina por meio de Nosssa Senhora dos Verdes.

Foi consultada a Autoridade Eclesiástica, que anuiu ao que os dois Párocos de Manteigas lhe expuseram. E como os campos, sobretudo os soutos, vinhas e batatais eram assolados pela praga da lagarta, organizou-se uma Comissão nas duas freguesias da Vila para se fazer uma festa a Nossa Senhora dos Verdes, Padroeira dos Campos, contra o flagelo da dita lagarta, que correu da maneira seguinte:

No dia 14 de Agosto, à tarde, foi o Pároco e Vigário de São Pedro, Padre José Baylão Pinheiro buscar Nossa Senhora dos Verdes à sua capela, em procissão, vindo pelo caminho velho. O Povo estava quase todo reunido no Cimo da Enxertada e aclamou Nosssa Senhora, entrando com Ela para a Igreja de São Pedro, onde se rezou o Terço de Nossa Senhora e se deu a Benção do Santíssimo Sacramento.

No dia 15, ao meio dia, cantou missa o Reverendo Pároco Vigário de São Pedro, Padre José Baylão Pinheiro, sendo acolitado de diácono pelo Reverendo Arcipreste Padre Zacarias Lucas Coelho e de subdiácono pelo Reverendo Vigário de Santa Maria, Padre Joaquim Dias Parente.

A festa da manhã foi abrilhantada pela Flarmónica Popular Manteiguense, da freguesia de São Pedro. De tarde, houve cerimónia com o Santíssimo Sacramento e, a seguir, principiaram-se a cantar as Ladaínhas de Todos os Santos e fez-se a procissão com Nossa Senhora dos Verdes, encorporando-se o Clero e todo o Povo das duas freguesias com as duas Irmandades do Santíssimo Sacramento. Foi uma procissão de penitência em que, àlém das ladaínhas, se rezaram em côro cinco Terços entermeados de ferverosas invocações. Antes de chegarmos à capela de Santo António, todos vimos um batatal completamente sem folhas, mostrando apenas os troncos que tinham sido poupados pela bicharia da lagarta, a qual tinha co-

mido a folha por completo; e oito dias depois, o aludido batatal começou a revestir-se de folhas, e a colheita foi depois abundante, o que todos nós tivemos ocasião de constatar.

Na folhagem dos soutos e vinhas produziu-se o mesmo fenómeno milagroso, de que toda Manteigas foi testemunha ocular.

A procissão, ao chegar à ponte sobre o Rio-Zêzere, enveredou na direcção à Granja, Caminho Velho das Vinhas, em direcção a Santa Maria, onde entrou; e, sendo já hora de Trindades, chegámos à Igreja de São Pedro onde recebemos a Benção do Santíssimo Sacramento, convencidos de que mais uma vez Nossa Senhora faria o milagre pedido por intermédio de Nossa Senhora dos Verdes.

Três dias depois, toda a lagarta tinha morrido e tivemos um ano farto.

Este acontecimento fica narrado nos Livros do Arquivo de São Pedro, com data de 23 de Agosto de 1928, no nono ano da minha paroquialidade.

E, por ser verdade, o assino».

PADRE JOSÉ BAYLÃO PINHEIRO

NOTA: — Apontamentos extraídos do Opúsculo "NOSSA SENHORA DOS VERDES DE MANTEIGAS", datado de 7 de Junho de 1942, compilado pelo Rev.º Padre José Baylão Pinheiro, que paroquiou a freguesia de São Pedro desta vila durante 35 anos (1917/1952), tendo exercido cumulativamente, as funções de Capelão da Santa Casa da Misericórdia e seu Hospital e, durante os seus últimos anos, as de Provedor da mesma Santa Casa.

A TRADIÇÃO NO ROMANTISMO RELIGIOSO E FAMILIAR DO NATAL

O Cancioneiro Religioso desta Região é um manancial inesgotável, tanto na letra como na música, de terno sentimento e mística espiritualidade. Disso nos dão testemunho os cânticos tradicionais dos mais diversos ciclos religiosos do Ano Litúrgico da Igreja, provam-no, especialmente, o textos poéticos alusivos à época do Natal, alguns dos quais vindo, embora, de eras passadas, não deixam de

ser, ainda hoje, actuais, não deixando, também, de nos sensibilizar com a magia do seu messiânico lirismo.

Aqui se reproduzem alguns desses textos:

"GLÓRIA IN EXCÉLSIS DEO"

Eia, cristão, à porfia
Cantai o hino de louvor,
Hino de paz e d' alegria
Qu' os Anjos cantam ao Senhor.

CÔRO

Glória in excelsis Deo,
Glória in excelsis Deo!

Foi nesta noite venturosa
Em que nasceu o Salvador,
Qu' os Anjos com voz amorosa
Deram no Céu este clamor.

Glória in excelsis Deo,
Glória in excelsis Deo!

Juntemo-nos aos Pastores,
Vamos com eles a Belém,
Com eles cantemos alegres
Ao Salvador qu' hoje nos vem.

Glória im excelsis Deo,
Glória in excelsis Deo!

Mas o que eu vejo... ai, que pobreza!
É este o Grão Deus dos mortais,
Na palha em presépio e nudeza!
Anjos, dizei-me a quem cantais?

Glória in excelsis Deo,
Glória in excelsis Deo!

"JÁ NASCEU"

Padr' Eterno soberano,
Pai do meu Jesus amado,
Dai-me voz para cantar
Seu Natal tão suspirado.

Côro

Já nasceu o Menino Deus,
Vinde cantar, vinde vós, pastores,
Já nasceu o Menino Deus,
Celebremos os seus louvores.

Entre as tribus de Israel,
No meio de virgens tantas,
Escolheste a Maria,
Por ser a Santa das Santas.

Já nasceu o Menino Deus
.....
Ó portento! ó grão mistério,
Por Vosso poder obrado;
Ordenates e nasceu
O Jesus tão suspirado.

Já nasceu o Menino Deus
.....
Ao Senhor hoje cantemos
Glória no mais alto do céu;
Junto aos Anjos, aos pastores,
Louvemos Deus que nasceu.

Já nasceu o Menino Deus
.....

"CRISTÃOS, ALEGRIA!"

Que meiga alegria
Nos traz este dia
De Jesus Natal!

Não há neste mundo
Prazer tão jocundo
Que lhe seja igual.

Coro

CRISTÃOS, ALEGRIA, JÁ NASCEU JESUS.
A VIRGEM MARIA NO-LO DEU À LUZ.
JESUS, JESUS, SALVEMOS JESUS,
JESUS, JESUS, SALVEMOS JESUS.

Os Anjos nos ares
Em ledos cantares
Anunciam paz.

Oh! que Dom Divino!
E um Deus Menino
É quem no-la traz.

CRISTÃOS, ALEGRIA, JÁ NASCEU JESUS
.....

De todo o rebanho
O mais lindo anho
Lhe traz o Pastor.

A mais rica prenda
Que Jesus pretende
É o nosso amor.

CRISTÃOS, ALEGRIA, JÁ NASCEU JESUS
.....

"CORREI, PASTORINHOS"

Ao Menino Deus saudemos
Na lapinha de Belém,
E com mil Anjos cantemos
O Amor que ao mundo vem.

Glória a Deus lá nas alturas,
Paz na Terra às criaturas.

CÔRO

Correi, pastorinhos,
Depressa a Belém,
Co' a alma em carinhos,
Por Deus nosso Bem.

Dai alegre, ó pastores
Da lapinha de Belém,
Ao menino Deus Louvores,
Que nasceu da Virgem Mãe.

Glória a Deus lá nas alturas,
Paz na Terra às criatutas.

Correi, pastorinhos,
.....

Ide, Magos, co' a estrela
À lapinha de Belém;
Já nasceu, direis ao vê-la,
Deus Menino, Sol do Bem.

Glória a Deus lá nas alturas,
paz na Terra às criaturas.

Correi, pastorinhos.
.....

"AO MENINO INFANTE"

Ó Infante Suavíssimo,
Vinde, vinde já ao mundo
Tirar-nos do cativeiro
Daquele abismo profundo.

Ó Infante Suavíssimo,
Ó meu amado Jesus,
Vinde alumiar minh' alma,
Vinde dar ao mundo luz.

Vinde, vinde já, ó almas,
Adorar o Deus Menino,
Despidas do amor profano
E cheias do amor divino.

Vinde já, vinde com pressa
À lapinha de Belém,
A ver como o Deus Menino
Nasceu para nosso bem.

Meu Deus Menino,
Que assim nos amais;
No Céu e na Terra
Bendito sejais.

No Céu a alegria
Não pode ser mais,
Quando vós nasceis,
Bendito sejais.

Ontem, como hoje (hoje de forma mais aburguesada), o Natal significava, de modo especial,o acolhedor conchego particularmente consagrado no calor da lareira aquecida com o cepo há muito guardado para esta ocasião. Noite de consoada!... Magia que voou nas asas musculadas do tempo... Saudade que ficou até sempre...

Enquanto a Mãe prepara a ceia, enchendo de batatas com bacalhau e couves a almofia donde todos iam comer, enquanto voltava as últimas filhós na sertã, o Pai com os filhos, atiçando a fogueira, cantavam:

Entrai, pastores, entrai
Por esses portais a dentro;
Vinde adorar o Menino
No sagrado nascimento.

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu Menino tão belo,
Só vós quisestes nascer
Na noite do caramelo.

Alegram-se os Céus e a Terra,
Cantemos com alegria:
Já nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Menino Jesus,
Quem te deu a bengalinha?
— Foi minh' Avó Sant' Ana,
Que a tinha guardadinha.

Menino Jesus,
Boquinha de requeijão;
Vós comeste-lo todo,
Eu fiquei com o pão.

Menino Jesus,
Boquinha de marmelada;
Vós comeste-la toda,
E eu fiquei sem nada.

QUARESMA, SEMANA SANTA E PÁSCOA

Três épocas continuadas, cujas tradições religiosas e costumes não estão menos arreigados nas gentes de Manteigas.

A Quaresma caracteriza-se pelas Conferências Quaresmais que, alternadamente e em cada Domingo, se realizam nas Igrejas de São Pedro e Santa Maria. Tem lugar, também, nesta época, a solene Procissão dos Passos.

A Semana Santa também é caracterizada pelas cerimónias religiosas da chamada Semana Maior, destacando-se a Procissão do Enterro do Senhor, em Sexta-feira Santa, à noite. Em tempos que não são ainda muito recuados, levando-se em conta o tempo em que se descrevem aqui estas tradições, tinha lugar, em Quinta-feira Santa, a Procissão do Senhor da Misericordia, que também era conhecida pela Procissão do Senhor da Bolsa.

Como espécie de marco que põe ponto final na Quaresma e assinala o início da Páscoa, tem lugar, à meia-noite de Sábado Santo, a Missa de Aleluia.

No Domingo de Páscoa, com a colaboração das duas freguesias, tem lugar a chamada procissão da Ressurreição, que sai, alternadamente e em cada ano, de uma para a outra Igreja Paroquiais.

Ainda não se extinguiu, como está a acontecer noutras Terras, a tradição da visita do Pároco, com a Cruz, à casa dos Paroquianos. Estes retribuem com o folar que, em tempos, se caracterizava pelo bom queijo, presunto, ovos, galinhas, etc., o que, praticamente, caiu em desuso, sendo a dávida substituída por dinheiro.

Quando o Padre entra a dar as Boas-Festas, família e amigos de perto e de longe invadem a casa, beijam a Cruz e fazem, de seguida, as honras à farta mesa recheada, sobretudo, de variadas qualidades de bolos.

Há animação, alegria e troca de Boas-Festas.

É a alegria e a confraternização da Páscoa a repercutir-se e a continuar-se numa curiosa tradição que vem de longa data.

OUTRAS TRADIÇÕES DE SABOR RELIGIOSO

— Daqui se deslocava sempre grande número de romeiros às Romarias da Senhora das Preces, de Aldeia das Dez, e da Se-

nhora da Póvoa, de Vale de Lobo — Penamacor. Regressavam pela tarde e davam volta à Vila com os assobios de barro e gaitas de lata, ostentando chapéus de palha vistosamente engalanados com plumas e flores artificiais de cores variadas e garridas.

No que tinha de folclore, esta tradição caiu totalmente em desuso.

— Uma das mais antigas e interessantes tradições, é a das Aleluias em Sábado Santo.

Desde Sexta-feira Santa, as janelas e os altares das Igrejas encontravam-se velados com panos pretos. Na Missa da Aleluia de Sábado Santo, ao canto do "Glória in excelsis Deo", caíam ao mesmo tempo os panos pretos e, de momento, a luz penetrava a jorros pelas janelas, transformando as trevas em que os templos se encontravam mergulhados em ambiente claro e festivo, o qual era sublinhado pelos acordes estridentes das Filarmónicas das respectivas freguesias, entretanto acompanhadas pelo despique festivo dos sinos e pelo alegre tilintar de centenas de campainhas que a gente miúda agitava com frenesí delirante.

Por vezes, no Sábado à noite, havia Procissão com andores, que era também animada pelo estridente tilintar das campainhas.

— Era costume piedoso o canto das Rogações ou ladainhas cantadas nos três dias que antecediam a Quinta-feira da Ascensão ou da espiga, dirigindo-se os Fiéis, em Procissão, cada dia para uma das Capelas da freguesia nos arredores da Vila. Tal tradição caiu totalmente em desuso.

— Pertence também já à memória do passado a tradição da Romaria à Santa Cruz, no dia 3 de Maio, a qual era venerada na Capela de S. Sebastião. — Não está ainda de todo perdida a tradição do "Amentar as Almas". O canto plangente que se faz ouvir pela calada das noites da Quaresma, destina-se a convidar os que já estão descansando no leito, a rezar pelas "Benditas Almas do Purgatório".

A seguir se reproduz a letra e algumas melodias a que a mesma letra se aplica.

Ó almas qu' estais dormindo
Nesse sono em qu' estais;
Também eu' stava dormindo,
Acordei aos vossos ais.

Ó almas qu' estais dormindo
Nesse sono tão profundo;
Rezai por aquelas almas
Que lá' stão no outro mundo.

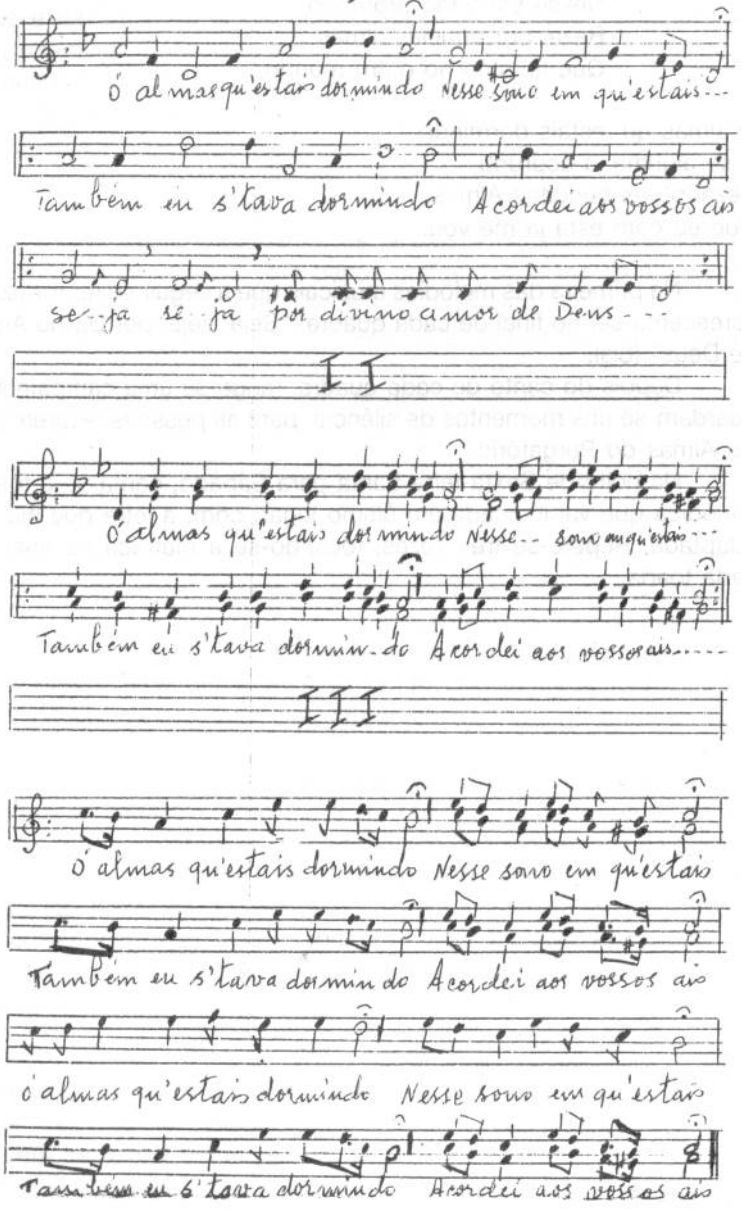
Ó almas qu' estais dormindo,
E se alguma já acordou,
Rezai p' las benditas Almas,
Que eu com esta já me vou.

Na primeira das melodias musicais que a seguir se reproduzem acrescenta-se, no final de cada quadra: "Seja, seja, por Divino Amor de Deus" (bis).

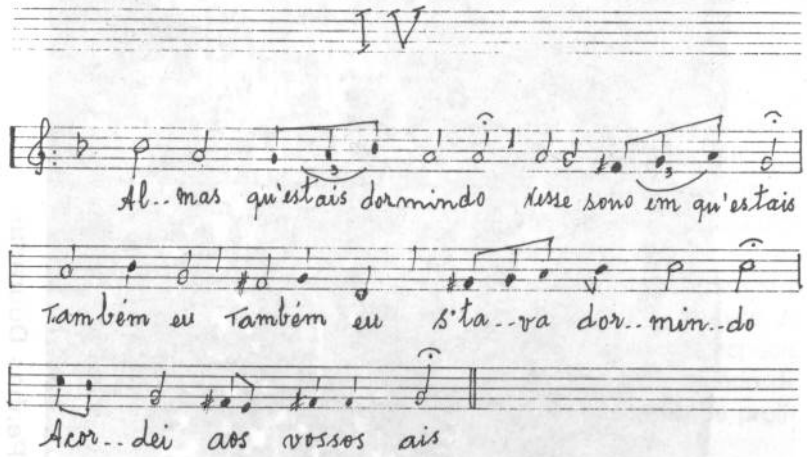
Depois do canto de cada quadra, tange-se uma campainha e guardam-se uns momentos de silêncio, para as pessoas rezarem pelas Almas do Purgatório.

Na noite de Sexta-feira Santa para Sábado, canta-se a toada melódica que vai indicada em último lugar, com, a letra que lhe vai adaptada. Repete-se três vezes, tocando-se a matraca no final de cada toada.

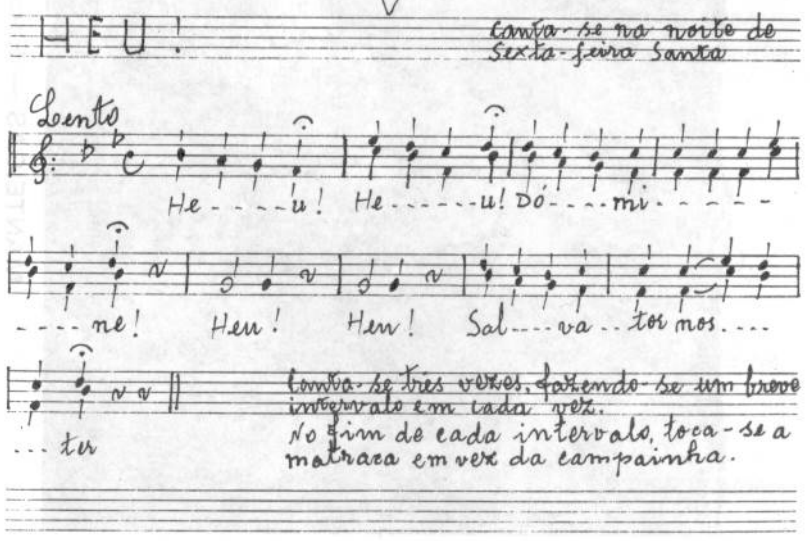
I

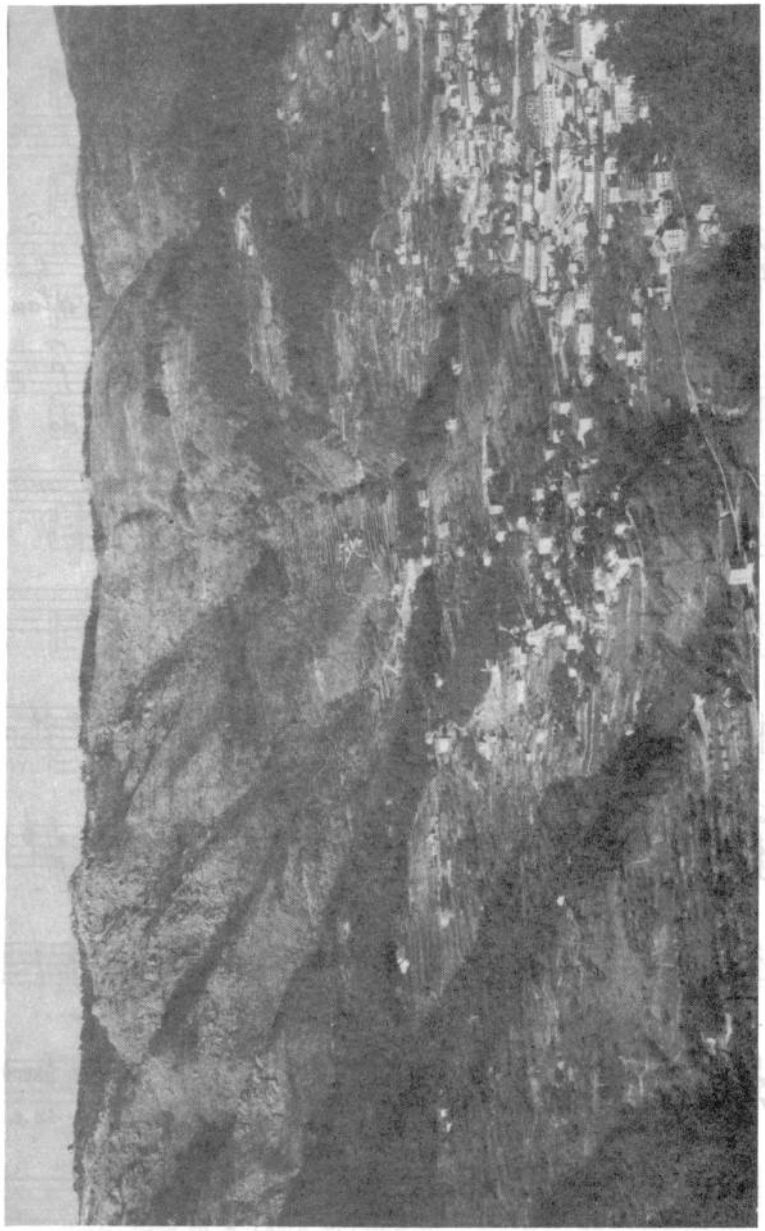

Ó almas qu'estais dormindo Nesse sono em qu'estais---
Também eu s'tava dormindo Acordei aos vossos ais
se-ja se-ja por divino amor de Deus---
II
Ó almas qu'estais dormindo Nesse-- sono em qu'estais---
Também eu s'tava dormin-do Acordei aos vossos ais-----
III
Ó almas qu'estais dormindo Nesse sono em qu'estais
Também eu s'tava dormindo Acordei aos vossos ais
Ó almas qu'estais dormindo Nesse sono em qu'estais
Também eu s'tava dormindo Acordei aos vossos ais

IV


Al--mas qu'estais dormindo Nesse sono em qu'estais
Também eu Também eu s'ta--va dor--min--do
Acor--dei aos vossos ais

V


HEU!
Canta-se na noite de Sexta-feira Santa
Lento
He----u! He------u! Dó----mi-----
----ne! Heu! Heu! Sal----va--tor nos....
...tu
Canta-se três vezes, fazendo-se um breve intervalo em cada vez.
No fim de cada intervalo, toca-se a matraca em vez da campainha.



MANTEIGAS — Encosta das Penhas Douradas

TRADIÇÃO POPULAR

Tradições, usos e costumes, alguns deles arreigados há séculos no modo de viver de muitas gerações passadas, constituem um tesouro étnico a preservar, evitando que sejam fatalmente votados ao esquecimento.

O quotidiano da vida, nos seus variados aspectos, vai sofrendo os traumatismos, as vicissitudes, as inevitáveis transmutações que o curso da história implacavelmente lhe imprime, conquanto alguma coisa vá ficando a unir as gerações por uma espécie de cordão umbilical — a tradição.

Necessário se torna, no entanto, que alguém tome para si o sobraçar da tarefa de fazer passar à posteridade o que, através de longos tempos passados — talvez séculos —, constituiu uma espécie de pagano-religiosidade que se foi sucessivamente transmitindo de pais a filhos, de avós a netos, numa ininterrupta sucessão de prolíferas gerações.

É no cumprimento dessa útil e interessante missão, e para que não se parta o fio dessa meada cujo desenrolar se iniciou com o primeiro sopro da vida humana, que aqui se evocam hábitos de vida e costumes, muitos dos quais pertencem já ao domínio do esquecimento, enquanto outros se continuam e continuarão, talvez, no inclemente e imparável suceder dos anos e dos séculos vindouros.

IN ILLO TEMPORE... (Naquele tempo...)

ALGUNS USOS, COSTUMES E TRADIÇÕES POPULARES DO PASSADO

Muitos usos se perderam já no rodar inclemente dos anos, embora alguns estejam ainda presentes na memória de algumas gerações:

— Pouco depois da boca da noite, o sino da Câmara tocava à ronda.

Era a hora de recolher e de fecharem os comércios e as tabernas.

Não eram permitidos ajuntamentos nas ruas nem algazarras

que pertubassem o silêncio da noite. As pessoas deitavam-se com as galinhas, mas levantavam-se com o canto matinal dos galos.

— Ouviam-se os pregões pela rua: a sardinha fresca, o vinho barato e outros produtos, ou a arrematação das águas de rega, etc. O João Coxo, o João Poupa e o Joaquim Cuco foram figuras típicas que, no passado, desempenharam o papel de pregoeiros. Pode dizer-se que o pregão caiu em desuso.

— Quando havia incêndio, dava-se alarme percorrendo as ruas ao grito de "Acudam ao fogo..." e tocavam os sinos a rebate. Caldeiros, cântaros e panelas eram como que outras tantas "agulhetas" dos Bombeiros dos nossos dias.

— Igualmente tocavam os sinos a rebate quando havia ameaça de catástrofe, como cheias provenientes de chuvas torrenciais, mais frequentes nesses tempos, ou se acontecia haver desastre ou acidente que reclamasse o socorro das gentes da povoação.

— Em tempos, galinhas, marrecos e perús vagueavam pelas ruas da Vila.

Em tempos mais recuados até os porcos tinham licença de passar pela via pública, e as montureiras encontravam-se disseminadas pelas quelhas da Vila.

— Antes de aqui haver energia eléctrica, as pessoas deslocavam-se, de noite, à luz de lanternas de azeite. No interior das casas usava-se o candeeiro de petróleo ou de gaz de caborneto e, na cozinha de lareira, usava-se a candeia de azeite ou de petróleo pendurada no velador.

— Quando o abastecimento de água era feito apenas por fontenários públicos, era ver os aglomerados de mulheres a encher os cântaros de barro, que transportavam à cabeça num verdadeiro prodígio de equilíbrio. Tais aglomerados, como os dos fornos onde se cosia o pão amassado em casa, eram verdadeiros tribunais da opinião pública feminina onde tudo era motivo de apreciação crítica, desde as "más qualidades" das vizinhas à difamação do namoro de "Fulano" com "Fulana".

Os principais fontenários públicos antigos:
FONTE DO CHAFARIZ — FONTE DE S. PEDRO
FONTE DO PICÃO — FONTE DO ROSSIO
FONTE DA PRAÇA DA LOUÇA

Tradições houve que, através da corrosão implacável dos anos, se foram delindo, restando delas apenas um ténue recordação, presentes ainda na memória de algumas gerações hoje ainda vivas:

— Na noite de Natal acendia-se, no Adro da Igreja, a grande fogueira que durava três dias.

— Também no São João se acendiam enormes fogueiras de rosmaninho que ardiam toda a noite nos largos da Vila, em volta das quais se dançava e cantava toda a noite animadamente.

— No São Pedro, levantava-se o grande mastro revestido de mato e rosmaninho, ao qual se pegava o fogo até rebentar o boneco de papel que suportava lá cima, mesmo no topo, quando o fogo chegava às bombas que tinha dentro.

— Os velhos arraiais das principais Festas — Senhor do Calvário e Senhora da Graça — eram sempre animados com vistosa sessão de fogo preso.

— Duas tradições que, na sua pureza original, eram facetas características do viver das gentes serranas, eram, sem dúvida, a matação do porco a altas horas da madrugada e as malhas de centeio na Serra. A matação era caracterizada pelo típico almoço, logo às primeias horas do dia, onde não faltava o substancial prato de feijão do forno e era obrigatório o apetitoso prato de batatas com a forsura do porco.

Nas malhas, era tradicional, ao meio-dia, o saboroso prato de batatas com carne do carneiro que ali tinha sido esfolado ao amanhecer. À hora da merenda, quando o Sol varria a eira com os últimos raios e se despedia da crista das fragas e dos penedos de bizarras figuras "vivas", eram sobejamente apreciadas as tradicionais fatias de trigo em molho de mel.

— Há muito, em séria decadência a tradição dos grandes rebanhos de ovelhas que passeavam a Serra de lés a lés, desfazendo-se em leite que alimentava as grades queijeiras que fizeram célebre o saboroso "Queijo da Serra".

— Não há muito tempo, em relação à data em que este livro se estreia, era costume as duas Filarmónicas da Vila sairem para a rua em dia de Ano-Bom, tocando de porta em porta a dar as Boas-Festas e recebendo, em troca, um donativo em dinheiro. Presentemente só uma das Filarmónicas mantém ainda o uso, prenúncio quase certo de que, mais ano menos ano, também esta tradição se extinguirá por completo.

— Uma original tradição que ingloriamente o tempo sepultou e que nos faz, ainda hoje, certa forma de saudade, foi a das antigas "Serenatas" com instrumentos de corda e flauta, a horas mortas da noite.

— Eram típicas as célebres orvalhadas da noite de S. João — uma noite bem passada lá para as bandas das Caldas, debaixo da ramada das tílias, em animado bailarico até ao nascer do Sol.

— Tempos houve em que a Câmara de Manteigas pagava de foro, à de Gouveia, um "copo de água" apanhada à meia-noite da véspera de S. João, no chafariz de S. Pedro. Àquela hora ia o Secretário da Câmara, acompanhado de três homens, à fonte de S. Pedro encher o copo, e entregava-o a um dos presentes, que tinha de o entregar na Câmara de Gouveia antes do nascer do Sol.

Não se sabe, ao certo, quando caducou esta curiosa tradição, mas sabe-se que ainda se respeitava no ano de 1905.

Outras singulares e não menos curiosas tradições que ainda não se extinguiram completamente, de mãos dadas com a fantasia e a crença simples e inofensiva das nossas Gentes, podem referir-se:

— No caminho das Lameiras encontra-se, enterrado, um arado de ouro cuja ponta, que aflora à superfície da terra, já se encontra gasta de tanto ser pisada.

— Em sítio incerto, encontra-se um tesouro que dia e noite é guardado, alternadamente, por três Moiras encantadas que continuamente giram em volta dele.

— É dito antigo: "Entre o Poio da Vesta e o Poio do Leão, dez mil contos de ouro estão".

— Também do antigamente vinha o dito que despertava, sobretudo, a gente miúda: "O Sol ao nascer, na manhã de S. João, vem a dançar".

— A surperstição e a crendice, de mãos dadas com a ingenuidade, em especial de algumas gerações passadas, admitiam quase como "dogma" o fadário das bruxas e dos lobisomens, que vagueavam de noite — elas em animados bailes de Sexta-feira, no Tornágua, e eles incarnados de lobo, boi ou cavalo, em grandes correrias pelas ruas, depois de terem ido espojar-se no tronco do ferrador.

Cada bruxa tinha o seu novelo que, em muitos casos, tinha herdado doutra bruxa. Para quebrar o fadário do bruxedo, a bruxa tinha de pedir que outra pessoa, à meia-noite, se prestasse a ir atirar com o novelo ao Rio, o que tinha de ser feito de costas. Se a pessoa

não cumprisse rigorosamente este ritual, o novelo voltava misteriosamente a aparecer na casa da bruxa.

Para se livrar do seu fadário, o lobisomem tinha de ser picado com a aguilhada na altura em que andasse na correria nocturna.

A pessoa que se prestasse a dar a ferroadela tinha de se acautelar de forma que não fosse salpicado pelo sangue do "animal", sob pena de ela própria ficar transformada em lobisomem.

— Vai longe uma tradição que o tempo sepultou e que aqui já não conta contemporâneos, pois eu próprio a ouvia descrever há cerca de 60 anos em relação a uma épca de mais de 40 anos atrás, o que nos leva a concluir que se encontra extinta há cerca de um século: Era a "Festa do Galo", levada a efeito pelos alunos da Escola Primária.

Escolhia-se o mais garboso exemplar galináceo macho, o que se revestia de mais soberba plumagem, e metia-se dentro de uma gaiola vistosamente ornamentada de flores. Era a "Festa do Galo"... tinha de ir bem enfeitado. No dia aprazado, os alunos da Escola, todos de grande uniforme" e debaixo da formatura, percorriam em Cortejo a Vila, ao som de cantos escolares. Durante o percurso, do alto dos balcões de pedra, ia sendo lida, pelos alunos, a "Manda do Galo". "Manda" (deixa ou legado) era a disposição das últimas vontades do galo — o seu testamento. E isto porque ele sabia que caminhava para a morte.

Pude ainda reconstituir algumas quadras que me ficaram na memória desde os tempos de criança, quando eu ouvia contar a história das "Festas do Galo". Por esta quadra, se pode avaliar do teor das restantes que constituíam os testamento do galo.

Rezava ssim:

Deixo as minhas tripas
Mais o buraco traseiro
Às Meninas da Mestra,
P' ra lhes srvir de agulheiro.

Chegado o Cortejo ao destino, o galo era amarrado pelas patas e ficava, de cabeça para baixo, suspenso de uma corda segura nas duas pontas por dois alunos da Escola. Seguia-se a morte do galo às espadeiradas com a espada de que cada aluno ia munido — um processo bárbaro e cruel que nos nossos dias não seria permitido.

No decorrer do espectáculo, os rapazes vesejavam, recitando quadras como estas:

Este galo que aqui vedes
Nunca dormiu no poleiro.
Vamos matá-lo às catanadas,
E nisso serei o primeiro.

E descarregava a primeira catanada.
Logo outro versejador se lhe seguia, e recitava:

Este galo que aqui vedes
É o mais lindo do Mundo.
Antes que fique sem catanada, (1)
Quero já ser o segundo.

(1) — Às vezes havia logro por parte dos que seguravam a corda, puxando-a para cima no momento em que o versejador ia descarregar a catanada, que assim era dada no ar. Daí que o segundo versejador descarregava a catanada antes de terminar a recitação da quadra.

— Praticamente caiu em desuso a tradição de as cachopas deitarem um ovo partido num recipiente, expondo-o no telhado ao orvalho da noite de São João, para verem a forma que o ovo tomava e assim tirarem conclusões sobre o que o futuro lhes reservava.

Se o ovo tomava a forma de uma flor, contasse que iria ter amores novos;

Se a forma de Igreja, era mais que certo que o casamento estava próximo;

Se aparecia a forma de um barco, era quase certo que breve empreenderia uma viagem por mar;

Se o ovo se transformava numa figura em forma de caixão, então contasse que breve sofreria um desgosto com a morte de uma pessoa que lhe era particularmente querida.

E as interpretações das figuras seguiam-se ao gosto da fantasia de cada uma das curiosas.

OS ORAGOS DAS NOSSAS CAPELAS NA TRADIÇÃO E NA LENDA

I

Conta-se:

— Que os Rapazes que iam às nogueiras roubar as nozes, não podiam passar junto à Capela de SANTO ANDRÉ, porque o Santo, que não era para brincadeiras, cortava, com um machado, as mãos a todos os que se atrevessem a passar por ali com as mãos sujas das cascas das nozes.

NOTA: Esta versão lendária, além de significar a ideia duma forma de castigo pelo roubo das nozes, pode ter que ver com a provável existência, no local da Capela, em tempos remotos, de uma leprosaria. A ideia da decepação das mãos poderá estar ligada à deteoração dos tecidos da carne afectados pela infecção postulenta produzida pela lepra.

II

— Que um rapazote de magras carnes, mas travesso e atrevido, se introduziu, denoite, por um janêlo, na Capela de SÃO DOMINGOS, com o fito de roubar um pavio. Quando se quis escapar, após praticar a proeza, não conseguiu sair pelo janêlo por onde entrara. Julgando qiue o fato o impedia do seu intento, despiu-se todo, mas... ó sorte!... nem assim onseguiu safar-se da prisão! Volta-se para o Santo e berra desesperado:

— Ó São Domingos, ó carago... tomai lá o pavio e deixai-me sair com Deus ou c' o diabo...

III

— Lembram-se do "Arém"?

De certo já não há quem dele se lembre.

O "Arém" deve ter sido uma figura típica da nossa Terra em tempos idos, e que ficou célebre pelas picardia que lhe faziam.

Pobre do "Arém", a quem, faziam dar a volta à Vila com a "pedra das agulhas" às costas... e outras mais partidas.

Um dia, em véspera de Festa de São Sebastião, alguém se lembrou de o mandar à Capela a perguntar ao Santo se "queria vir às costas ou em Procissão (?)... "O bom do "Arém" chega-se ao janêlo da Capela e faz a pergunta:

— Ó São Sebastião, quereis ir às costas ou em Procissão?...

— Ão... ão...ão...ecoou na Capela.

Muitoi convencido com os seus botões, e julgando que o eco produzido era a voz do Santo, veio o "Arém" com a resposta:

— O São Sebastião quer vir em Procissão...

JOGOS TRADICIONAIS QUE MAIS DIVERTIAM A GENTE NOVA

Rapazes — Coque
Bilharda ou Xetra
Saltinvão
Perú
Mamaste-a
Ciclité
Ró — Ró
Bandeira
Pião ou Piorra
Arco ou Carreta
Pocilga ou Berlinde
Malha
Senhor João de Mór
Rilha
Molha

Meninas — Malhão
Fitas
Anel
Pelão ou Péla

Comuns — Pedrinha ou Pedrincha
Cartola
Cântaro
Cabra Cega
Quatro Cantinhos
Escondidas

CAPÍTULO NONO

O NOSSO FOLCLORE

"Folclorizar é dar ao mundo a imagem viva da vida do nosso Povo, os seus costumes, a sua simplicidade através dos «ballets», grupos coreográficos, canções, adágios, lendas, etc.

Manteigas, aprisionada nesta fortaleza com que a topografia a brindou, tem, omo aliás quase todas as terras beiroas, as suas lendas pagãs e religiosas.

São bem conhecidas a lenda da Cova da Moura, a de Alfátima, a de Vale da Vesta (deusa romana), a da Fraga da Cruz, todas elas pagãs; a do Cálix e Custódia, a da «fala» do Senhor do Esquife de Santa Maria, a da «camisa molhada» da Senhora da Conceição, a do "risquinho incurável" no rosto da antiga imagem da Senhora da Graça, enfim, todo esse caudatório de lendas que o nosso bom povo, integrado no seu espírito cristão, concebeu e que os nossos avós nos legaram.

Tragamos à tela os inolvidáveis festivais da Senhora da Graça e do Senhor do Calvário, tão ricos em folclore:

Iluminação feérica, lanternas de vidros polícromos na esquadria da Capela; pirotécnicos minhotos e beirões; as melhores filarmónicas que faziam pular as moças, ainda as mais linfáticas; os harmónios e concertinas que foliões dedilhavam, desfiando cantigas; os realejos, os pífaros, as violas, as guitarras, em suma, todo esse conjunto popular que dava animação aos festivais que anualmente constituíam a atracção dos forasteiros das terras circunvizinhas, que nunca faltavam com as suas bengalas de castanho bem refogadas no forno.

Dava-se largas ao espírito, folgava-se e cantava-se em torno da capela desfiando estrofes:

Ó meu Senhor do Calvário,
Ó meu Senhor da Varanda,
Livrai-nos da malina
Que na nossa terra anda.

Mais recentemente, o folclore manteiguense, que se encontrava quase desconhecido, tomou grande renome mercê da Colectividade do «Rancho Folclórico Serranos da Estrela» que, com as suas danças coreográficas e canções acompanhadas de expressão poética, deu a prova mais cabal do nosso folclore.

Nas várias Rapsódias havia que admirar a certeza e exactidão da mudança de cenário, a graciosidade dos bailados geométricos, disciplinados, sob a mestria do hábil Bernardo Marcos Leitão; a musicalidade e bom gosto popular das canções — inspiração feliz e álacre do exímio compositor Padre Joaquim Dias Parente.

Havia que apreciar a originalidade e bom gosto da indumentária do rancho folclórico, protótipo serrano.

As canções, impregnadas de exaltação à Serra, são inéditas do nosso povo e dos nossos poetas:

A Serra dá tudo
Que é bom e famoso:
A lã que é veludo,
O queijo gostoso.

As linhas e as teias;
A luz e o calor;
As arcas bem cheias
Do pão do Senhor!

A vida sedentária dos pastores que apascentam os gados nas cercanias da Serra, flauteando os seus característicos pífaros de Sabugueiro artisticamente auto-esculpidos, dá-nos bem um quadro do seu agreste viver repassado de tristeza:

Ó minha Serra da Estrela,
Onde passo a triste vida!
Noite e dia sempre em vela
Seus fragões são minha guarida.

Pobre pastor que na Serra,
Longe do mundo e da terra,
Por companheiro o seu cão!
Passa a vida triste e só,
Sem ninguém dele ter dó
Com a mágua no coração.

Em antífrase a este amaro sofrer, o ardente poeta Dr. João Isabel não se furtou em bendizer em convicção aliterada:

Terra da Beira sagrada
Onde tivemos a dita
De nascer, terra adorada,
Entre todas, sê bendita!
Ficas em vale tão fundo,
Tens por tecto o azul dos Céus!
Se vives longe do mundo,
Vives pertinho de Deus!

Em outra estrofe, o Rancho folclórico «Serranos da Estrela», ufanando-se, denuncia a sua naturalidade:

Somos da Serra da Estrela
A mais alta e sombria
Onde cai a branca neve
Onde brota a água fria.
O rancho da nossa terra
D' ao pé das Penhas Douradas
Lembra o berço lusitano
Ninho de formosas fadas!

Ferreira de Castro, ilustre escritor contemporâneo, que em pesquisas de estudo se conservou alguns dias nesta terra, assistindo a uma estreia empolgante do nosso folclore, não se retraiu em parafrasear esta expressão:

"O Rancho dos Serranos da Estrela é uma verdadeira pérola perdida entre as rochas abruptas da Serra".

Foi em sonhos de renda, sem veleidades, que este despretencioso escritor de "A Selva", "Emigrantes", "A Terra Fria", "A Lã e a

Neve", "Pequenos Mundos", a "Volta ao Mundo" e outras obras mais imorredouras soltou esta frase, pois a originalidade das canções, a arte e graça deste rancho Folclórico, vitoreado e laureado no VII Congresso Beirão, o surpreendeu.

Efectivamente teve a sua idade de ouro o nosso folclore, presentemente caído em estação".

Alfredo Massano Pinheiro
Do "Ecos de Manteigas" — N.º 8 — (28-6-1953)

VIRIATO NO NOSSO FOLCLORE

"Viriato é o protótipo dos chefes das guerras das guerrilhas.

Os pastores lusitanos, oriundos da tribo dos celtiberos, eram um povo que se dedicava à guarda de manadas, rebanhos e à caça, alimentando-se também de frutos silvestres.

Habitavam os Montes Hermínios (Hermínios maiores, que compreendiam a actual Serra da Estrela, e Menores, a Serra da Gardunha, indo até à aldeia de Monsanto, na Beira Baixa).

Oa lusitanos eram valentes, rijos, afeitos aos rigorosos frios invernais, morando em tocas das árvores, em dolmans ou antas e em choças.

Era um povo guerreiro, vivendo, quando a fome grassava, dos saques e assaltos às povoações vizinhas. Muniam-se de lanças, machados feitos de pedra afiada, de varapaus, de fundas e de escudos feitos de pele de coiro.

Os cães corpulentos e bravos, bem treinados, muito os ajudavam nos combates de astúcia.

A despeito das guerras internas, os lusitanos eram um povo que amava a paz do seu solo.

Começou a conquista do Império Romano. Os romanos, depois de avassalarem a Gália, (França) prosseguiram na conquista da Península Ibérica ou Hespânica, onde encontraram grande resistência.

Só o nome de Roma aterrorizava os lusos, que não possuíam famosos generais e eram néscios na táctica militar.

Um dos famosos exércitos romanos (legiões) dispunha de um dos seus melhores generais, Galba, orador de renome, nascido 190 a. J. C..

Os lusos, apenas viram o seu solo espezinhado pelos romanos, tentaram imediatamente de investir contra eles, lançando-lhes calhaus, pedras ponteagudas com as fundas, que era pontaria certíssima, e fazendo rolar pedregulhos pelos montes.

Com estas armas ligeiras de arremeço mataram cerca de 3000 soldados da infantaria romana (pedrestes milites romae).

O nosso Campo Romão ou Romano foi palco de teatro das operações de combate encarniçado onde os romanos foram rechaçados completamente. O talento de Galba de nada valia para vencer os lusitanos a despeito de utilizar os famigerados elefantes de combate, corpulentos e bem adestrados para investir contra os lusos.

A imprudência de Galba de lançar abelhas no combate contra os pastores lusitanos, foi desastrosa, porquanto as abelhas tomavam, quase sempre, direcção inversa (para o lado onde houvesse mais barulho) aferroando cruelmente os seus lançadores, ficando um grande somatório cegos no combate.

Com efeito, os lusitanos eram lobos arrogantes e invencíveis dos Hermínios!

Galba tentou armar uma cilada aos lusitanos, fazendo promessas de lhes doar terras boas de cultura. Os lusos, julgando sincera tal promessa, foram ao encontro de Galba, desarmados. Entre eles Viriato ou Curiato, como alguns lhe chamavam, o qual já se tinha distinguido nos anteriores combates. Mal os lusitanos chegaram ao quartel-general de Galba, este, vendo-os desarmados, mandou-os passar a fio de espada. Os lusitanos viram logo, de momento, a cruel traição de Galba e tentaram imediatamente escapar à cilada. Entre os 7.000 lusitanos, morreram cerca de 4.000, e os restantes conseguiram escapar, entre eles, Viriato.

Galba fora acusado em Roma, que não vira de bons olhos tal atitude do seu chefe de guerra, abusando da fraqueza do adversário e, por isso, foi chamado a Roma a fim de responder pela sua vileza.

Desde a Beira ao Minho e Tejo, a notícia correu célere e todos os lusitanos foram ao campo rezar aos Deuses pelos compatriotas semi-devorados, crianças estranguladas ao colo das mães e as virgens violadas.

Viriato reconheceu no meio daquele mar de carne um ente a quem devia a existência, e jurou pelas divindades infernais, colocando as rústicas mãos na ferida da sinistrada, fazer correr rios de sangue romano. Todos os seus companheiros imitaram este gesto de Viriato.

Assim, o nóvel vate, Nuno dos Hermínios, (nosso conterrâneo) numa década heróica, pinta quadro vivo dessa horripilante tragédia:

Viriato jurou pelo Deus Marte
Imolar no altar um ente romano.
Depôr armas? Jamais! Por toda a parte
Combater pelo sangue lusitano!

Viriato, montado no seu cavalo branco, parecia uma rocha arrancada desta altaneira Serra da Estrela, que ainda hoje se nos afiguram esses gigantes de cabeça esguia e de tronco corpulento que a natureza talhou.

Viriato era, efectivamente, um valente cabo de guerra que defendeu com denodo os Montes Hermínios, sendo considerado pelos mais abalizados chefes de guerra como apanágio da Infantaria.

O nosso rancho folclórico "Serranos da Estrela", há tempos, num cortejo alegórico, soube emprestar-nos aquele atavismo cheio de originalidade e simplicidade, numa evocação ao passado guerreiro do nosso Herói dos Hermínios.

Os jericos conduzidos pelas camponesas eram montados por soldados lusitanos de fartas barbas, de trajos rústicos, levando na sinistra um escudo e na dextra uma lança ou machado. E as vozes argentinas do rancho ecoavam, tom marcial, pelas ruas da nossa vila, subindo até às estáticas penedias:

Foi nesta tão linda serra
Que Viriato combateu
Contra o Império Romano
Os Hermínios defendeu!

E os seus corações,, como acesos ao alto, galvanizados pelo frémito do amor à lusa Pátria, e a plenos pulmões de um insaciável nativismo, clamavam forte:

Alerta pois! É preciso estar!
Contra o inimigo vamos batalhar.

Depois daquela horripilante chacina em que o herói dos Hermínios conseguira ficar ileso da cilada armada por Galba, convocaram-se as tribos lusitanas. Feito o juramento, brandindo as lanças nos escudos foram unânimes em prosseguir a "Guerra dos Los Ladrões" como Roma lhe chamava.

Viriato, levado pela sua agudez de espírito cheio de habilidade táctica, fez um reconhecimento às posições topográficas para uma possivel defensiva retardadora.

Os lameiros do Vale do Zêzere apresentavam-se de erva alta, com enormes bocarras repletas de gêlo e o solo alagadiço que a própria neve se encarregara de metamorfosear para uma armadilha.

Os romanos irromperam, de início, numa forte ofensiva. Viriato, ludibriando o adeversário, recuou para novas posições a fim de a infantaria romana invadir os lameiros. Os romanos, incautos, sem previsão topográfica, fizeram conduzir os pesados elefantes de guerra carregados de material para esses terrenos, e bem assim toda a infantaria. O movimento gerou-se. Os elefantes abriram enormes buracas de grande diâmetro, ficando semi-enterrados na lama, imóveis, e igual sorte esperou os invasores. Viriato, aproveitando-se de tamanho insucesso e da marcha retardada da restante coluna, tocou os businões que alarmaram toda a serra, e, com o seu punhado de pastores, caiu abruptamente sobre os romanos, infligindo-lhes terrível derrota, matando totalmente os ocupantes dos lameiros. O próprio consul Vitélio, que teve a desdita de entrar nos lameiros, foi varado de lado a lado por um pastor lusitano.

Isto sucedeu no ano 140 antes de N. S. Jesus Cristo.

Esta vitória foi assinalada com retumbantes festivais entre fogueiras e músicas de businões. (Os Businões eram instrumentos que usavam os pastores para se chamarem uns aos outros).

A fama do nosso Herói chegou pelas turbas a Roma — cabeça do Império. Todo o Senado espuma e vomitava ameaças, não se conformando com tais vexames.

Generais de grande renome, de bravura, e peritos da Lusitânia foram mandados para domar o "Lobo dos Hermínios"; mas os caninos encontravam-se cada vez mais afiados. Veio Caio Líbio, Quinto Fábio, Máximo Emiliano, Cecílio Metelo e o irmão de Emiliano que trouxe à Lusitânia um exército de 61.600 homens. Viriato viu-se embaraçado com tal somatório, pois que os seus homens eram em menor número que os bravos pugnadores de Aljubarrota, cujo algarismo tão pequeno "nem sequer cabia debaixo das asas dum passarinho", como alude o poeta Correia de Oliveira ao referir-se a Aljubarrota.

Viriato arrancou, numa proesa homérica contra o inimigo, e, sentindo-se em perigo, conseguiu fugir, sem desonra, do combate, gritando aos seus bravos pastores: "Mata que é romano!" Este grito de Viriato, prenhe de nativismo, foi como que uma sarça que se ateou aos fortes corações dos pastores. O combate encarniçado tomou pânico! As montanhas, que sempre constituiram fortes alcáceres, foram novamente ocupadas pelos lusitanos, empregando, como óptima arma, os pedregulhos rolados dos montes.

Os romanos, saturados do combate, ansiavam pela noite a fim de recuperarem energias. Mas debalde, porque Viriato, com felonia, cai sobre os romanos. Serviliano ficou mais uma vez derrotado e convicto da sua impotência e de que a guerra não era o melhor partido para conquistar a Lusitânia. Lembrou-se de fazer promessas de paz a Viriato. Viriato, parecendo-lhe haver sinceridade na proposta de paz, mandou os seus tenentes Detalcen, Audaca e Minouro (segundo dizem os historiadores não eram de sangue lusitano) a fim de se avistarem com Cépio no quartel-general de inverno. Apenas chegados, Cépio, mostrando-se irritado, desmentiu-lhes as propostas de paz, rasgando trodos os compromissos. Cépio, acalmando-se, lembrou-lhes um terrível sortilégio: A morte de Viriato!

"Que boas recompensas não recebereis se fizerdes desaparecer esse pastor! Vós, que sois escravos, conquistareis a liberdade, o direito de cidadãos romanos e terras para vossa cultura".

Os tenentes ficaram atónitos com tais perrrogativas e, em seguida, deram a sua anuência.

Penetrando na tenda de Viriato, traiçoeiramente apunhalaram o seu chefe amigo quando a sono solto. Desembaraçados deste patético drama, fugiram pela escuridão da noite até à presença de Cépio a fim de os compensar. Cépio, ascoroso, mostrou-se aparentemente indignado com tal gesto e gritou:) "Roma não costuma recompensar traidores!"

Eis como findou a história do nosso Herói.

Muito antes, já antigos tinham profetizado que um pastor montado num cavalo branco havia de vencer os romanos. Era Viriato. A sua figura ingressou nas lendas do nosso povo, sendo um dos principais protagonistas das Guerras dos ladrões. O seu nome é um epílogo de bravura, audácia e lealdade e um grande defensor da liberdade lusitana. Viriato era venerado e quase, diremos, idolatrado pelos nossos antepassados.

Do cancioneiro serrano, que tende a estiolar-se, registamos algumas loas em que surge o nome de viriato:

Se Viriato vivesse,
Eu bem o guardaria
Com sete chaves d' oiro
Ninguém o mataria.

Nas etrofes seguintes, verificamos quanta solicitude o nosso povo, que se preza de possuir o seu sangue contagiante, dão ao nome de Viriato;

Meu amor é pastor
Como foi Viriato;
Guarda ovelhas na serra
Entre fragões e mato.

Meu amor já tarda,
Foi hoje a Folgozinho,
Viriato mo defenda
Dos lobos p'lo caminho.

E referindo-se, talvez, à inconstância dos amores pouco arreigados, almeijam que o seu noivo seja forte, audacioso, lutador pela vida do lar.

Assim, novamente, o nome de Viriato, como símbolo de preseverança, anda de boca em boca. É cheio de verdade o adágio popular latino: "Vox pópuli, vox Dei" (Voz do povo é vos de Deus).

Meu amor é Viriato,
Viriato há-de ser;
Oxalá que ele fosse
Viriato até morrer.

Como serranos, não devemos olvidar o nome de Viriato cuja figura, rude mas excelsa, parece erguer-se altaneira na nossa terra onde ecoam ainda os seus businões, tocando em grande clangor, como que a clamar por nós entre os abismos e cavernas que recheiam a nossa Serra da Estrela.

Montanhas cheias de glória
Cobertas de pinho e mato,
Sois como guardas da história,
Memória de Viriato.
Foi aqui, expondo a vida
Contra o romano ferino,
Que nasceu a Pátria querida,
Que Portugal foi menino".

ALFREDO MASSANO PINHEIRO

Do "Ecos de Manteigas" Ns. 13 e 14 (6 e 20-9-1953)

A POESIA POPULAR NO NOSSO FOLCLORE

De inesquecíveis e requintados Poetas populares anónimos herdámos, desde há muitos anos, quadras e canções — cantigas, com diz o povo — que nos falam ao sentimento e ao coração, nos estimulam a saudade, e estiveram, estão ainda, como sempre estarão presentes no nosso Cancioneiro Popular, no suceder de gerações que, dumas às outras, as vão passando como testemunho de uma vocação poética que não se adquire nem aprende, porque nasce com o sentimento, a sensibilidade, a alma e o gosto de cada um que as produz — o sentimento, a sensibilidade e o gosto que as tornou imortais, como imortal é o GÉNIO DO NOSSO POVO!...

Dentre muitas outras, há uma dessas cantigas que é castiça da nossa Terra e, por isso mesmo, aqui se lhe dá o relevo que merece, inserindo-a em primeiro lugar — A MOLEIRINHA.

A MOLEIRINHA

Ai, que lindos olhos tem
Ai... a filha da moleirinha.
Ai, mal empregada é ela
Ai, andar ao pó da farinha.

Andar ao pó da farinha,
Ai... andar ao pó da geada.
Ai, mal empregada é ela,
Ai, ela é a minha amada.

O meu amor é moleiro.
Ai... é moileiro, dorme só.
Ai, esta noite dormiu ele
Ai, encostadinho à mó.

Encostadinho à mó,
Ai... encostadinho ao trambelo.
Ai, o meu amor é moleiro,
Ai, quem me dera agora vê-lo.

Também a cantiga que se segue, não sendo, propriamente, típica de Manteigas, tem aqui forte implantação e frequentemente se ouve cantar não só à gente nova como aos "jovens" de certa idade:

O ALECRIM

Alecrim,
Alecrim doirado,
Nasceste no campo
Sem ser semeado.

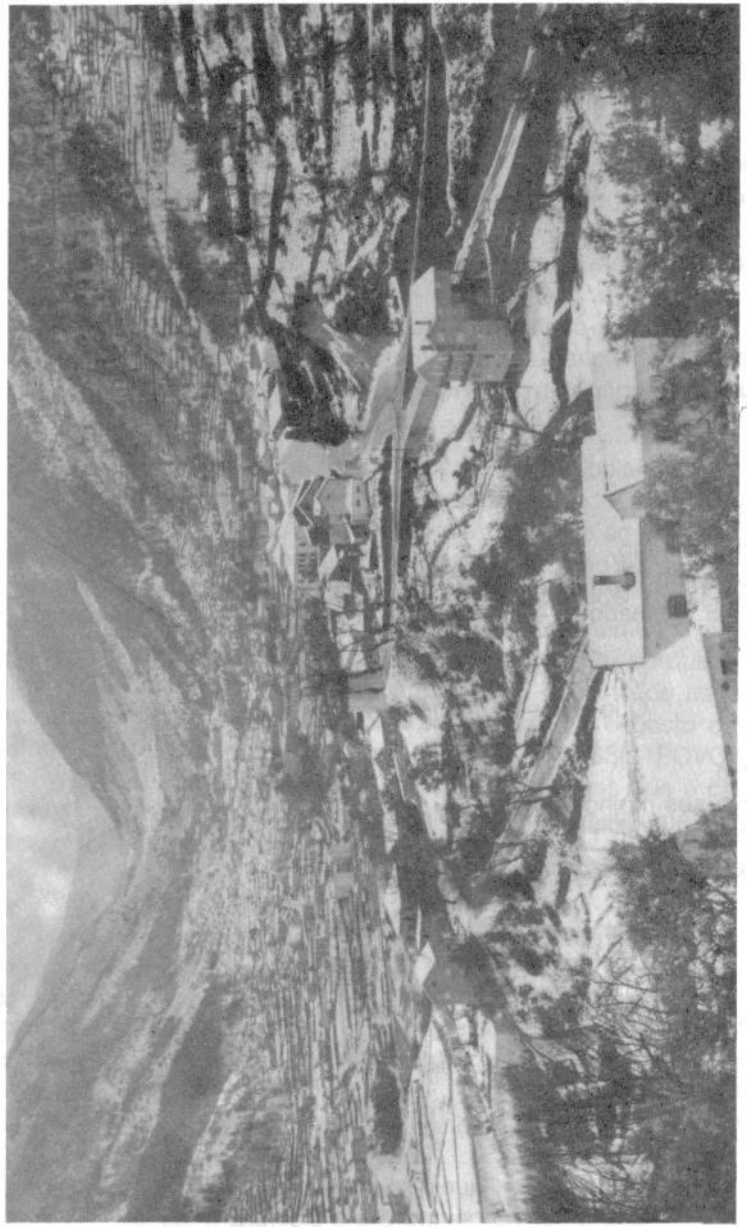
Ó meu amor, quem te disse a ti
Que a flor do campo era o alecrim?

Alecrim,
Alecrim aos molhos,
Por causa de ti
Choram os meus olhos.

Ó meu amor quem te disse a ti
Que flor do campo era o alecrim?

Alecrim,
Alecrim a arder,
O teu fumo santo
Junto a Deus vai ter.

Ó meu amor, quem te disse a ti
Que a flor do campo era o alecrim?



MANTEIGAS — Neve na Natureza

AS JANEIRAS

As Boas-Festas cantadas pelas portas, por alturas do Natal e Ano-Bom — as Janeiras — tinham o seu quê de original e característico.

Esta tradição, que vem de longe, ainda não se extinguiu completamente, embora tenha perdido algo do cunho que lhe era imprimido noutros tempos.

Eram grupos de rapazes e raparigas a desejar Boas-Festas e Bom-Ano, cantando quadras como as que se seguem, e esperando, em troca, qualquer dávida, que tanto podia ser em dinheiro, como nozes, figos secos ou castanhas:

Inda agora aqui cheguei,
Jó pus o pé nà escada;
Logo o meu coração disse:
Aqui mora gente honrada.

CÔRO

Pastores, Pastores, Pastores,
Vamos todos a Belém
Adorar o Deus Menino
Que nasceu p'ra nosso bem.

De quem é aquele capote
Que além s'tá dependurado?
É do Senhor...
Que é um homem muito honrado.

Pastores, Pastores, Pastores,
.....

Viva lá, minha Senhora,
Raminho de laranjeira;
Inda anda neste mundo,
Já no céu tem a cadeira.

Pastores, Pastores, Pastores,
.....

Levante-se lá, minha Senhora,
Dessa cadeira de prata.
Venha nos dar as janeiras,
Qu' está um frio que mata.

Pastores, Pastores, Pastores,
.....

Levante-se lá, minha Senhora,
Desse banco de cortiça,
Venha nos dar as janeiras
De morcela ou chouriça.

CANTARES DO S. JOÃO E DO S. PEDRO

As folganças do São João e do São Pedro foram sempre pretexto para populares e tradicionais descantes. No São João, em volta da fogueira de rosmaninho, o Povo cantava assim:

São João à minha porta,
Nada tenho p' ra lhe dar.
— Dá-lhe uma toalhinha d' oiro
Para pôr no seu altar.

Cantai, cantai com vigor:
Ó meu lindo amor,
Viv' ó São João.

São João baptizou Cristo,
Cristo baptizou João;
Ambos foram baptizados
Lá naquele Rio Jordão.

Cantai, cantai com vigor:
Ó meu lindo amor,
Viv' ó São João.

Ó meu rico São João Baptista, Baptista,
Donde vens tão orvalhado?
Toma lá, dá cá;
São João Baptista,
Vem cá, vem cá.

São João era bom Homem,
— São João! São João!
Se não fose tão gaiato;
— São João! São João!
Leva as moças para a fonte,
— São João! São João!
Leva às três e traz às quatro.
— São João! São João!

Haja mato grosso, pr' á gente queimar,
São João é nosso , foguetes ao ar;
Cada Manel tem sua Maria,
E cada Maria já tem o seu par.

Fui ao São João à Guarda,
Fui lá e não o achei:
Tinha ido p'ra Lisboa
Visitar o nosso Rei.

Fui ao São João à Guarda,
Da Guarda fui ao Bonfim;
Estava tudo embandeirado
Com bandeiras de setim

Se fordes ao São João à Guarda
Trazei-me um São Joãozinho;
Se não puderdes com um grande,
Trazei-me um mais pequenino.

São João adormeceu,
Aos três dias cordou;
Acorda, São João, acorda,
Que o teu dia já passou.

Ò São João, ó São João, ó São João,
Ó São João, outra vez;
O cantar do São João
Em todo o tempo tem vez.

Todas as ervas se colhem
Na manhã do São João;
Só o trevo, coitadinho,
Fica rente pelo chão.

Do São João ao São Pedro
Quatro dias, cinco são;
A vinte e nove o São Pedro
A vinte e quatro o São João.

A SÃO JOÃO

Nas moças da minha Terra
São João, estai atento.
Deparai a cada uma
Bem depressa, um casmento.

Há muitas, muitas e muitas
Que querem agora casar.
São João, casai metade,
Que vos erguem um altar.

Tereis uma imagem d' ouro
Se, com todo o decoro,
Às velhotas solteironas
Arranjardes um namoro.

E se a todas derdes noivo,
Mais uma igreja tereis;
Adornada a prata e ouro
E cheínha de fiéis.

E de fama gozareis,
Como goza Santo António,
Quando às viúvas depareis
Um segundo matrimónio.

Mas... paroeiro santinho,
Eu dar-vos-hei um pavio
Se, cansando-as a todas,
Me deixardes para tio.

Do "cancioneiro Popular Local" — (1925)

NOITE DE S. JOÃO

Moçoilas, antai, bailai,
é noite de S. João.
Hei-de falar com teu pai
p' ra pedir a tua mão.

Hei-de falar-te de amor
na noite de São João;
assim terá mais calor
o teu frio coração

Nessa noite de paixão
hei-de acender a fogueira
que arderá a vida inteira
dentro do meu coração.

Cantai, cantai, raparigas,
que já vai longe o sol-pôr;
venham essas cantigas,
que agora é noite de amor.

Do "Cancioneiro Popular Local" — (1935)

No São Pedro, em volta do mastro de mato e rosmaninho a arder, cantava-se animadamente:

Assentai-vos, Raparigas,
Em volta deste pinheiro;
Há um ano que espero
O São Pedro verdadeiro.

Assentai-vos, Raparigas,
Em volta deste balão;
Há um ano que espero
O São Pedro e São João.

OUTRAS CANTIGAS

A toponímia de Manteigas é exuberante e rica, e a poesia bucólica de alguns sítios desafiou o génio poético do Povo que produziu, para o seu Cancioneiro, cantigas como esta, dedicada à Ribeira:

Ó Ribeira, Ó Ribeira,
Ó Ribeira,, Ribeirinha;
Já não volto à Ribeira,
Essa pena é a minha.

Essa pena é a minha,
Essa pena é que eu tenho;
Já não volto à Ribeira,
Inda agora de lá venho.

Inda agora de lá venho,
Inda agora p' ra lá vou;
Já não volto à Ribeira,
Já meu amor me deixou.

De outro gosto e estilos variados saem, expontâneas, da boca do nosso Povo, cantigas como estas:

Rosa qu' estás na roseira,
Deixat' estar qu' estás bem,
Mimosa e regalada
À sombra da tua mãe.

Ó i ó ai
Ó ai, meu bem,
Se o teu pai não quer
Quer a minha mãe.

Viva quem agora veio,
Mais quem agora chegou;
' stava para me ir embora
Agora já me não vou.

Ó i ó ai
.....

Já lá vai pelo mar fora
Quem no meu leito dormia;
Deus te leve e Deus te traga
Para a minha companhia.

Ó i ó ai
.....

Quero cantar, ser alegre,
Que a tristeza não faz bem.
Nunca se viu a tristeza
Dar de comer a ninguém.

Ó i ó ai
.....

O meu amor disse que vinha
Quando a lua viesse;
Ó lua que vais tão alta,
Meu amor não aparece.

Estavas à porta,
Teu pai ao portão,
Eu pedi-te um beijo,
Disseste que não.

O meu amor disse que vinha,
Disse que vinha e não veio;
Se ele amanhã não vier,
Meto carta no correio.

Estavas à porta,
Teu pai ao postigo,
Eu pedi-te um beijo,
Vieste comigo.

A rua do Fundo de Vila
Tem figueiras ao redol;
Tem rapazes com quinas,
Raparigas como o Sol.

Se lá vou, lá vou,
Se lá vou, lá fico;
Lá me fica o cheiro
Naquele manjerico.

É MENTIRA

Óh que lindo chapéu preto
Naquela cabeça vai!
Oh que lindo rapazinho
Para genro do meu Pai!

CÔRO

É mentira, é mentira,
É mentira, sim, Senhor;
Eu nunca pedi um beijo,
Quem mo deu foi meu amor.

A azeitona já 'stá preta,
Já se pode armar aos tordos.
Diz-me tu ó rapazinho,
Como vamos d' amores novos?

É mentira. é mentira.
.....

Rua abaixo, rua acima;
Toda a gente me quer bem;
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem!

É mentira,é mentira,
.....

Ó JOSÉ...

Minha sogra quer-me mal,
Minhas cunhadas também;
Arrebentem elas todas,
Queira-me o seu filho bem.

CÔRO

Saltem as moças ao meio
E também os figurões;
Já não há quem queira amar
Nestas novas gerações.

José quero, José amo
José trago no sentido.
Por causa de ti, José
Meu sono anda perdido.

CÔRO

Saltem as moças ao meio
.....

Trago o José retratado
Na fivela do sapato;
Quando me lembra José,
Olho para o seu retrato.

CÔRO

Saltem as moças ao meio
.....

Ó José, ó cara linda,
Ó cara de enganador,
Enganaste a menina
Com palavrinhas d' amor.

CÔRO

Saltem as moças ao meio

Minha sogra quere-me mal
Por lhe namorar o filho;
Se não quer que lho namore,
Traga-o no bolso consigo.

CÔRO

Saltem as moças ao meio
.....

RANCHOS FOLCLÓRICOS

Já lá vão anos... Numa tarde do dia de São Pedro — 29/6/1939 — pelas ruas da vila marchava, garboso, um grupo de rapazes e raparigas de trajes improvisados, cantando, alegres, a sua "Marcha", que o Povo aplaudia com o entusiasmo de quem vê uma coisa inédita na Terra — o primeiro Rancho Folclórico que houve em Manteigas. Era o "RANCHO DA PRAÇA DA LOUÇA" que inaugurava assim uma gloriosa era folclórica que perduraria, como perdurou, até aos nossos dias.

Cantavam assim:

Freguesia, toda ela alegria,
Ó mocidade da minha Terra.
Vós, rapazes e queridas raparigas,
Que viveis na linda Serra,
O vosso coração feito n' um sacrário
Para o amor e cantigas;
Quem me dera um rosário,
Quem me dera um rosário
P' ra passar todos os dias.

CÔRO

Lá vem o Rancho
De lindas raparigas,
De noivo ao lado
E de saias tão garridas.
Cantai com alma,
Que toda a gente nos ouça:
Não há bairro mais alegre
Do que o da Praça da Louça.

Letra — JOAQUIM LUCAS BAPTISTA
Música — da "Marcha de Lisboa — 1935"

Um ano depois — 29/6/1940 — o mesmo grupo aparecia em público com as suas fardas novas e sob o novo título, que ainda hoje mantém — SERRANOS DA ESTRELA.

A nova Marcha" era composta com esta letra:

Rancho da Serra,
Rancho d' amores,
É um punhado
De lindas flores.
Gente da Beira.
Gente da Serra,
Dá alegria
À nossa Terra.
Cantai, rapazes
E raparigas,
À mocidade
Ternas cantigas;
Que o nosso canto
A vida encerra
Da Gente moça
Da nossa Terra;
Dele resulta
Em nossa idade
Toda a ventura
Que nos invade.
Vibrem, portanto,
De animação
As cordas vivas
Do coração.

CÔRO

Somos da Serra da Estrela,
A mais alta e sombria,
Onde cai a branca neve,
Onde brota água fria.
O Rancho da nosa Serra
De ao pé das Penhas Douradas
Lembr' ó berço lusitano,
Ninho de formosas fadas.

Letra —
JOAQUIM LUCAS BAPTISTA
Música —
P.JOAQUIM DIAS PARENTE

Com outros mimos de "letra" e música nos brindaram os "SERRANOS DA ESTRELA", fazendo-nos sonhar com a Neve, a Serra, as Estrelas e o Zêzere de prata:

Ó montes cheios de neve,
D' infância, meu alvoroço,
Junto a vós meu sonho leve,
Sou sempre menino e moço.
Tão alto vivemos nós
Na Terra que Deus nos deu,
Que a nossa Serra da Estrela
Beija as estrelas do céu.

Em luar de lua cheia,
Não há visão que mais prenda:
Que parece a noss' aldeia
Uma princesa de lenda,
Que vai casar pura e bela,
E que em graça se desata;
Madrinha, a Serra da Estrela;
Padrinho, o Zêzere de prata.

Terra da Beira sagrada
Onde tivemos a dita
De nascer. Serra adorada,
Entre todas sê bendita.
Tão alta, num vale tão fundo,
Tens por tecto o azul dos céus;
Se vives longe do mundo,
Vives pertinho de Deus.

Montanhas cheias de glória,
Cobertas de pinho e mato,
Sois como guardas da história,
Memórias de Viriato.
Foi aqui, expondo a vida
Contra o Romano ferino,
Que nasceu a Pátria querida,
Que Portugal foi menino.

MARCHA

Nossa Terra abençoada
De encantos, que nos seduz,
Quando coberta de neve,
Parecem raios de luz.

CÔRO

Cantemos todos bem alto
Estas nossas melodias
P' ra alegrar a nossa Terra
Mais as suas penedias.

Serranos, vamos p' rá frente,
Não temam estas canseiras;
Sejamos sempre unidos,
Mostrando o que é Manteigas.

CÔRO

Cantemos todos bem alto

VIRA DA SERRA

Quando dançamos o vira,
Sentimos tal emoção,
Que até o sangue nos ferve
Cá dentro no coração.

CÔRO

Ó Vira da Serra,
Tu não tens rival
Aqui nesta Terra,
Em todo o Portugal.
Vira tu p' ra aqui,
Vira tu p' ra lá.
A dança do vira
Mais bela não há.

FADO DO PASTOR

Ó minha Serra da Estrela,
Onde passo a triste vida,
Noite e dia, sempre em vela,
Teus fragões são-me guarida.
Pobre Pastor que na Serra,
Longe do mundo e da Terra,
Por companheiro, o seu cão,
Passa a vida triste e só,
Sem ninguém dele ter dó,
Co' a mágua no coração.

ADEUS, SERRA DA ESTRELA,
ADEUS, ADEUS.
CONTIGO FICARÃO
OS OLHOS MEUS.

Era pequeno e já ia
C' o meu rebanho p' rá Serra,
E com Deus por companhia,
Sozinho, longe da Terra.
Foi assim, de pequenito,
Despresado, coitadito,
Passando uma vida errante,
Que aprendi a ser pastor,
Calcando no peito a dor
E na boca a queixa instante.

ADEUS, SERRA DA ESTRELA,
ADEUS, ADEUS.
CONTIGO FICARÃO
OS OLHOS MEUS.

Nota: — À vida do Rancho Folclórico "SERRANOS DA ESTRELA", na sua mais singular expressão artística e coreográfica, ficou indelevelmente ligada a Memória da figura típica e alma de artista de apreciáveis qualidades inatas — BERNARDO MARCOS LEITÃO.

Para que se não perdessem as velhas tradições da Terra, onde o bairrismo, por vezes assanhado, teve foros de "grande virtude" por só através dele se conseguir que certas iniciativas tivessem vingado (aos pares), no dia 3/12/1939 fazia a sua aparição o segundo Rancho Folclórico que se denominou "GRUPO FOLCLÓRICO DE MANTEIGAS". Dele existe hoje, apenas, a memória e um desmantelado espólio de velhos papéis donde consegui extrair, ainda, a letra de alguns números do seu Reportório:

MARCHA

Nossa Vila de Manteigas,
Juntinha à Serra da Estrela,
É o mimo dos pastores
É tão cheia de flores,
Que todos querem vir vê-la.
As belezas naturais
Que a nossa Vila encerra
Têm o perfume dos pinhais
Onde cantam os pardais
— Belezas da nossa Terra.

CÔRO

Serra da Estrela,
Não tens no mundo igual;
O teu nome anda ligado
Às belezas de Portugal.
No teu regaço,
Perto do teu coração
Fica a Vila de Manteigas
Predilecta da Nação.

P' las encostas verdejantes,
Nascentes mil sem fim,
Brotam límpidas, cantantes,
Como murmúrio de amantes
' scondidas entre o jasmim.
Regando vales profundos
Que o pão ao povo oferecem,
Essas águas cristalinas
Tornam frescas as boninas
Que a nossa vista entontecem.

CÔRO

Serra da Estrela,
.....

SAUDAÇÃO

Este Rancho de Manteigas
Saúda a todos em geral.
Boas novas vos vem dar
Das Serras de Portugal.
É Manteigas nossa terra,
Que delícia nos revela!
Junto aos montes e regatos,
Juntinho à Serra da Estrela.

CÔRO

Desejamos felicidades
A todos qu' estão escutando,
Para recordar com saudades
O Rancho que vai passando.
Nós cantamos com prazer,
A dançar no pavilhão;
A todos cumprimentamos
Com fervor e devoção.

Nossa vida é cantar,
É mais doce e mais feliz;
Tem mais luz e amor,
Foi Deus que assim o quis.
Nas Terras onde passamos
Praticamos só o bem.
Saudamos toda a gente
Da nossa Serra d' Além.

CÔRO

Desejamos felicidades

.....

ADEUS... MARIA

Adeus, ó rica Maria,
Aqui me tens a teu lado;
Eu quero casar contigo,
Vê lá se é do teu agrado.
— Gosto de ti, ó Manel,
Mas tenho de te contar:
O meu Pai e a minha Mãe
Não nos deixam já casar.

CÔRO

Dançai este Vira
Com graça e beleza;
A dança é bonita
Porque é portuguesa.
Cantai e bailai
Nesta linda Terra;
Vamos divertindo
O Povo da Serra.

Fui à festa p' ra te ver,
E tu não me apareceste;
Estive quase a morrer,
Olha, Amor, o que fizeste.
— Não te vi, ó Manel,
Mas considerei na esperança:
De ti sempre me lembro
Em trazer-te uma lembrança.

CÔRO

Dançai este Vira

.....

MANTEIGAS

Manteigas, destino feito
Por quem fez a lua e o bem,
Parece ela o menino ao peito
Da Serra, que é sua Mãe.

CÔRO

Manteigas da Serra,
Toda de verde arminhos,
Vinde lançar rosas
Sobre os seus caminhos.
É de festa a hora,
Brinca o Sol nas ruas,
Ninguém vai embora
Sem saudades suas.

Manteigas, noiva da Serra,
Brancura de neve e pureza,
O encanto que ela encerra
É milagre da natureza.

VIRA DA SERRA

I

Menina, vamos ao vira,
Que o vira é de encantar.
Eu já vi dançar o Vira
Às meninas de Tomar.

CÔRO

Vamos ao Vira,
Ó Raparigas.
Cantai alegres
Vossas cantigas.
Vira da Serra,
Não tens igual,
Não há mais lindo
Em Portugal.

II

As Raparigas da Serra
Um ramalhete de rosas,
São a alegria da Tera
Que as dotou tão formosas.

III

Já namorei uma Rosa
De perfume encantador.
Por ser linda e ser Rosa,
É que fui o seu Amor.

Aqui pegou a moda dos "Ranchos" e "Ranchinhos", e, de vez em quando,lá se viam desembocar, dos diversos bairros da vila, "Grupos de ocasião" que mostravam também ser "Gente" com pretensões de dar ares da sua graça e honrar o folclore, como este que, certo dia, rompeu das bandas do Bairro de São Pedro, e assim cantava:

Ó gente da nossa Terra,
Deixai passar o Ranchinho
Com os seus balões de côres.
É alegre e bonitinho,
Viva o nosso Ranchinho
Com um sorriso d' amores.

CÔRO

O Ranchinho de São Pedro
É da nossa afeição.
Rapazes e raparigas,
Alegrai o coração.

Nesta noite de folia
Temos maior alegria,
Noite de maior folguedo.
Bairro de trabalhadores,
Bairro de nossos amores,
Nosso bairro é São Pedro.

CAPÍTULO DÉCIMO

A LENDA NA BOCA DO NOSSO POVO

A Lenda é, por assim dizer, o pão de que se alimenta e vive, sonhando sempre, a fantasia poética de um Povo, a sua sensibilidade sonhadora no que a tradição tem de mais puro e arreigado à memória do seu passado remoto.

Nem toda a Lenda é pura ficção, tendo algumas a enformá-las factos concretos cuja história a fantasia popular ampliou, compôs e moldou a seu modo, ao gosto dos costumes tradicionais das suas gentes, ao sabor das suas crenças religiosas e pagãs, e, porque não dizê-lo (?) ao modo simples e deleitoso das suas crendices, das que constituem o encanto da criança e o passa-tempo predilecto do velho avô que as conta, mais ou menos convencido da sua veracidade, aos netos queridos que o rodeiam fazendo-lhe perguntas, amenizando-lhe o viver cansado dos invernos já passados... de muitas dezenas de invernos de que até ele perdeu o conto, a desabar para a centena — um quase fenómeno que cada vez mais vai rareando, o que até nos faz sentir certa forma de saudade...

Para gosto de muitos e para que não se perca a tradição, aqui se repõem, para os vindouros, tantas dessas Lendas quantas foi possível recolher para este tabalho. Elas nos falam da nossa Terra e da Serra, das suas fadas e pastores, dos Milagres dos seus Santos, dos seus Rios e das Estrelas que parecem poisar no pináculo destas mais que famosas penedias em eterno desafio ao Infinito deste imaculado azul-celeste.

LENDA DA PRINCESA ESTRELA

"Nos tempos recuados da Idade Média, vivia junto dos Montes Hermínios, numa vasta planície, um rei godo, do povo muito amado. Houvera de sua mulher uma linda menina, branca com o luar de Janeiro, cintilante como as estrelas douradas a luzir no firmamento nas noites límpidas e puras.

— É branca como as estrelas — diziam as aias que a vestiam. E os pais da princezinha sorriam de contentamento e diziam um para o outro: — Pois há-de chamar-se Estrela.

Este lindo nome recebeu no Baptismo e, quanto mais crescia, mais as estrelinhas, suas irmãs, invejavam a sua beleza.

Na côrte havia um cavaleiro esbelto chamado D. Diego (ou Diogo — já se não sabe ao certo) que gostava muito da princezinha. Muito se amavam, e passavam juntos, em alegria, horas infindáveis...

Veio um dia a guerra contra os árabes, em terras distantes, e D. Diego partiu com o Rei. A linda Estrela ficou desolada, cheia de saudades, a chorar seu cavaleiro ausente.

O coração não suportava essa separação já longa, e resolveu subir aos altos montes das redondezas a ver se avistava D. Diego no seu regresso. Foi com as aias até ao cimo dos mais altos penhascos onde trepava todos os dias na esperança de ver, ao longe, o cavaleiro ousado, o seu querido D. Diego, no seu cavalo branco em que fôra pelejar contra os mouros.

Dos cerros íngremes, tão altos que quase o céu se tocava com a mão, a linda princesa espraiava o olhar na distância infinda, mas. do seu cavaleiro ausente, não divisava nada. Triste, muito triste, mais triste que a noite, clamava em alta voz:

— Mom-Diego! Mom-Diego! porque não vens?

Só as rochas negras repercutiam o eco: — Mom-Diego! Mom-Diego!...

Assim passaram os dias, assim correram as noites de infindável angústia durante os quais os olhos da princezinha eram duas fontes de lágrimas de água pura a correr...

Água tanta seus olhos derramaram, que ela foi correndo serra a baixo...

Os pastores e as gentes da serra ouviram ainda, durante muito

tempo, o eco das cavernas repetindo as exclamações da princesa que ali morreu de pena: — Mom-Diego! Mom-Diego!...

E, por isso, deram o nome ao rio que ali se formou das lágrimas da princezinha e que é, nem mais nem menos, que o nosso Mondego.

E à Serra alta que , até então , se chamava Montes Hermínios, deram o nome da formosa Estrela, tão linda, esbelta e formosa como as estrelas do céu!... "

Extraída da "Monografia da Vila de Seia"
De P. José Quelhas Bigotte

LENDA DOS TRÊS RIOS

(Mondego, Alva e Zêzere)

"O Mondego, o Alva e o Zêzere, nascidos da mesma mãe, serpeando pelas vertentes da Serra da Estrela, em santa irmandade, amigos e camaradas, viviam tranquilos e alegres, mirando-se cada qual na limpidez das suas águas, e escondendo-se nas gargantas, furnas e sorvedoiros da gigantesca Serra.

Uma tarde, já quase boca da noite, envolveram-se em azêda conversa, porque se arrogaram valentias, ao que parece, prometeram romper as prisões que os detinham, trovejavam rivalidades, e acabaram por desafiar-se para corrida vertiginosa, cuja meta seria o corpo enormíssimo do mar.

Era o que ia ver-se.

O Mondego, astuto, forte e madrugador, levantou-se cedo e começou a correr brandamente para não fazer barulho e não levantar suspeitas, é de crer, desde as vizinhanças da Guarda, nos territórios de Celorico, Gouveia, Manteigas, Canas de Senhorim, e dirigiu-se, depois de se ter robustecido com a ajuda dos colegas que vieram cumprimentá-lo à "Raiva", na direcção de Coimbra, depois de ter atravessado, ofegante, as duas Beiras.

O Zêzere, que também estava àlerta, entrou de mover-se ao mesmo tempo que o Mondego, ocultando-se até certa distância nas anfractuosidades do seu leito penhascoso. Foi direito propriamente a Manteigas, onde perdeu de vista o colega, passou também os terrenos da Guarda, correu para o Fundão, desnorteou obliquando para

Pedrógão Grande e, finalmente, depois de ter atravessado três províncias, deu consigo em Constância, na Extremadura, abraçando-se ao Tejo, a quem ofereceu as suas águas, já cansado de caminhar umas 40 léguas, e desesperançado de alcançar o mar.

O Alva, dorminhôco e poeta, embora esses atributos não sejam sinónimos, entreteve-se a contemplar as estrelas, mais do que era prudente, adormeceu confiado no seu génio insofrido e nervoso, e quando despertou, alto dia, estremunhado, em sobressalto, avistou os colegas a correr sobre distâncias a perder de vista!

Um desastre, não havia que ver! Uma imprevidência que era forçoso remediar.

O Alva atirou consigo de roldão pelos campos fora, rasgou furiosamente montanhas e rochedos, galgou despenhadeiros, bradou vingança temerosa, rugiu, e, quando julgou que estava a dois passos do triunfo, foi esbarrar com o seu principal antagonista, o Mondego, que lá ia, havia horas, campos de Coimbra fora, em cata da Figueira, onde se lançaria, jubiloso, no seio do Oceano, ao ganhar a porfiada contenda. O Alva esbravejou, como atleta sanhudo, atirou-se ao adversário a ver se o lançava fora do leito, espumou de "raiva" mas o outro, que deslizava sereno e forte, riu-se, e... enguliu-o de um trago!

Ao lugar da contenda e foz do Alva, chama-se propositadamente "RAIVA" em memória da sua atitude e do caso tremebundo."

VISCONDE DE SANCHES DE FRIAS

Do "Estrela da Beira" N.º 97 (11-2-1934)

O MISTÉRIO DO CRASTO E A LENDA DE ALFÁTIMA (ou ALFÁTEMA)

"Já por várias vezes temos dito que, subir à Serra da Estrela, não é apenas escalar um ponto geográfico da nossa terra: é, mais do que tudo, peregrinar no tempo e na lenda, juntando na mesma devoção à Serra os nomes mais interessantes da nossa História antiga e moderna — Viriato e Fátima.

Viriato aqui nasceu e dominou, percorrendo a Estrela, os belos Montes Hermínios, de cabelos soltos ao vento, medindo a passos largos a Serra em todas as direcções.

Fátima aqui viveu, igualmente, no doce enleio de um amor que não passou de um sonho, a cuja realização se opôs, ao tempo o orgulho de seu pai e, mormente, a diferença rácica e religiosa entre ela, moura de sangue e de fé, e o guerreiro cristão.

O tempo encheu-se de neblina, e a história do facto revestiu-se de lenda, comunicando-nos o belo maravilhoso que, agora, nos sabe tão bem recordar.

— "... Ora, vivia ao tempo, como senhor absoluto destes domínios (Manteigas e seus limites) um EMIR, possuidor de seu castelo e detentor avaro da enorme riqueza de sua filha Fátima a, mais que todas, formosa Moura."

"Sorriso como nunca deparara,
Tão belo corpo e mui formosa cara..."

diz um poeta.

"Não dormiam os cristãos da vizinhança que, hora a hora, esperavam o momento oportuno de escalar a serra a toda a altura e conquistar, para seu rei, todos os redutos mouros dos Montes Hermínios.

Um dia descobriram a riqueza misteriosa dessa formosura mourisca, verdadeira "huri" do paraíso do amor.

Não tardou que a moura e o cristão se fizessem entender de longe, na linguagem silenciosa e apaixonada dos olhares esquivos. E, pouco a pouco, se organizava já, nos arraiais cristãos, o assalto ao castelo dos Mouros (nome por que ainda hoje é conhecido certo lugar do Vale do Zêzere, em Manteigas), para o rapto daquela que eles consideravam já a formosa cativa que vinha, às escondidas do pai, alta noite, pelo luar, que na serra tem um mistério singular, sobre as ameias do castelo,

"debruçar levemente o seu busto,
no doce enleio do seu próprio susto..."

Mas cedo compreendeu o Emir,

"que um fogo lento,
mistério ignorado, íntimo tormento,
mistério de amor, nascido num momento",

começava a invadir-lhe a fortaleza, sem que suas armas o pudessem suster.

E, certa noite, depois de ter escondido todo o seu oiro nos subterrâneos do Castelo, foge com sua filha, em difícil e perigosa jornada, pela serra.

A "Barroca da Moura", a "Serrana", são nomes e sítios que nos legaram, com o tempo, os segredos dessa fuga, em que a formosa agarena sucumbiu de tristeza e cansaço.

A serra é alta e longa. Para lá de um monte, outro monte... e o fim parece nunca mais chegar...

Mas, se súbito, um enorme clarão rasga o espaço. O caminho parece agora mais breve. É que, às ordens do Emir, alguns emissários tinham partido adiante, anunciando a sua fuga ao palácio do Cabeço, (Coruto ou Crasto) onde uma fada, madrinha da Moura, os esperava agora, para os envolver nos seus encantos e os defender de quantos os perseguíssem.

O que lá se passou ninguém sabe, mas o que se sabe é que, no dia seguinte, marcado para o assalto e para o rapto, acordam os arraiais crostãos alvoroçados pela estranha novidade da fuga do Emir e da sua filha Fátima.

Pastores desconhecidos percorriam, desde a hora da fuga, a serra em todas as direcções, encantando-a todos com a magia das suas flautas.

E, a partir de então, toda a serra se encheu de maior mistério ainda.

Nunca mais o povo de Manteigas esqueceu os caminhos de Alfátima onde, durante muito tempo, foi, em jornada de encanto, visitar esse Cabeço, hoje apenas com restos de ruínas, esperando que não esqueçam sua lenda e seu maravilhoso.

E, logo em volta do Coruto ou Cabeço de Alfátima, outras lendas surgiram.

Conta-se de uma rapariga encantada que por ali passou em manhã de S. João, antes de o sol nascer.

Cansada da jornada, longa e difícil, que já tinha feito, sentou-se a donzela a descansar, e adormeceu... e sonhou. E viu a seu lado

as gotas de orvalho transformadas em estranha fruta, que ela apanhou e meteu para seu bornal e, levando-a consigo para as horas de menos fartura... partiu.

Já longe, sentiu despertar-se-lhe um estranho apetite e, metendo a mão no bornal para comer algumas dessas frutas, semelhantes a figos secos, verificou e com espanto, que toda a fruta se transformara em ouro, de muita valia e peso.

E vai logo dali, de alma ambiciosa, caminho do Cabeço, para apanhar o resto que lá tinha deixado.

Começavam já os primeiros raios de sol a doirar os cimos da Estrela, quando a rapariga chegou a Alfátima. Procura... procura... mas em vão.

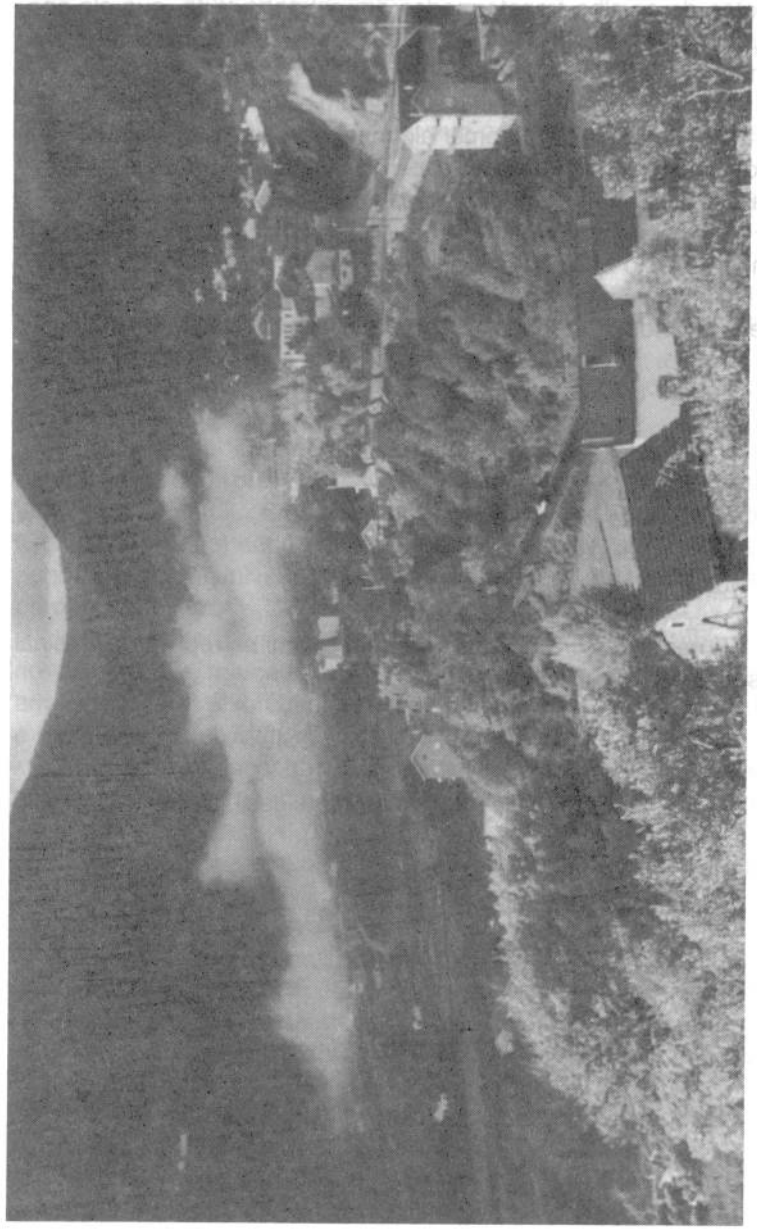
E logo uma voz lhe canta:

"Tudo era teu quando vieste,
Agora tornaste em vão.
Não passes mais neste sítio,
Na manhã de São João.
Não te perdeu a pobreza,
Pode perder-te a ambição."

E nunca mais a lenda se perdeu, e aqui se reproduz em sinal e testemunho da sua perpetuidade."

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Do "Ecos de Manteigas" N.º 71 de 5-2-956



MANTEIGAS — Dia de Outono

SENHORA DO ROSÁRIO

LENDA POPULAR DE MANTEIGAS

"Existia na antiga Igreja Paroquial de Santa Maria, ao lado da Capela das Fidalgas, um altar em estilo gótico-romano, ao qual se atribuia uma idade respeitável, adivinhada nos rendilhados da sua construção, na cor dourada ds seus dourados e, além disso, na corrupção das suas madeiras.

Do alto, uma imagem de mulher deveras formosa, contemplava, num sorriso de virgem, acolhedor, os lábios dos fiéis, balbuciando o seu nome, ao ser invocado nas horas de aflição.

Então, os olhos da Virgem tinham não sei que estranho brilho a destacar na penumbra carregada do templo. Outras vezes, a capa, semeada de ondas verde-mar, agitava-se repentinamente e dava a impressão de que a Virgem, envolvia no cimo das ondas encapeladas de algum mar traiçoeiro, a deitar o cabo de salvamento, que era o terço, a algum náufrago em agonia. Depois, retomava o sorriso de sempre, a olhar o Menino Jesus sentado no seu braço direito, que estendia o bracito nu para a frente, a segurar na palma da mão uma embarcação de velas desfraldadas.

Hoje já não existe nem o altar nem a Virgem. Era a Senhora dos Mareantes, a Virgem Senhora do Rosário.

Por muito tempo habitou a casa de uma velhinha, cujas mãos trémulas a vestia e enfeitava, dando-lhe o tratamento significativo de Mãe.

A lenda popular, que gostosamente restauro, fazendo-a ressurgir do esquecimento em que caiu, foi-me contada por uma venerável anciã, acrescida com o pormenor rústico de que, muitas vezes, iam encontrar as vestes de tão milagrosa santa molhadas em água salgada, tendo nas fímbrias do seu manto conchas do mar e areia.

Sorri, não desfazendo afirmação tão ingénua, porque sei que o povo tem uma religião sua, pouco em harmonia com os textos sagrados, mas curiosa como documento étnico.

A lenda da Senhora do Rosério foi, em tempos idos, motivo de orgulho, comenda de que se ufanavam todos os Manteiguenses. Jóia preciosa que eles mostravam aos de fora com estas simbólicas palavras:

— "É a nossa Santa! Aquela que salvou os marinheiros!"

Como poderia isso acontecer?

É uma velhinha de cabelos alvos, fios de prata a coroar-lhe a fronte, a voz a tremer-lhe de comoção e respeito, que nos conta:

"Foi em Mil quatrocentos e... Portugal desvendara ao Mundo, Novos Mundos. As naus, em cujos mastros tremulava o lábaro sagrado das quinas, sulcavam os mares em todas as direcções a firmar, com padrões encimados pela cruz de Cristo, as balizas dum grande Império.

Uma esquadra que partia, e logo a notícia de novas descobertas, Novos Mundos, colossal desbravamento dos cabouqueiros portugueses!

Pela Pátria corria o frémito dos grandes dias, das grandes datas.

Realizavam-se as mais importantes descobertas e soavam, como clarins de fama eterna, os nomes nunca esquecidos de Dias, Gama e Cabral.

Vergavam-se ante o ardoroso e audaz lusitano os mais temíveis potentados estrangeiros, que se vêem obrigados pelos imorredouros Albuquerque, Pacheco e Almeida a pagar tributo ao "Rei de Portugal e dos Algarves, d'Àquem e d'Além-Mar em África, Arábia, Pérsia e Índia".

Foi nesse tempo!... (era de Glórias a levantar bem alto uma Nação pequenina) que um capitão regressava de longínquas paragens, com a nau carregada de especearias, que valiam riquezas fabulosas. Já há muito que tinham largado da sua procedência, e poucos dias faltavam para chegar ao seu destino.

A ânsia de abraçar os seus, que por muito tempo já não via, levava-o a olhar ao longe o céu e a água, a ver se descobria a Terra da Saudade, a Terra bendita de Portugal...

Olhava o mar azul, contemplando as suas águas que a proa da nau abria, com reprimível ansiedade, agarrado à amurada da coberta... Mas em vão!

A noite fechava-se para, na manhã seguinte, aparecer o cenário grandioso de sempre, de todos os dias: Céu e água!

Numa tarde, tarde de Agosto a queimar, encontrava-se ele no mesmo posto a observar o sol a esconder-se, vermelho-vivo, cujas reflexões punha nas ondas cintilantes dourados fantásticos. Dir-se-ia que o mar era de ouro e prata, na distância a perder de vista.

A aragem, que enfunava as velas, fazia levantar ondas de espuma a luzir como palhetas de ouro, que vinham desfazer-se, mansamente, nos costados da embarcação.

Pouco a pouco, porém, começou o tempo a arrefecer, o vento a soprar com mais força, fazendo gemer os cabos das enxárcias.

As águas turvavam-se. e nas cristas das ondas apareciam algas e plantas marinhas, que os albatrozes e gaivotas, em rápidos vôos, procuravam sofregamente.

Ao capitão não agradou aquela mudança brusca do tempo.

Contemplava o mar com atenção, a querer sondar o abismo do gigante, quando um marinheiro, familiarmente, lhe perguntou: — Quantos dias faltam para chergarmos a Portugal, meu capitão?

— Dia e meio, se a Virgem do Rosário nos levar a porto de salvamento, mas com o andamento que levamos, devemos ancorar amanhã por estas horas. Receio, contudo, um contratempo, nada agradável. Vês aquelas nuvens escuras, o mar revolto e as algas ao cimo das ondas? Não reparaste como o vento assobia por entre o velame? Tudo isto indica próxima tempestade, talvez ainda para esta noite. Amaina a vela grande, arreia o traquete, colhe a bujarrona e prepara a marinhagem para a borrasca.

.....

Anoitecia!

O mar cada vez se picava mais, e bem depressa se viu que as previsões do capitão não eram infundadas.

A nau, impelida com a força prodigiosa do tufão, corria veloz sobre vagas alterosas, que ora a elevava como frágil brinquedo na crista espumante das ondas, ora a sepultava com temerosos ruídos nas profundezas do abismo.

Estranhos rumores se elevavam no espaço ao entrechocar das enormes massa líquidas, cujo desfazer semelhava o desmoronar ciclópico de gigantes serras.

O vento atingia velocidades desconhecidas e a mastreação rangia em dilacerantes gemidos, fazendo embrenhar a nau numa carreira vertiginosa e desordenada. Um solavanco mais forte partiu o quadrante, e outro fez paralisar o leme. O relógio do sol e a bússula também ficaram avariados.

Daí para diante, a embarcação deixou de ter governo, estava entregue à sorte, à mercê do destino.

Os relâmpagos iluminavam sinistramente o espaço e o mar revolto; os trovões juntavam ao bramido das ondas o estrépito do seu ribombo. A nau, agitada por forças ocultas, inclinava-se assustadoramente para todos os lados, não deixando sequer manter de pé a tripulação, que se agarrava desesperadamente a todas as saliências, para cumprir as ordens do capitão que, na coberta, encharcado, mal podia resistir ao embate das ondas. A água, que em grandes rajadas varria o convés, tinha arrastado para o Oceano, de mistura com o cordame, alguns utensílios valiosos, tais como: âncoras, amarras, velas, cabos, gramos, etc. Tudo era presa do terrível furacão. Uma lufada devastadora galgou a ponte, arrancou a amurada, e foi ter, em grande jacto, ao outro lado.

A marinhagem corria o risco de ser aremessada ao seio do mar e tragada pelo remoinho das águas em torvelinho devorador.

Pareceia que os elementos se conjugavam na destruição da nau.

Quem lhe poderia valer, sem governo, quase despedaçada, agonizante naquele grande sepulcro, que era o Oceano?

Ninguém, a não ser a Providência.

Foi na Providência Divina que ocapitão pôs as suas esperanças.

Fazendo reunir os homens na tolda e expondo-lhes o perigo que os rodeava, disse-lhes:

— Meus amigos, queridos marinheiros, que muito tempo servistes debaixo do meu comando:

Nas tristes circunstâncias que nos rodeiam, tendo por caixão este barco desmantelado pelo temporal, e por cemitério a voragem das águas que nos cercam, eu não sou o capitão a cuja guarda estava confiada a direcção da nau, nem aquele no qual depositaveis todas as esperanças nas horas de maior perigo. Não sou o destemido que lutou a vosso lado na ocupação de Java. Não sou o capitão cujas ordens e planos de batalha tornaram possível a conquista de Sumatra. Não sou o caudilho cujo entusiasmo vos levou a ocupar Bornéu. Em todas as partes vencemos. Homens do mar, vivendo nele, falando e segredando-lhe as confidências, habituados aos seus bramidos de revolta, devassando-lhe a incógnita que o torna misterioso aos olhos da Europa, sendo nós, portugueses, os primeirois a sulcar, temera-

riamente, estes mares que nunca por ninguém foram navegados, vede como somos ínfimos perante a sua força indomável. Este mar que nós conhecemos e que nos conhece, o mesmo que vai suavemente beijar o litoral português, é o mesmo que hoje nos ameaça sepultar para sempre no insondável das suas águas.

Que poderei eu fazer como capitão? Nada, absolutamente nada.

Nas circunstâncias em que nos encontramos,repito, não sou o capitão, mas sim um homem como vós. Capitão é Deus. Estamos entregues à sua vontade soberana. Que ele se amercie de nós nesta hora trágica que passa, e que a Senhora do Rosário ouça a súplica destes náufragos no meio da tormenta.

Nada nos pode valer, a não ser a sua milagrosa interferência.

Prometo oferecer-lhe um vaso sagrado e uma custódia para o seu altar, se nos levar sem novidade a porto de salvamento. Ajoeilhai e orai, nada há a fazer, senão que Ela nos salve.

A escuridão era intensa, apenas iluminada pela luz vítrea dos relâmpagos, que punham no negrume da noite riscos incandescentes de milhares de faíscas.

Quantas horas seríam?

Que caminho teriam andado nas trevas da noite?

Para onde os teria levado a borrasca naquele andamento fantástico?

Qual a distância percorrida?

Um relâmpago mais forte iluminou, por momentos, a imensidade do mar, e imediatamente uma voz gritou: — Terra à vista!

Era o gageiro.

Todos se precipitaram a esquadrilhar as trevas, mas o temporal redobrava de violência cada vez mais.

Com a terra já assim tão perto, mais iminente era o naufrágio.

A desolação lia-se naqueles rostos habituados a suportar com verdadeira coragem os reveses do destino, e num instinto colectivo, todos se tornam a ajoelhar invocando: "Senhora do Rosário nos acuda, Senhora do Rosário, salvai-nos"! No mesmo instante, inundou-se a atmosfera de luz e fogo, e um raio enorme veio esfacelar, pelo meio, o mastro do traquete. O vulto escuro da terra aumentava rapidamente, enquanto a tripulação continuava ajoelhada a balbuciar: "Senhora do Rosário, salvai-nos"!

É nesse momento de opressão angustiosa, quando todos

julgavam despedaçar-se de encontro à costa, que o Céu se abre de estranha claridade, e a Virgem, tendo no seu braço direito Jesus que sorri, indica com a mão esquerda o litoral aos navegantes.

Por momentos, todos embavecidos, contemplavam as feições de tão formosa Senhora; depois, sentem-se elevados a uma altura prodigiosa e arremessados por uma onda gigantesca a uma praia de areia que prende a nau, enquanto as águas se escapam produzindo enorme ruído. O cavername estala sob a pressão e a embarcação parece descomjuntar-se.

Estamos salvos!

Dos seus peitos oprimidos sai, como desabafo, o grito de gratidão para com a Virgem.

Milagre! Milagre! A Senhora do Rosário salvou-nos!

Amanhecia, surgindo os primeiros alvores da madrugada. Com a primeira claridade surgia a bonança, as núvens eram varridas em últimas rajadas, deixando a atmosfera limpa de uma côr azul, do azul de Portugal.

Rompia o Sol a dourar as encostas e os campos. As avezinhas chilreavam madrigais sonoros na terra entre as ramarias; as gaivotas, em vôos graciosos, poisavam na crista das ondas, que eram mais pequenas, cada vez mais limpas, a espraiarem-se na areia e a deixarem, no seu rápido estar, os indícios do medonho vendaval. Eram as plantas aquáticas, algas, cordame e tábuas velhas, lodo, conchas, pequenos moluscos mortos e uma série de pequenas coisas a atestar a violência do furacão.

Passou um mês.

O capitão desejava saldar a promessa que fizera à Virgem. Mas como, se em todas as igrejas se adorava tão venerada imagem? Era este um problema de difícil solução. Como achar nas diversas imagens, que de certo encontraria, o retrato fiel da que lhe aperecera e à qual entregaria, então, a sua oferta?

Obra bastante difícil, senão impossível.

Resolveu, por isso, peregrinar até achar a imagem verdadeira da aparição.

Percorreeu igrejas e mosteiros, catedrais e simples capelinhas, nichos, eremidas. Tudo infrutífero, já desanimava, sem resultados satisfatórios.

Té que um dia... dia de honra para Manteigas e de glória para os seus habitantes, aqui chegou.

Foi à Igreja Matriz de Santa Maria, e qual não foi o seu espanto, ao deparar-se-lhe uma Senhora, sorridente, a Virgem que lhe aparecera!!!

Cai de joelhos, a chorar de alegria e a exclamar: "É esta, foi esta que nos salvou"!

Depôs a seus pés, no altar, a custódia e o vaso sagrado, que desde os tempos gloriosos das descobertas ficará, para sempre, a pertencer à Igreja Matriz de Santa Maria, pela milagrosa aparição da Virgem aos navegantes."

Hoje, somente o vaso e a custódia existem. O altar, em estilo gótico-romano e a Virgem a sorrir, acolhedoramente, tendo nos olhos um estranho brilho a destacar-se na penumbra carregada do templo, e o seu manto a agitar-se com invisível brisa, tudo desapareceu no rodar inclemente do tempo".

Viriato Zêzere
ANTÓNIO DE JESUS DE CARVALHO
Do "Ecos de Manteigas" N.º 78 de 27-5-956

LENDA DA NOSSA SENHORA DOS VERDES

"Debaixo de uma carvalha secular, onde ao Sol-pôr, coada pela ramaria, uma luz fesca e irisada ia envolver a Virgem no seu doirado altar, ficava a Capela da Senhora dos Verdes. O ambiente era doce e perfumado...

O Sol estivera de abrasar naquele mês de Julho.

As fontes secaram com o estio, e nos ribeiros, nem mais ténue fio de água escorria. Os magros e famintos passarinhos poisavam a miúdo nas eiras com os biquitos abertos da língua ressequida.

As hortas e pomares vergavam torcidas pelo calor, cheias de lagartas esverdeadas e repugnantes.

Era uma tristeza ver como se elevavam os arbustos — paus ressequidos, desfolhados pela seca que lhe mirrava as folhas, e pela lagarta que roía os ramos tenros.

Sentada no balcão da sua casa branca e alegre, a Maria Clara — a Clara do Gaspar, como lhe chamavam —, chorava a soluçar, cabeça entre as mãos, a olhar ao longe os campos devorados e a desfazerem-se em pó as últimas folhas.

— Nossa Senhora dos Verdes nos acuda; que Ela tenha piedade de nós, murmurava baixinho.

Todos os anos, pelas Festas da Senhora, nenhuma oferta se podia igualar à do Gaspar que, à sua custa e pelas mãos da Maria Clara, lhe enfeitava o andor e vestia a formosa Imagem, sempre com um manto novo. E era tão grande a sua fé na Senhora dos Verdes, que fizera colocar na cabeceira do seu leito Imagem igual à da Capela.

Mas um dia que fora às suas propriedades e que viu as culturas devastadas, julgou ter enlouquecido; não podia acreditar na verdade.

Prometeu construir um andor novo à Senhora dos Verdes se a lagarta lhe poupasse as suas sementeiras, e guardava sempre a certeza de que a Virgem lhe acudiria. Por fim, convencido pela evidência, a sua dor foi enorme. Não se lamentou.

Na sua desgraça de homem a quem roubam os seus haveres, abandonou o trabalho, esqueceu a mulher e renegou a própria Senhora dos Verdes.

Ela que não ouviu a sua prece, Ela que conservava a mesma expressão sorridente quando tamanha desgraça o aniquilava, Ela não podia ter erguido em seu peito de rude, mas ferveroso cristão, o Altar de respeito e confiança em que A colocara.

Apesar das súplicas da mulher, dos rogos do Abade, das ameaças, até, da gente do campo, nesse dia em que se realizava a Festa da Senhora, abalou alta madrugada para o Pomar, sem ter rezado à Santa Padroeira das culturas.

Decorreu todo o dia sem voltar a casa.

— porque chorava a Clara, sentada no balcão? Que desgostos tamanhos para dos seus olhos castanhos correr o pranto sem fim?...

É que temia que a Virgem, desamparando o homem, os lançasse por completo na desgraça.

Pobre Maria Clara...

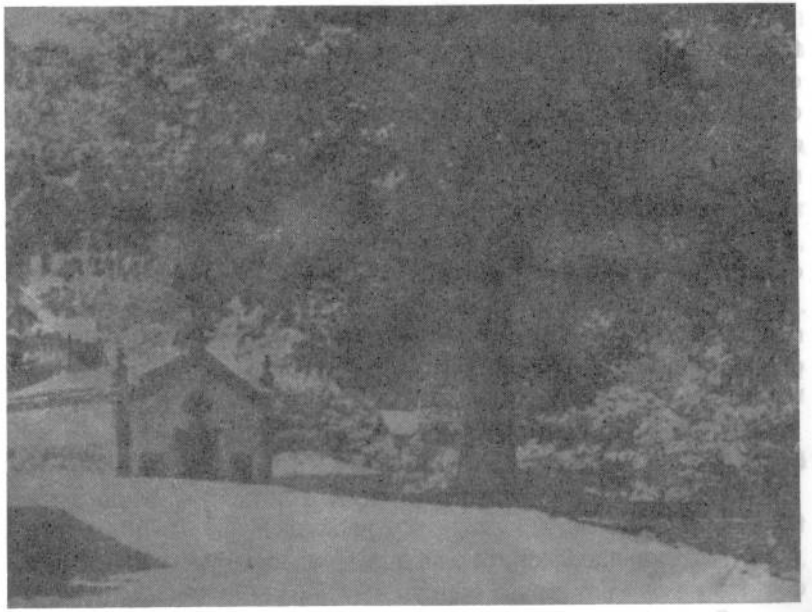
Era a hora em que os rebanhos desciam para os redís. Ouviam-se, de espaço a espaço, os gritos dos pastores:"

— Eh! laranja... Volta, lagarta...

Uma pedrada certeira fazia regressar de pronto ao rebanho a rês que fugira.

A mulher do Gaspar olhava, com os seus olhos lacrimosos, algumas nuvens que forravam o horizonte de uma côr cinzento-escuro, e o voo assustado da passarada procurando abrigo para passar a noite. Súbito bateram Trindades... e a Clara benzeu-se e devotadamente foi rezando:

— Avé Maria cheia de Graça...



Era assim a primitiva e primeira Capela de Nossa senhora dos Verdes
à sombra da carvalha secular

Lá em cima, no caminho do pomar, era um formigar de gente a acompanhar, em procisssão, a imagem da Virgem. O Gaspar, quando a Senhora dos Verdes passou, apesar de toda a sua valentia, sentiu o remorso revolver-lhe o coração e os seus lábios, a medo, entreabriram-se numa prece:

— Senhora dos Verdes, valei-nos...

Pareceu-lhe que a Imagem lhe sorria cheia de bondade e durante largo tempo contemplou a Virgem a quem o povo seguia, rezando. E só saíu do devaneio em que estava quando qualquer coisa lhe caiu em cima da cabeça descoberta.

Olhou, e reparando na oliveira sob a qual se encontrava sentado, um — Oh que milagre!... — de espanto e admiração lhe saiu dos lábios! A lagarta, como se oculto vendaval abanasse as plantas, os arbustos e as ervas, caiu ao chão produzindo um roído semelhante ao da chuva. Depois, reunia-se em filas que, a breve techo, desaparecia, enterrando-se.

— Ai que milagre!... que grande milagre! dizia consigo.

Já quando a Virgem entrava na Capela, surgiu no caminho, ofegante chapéu na mão. casaco ao ombro.

— Milagre!... Milagre!... vêde como a lagarta se afasta dos nossos campos — bradava ele endoidecido à turba ajoelhada. Milagre!... Milagre !... E o povo repetia: Milagre! Milagre!... Senhora dos Verdes! Senhora dos Verdes!

A Maria Clara que viera numa corrida, caiu desmaiada nos braços possantes do Gaspar.

Nesse instante, incendiou-se toda a atmosfera, e um trovão fez estremecer a Terra.

A chuva, aquela chuva pela qual se cantavam preces à Virgem, começou a cair em grossa bátega.

E a turba, num delírio de esperanças realizadas, gritava sempre: — Milagre!... Salvé, Senhora dos Verdes... Senhora dos Verdes...

Do "Ecos de Manteigas" N.º 52, de 10 de Abril de 1955.
Subscrito por VIRIATO DE ZÊZERE, do livro
"A Fraga da Cruz" que tencionava publicar,
o que a morte prematura não lhe permitiu.

LENDA DA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DA ARGENTEIRA

"No alto da Serra da Estrela (Nave de Santo António ou Argenteira) erguia-se, ainda não há muito tempo, donairosa e simples, a encantadora capelinha de Santo António da Argenteira que, infelizmente, hoje está abandonada, em ruínas. (1)

O Povo não sabe a razão erudita porque foi construída a capela naquele ermo, mas tece-lhe imediatamente a lenda de que o asceta Santo António ali aparecera,no tempo em que havia veados e javalis na Serra, a salvar um rebanho de gado da voracidade das feras.

Seria verdade?...Como seria?...

Quando isto aconteceu, Santo António não tinha ido ainda para Pádua.

Veio um dia de longada à Estrela fazer umas pregações por estes sítios. Já de voilta, seguiu Serra fora em direcção à Covilhã e, ao passar na Argenteira, parou a descansar, cheio de fome e fadiga.

Não muito distante, um rebanho roía mansamente e cervum, enquanto o pastor se ocupava a armar o bardo.

O sol apagava-se ao longe. Sobre os píncaros mais altos voavam pombos bravos duma cor acinzentada, que recolhiam aos ninhos, a rezar, baixinho, a saudade da tarde a morrer.

Dispôs-se o Santo a continuar a jornada, apoiado num grosso pau nodosso.

— O Senhor seja convosco — disse o Santo

— Com Deus venha — volveu o pastor. Para onde segue, santinho?

— Para a Covilhã, se Deus mo deixar.

— Já é tarde... Faz mal... Sabe o caminho?

— Não sei.

— Então fique aqui comigo e, de manhã, continua a jornada. Aceitou o Santo a oferta e bem depressa comia, regaladamente, reconfortante miga de leite. Acabada a refeição e depois de terem o gado dentro do bardo, apressaram-se a arranjar abrigo para passar a noite.

Dentro do bardo cumprimiam-se as pacientes ovelhas, denunciadas pelo ruído constante dos enormes chocalhos, enquanto cá

fora ladravam, no escuro da noite, três corpulentos cães. O mais era o sossego naquela amplidão imensa.

Já a noite ia longa quando o silêncio foi cortado por um uivo que fez agitar desesperadamente o gado dentro do bardo e ladrar os cães furiosamente. Passados poucos instantes tornou a repetir-se, mas, desta vez, mais perto, e logo como se o primeiro uivo fosse um sinal, outros, noutros pontos, se fizeram ouvir. O pastor levantou-se rapidamente, esquadrinhou com a vista o escuro da noite e verificou que certos vultos escuros se moviam perto, em todas as direcções. Não havia dúvidas de que estavam cercados por uma grande alcateia de lobos. Os uivos cada vez se ouviam mais e mais perto.

Entretanto, o peregrino continuava a dormir indiferente ao perigo que o cercava, pelo que o pastor tomou a resolução de o acordar.

— Oiça, amigo... tenho o gado perdido! Se Deus Nosso Senhor não me acode,os lobos vão-me assaltar o rebanho!...

— Que fazem os cães?

— São tantos lobos, que eles fugiram para dentro do bardo.

— Então que tenciona fazer?

— Nada.

— Quantos lobos calcula que temos perto de nós?

— Nada menos de vinte!...

— E pensa que eles se afastarão se lhes bradarmos?

— Isso é temerário, mesmo arriscado, porque podemos ser atacados...

— Mas não haveria um meio de salvarmos o gado?

— Nenhum. Nestas circunstâncias, só um milagre...

— Bem; então, se só um milagre lhe pode salvar o gado, ajoelhe comigo e reze.

Viam-se no escuro da noite brilhar, como pirilampos,os olhos das feras que cada vez se aproximavam mais, só contidas com o desesperado latido dos cães. De vez em quando, envolviam-se em desordem e misturavam com os uivos o rosnar e o matraquear das suas temíveis presas, agitavam com fustigadas no ar as caudas compridas e volteavam, erguendo as cabeças, a farejar em volta do bardo.

Um mais atevido empinou-se, esteve alguns instantes com as patas apoiadas nas cancelas, de boca escancarada, tomou o pulso e galgou para dentro. No mesmo instante, os outros seguiram-lhe o exemplo. O pastor resava, mas, ao mesmo tempo, não deixava de

observar os mais pequenos movimentos das feras e, assim viu distintamente saltar os primeiros lobos e todos os outros.

Não quis ver mais nada. Tapou a cara com as mãos, a chorar a sua desgraça, enquanto a seu lado Santo António, muito recolhido, continuava a rezar.

Quanto tempo esteve assim? O que seria do gado desde que tinha tapado a cara? Não poderia dizer.

Ao tornar a si, reparou que estava só.

Vinha rompendo a manhã.

No cimo de dois penedos os cães ladravam, olhando a figura do Santo que se afastava cada vez mais, lá ao longe, envolvido numa auréola brilhante de luz que cada vez era maior, a inundar os cerros dum Sol bendito no mês de Junho...

No bardo , as ovelhas,intactas, balavam sacudindo os enormes chocalhos e, cá fora, encostados às cancelas, mortos por estranho mal, contava-se a matilha inteira dos lobos!"

Só mais tarde se soube que aquilo fora obra do Santo, quando de Pádua vinha a fama dos seus milagres.

Então erigiram-lhe uma capelinha, modesta, no alto da Estrela, que o tempo vai tornando num montão de escombros.

Por muitos anos ali se realizaram festas que eram a confraternização de todos os pastores dos Montes Hermínios.

Foi esta encantadora história contada de avós a netos durante muitos anos, mas em nossos dias é quase desconhecida".

---

(1) — Assim escrevia nos primeiros anos da década de 40 o compilador desta lenda — ANTÓNIO DE JESUS DE CARVALHO (Bica), num precioso livro manuscrito que legou à posteridade.

Do mesmo livro se transcreve, também, a curiosa lenda que se segue, que nos narra a origem da capela de São Lourenço.

A transcrição textual destas duas lendas só foi possível por gentil assentimento e boa vontade dos Herdeiros e detentores do livro manuscrito.

LENDA DA CAPELA DE SÃO LOURENÇO

"Na encosta do Souto do Concelho, que se ergue esguia e altiva como a querer impôr vassalagem às suas congéneres, manifestou-se, em tempos remotos, um vulcão (1) que, pela violência da sua erupção, prometia ser de consequências tão nefastas como foram as do Vesúvio no ano 79, soterrando as cidades de Herculano e Pompeia.

A lava gigantesca e tremenda ameaçava soterrar não só a vila de Manteigas mas até os povos circunvizinhos, parecendo que Deus decidira a ruina deste povo como outrora fizera a Sodoma e Gomorra.

O dragão iniciou a sua marcha triunfal devastando tudo na sua passagem. A perda de Manteigas era inevitável. Os seus habitantes, que viam próximo o seu fim, correm de roldão à Igreja e, de joelhos, ao pé do altar, imploram, num grito de angústia, em prece orvalhada de lágrimas e incensada com o perfume da sua dor, e fazem voto de erigir uma capela a S. Lourenço no local onde as fúrias do leão tivessem o seu término. E não foi debalde que imploraram o auxílio do Altíssimo.

Quando parecia que tudo se ia soterrar no pedregulho que a cratera do monstro vomitava sem dó nem piedade, repentinamente, no alto da Montanha que hoje conserva o nome do Santo, como se uma ordem sobre-humana a intimasse, a lava cessou o seu avanço. É que Deus, sempre Bom e Miserocordioso, ouviu a oração saída do peito de milhares de crentes e assim, ordenou à corrente furiuosa que parasse a carreira satânica. Esta, ainda que sobranceira a todos os obstáculos e orgulhosa de alguns quilómetros de domínio já percorridos, não deixou, no entanto, de reconhecer a obediência que devia ao Senhor do Universo, e conservou-se submissa à Sua Divina Vontade. A tormenta tinha passado.

O Povo, em face do milagre que acabava salvá-lo da ruína, fica embriagado de alegria e vai dar cumprimento ao voto prometido. Mas, vendo que o local era impróprio e de difícil ascensão, dificultando a romagem a muitas pessoas que, pela sua avançada idade, não tinham forças para subirem a íngreme vertente da Montanha, fá-la no sopé desta, lugar acessível a todos os devotos e abrigada das fúrias dos elementos de que a nossa Terra é açoutada com frequência. (Esta capela foi, mais tarde, votada ao culto de São Gabriel, O seu alpendre foi demolido há bem pouco tempo).

Conta a lenda que o Santo desaparecia da capela e era encontrado no ponto onde o Povo prometera a sua edificação. Era novamente colocado na ermida e, no dia seguinte, tornavam a encontrá-lo no referido lugar. O facto repetiu-se várias vezes, sendo, por fim, a capela transferida para onde (no dizer do Povo) o "Santo fugia".

São Lourenço foi levado em triunfo para a nova capela e lá se conserva ainda como sentinela vigilante, velando pela paz e segurança de Manteigas.

. . .

A capela foi reedificada em 1612, sendo ermitão Domingos Dias, segundo uma inscrição que se conserva dentro da dita capela.

Quando a tempestade surpreendia em plena Serra os caçadores e outros viandantes, era ele quem lhes dava abrigo.

Os pastores, vagueando de Serra em Serra, de colina em colina, sempre solitários e meditabundos, sem outra companhia senão os rebanhos que apascentavam e os morros a cuja sombra descansavam algumas horas nos dias calmosos do estio, passavam na Montanha de S. Lourenço, momentos de alegria e distracção. Após longos dias de solidão, encontravam um amigo que os ensinava a rezar e a elevar os seus pensamentos para Deus naquele lugar priviligiado.

Quando (o ermitão) baixava à vila a implorar das almas caridosas o sustento para a existência e para socorrer os que dele se acercavam, agradecia sempre o óbulo recebido com estas significativas palavras; "Quem bem faz, para si é".

Havia então uma casa que achava esse agradecimento um tanto desagradável e conceberam, um dia, a malfadada ideia de envenenar o ermitão.

O macabro projecto foi executado, envenenando um bolo que ele, ao recebe-lo, agradeceu com as referidas palavras: "Quem bem faz,para si é".

Porém, ao voltar à sua guarida, encontra-se com um filho da dita casa, que andava à caça e que foi surpreendido por uma violenta trovoada e se acerca da capela na esperança de se acolher debaixo de seu tecto.

Cheio de fadiga e de fome, pede comer ao ermitão. Este dá-lhe o bolo que recebera em casa dos pais, dizendo:

— Não tenha receio de comê-lo, pois o recebi das mãos da vossa mãe.

Sentindo-se então, depois de comer o bolo, um tanto incomodado, regressa rapidamente a casa. A mãe, ao vê-lo lívido e desfigurado, abraça-o, interrogando-o sobre a causa do seu mal-estar. O filho conta o sucedido. Ao ouvir-lhe a revelação, que lhe dilacera o coração, cai de joelhos a seus pés, exclamando:

— Perdão, meu filho; sou eu que, albergando a malévola intenção de assassinar o ermitão, te assassino a ti. Deus castiga a minha maldade no que mais caro tenho no mundo.

Passados três dias, o cadáver do desditoso caçador baixava à sepultura e sobre aquela mãe ficou pesando sempre o remorso de um crime, cumprindo-se a predição do venerável ermitão quando agradecia a esmola recebida:

"Quem bem faz, para si é".

ANTÓNIO DE JESUS DE CARVALHO (Bica)

(1) Para provar a veracidade deste facto, ainda hoje se vêem as ladeiras das montanhas de S. Lourenço e Souto do Concelho completamente cobertas de pedras negras e queimadas, que provam bem terem saído da cratera de um vulcão.

NOTAS COMPLEMENTARES

Não se sabe de quando data a Capela de S. Lourenço, construída no cimo do monte que tem também o seu nome e donde se disfruta um dos mais belos panoramas que a Serra oferece.

No velho e carcomido tecto da capela podem ler-se as seguintes inscrições:

"FOI REEDIFICADA ESTA CAPELA EM 1612 SENDO ERMITA DOMINGOS DIAS"

"COM A DIRECÇÃO DE MANOEL DA CRUS FILIPE, FOI REFORMADA EM 1875"

"DEVOÇÃO DE MARIA JOSÉ LEITÃO, POR ÚLTIMA VONTADE DE SEU IRMÃO ANTÓNIO JOSÉ LEITÃO".

Do lado direito da mesa do altar ficou também inscrita esta interessante informação:

"TEM A LADEIRA DO PENDIL A S. LOURENÇO 2620 PASSOS E FOI ACABADA A TORRE DE SANTA MARIA NO MESMO DIA DESTA CAPELA A 4 DE 12 DE 1875"

Mais se arquiva neste livro, à data da sua publicação, que esta preciosa relíquia do nosso património cultural e religioso, bastante degradada por acção do tempo e das intempéries, vai ser submetida a obras de restauro que a respeitarão na sua rusticidade típica.

Muito louvavelmente, a Câmara Municipal tomou a seu cargo a elaboração e execução do projecto de obras.

O COORDENADOR

LENDA DO SENHOR DO ESQUIFE DE SANTA MARIA — MANTEIGAS

"Na antiquíssima vila de Manteigas, que já existia no tempo dos Romanos, muito há que nos deixa encantados, como uma das mais curiosas e pitorescas terras da região maravilhosa da Serra da Estrela.

Uma modesta igreja ali foi erguida há muitos anos: a de SANTA MARIA.

Na soleira da porta, isso demonstrando que é um templo velhíssimo, notam-se os restos de uma inscrição em latim, ilegível, pois lhe faltam bastantes letras. Segundo a tradição, é uma lápide mandada fazer pelo imperador romano Júlio César, para deixar assinalada a sua estadia ali, à frente das suas tropas,pelos anos 3954 — cinquenta anos antes de Cristo.

Na bonita igreja avulta um Senhor do Esquife que o povo sempre venera e tem como inegualável tesouro da Vila de Manteigas. Todos, e com as mais justificadas razões, consideram essa muito antiga escultura como admirável. É perfeita e bela, de traços magníficos, apontados como impecáveis de verdade. Tem uma cabeça caprichosamente trabalhada, rosto mostrando-se amargurado, e lábios entreabertos. Tudo a revela como uma obra escultural de excepcionais aspectos, e que teria sido executada por um artista de grandes méritos.

Perante o Senhor do Esquife o povo faz, constantemente desde sempre, as suas orações e promessas. Anotando a sua existência nessa Igreja de Santa Maria, há que pôr em evidência que, sendo uma obra maravilhosa que merece a maior admiração, é um trabalho feito por um homem habitante de Manteigas, um tanto rude e da maior simplicidade, mas de fé profunda e da mais expressiva sinceridade.

Pacientemente e animado pelos melhores pensamentos e sentimentos religiosos, conseguiu, com extraordinária habilidade e, porque não dizer (?), com espírito artístico invulgar e notável, transformar um velho tronco de árvore nessa obra em tudo digna de apreço.

A devoção com que homens, mulheres e jovens, fazem as suas preces perante o Senhor do Esquife, dá ao encantador trabalho um significado muito especial, recordando-se, inúmeras vezes, que o tal homem do povo, logo que concluiu a obra, constantemente e com fé a fitava repetidamente, possivelmente com a ideia de lhe dar ainda maior perfeição.

Aconteceu, então, no dizer da lenda e das falas populares, que viu, em dado momento, o Senhor erguer um pouco a cabeça, olhando-o com grande ternura, após o que se lhe dirigiu com estas palavras:

"Onde me miraste, que tão bem me retrataste, homem? Dentro de três dias, estarás comigo no Paraíso".

Confundido, espantado e sentindo fortalecida a sua fé, afastou-se, pouco depois, e contou a várias pessoas o que se tinha passado. Muita gente entrou, depois, na sua casa, com a ideia de ouvir também o Senhor. Quando o humilde homem lhe pediu para falar de novo, os que ali estavam notaram, espantados, que o Cristo abriu ligeiramente os olhos e principiou a sorrir. Perante isso, logo se ajoelharam,

e o modestíssimo artista, abraçando-se ao seu Senhor, cai morto, debruçado sobre a sua mesa de trabalho.

A casa lá está ainda hoje, em Manteigas, na chamada Rua da Praça".

NOTA — Este é o texto integral recolhido de um recorte do jornal de que não foi possível extrair o título nem a data. A publicação inseria-se num concurso que tinha por título "LENDAS DE PORTUGAL". Há que fazer algumas rectificações e actualizações relativamente a este original. Assim:

a) — Já não existe a "modesta igreja" que na lenda é referida, pois, entretanto, foi reconstruida e totalmente remodelada entre os anos 1935/1937;

b) — Em consequência de tais obras, e por manifesta incúria e desprezo por um importante documento histórico em pedra, foi lançada nos alicerces a lápide que, segundo a tradição, foi mandada executar pelo imperador romano Júlio César pelos anos 3954, isto é, 50 anos antes de Cristo;

c) — Já não existe a casa do milagre do Senhor do Esquife, por, entretanto, ter sido demolida e sacrificada pelo moderno plano de urbanização da Vila.

Todavia, existe ainda a mesa de trabalho onde o artista trabalhou a imagem milagrosa, fazendo actualmente parte do recheio da casa pertencente aos herdeiros de Dr. José Correia Tanganho (Granjas), sita na rua do mesmo nome.

Não cabe aqui afirmar categoricamente, nem ninguém o poderá atestar, onde acaba a lenda e começa a "vaga verdade baseada na tradição local".

Seja como fôr, aqui fica reproduzida, para as gerações futuras, a que pode, entre várias outras, ser considerada a lenda mais comovente de Manteigas, que até nós chegou através de muitas gerações passadas, ficou e será sempre conhecida pela "LENDA DO SENHOR DO ESQUIFE DE SANTA MARIA DE MANTEIGAS".

III PARTE

S A M E I R O

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

S A M E I R O

(MANTEIGAS)

Religiosamente, freguesia de SÃO JOÃO BAPTISTA, trata-se de uma povoação com algumas milenárias características sertanejas.

Conta cerca de 600 habitantes residentes (excluindo, pois, a população emigrante), e dista de Manteigas 6 quilómetros, sendo, sob o ponto de vista administrativo, a terceira freguesia (além das duas da vila) formando o conjunto das três o concelho de MANTEIGAS, um dos mais pequenos do País em dimensão, mas não igualmente pequeno na sua importância, consideradas que sejam as várias facetas sob as quais pode ser apreciado.

Uma antiga versão popular em que a tradição se confunde com a lenda e a ficção, faz derivar o nome de Sameiro do facto (?) de, em eras passadas, uma horda de invasores, que pretendeu subir pelo Vale do Zêzere em missão de exploração e conquista, ter deparado, por alturas da Figueira Brava, com intransponível dificuldade, devido à barreira da passagem que os de cima lhe tinham feito, fazendo rolar pela encosta enormes pedregulhos, o que obrigou os exploradores a desistir do prosseguimento da marcha.

Concluiram os invasores que, devido a tal barreira, ninguém jamais se teria atrevido a passar dali para cima, pelo que não devia haver mais sítio povoado para o interior da Serra, no que se enganavam redondamente.

Assim, julgando ser a última povoação que haviam explorado, lhe terão posto o nome de "Povo Cimeiro" ou "Simeiro", donde terá derivado o nome de Sameiro.

Refira-se que este trabalho não se poderia considerar completo e perfeito se excluíssemos das suas páginas algumas notas históricas e etnográficas relativas a esta Povoação.

A seguir se reproduzem essas notas, numa justa homenagem ao valioso tributo humano pelas suas gentes em vista à promoção social, cultural, política e económica do concelho de MANTEIGAS.

Saídos da pena prolífera de JOSÉ BISCAYA RABAÇA, de que Sameiro se honra ter sido berço, se transcrevem os três artigos que se seguem e foram extraídos do Jornal "Estrela da Beira" nas datas devidamente assinaladas no final de cada um dos trechos:

S A M E I R O
Subsídios para a sua História

"Sameiro, a única aldeia pertencente ao Concelho de Manteigas, diz a tradição que já existia nos tempos em que a gente da Mourama dominou em terras da Península Ibérica.

Os arquivos são avaros em referências, mas prova-se, porém, que nos fins do século XII ou princípios do século XIII, foi doada pelo seu donatário, D. Moninho Rodrigues, à Ordem Militar de Malta, conforme nos diz Anastácio de Figueiredo na sua "HISTÓRIA DA NOVA MALTA":

> ".... da herdade que tinha ê Covilhã conué a saber:
> casas, vinhas e outras herdades, Fernão Perez e sua molher,
> da sua herdade avelaal; DOM MONINHO rroiz, da aldeya de
> Zameiro e de quanto tinha em Tavares".

"A Ordem de S. João de Malta, diz um cavaleiro de Aviz, parece haver sido fundada nos últimos anos do século XI, por alguns piedosos mercadores napolitanos que mantinham, a expensas próprias, na cidade de Jerusalém, um Hospital onde carinhosamente recolhiam e tratavam os peregrinos enfermos, e que notavelmente se desenvolveu logo que a cidade santa foi conquistada aos sarracenos pelos

cruzados de Alfredo de Boullion, em 1099. O patrono parece ter sido S. João Baptista de cuja invocação era o Hospital de Jerusalém".

A Ordem foi enriquecendo, sucessivamente, em vários países da Europa, em virtude de doações feitas por devotos que simpatizavam com os seus fins beneficentes. Este mesmo motivo teria levado D. Moninho Rodrigues a doar-lhe parte dos seus haveres.

Os habitantes de Sameiro encontravam-se, por isso, desde o século XII, na dependência da Comenda de Covilhã, pertencente àquela Ordem, e como tal, gozavam e tinham os mesmos privilégios concedidos pelos Sumos Pontífices e reis de Portugal à Religião de Malta.

O seu orago era o de S. João Baptista e o cura apresentava-o anualmente ao Comendador da Covilhã. Este emprasava as terras e recebia os foros por conta da Comenda, as despesas relativas ao culto religioso, incluindo a maior parte dos honorários do pároco, isto é, quinze mil reis em dinheiro, que representavam metade da côngrua, e mais dois alqueires de trigo, dois almudes de vinho e a cêra necessária para o culto nos domingos e dias Santos. A outra parte da côngrua era paga pelo povo.

Sameiro tinha limites próprios que ainda hoje conserva, mas pertencia ao termo da Covilhã, a cujo Juiz de Fora estava sujeito o seu Juiz privativo.

Em 1758 a sua população era constituida por 122 almas, divididas pelos seus 41 fogos. Este número eleva-se a 220 quando Pinho Leal publicou o seu "PORTUGAL ANTIGO E MODERNO".

Sameiro pertenceu sempre à diocese da Guarda e à antiga província da Beira e, mais tarde, ao distrito daquela cidade. Fez parte do concelho de Valhelhas até à sua extinção, passando nesta altura para o concelho de Manteigas. Por este motivo, pouco tempo depois, foi incluida na Comarca de Gouveia, pertencendo anteriormente à Comarca da Guarda.

Alguns anos depois regressou, bem como todo o concelho, à Comarca Egitaniense e deve haver uns vinte anos voltou de novo a fazer parte da comarca de Gouveia.

A aldeia propriamente dita figurava em trângulo, tendo por lados a actual rua Direita, rua do Forno e aquela que, passando junto do adro da Igreja, serve de ligação a estas duas.

A capela de Santa Eufêmia e a residência paroquial, diz o Rev.do Padre Luiz Abrantes de Almeida na sua "Memória sobre Sa-

meiro", ficavam já fora da povoação, e esta, acrescenta o referido eclesiástico, distava do rio Zêzere dois tiros de bala de espingarda.

As suas pruduções principais eram, na época em que aquela Memória foi escrita, milho, centeio, feijão, castanha, vinho, azeite, cera, mel e queijo de cabra. A serra era abundante em caça, sobretudo em coelhos e perdizes, e o rio fornecia afamadas trutas, bordalos, eirozes e alguns barbos e bogas.

No terramoto de 1755 nada se registou de anormal, apenas tendo caído uma bola de pedra da pirâmide existente na parte esquerda do campanário da igreja.

Todas as terras cultiváveis, com suas encostas vertentes até às alturas, se encontravam no regime de "prazos", quase sempre nominativos. Apenas a Serra de Bois era livre, ali podendo apascentar seus rebanhos todos os criadores de gado da aldeia.

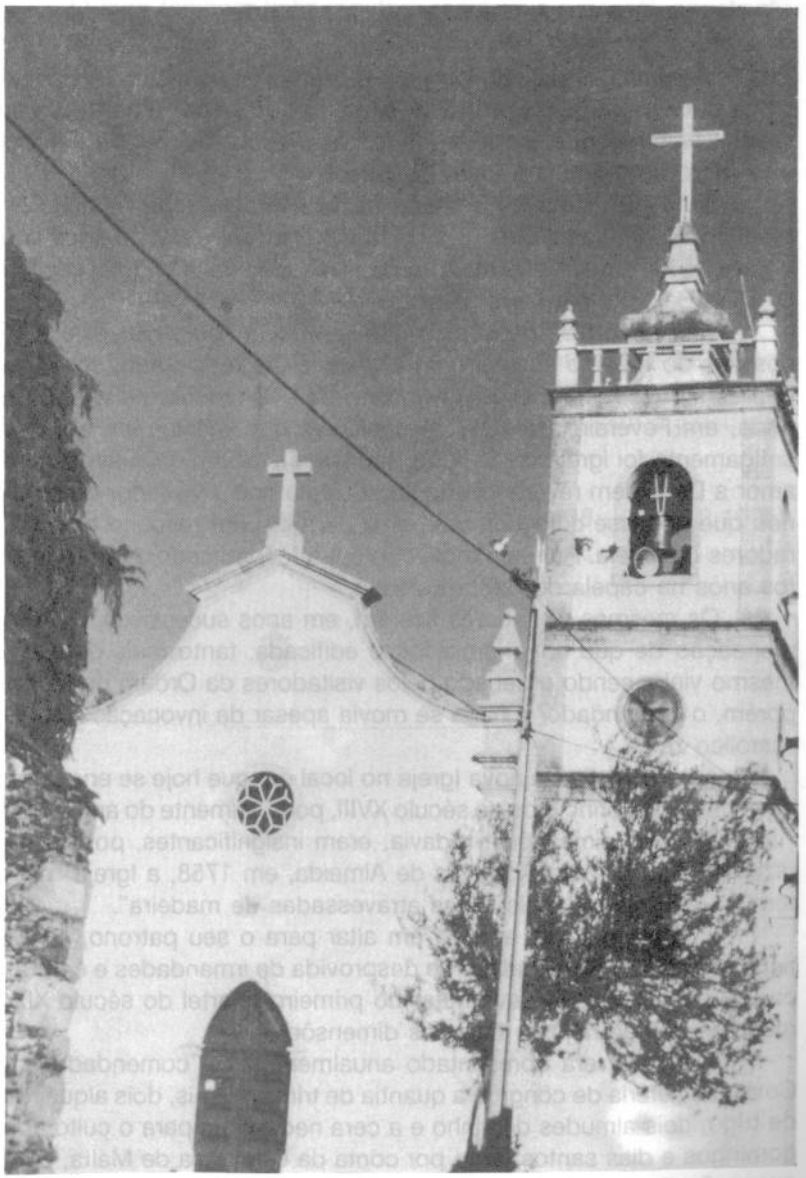
A reforma liberal extinguiu as Comendas da ordem de Malta, "em benefício da lavoura e dos lavradores", conforme escreve Tomaz Ribeiro na "História da Legislação Liberal Portuguesa".

Por este motivo, os "prazos" foram remidos e alguns deles foram instituídos vínculos — conjunto de bens inalienável que se transmitiam indivisivelmente, aos sucessores, em geral aos primogénitos.

Este regime vincular, que ainda hoje encontra ferverosos defensores entre sábios economistas, foi extinto em Portugal no reinado de D. Luiz I.

Manoel Biscaya João foi, em Sameiro, o último morgado.

Do "Estrela da Beira" N.º 51 (10-4-1932)



Igreja de Sameiro

A IGREJA DE SAMEIRO

"A primitiva Igreja de Sameiro foi edificada no alvorecer da nacionalidade portuguesa, em sítio ainda mal definido, mas que, por judiciosas deduções, poderemos localizar a um terço do caminho que liga o adro actual à fonte de S. João.

A antiga aldeia de Sameiro foi doada pelo seu donatário D. Moninho Rodrigues à Ordem de S. João Baptista de Malta, nos fins do século XII, e deve ser esta a verdadeira razão de ter sido escolhido S. João Baptista para seu orago.

Nos princípios do século XVII já aquela igreja não existia e, nos fins do mesmo século, nem o local já era respeitado, como se depreende da notícia exarada no livro dos visitadores eclesiásticos onde, em Fevereiro de 1698 se declarava que "no terreno em que antigamente foi igreja de S. João Baptista se faziam chiqueiros, sem amor a Deus nem reverência do lugar", pelo que o visitador determinou que ali fosse colocada uma cruz para inspirar respeito aos moradores da aldeia. Por este motivo, o culto foi praticado durante muitos anos na capela de Santa Eufêmia.

Os mesmos visitadores fizeram, em anos sucessivos, a recomendação de que nova igreja fosse edificada, tanto mais que isso mesmo vinha sendo ordenado pelos visitadores da Ordem de Malta; porém, o comendador a nada se movia apesar da invocação do seu "católico zelo".

A construção da nova Igreja no local em que hoje se encontra, deve datar dos princípios do século XVIII, possivelmente do ano 1700.

As suas dimensões, todavia, eram insignificantes, porque no dizer do cura Luiz de Abrantes de Almeida, em 1758, a Igreja "nam tem naves e só tem seis linhas atravessadas de madeira".

A Igreja possuia apenas um altar para o seu patrono, e não tinha sacrário, sendo igualmente desprovida de irmandades e confrarias. A sua ampliação deve datar do primeiro quartel do século XIX, mantendo ainda hoje as mesmas dimensões.

O pároco era apresentado anualmente pelo comendador da Covilhã e auferia de côngrua a quantia de trinta mil reis, dois alqueires de trigo, dois almudes de vinho e a cera necessária para o culto nos domingos e dias santos, tudo por conta da Comenda de Malta, com excepção de metade daquela importância em dinheiro, que era paga pelo povo.

O cura também tinha direito a residência e passal, aquela situada meia dúzia de metros ao norte da actual Igreja, e o passal uns duzentos metros a poente.

No terramoto de 1755 nada se registou de anormal, apenas tendo caído uma bola de pedra existente na parte esquerda do campanário da Igreja.

A Igreja de S. João Baptista não tinha capelas anexas, pertencendo à Ordem de S. João Baptista de Malta, que sobre ela exercia toda a jurisdição.

No entanto, Sameiro possuia, desde eras muito remotas, a linda capela de Santa Eufêmia, propriedade dos fiéis da freguesia.

A reforma liberal, com a extinção das comendas da Ordem de Malta, fez ingressar a Igreja de Sameiro no património dos bens nacionais, ficando desde essa data unicamente sujeita à jurisdição da diocese egitaniense".

Do "Estrela da Beira" — N.º 138 — (29-12-1935)

A CAPELA DE SANTA EUFÊMIA

"A data da primitiva edificação da capela de Santa Eufêmia é difícil de estabelecer, sem receio de errar. Deve remontar, por certo, a época muito distante, visto que a primeira imagem da Santa se encontrava já deteriorada no ano de 1696, que foi ordenado o seu enterramento pelas competentes autoridades eclesiásticas, conforme se desprende do seguinte certificado:

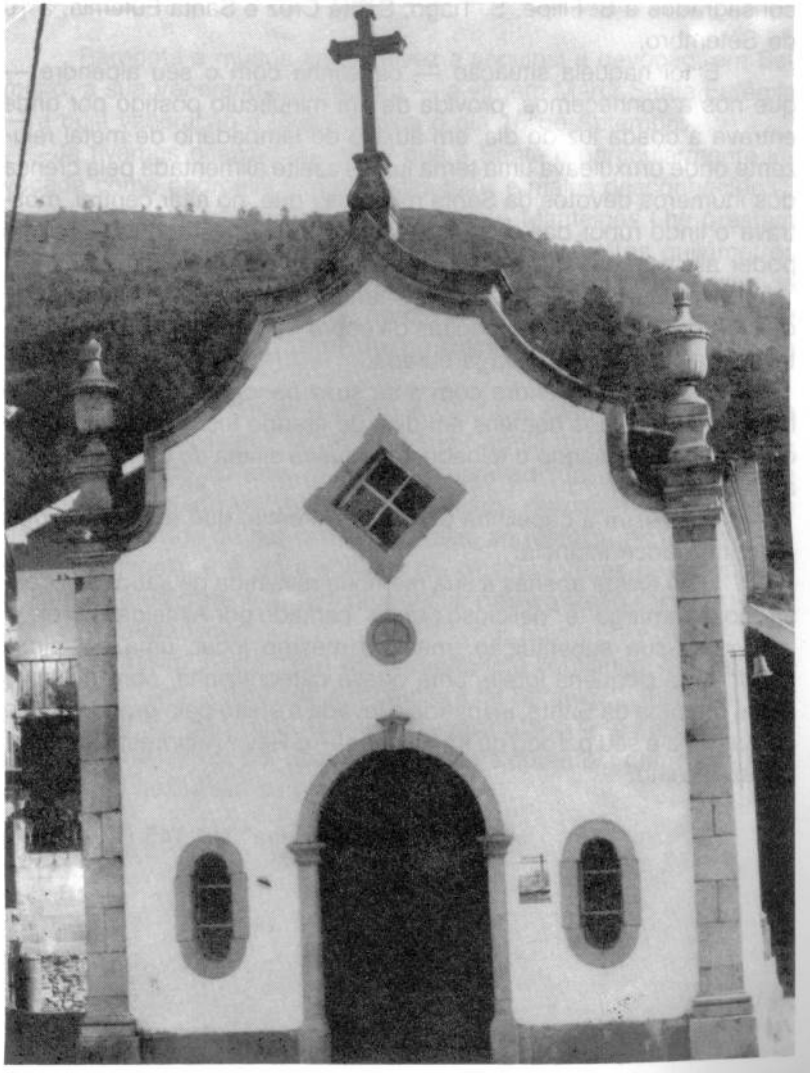
"Em cumprimento de um capítulo da vizita do ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Dom R.º de Moura Telles, Bispo deste Bispado da Guarda, certifico, Eu, o Padre Manoel Roiz Esgalhado, natural da Villa de Manteigas, cura desta igreja de Santa Eufêmia, do logar de Sameiro, que eu levei a imagem antiga de Santa Eufêmia para a Igreja de Santa Maria da Villa de Manteigas, e nela a sepultaram com as imagens de S. Braz e Santa Catharina, da mesma igreja, e que estão sepultadas junto à porta da tribuna, da parte de fóra e junto à parede da capella maior, da parte direita, e por me ser mandado fiz este termo que assinei. Sameiro, hoje 25 de Dezembro de 1696 Anos. O cura Padre Manoel Roiz Esgalhado".

Sabe-se, porém, que serviu de sede do culto durante a segunda metade doséculo XVII. No ano de 1690 praticava-se ali o culto oficial, como se deprende não só dos registos paroquiais mas de uma ordem do visitador dicesano, determinando que a ermida de Santa Eufêmia fosse ampliada de forma a poder receber todos os fiéis do Lugar.

A porta deveria ficar voltada para a aldeia, e a primitiva ermida seria destinada a capela-mór. Assim se evitaria, declarou a mesma Autoriadde que os crentes, durante a prática do culto, permanecessem sugeitos às intempéries do tempo.

Estas instruções não foram rigorosamente observadas porque a capela foi mantida na posição inicial, acrescentando-se-lhe apenas um alpendre, não na direcção delineada pela autoridade eclesiástica mas sim no prolongamento da fachada principal.

A prática do culto na capelinha de Santa Eufêmia levou por vezes os curas da aldeia a escriturarem os registos dos baptizados, casamentos e óbitos como pertencendo à freguesia de Santa Eufêmia, omitindo assim o nome verdadeiro da freguesia de S. João Baptista. Este facto levou os funcionários do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, encarregados dos registos paroquiais de S. Vicente (Lisboa) a colocarem aqueles livros junto dos que dizem respeito à freguesia de Santa Eufêmia do Concelho do Sabugal, tornando-se por isso impossível a sua consulta para trabalhos de investigação. O acaso deparou a um meu amigo este erro de catalogação, que pôde ser imediatamente remediado.



Capela de Santa Eufêmia de Sameiro

Santa Eufêmia, milagrosa, é padroeira de "nascidas ruins e males desconhecidos", sendo muito elevado o número dos seus devotos que em romagem visitam a sua capelinha em vários dias do ano, sobretudo em Domingo de Páscoa, Espírito Santo, e nos dias consagrados a S. Filipe, S. Tiago, Santa Cruz e Santa Eufêmia, a 16 de Setembro.

E foi naquela situação — capelinha com o seu alpendre — que nós a conhecemos, provida de um minúsculo postigo por onde entrava a coada luz do dia, em auxílio do lampadário de metal reluzente onde bruxuleava uma terna luz de azeite alimentada pela crença dos inúmeros devotos da Santa milagrosa que, no altar central, mostrava o lindo rubor das suas faces, como que envergonhada de não poder aliviar todas as dores que confragiam a Humanidade.

Na base do postigo havia a fenda estreita do mealheiro onde os crentes lançavam as moeditas de cobre — humilde reconhecimento pela graça duma ferida já curada.

Cá fora, o alpendre com a sa suas bancadas de granito — o local destinado aos homens em dias de grande festividade. Na parte cimeira, ultrapassando o telhado, a pequena sineta de bronze de som alegre e festivo.

Era assim a capelinha de Santa Eufêmia, que recorda os dias da minha doce infância.

Hoje existe apenas a sua memória revestida de saudades desse "gosto amargo" e "delicioso pungir" cantado por Almeida Garret.

Em sua substituição, mas no mesmo local, uma capelinha maior, uma pequena igreja, uma quase catedralzinha, obra do povo e dos devotos da Santa, inspirada e levada a efeito pelo grande amigo de Sameiro e seu pároco de há 40 anos — o Rev.º Arcipreste Zacarias Lucas Coelho.

Do "Estrela da Beira" N.º 145 (12-4-1936)

SANTA EUFÊMEA NA TRADIÇÃO RELIGIOSA DE SAMEIRO

(Manteigas)

Remonta a muitos anos (talvez a séculos) a devoção, em Sameiro, à sua Veneranda protectora — a virgem Mártir Santa Eufêmia — a cuja veneração a Igreja dedica o dia 16 de Setembro.

Já tivemos ocasião de referir que a Santa é particularmente invocada como padroeira de "nascidas ruins e males desconhecidos"; por isso, não só particularmente Sameiro e Manteigas Lhe prestam devota homenagem, mas também as Terras de muitos quilómetros em redor e outras de muito longe, de todas elas afluindo grande número de devotos, sobretudo no dia da sua Festa, a qual é sempre celebrada, com grande luzimento, no Domingo a seguir ao dia 16 de Setembro.

E não é só nesse dia que a Santa é venerada, pois que a fama dos seus milagres faz afluir à sua Capela muitos devotos também no decurso do ano, ali vindo cumprir as suas promessas, que vão desde a oferta de velas, braços, mãos, pernas, pés e cabeças de cera, à dávida de generosas esmolas, ao rastejar, de joelhos, em volta da Capela, e à ida e volta, a pé, quantas vezes desde muitos quilómetros de distância, sem pronunciar palavra a não ser para rezar, implorar e agradecer!

E é assim, neste clima de piedade, fé e confiança, que cresce, de ano para ano, a devoção à Protectora de Sameiro, a Virgem Mártir Santa Eufêmia, cujo Hino, que se reproduz a seguir, é cantado, com o maior entusiasmo, por ocasião da Festa e durante a grandiosa Procissão que nesse dia se realiza.

HINO

Letra do Dr. ZEFERINO GASPAR
Sameiro (Manteigas)

Música de JOÃO MARCOS
Regente da "Banda Boa União"
(Manteigas)

Santa Eufêmia, donzela bendita,
Que em martírio e pureza brilhaste,
Roga a Deus que tenhamos a dita
De guardarmos a Fé que exaltaste.

Também hoje perseguem a Igreja,
Fora e dentro, os agentes do mal;
Santa Eufêmia, venceio-os e à inveja
Que procura arruinar Portugal.

CÔRO

NESTAS DOBRAS DA SERRA DA ESTRELA,
TEUS DEVOTOS NO HUMILDE SAMEIRO,
TE SUPLICAM EM PRECE SINGELA
QUE PROTEJAS O TEU POVO INTEIRO.

Bens terrenos e glórias mundanas
A tua alma inocente tentaram,
Mas do mundo as delícias profanas
Teu amor por Jesus não roubaram!

Aos romeiros, que vêm piedosos,
Bem de longe, seus votos cumprir,
Fá-los sempre na vida ditosos
E, com fé, Deus amar e servir.

Na voragem dos tempos ficou
Feita em pó a impiedade pagã;
Mas de luz o teu nome brilhou,
Como a aurora ao abrir da manhã!

Nestas dores que todos sofremos,
Santa Eufêmia, por nós roga a Deus,
E contigo depois cantaremos
Os divinos louvores nos Céus.

SANTA EUFÊMIA NA TRADIÇÃO POPULAR DE SAMEIRO

(Manteigas)

Para não fugir à regra que, sobretudo em meios com algumas características sertanejas, mantém e alimenta, em relação aos seus Santos Padroeiros, tradições populares a par de outras religiosas, num misto de religiosidade e profano que, bem no fundo, apenas "Fé", Sameiro mantém intacta uma tradição popular antiga em relação à sua Santa Eufêmia, a qual consiste no ajuntamento do Povo em volta da Capela, na noite da véspera do dia consagrado pela Igreja à Santa (16 de Setembro), cantando quadras de tradicional sabor popular como estas:

Milagrosa Santa Eufêmia,
Dizei-me: onde morais?
— À entrada de Sameiro,
No meio dos olivais.

Guardai a minha azeitona,
Não ma comam os pardais;
Comam uma, comam duas,
Comam três, não comam mais.

Milagrosa Santa Eufêmia,
Arrendai-me a "Amoreirinha".
Aqui tendes o dinheiro,
A folha é toda minha.

Milagrosa Santa Eufêmia,
Pelo vosso valimento
Livrai-nos de todo o mal
E de todo o sofrimento.

Santa Eufêmia de Sameiro,
Ouvi nossas orações;
Atendei os nosos rogos,
Despachai nossas petições.

Milagrosa Santa Eufêmia,
Aqui tendes a devota
A quem vós destes a vida,
Estando ela quase morta.

Milagrosa Santa Eufêmia,
O vosso altar tem fitas.
Nossa Senhora da Póvoa
manda-vos muitas visitas.

Milagrosa Santa Eufêmia
Está olhando p' rá porta
Para ver se vê entrar
Alguma sua devota.

Milagrosa Santa Eufêmia,
Á vossa porta me sento;
Cansadinha do caminho
Chamai-me lá para dentro.

Milagrosa Santa Eufêmia,
À vossa porta me empino;
Miro-me nos vossos olhos
Como num espelho fino.

Milagrosa Santa Eufêmia,
Que tendes na mão uma luz:
É a palma de Maria
E o livro de Jesus.

Milagrosa Santa Eufêmia
Tem uns sapatinhos brancos
Para passear no Céu
Domingos e Dias Santos.

De Santa Eufêmia Bendita
Seus louvores cantemos
Para que se compadeça
Dos males de que sofremos.

Lá do Império Celeste
Volvei um doce olhar
Sobre os vossos devotos
Junto ao vosso altar.

Santa Eufêmia que se venera na sua linda capela em SAMEIRO - Serra da Estrela

RANCHOS FOLCLÓRICOS DE SAMEIRO

Por voltas de 1943, fundou-se em Sameiro um Grupo de Teatro e Música, de quem era ensaidor Manuel Tacanho, sendo este Grupo baptizado com o nome de "Música da Cana".

Decorrido algum tempo, e devido a certas divergências, formaram-se no seio do Grupo dois Partidos, tendo esta cisão trazido como consequência dividirem-se os elementos, formando um Grupo, o "RANCHO DA FREGUESIA DE SÃO JOÃO BAPTISTA" e, mais tarde, o outro Grupo a formar o "RANCHO DA CRUZ DE CRISTO". Também ficaram a ser conhecidos por "Rancho Velho" o primeiro, e por "Rancho Novo", o segundo.

Os principais dirigentes e animadores foram: António Biscaia Paiva (o Regedor), do primeiro; Rosa da Graça Oliveira (a Professora), do segundo.

Fruto duma certa rivalidade entre ambos, rivalidade acicatada pelo segundo contra o primeiro, a verdade é que ambos singraram, talvez por isso mesmo, tendo tido, qualquer deles, brilhantes exibições.

Graças a estes dois Grupos, bastante beneficiaram algumas obras de carácter social e religioso em Sameiro, tendo particularmente contribuido para as obras de restauro da Igreja.

Sem terem atingido a maioridade, ambos os Ranchos vieram a extinguir-se por volta de 1955.

O RANCHO DA FREGUESIA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

(Rancho Velho)

Este Rancho fez a sua pimeira aparição no Cortejo de Oferendas a favor do Hospital, no ano de 1944. Aproveitando a ocasião para, de uma forma muito original, Sameiro apresentar as suas reivindicações aos poderes municipais, cantavam assim na sua primeira Marcha:

Manteigas tem para tudo,
Sameiro para nada tem;
Noites de escuro cerrado,
Não se conhece ninguém.

O prometer nada custa,
Nós damos para esta Festa.
Nosso Sameiro precisa
De água e luz eléctrica.

CORO

Vamos cantando
Lindas cantigas
Alegremente,
Ó Raparigas.
Nossas canções
São de agradar,
Passa-se a vida
Sempre a cantar.

Temos muros levantados,
Sameiro até se assusta;
Temos uma ponte nova,
Mas é tudo à nossa custa.

Vamos cantando cantigas,
Sameiro, sempre coitado,
É a vontade que tem,
Mas vive muito desprezado.

CORO

Vamos cantando
Lindas cantigas
Alegremente,
Ó Raparigas.
Nossas canções
São de agradar,
Passa-se a vida
Sempre a cantar.

OUTRAS CANTIGAS DO "RANCHO VELHO"

VIRA DE SAMEIRO

Letra e Música de
Padre Zacarias Lucas Coelho,
Que foi Pároco em sameiro.

Sameiro andou, até que achou
Um lugar junto ao Rio,
E mui prazenteiro.
E, desde então,
Nunca mais se ouviram
Ais de aflição
Desde o Cruzeiro
À Malhada Do Tendeiro.

CORO

Olha um Povo
Tão folião,
Sempre a festejar
O São Martinho.
Pode haver animação,
Mas, sem vinho...
Não.

Sameiro dorme
Recostado à terra sua
E às vizinhas rosas e papoilas
Em Maio floridinhas.
Também há com abundância
O roxo rosmaninho
Que nos traz à lembrança
A Província lá do Minho.

CORO

VIRA DO CORAÇÃO

Se prometes não casar,
Perdes a aposta, Ó Maria;
Já te vi a namorar
C' um rapaz na romaria.

CORO

O Vira do coração
Roda sem parar;
Ai! vira como um pião
E torna a virar.

Dizias que não gostavas
Do filho do Zé Morgado;
Inda ontem tu andavas
Com ele de braço dado.

CORO

.....

CANÇÃO DA PASTORA

Sou pastora, sou pastora, ó ai,
Sou pastora, guardo gado;
Às vezes, também sou cantora, ó ai,
Minha flauta é o cajado.

Minha flauta é o cajado, ó ai,
Com que defendo das feras
O meu rebanho de gado, ó ai,
Que ando a guardar nestas serras.

Que ando a guardar nestas serras, ó ai,
Sózinha, só Deus e eu;
Meu corpo vive na Terra, ó ai,
Ninh'alma perto do Céu.

Na Serra, o que mais se sente, ó ai,
São saudades do amor;
O leite é branco p'rá gente, ó ai,
Só é negro p' ro pastor.

RAPSÓDIA

Aqui se cantá,
Aqui se dançá,
Aqui se joga a laranjinha,
Aqui se juntam aos pares
P' ra formar uma rodinha

Lá lá lará, lá lá lará, lá lá lará.

São tão bonitas
As acarvoeiras,
São tão catitas
As feiticeiras!
Oh! que belo Rancho,
Viva a mocidade.
Cantai, Raparigas:
Viva a liberdade.

Mariana, costureira,
Sua agulha lhe picou;
Não é nada, não é nada,
Ao coração lhe chegou.
Ó ai, ó ai, meu bem;
Mariana era esperta,
Não se fiava em ninguém.

Fui à fonte p'ra te ver,
Ao rio p'ra te falar;
Nem na fonte nem no rio
Fui capaz de te encontrar.

Bate, padeirinha,
Saiba pôr o pé na areia;
Bate, padeirinha,
Meu amor ' stá na cadeia

Bate, padeirinha,
Saiba pôr o pé no chão,
Bate, padeirinha,
Meu amor ' stá na prisão.

RANCHO DA CRUZ DE CRISTO

Honrando o dístico do seu estandarte, que tomaram por lema nas palavras e nas acções, cantavam assim, animadamente, na sua Marcha que tinha por título "ÀLERTA ÀLERTA!...".

Àlerta, Àlerta!...
Olá, quem passa?
Que imensa graça,
Almas tão cheias de vida!
Somos soldados de Cristo-Rei,
Vamos para a luta
A cantar de fronte erguida,
Da fronte erguida.
Almas ardentes,
Puras e crentes,
Vamos para a lida
A sonhar num ideal.
Somos cristãos,
Somos irmãos.
Vai dar a Deus
Este Jardim de Portugal.

RANCHO "OS MALMEQUERES DE SAMEIRO"

Em data mais recente, fez a sua aparição um novo RANCHO FOLCLÓRICO que envida os seus esforços no sentido de ser digno continuador dos seus antecessores e nos vai deliciando com a magia dos seus cantares com sabor a malmequer do VALE DE SAMEIRO.

Foi o caso que Teresa de Jesus Carvalho Gonçalves se lembrou, um dia, de vir para a rua fazendo exibir um RANCHO de crianças da Escola Pré-Primária. De tal forma o facto despertou entusiasmo, que um grupo de jovens, rapazes e raparigas, saudosos dos velhos RANCHOS que naturalmente, nem conheceram, mas dos quais ouviam falar com interesse a seus pais, foi ter com a Teresa, pedindo-lhe a sua colaboração no sentido de os ajudar a lançar as bases de um

novo RANCHO de gente jovem. E foi assiom que nasceu, em Maio de 1983, o Rancho "OS MALMEQUERES DE SAMEIRO".

Alegremente, com a graça da gente nova de Sameiro e o seu gracioso romantismo, assim entoam os "MALMEQUERES" sua Marchas e cantigas:

MARCHA DE SAMEIRO

Freguesia de Sameiro, Terra de encanto,
Terra tão linda não há, não há.
É por ser bela que eu a amo tanto,
Nem que me paguem, me vou de cá.

CÔRO

EM TODA A BEIRA NÃO HÁ IGUAL,
POR ISSO A AMO COM AMOR PROFUNDO.
ÉS A MAIS BELA DE PORTUGAL,
MAIS PITORESCA DE TODO O MUNDO.

Freguesia de Sameiro, linda Princesa
Deste recanto da Beira-Serra,
És a mais bela. Tua beleza
Enche de encanto a toda a Terra.

Vamos andando de noiva ao lado,
Venha connosco a passear.
Nossa Senhora, Mãe de Jesus
Nos leve e traga ao seu altar.

Feguesia de Sameiro tem,
Tem raparigas que cantam e dançam bem,
A trabalhar em Festas ou Romarias,
Sempre cantando, tem sempre a alegria.

MARCHA DE S. JOÃO

Viva o Rancho beirão,
Que mete respeitosa vista.
Somos do concelho de Manteigas,
Da freguesia de São João Baptista.

CÔRO

VAMOS PEDIR A SÃO JOÃO,
QUE ELE NÃO NOS DIZ QUE NÃO.
O RANCHO ENFEITADO
SEM OLHAR P' RÓ CHÃO.

O povo cheio de vida
Por ter um Rancho muito alegre.
Somos da Serra da Estrela,
Onde cai a branca neve.

Este Ranchinho é nosso,
É da nossa freguesia,
Escolhido d' um a um,
Era o mais honesto que havia.

À beira do rio Zêzere
Canta o Rancho de São João
Com suas fardas alegres
Que encanta o coração.

VIRA DOS MALMEQUERES

Ao pobre do malmequer,
Antes que ninguém o saiba,
Até o foram escolher
Para o bordado da saia

CÔRO

DESFOLHEI O MALMEQUER
NO LINDO JARDIM DE SAMEIRO.
MALMEQUER, BEMMEQUER
QUAL DE NÓS CHEGA PRIMEIRO?

Ó malmequer, malmequer,
Ó malmequer, meu amado,
Quem me dera ser uma rosa
Para seres meu namorado.

O Vira do Malmequer
Não tem nada que errar:
É dar dois passos à frente
E continuar a rodar.

ÁGUA DA FONTE NOVA

A água da Fonte Nova
Ninguém a beba, que é minha,
Que a tirei esta noite
Dos olhos duma menina.

CÔRO

OLHOS TÃO LINDOS
QUE EU NUNCA VI,
FOI NESSES OLHOS
QUE EU ME PERDI.

Subi à Serra da Estrela
Contigo no pensamento;
Em companhia tão bela
Não tive frio um momento.

Subi ao Povo cimeiro,
Ladeirinha ao subir;
Quem não lhe tomar amor,
Cuidado... não vá cair.

BIBLIOGRAFIA

Foram fontes de consulta:

"TRABALHOS DE INVESTIGACÃO HISTÓRICA" — Dr. José David Lucas Batista

"REGIÃO DE MANTEIGAS" — Eng.º Augusto Barjona de Freitas

HISTÓRIA DE LANIFÍCIOS — Dr. Luis F. de Carvalho Dias

"BANDA BOA UNIÃO" — Cem anos ao serviço da Música — Dr. António de Carvalho Lucas
Joaquim Lucas Baptista

"FILARMÓNICA POPULAR MANTEIGUENSE"
— Um século ao serviço da DIVINA ARTE — P. António Gomes Neves
Manuel Lúcio Ferrão Neves

"A LÃ E A NEVE" — Ferreira de Castro

"NOSSA SENHORA DOS VERDES DE MANTEIGAS" — P. José Baylão Pinheiro

"MONOGRAFIA DA VILA DE SEIA" — P. José Quelhas Bigotte

"JORNAL "ESTRELA DA BEIRA" — José Biscaya Rabaça
José da Cunha Saraiva
Albino da Cruz Filipe
Lino Lopes

"JORNAL "ECOS DE MANTEIGAS" — J. Baptista Morais
Dr. José Lopes Ferrão
Dr. Guilherme Lopes
Alfredo Massano Pinheiro
Manuel Ferreira da Silva
António de Jesus de Carvalho (Bica)

INDICE **PÁGINAS**

DEDICATÓRIAS 5
PRÓLOGO 7
INTRODUÇÃO - MANTEIGAS 11

I PARTE

MANTEIGAS - Origens e História 19

CAPÍTULO PRIMEIRO

REMONTANDO AO PASSADO HISTÓRICO 19
O senhorio da vila de Manteigas 31
A Terra... O Povo... E a História 33
Domínio do Povo - Predomínio de Roma 35
Migalhas da História 39

CAPÍTULO SEGUNDO

A IMPRENSA LOCAL DESDE HÁ CERCA SE 60 ANOS 41
O "Estrela da Beira" 42
O "Ecos de Manteigas" 53
O "Notícias de Manteigas" 62

CAPÍTULO TERCEIRO

REBUSCANDO OS ARQUIVOS 63
Um Documento Histórico 63
Carta de El - Rei D. Manuel o Primeiro 63
Um Histórico Documento Camarário 67
Um polémico Documento Camarário 68
MANTEIGAS - Poeiras do Passado 69

CAPÍTULO QUARTO

MONUMENTOS 73
A Igreja de Santa Maria 75
A Igreja de S. Pedro 77
A Igreja da Misericórdia 81
A Casa das Obras 83
Capelas 86
Outros Monumentos 87

CAPÍTULO QUINTO

FIGURAS HISTÓRICAS DA VILA DE MANTEIGAS 89

CAPÍTULO SEXTO

ALGUMAS NOTAS SOBRE "ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, RECREATIVAS E DESPORTIVAS" DE MANTEIGAS 125
Círculo Católico 125
Club Autonomia 127
Sporting Club Estrela 128
O Desporto em Manteigas 129
Banda Boa União 132
Filarmónica Popular Manteiguense 144
Amigos da Serra da Estrela - ASE 152
Grupo de Teatro Amador de Manteigas - GTAM 153
Associação Desportiva de Manteigas - ADM 154
Centro Recreativo e Cultural de Santa Maria 154
Outras Associações 157

CAPÍTULO SÉTIMO

A INDÚSTRIA DE LANIFÍCIOS 159

I I PARTE

TRADIÇÃO E ETNOGRAFIA 165

CAPÍTULO OITAVO

A TRADIÇÃO NA ALMA DA NOSSA GENTE 167
O Senhor do Calvário 169
Nossa Senhora da Graça 177
Nossa Senhora dos Verdes 184
A Tradição no Romantismo religioso e familiar do Natal 198
Tradição Popular 211
Os Oragos das nossas Capelas na Tradição e na Lenda 217

CAPÍTULO NONO

O NOSSO FOLCLORE 219
Viriato no nosso Folclore 222
A Poesia popular no nosso Folclore 228
Ranchos Folclóricos 241

CAPÍTULO DÉCIMO

A LENDA NA BOCA DO NOSSO POVO 253
Lenda da Princesa Estrela 254
Lenda dos Três Rios 255

Lenda de Alfátima 256
Lenda da Senhora do Rosário 261
Lenda da Senhora dos Verdes 267
Lenda de Santo António da Argenteira 271
Lenda de São Lourenço 274
Lenda do Senhor do Esquife de Santa Maria 277

I I I PARTE

SAMEIRO 281

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

SAMEIRO 283
Subsídios para a sua História 284
A Igreja de Sameiro 288
A Capela de Santa Eufêmia 290
Santa Eufêmia na Tradição Religiosa 293
Santa Eufêmia na Tradição Popular 295
Ranchos de Folclóricos de Sameiro 299
Rancho da Freguesia de São João Baptista 300
Rancho da Cruz de Cristo 305
Rancho "Os Malmequeres de Sameiro" 305

BIBLIOGRAFIA 311

Compôs e Imprimiu
Tip. Véritas — Guarda
Setembro 1985